MOCIDADE

DE

GIL VICENTE

(O POETA)

QUADROS DA VIDA PORTUGUEZA NOS SECULOS XV E XVI

POR

JULIO DE CASTILHO

LISBOA

[illegible]

1897

GIL VICENTE

MOCIDADE

DE

GIL VICENTE

(O POETA)

QUADROS DA VIDA PORTUGUEZA NOS SECULOS XV E XVI

POR

JULIO DE CASTILHO

LISBOA
TYPOGRAPHIA — Rua da Barroca, n.º 72, 2.º andar
1896

Á

ILL.^MA E EX.^MA SENHORA

D. CAROLINA CORONADO DE PERRY

DEDICA RESPEITOSAMENTE ESTE LIVRO

O auctor.

Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Senhora

Sou tão devedor a V. E. de repetidas provas de verdadeira amisade, que me atrevo a pedir a V. E. mais um favor: o de acceitar a dedicatoria de um estudo recem-concluido por mim. E' a historia romantica dos primeiros amores de um grande Poeta portuguez, o nosso Gil Vicente, de quem a cavalleirosa Castella reivindica para o seu thesoiro algumas obras, escriptas no seu bello idioma.

Desejo inscrever no friso do meu livro, preito a um alto Poeta, o nome de uma notabilissima Poetisa, como homenagem a Ella, e ás Lettras castelhanas.

A amisade tão sincera que me ligou a seu Marido, minha senhora, as mil finezas que ha já tantos annos tenho recebido do admiravel coração de V. E., fazem-me crer que V. E. acolherá a minha intenção: mostrar publicamente quanto admiro o seu estro, e quanto respeito as elevadas qualidades, que a tornam tão distincta entre as mais distinctas senhoras. Lembro-me sempre com saudade das deli-

ciosas tertulias *diplomaticas nos seus salões do Hotel de Bragança, onde sua digna filha começou a desabrochar, encaminhada por tão bons paes, e onde eu e todos fomos sempre tão benevolamente recebidos. Quero que este documento litterario fique attestando a minha gratidão.*

Permitta-me V. E. a honra de me assignar, com a mais subida estima,

De V. E.

o mais devoto e obrigado servo

Ameixoeira. Lumiar,
15 de Fevereiro de 1896.

Julia de Castilha.

MOCIDADE DE GIL VICENTE

(O POETA)

CAPITULO I

O PAÇO DA ALCÁÇOVA DE LISBOA — NASCIMENTO DO PRINCIPE D. JOÃO, FILHO D'EL-REI D. MANUEL — SEU BAPTISADO

A cavalleiro da resumida Lisboa do seculo XVI torrejava, com as suas muralhas abaluartadas, os seus corucheus de azulejo, o seu arreganho de antiga praça de guerra, e o seu aspecto senhoril, o Castello e Alcáçova dos nossos Reis.

Poucos sitios, na capital portugueza, encerram tantas e tão queridas memorias velhas, como este morro. Lembranças de Phenicios, Romanos, Godos, Moiros e Portugallezes, enxameiam n'aquelle recinto apertado e pittoresco. D'entre varias edificações que por ali se ergueram, nenhuma, porém, tinha o encanto archeologico do paço da Alcáçova, com as tradições dos elegantes walís moiriscos que o habitaram, com o cunho brilhante que ali imprimira el-Rei D. Diniz, reedificador de boa parte da casa, e com os aperfeiçoamen-

tos que a todo o arredor trouxeram os subsequentes Soberanos.

É a esse paço que desejo conduzir, antes de mais nada, o leitor d'este livro.

Todo de cantaria, ostentava o edificio um desenho irregular, como construido que fôra sem plano, e aos poucos, conforme ás exigencias da vida dos successivos habitadores. Das suas janellas, estreitas e de ajimez, dos seus eirados, como que suspensos a tamanha altura, gosava-se em cheio a mais esplendida vista de rio, cidade, e campo. Em volta, uma cava funda defendia de incursões inimigas aquelles paredões historicos. A entrada, tal como ainda lá se vê, estreita e tortuosa, aberta sob uma atarracada porta de volta redonda, ennegrecida dos invernos, conduzia, por uma ponte levadiça, a um pateo interior, desafogado e espaçoso. Sobre o pateo, ou *recebimento,* cahia de roda uma varanda de arcarias cobertas, apoiadas em columnellos, á maneira de claustro. Para essa varanda, adornada de vasos e jarrões de Talavera, em que viçavam plantas, que iam enlear-se, aqui, além, na verga rendilhada, dava ingresso, a um canto, uma escada de pedra, não larga, abafada de alcatifa da Persia, e forrada de magnificos azulejos *mudejar* em relevo. A' entrada da escadaria, em baixo, perfilavam-se as guardas em vistosos trajos que lembravam o Oriente. Da mencionada varanda penetrava-se, por uma porta pequena, mas muito trabalhada de laçarias, para os aposentos d'el-Rei.

O interior d'este interessantissimo paço devia ser, e era sem duvida, primoroso nos enfeites. Aquellas salas e camaras, de ladrilho moirisco, orladas de azulejos e relevadas de cupolas de cedro doirado e pintado, povoavam-se de toda a casta de mobilias marchetadas, ora nuas ora panejadas de brocados de seda e oiro, e revestiam-se dos mais custosos panos de armar, que Arrás e Cordova nos enviavam á porfia. O espirito finamente artistico do Rei D. Manuel expandia-se n'aquelle accumular de adornos forasteiros.

Tal era, segundo o entrevejo, o paço roqueiro de Lisboa nos primeiros annos de seculo XVI.

Nos começos de Junho do anno christão de 1502, era este paço o alvo da maior attenção dos Lisboetas.

Lisboa toda, entre alegrias e receios, aguardava para muito breve o nascimento de um filho, ou filha, do Reinante. A joven Rainha D. Maria sentia proxima a hora de dar successão ao Throno de seu marido; e o povo acompanhava, com orações nas egrejas, e votos sinceros na alma, os sustos e alvoroços da gentil princeza. Ouviam-se os sinos de freguezias e mosteiros tangendo a preces, e a população inquiria anciosa as noticias que baixavam do paço do Castello.

Na noite de domingo 5, soando por toda Lisboa ter a Rainha entrado nos trabalhos da maternidade, sahiram em numerosa procissão o clero secular e todas as ordens religiosas até S. Domingos do Rocio. Em 6, pelas 2 horas da madrugada, veiu á luz um Principe; a alegria popular tocou o seu auge; a noticia espalhou-se rapida; todos se abraçavam; todos davam graças a Deus por verem satisfeitos os votos nacionaes, e os da Familia Real; e (apesar de ter rebentado sobre a cidade uma tormenta de chuvas e trovões) a população, rumorejante e em som de festa, apinhava curiosa as immediações da Alcáçova. El-Rei D. Manuel exultava de contente; e a capella de S. Miguel, reformada e melhorada desde oito annos pelo senhor D. João II, refulgia de luzes, e ressoava com o concertado ritual dos capellães, cantores, e moços.

Chegavam a cada momento ao pateo do paço as cavalgadas de Grandes, ecclesiasticos e civís, que vinham beijar a mão a el-Rei por tão fausto successo; e os campanarios d'esta Lisboa, que os teve sempre bellissimos, enchiam de melodias trium-

phaes a abóbada azul encastellada de nuvens brancas.

O estado da Rainha era muito prospero; ia Sua Alteza cumprir vinte annos, e todas as forças da sua viçosa mocidade a auxiliavam no transe por que passava.

Na camara da Rainha, uma das mais bem situadas, é de crer, do edificio regio, mantinha-se a meia-luz tão propicia aos doentes; e os physicos da Côrte acompanhavam com os seus conselhos experientes o andamento d'aquelle sabido, mas sempre melindroso, estado physiologico.

A referida Capella de S. Miguel viu em breves dias a ceremonia do Baptisado. Administrou o Sacramento ao Menino o Arcebispo de Lisboa, D. Martinho da Costa, sendo o Neóphyto levado ao collo do Duque de Bragança, D. Jayme. Madrinhas, a viuva Rainha D. Leonor, irman d'El-Rei, e a Infanta D. Beatriz, mãe do mesmo Soberano. Padrinho, o Embaixador da Republica de Veneza, Piero Pasqualigo.

Essa festa, apesar de perturbada subitamente por um incendio, que se ateou n'uma parte do paço, correu bem, e deixou as mais agradaveis recordações em toda a Lisboa aristocratica, e até na Lisboa popular.

Consolidava-se com um Herdeiro legitimo o Throno do antigo Duque de Beja.

CAPITULO II

OUVE-SE UMA CONVERSAÇÃO D'EL-REI D. MANUEL COM UM SEU MOÇO CHAMADO GIL VICENTE

Na manhan do dia 8, quarta-feira, no vão de uma janella de certa sala grande nos paços da Alcáçova, dividida em naves, e forrada de bellos razes de Flandres e lhama de oiro, praticava mão por mão o senhor D. Manuel com um moço esbelto e expressivo, de seus vinte e seis para vinte e sete annos. Nem sequer attentava nos grupos cortezãos, que a respeitosa distancia conversavam em baixa voz.

E dizia el-Rei:

—Muito bem, Gil; tudo me parece de veras acertado; faze como te aprouver. Já Sua Alteza a Rainha viuva minha irman me falou no caso, pedindo-me licença em teu nome.

—Senhor, fio que Sua Alteza a Rainha D. Ma-

ria nossa senhora não ha de sentir-se de tal diversão, como esta que proponho.

—Seja assim—accrescentava o Soberano rindo com modo despreoccupado;—veremos o que a tua Musa te inspira d'esta feita. Homem és tu para commettimentos d'esse jaez. Andar; e até á noite, meu Gil.

Despediu-se submisso o moço, em quem olhos experientes reconheceriam, pelo trajo e pelo ademane, não um fidalgo com assento e moradia nos livros do Mordomo-mór, mas um apaniguado da Familia Real, com entradas faceis no paço, e todos os fóros dos que sabiam divertir com chistes e donaires de engenho os ocios de tão grandes senhores. Despediu-se; e em quanto o Rei o acompanhava de longe com um olhar benevolo, os cortezãos, quando elle ia passando, dirigiam-lhe ditos alegres, a que o moço respondia com desenvoltura graciosa, e ás vezes com settas epigrammaticas de muito alcance.

—Temos para breve um divertimento de muita graça na camara da Rainha. Acaba Gil Vicente de me propôr o seu plano; e eu que o approvei. Não sou, comtudo, homem que desguarde um segredo. Vós outros nada sabereis.

Isto dizia o Rei rindo-se, e adiantando-se para os officiaes de serviço ali presentes; e principiou recebendo uns e outros, que entravam e sahiam, ao passo que seu Real Amo os acolhia ou os ia despedindo.

CAPITULO III

EMBORAS DE UM VAQUEIRO A SUA ALTEZA A RAINHA DE PORTUGAL

Com effeito, no mesmo dia, ao principio do serão, realisou-se a tal scena a que se referia o Monarcha.

Figuremos o quadro.

Uma camara opulenta, forrada de colgaduras magnificas, e luxuosamente alcatifada. A uma banda, n'um oratorio lentejoilado de imagens piedosas, ardem os cirios bentos que accendeu a devoção. Esses cirios, e uma rica lampada de bronze, pendente dos cairéis do tecto, allumiam frouxos o vasto aposento.

Ao meio, n'um soberbo leito de pau santo, muito lavrado, entrevê-se um formoso vulto de mulher, encostada aos cabeçaes, pallida, serena, e a sorrir-se para a conversação mansa e cautelosa das camareiras, que de roda a estão velando. Vêem-se, sentados junto ao leito, el-Rei D. Manuel, a Infanta

D. Beatriz sua mãe, a quem alguns (por cortezia) chamavam *Rainha,* e a Duqueza de Bragança.

Não longe do leito de columnas torneadas, que se alteia sobre um estrado, ergue-se, com as suas cortinas de brocado de oiro, o berço do recem-nascido.

Reina um silencio affectuoso, interrompido apenas pelos passos que vão e veem, ou pelos vagidos infantis. Nada mais.

N'isto se estava, quando a porta se abriu sem ruido, e entrou... um vaqueiro.

— ¿Um vaqueiro?! — pergunta o leitor. — ¡Na camara da Rainha!!

Assim foi; mas para aquella nobre companhia o *vaqueiro* escondia no seu rustico trajar um familiar do paço, muito estimado de seus senhores, um engenho agudo e faceto, cujos chistes andavam de bocca em bocca, e cujas trovas e esparsas se cantavam aos serões. A altura, o gesto, a voz, tudo o fez logo reconhecer. E' elle; é Gil Vicente.

Gil Vicente, a quem o leitor entreviu ha pouco em conversação affavel com o proprio Soberano, vinha a ser um genero de servidor, ou antes... (¿como hei de eu expressar isto?) uma especie de truão encartado, com fóros de nobreza; artista na alma, segundo hoje diriamos; grande leitor dos *mysterios* ou representações sacro-dramaticas de Castella e da França; companheiro e rival vencedor dos mais engraçados versejadores, que depois se enramalhetaram no *Cancioneiro* de Resende; genio irrequieto, epigrammatico, e sentimental.

Com taes prendas, não admira muito que, na

nossa Côrte bondosa, houvesse Gil Vicente alcançado benevolencia e gasalhado, que hoje a alguns espantam talvez.

Entrou pois o *vaqueiro* Gil, mascarado em todo o rigor do trajo de um saloio do termo, e declamou com o maior chiste um monólogo em verso castelhano, entre os sorrisos das Princezas, e as gargalhadas d'el-Rei.

Começou por se lamentar de que lhe quizessem as guardas tolher a entrada. Defendeu-se como poude, ás punhadas, rompeu, subiu a escada, atravessou as salas, penetrou, e eil-o aqui.

¿Mas onde está elle?

Não se farta de admirar o que vê. Pasma de tudo; ¡tanto luxo! tanta grandeza!

Depois... avista a Rainha, cujos formosos olhos attonitos se fitam n'elle; approxima-se do leito; pára; e pergunta, por fim, ¿onde o trouxe o acaso? Nunca viu cabana de pastores, lá na terra d'elle, como esta, ¡tão especial! parece-lhe, a bem dizer, um retalho do paraizo.

Seja como fôr, declara que vem, em nome dos da sua aldeia, saber se sempre é certo que Sua Alteza a senhora Rainha de Portugal tivesse um menino. Observa-a, fazendo da mão anteparo aos olhos, e declara que, pelo estado em que a encontra, lhe parece que sim.

(Sorriso nos circumstantes).

O vaqueiro então explica: vê a Rainha ¡tão alegre, tão prasenteira, tão feliz! ¡ainda mais que de costume! e conclue que toda essa alegria está revelando as glorias intimas da maternidade. De contente que fica, entra a dançar, e pergunta se não dançou bem.

E, sem esperar resposta, continua:

¡Que festas não vão na aldeia com as noticisa

do acontecido! ¡e que praser não terá, ao sabel-o, a Côrte castelhana!

Depois, forceja tirar o horóscopo ao Menino, o futuro senhor D. João III, e augura-lhe todas as felicidades.

A mãe sorri, com as lagrimas nos olhos.

Conclue o vaqueiro chamando outros pastores seus amigos, que tambem entram na camara, e em cujos rebuços foram reconhecidos alguns personagens da Côrte mascarados, alguns moços-fidalgos, alguns cavalleiros chistosos e brincalhões; e entre muitos sorrisos e festas offerecem respeitosos ante o berço do Principe varios presentes pastoris: leite, queijadas, ovos, queijos, e mel.

Riu-se muito a Rainha. Sua cunhada a Rainha viuva, com os seus enthusiasmos de portugueza dos quatro costados, não se fartava de encarecer o engenho de quem taes trovas soubera armar, ¡tão a ponto!

—¡Bemdita seja a Virgem Madre de Deus e seu Divino Filho! ¡que engenho! ¡que graça! ¡ai que graça!—repetia ella.

E como a scena foi curta, não teriam certamente que ralhar os physicos do paço.

El-Rei, poisando affavelmente a mão no hombro de Gil, dizia-lhe sorrindo:

—¡Louvado seja Deus! não ha outro como tu. ¡Onde irá parar essa cabeça!!... Ora pois, andae, andae.

E despedia, com os seus modos sempre cortezes e faceis, a supposta companha de vaqueiros.

Leitor, aquella camara da Alcáçova, era berço de dois recem-nascidos: D. João III, e o Theatro portuguez.

CAPITULO IV

A antiga villa de Guimarães — Quadro rapido

Paremos aqui. O que ahi fica, precisa e exige explicações. Dal-as-hei.

Direi ao certo quem era esse Gil, cujo talento allumiava como um luzeiro o ambiente intellectual da nossa sociedade alta, na transição do seculo XV para o XVI. Direi como, e com que bullas, se arvorou este homem obscuro em companheiro intimo dos maiores entre os grandes de Portugal; d'onde surgiu esse aventureiro (se o é). Tentarei esquadrinhar, com os documentos e as conjecturas, os primeiros annos, ao menos, de tão vivaz e interessante personalidade.

E comtudo, é necessario um salto: de Lisboa até Guimarães.

«A muito nobre e antiga villa de Guimarães, «berço dos primeiros Reis de Portugal, tronco e «fonte de grande parte da Nobreza do Reino.» — Assim lhe chama Frei Luiz de Sousa (1). Entre esses qualificativos honrados falta outro: a formosa Guimarães.

Com effeito, é risonho e attractívo o aspecto d'esta povoação extensa e verdejante, caracteristica e antiquada, cheia de tradições historicas e legendarias, que ainda hoje vibram nas narrações dos Minhotos.

Percorrer aquellas ruas tortuosas, por onde se divisam, em grande numero, os escudos de armas de familias nobres, é correr alguns capitulos truncados de boas chronicas nacionaes:

a estreita rua de Gatos, onde campeia ainda um antigo *cabido*, ou padrão coberto, que lembra vagamente o nosso do *Senhor roubado,* de Odivellas, e a que chamam «o Senhor do padrão»;

a rua de Santa Maria, ou do Arco, onde se ergue o antigo mosteiro das Claras;

a rua de Mata-diabos, com o seu nome picaresco, onde se rastreia alguma alcunha satyrica;

a rua de Santa Luzia, com a sua ermida da Santa advogada da vista;

a de S. Thiago, ao pé da celeberrima Senhora da Oliveira, que lembra o Mestre d'Aviz e a Condessa Mumadona;

o largo de Santa Margarida, onde a tradição colloca a primitiva fundação do burgo;

a rua da Sé, ufana com a sua vetusta Collegiada;

a da Misericordia;

o Toural, hoje passeio publico.

Aqui, ali, saltitam, nas denominações antiquadas dos sitios, recordações de outras eras, ao longo de edificios em cujas frontarias se abrem ainda

---

(1) *Hist. de S. Dom.* P. I, L. IV, cap. 12.

n'um ponto ou n'outro as janellas ogivaes ou manuelinas.

Conventos e egrejas, transformados em parte, e adaptados a usos modernos, quasi sempre de caridade, ainda nos fallam de tempos que passaram e não voltam:

o convento de S. Francisco, fundado em 1290, hoje hospital;

o de Santo Antonio dos Capuchos, no largo do Cano, outro hospital;

o de S. Domingos, junto da praça, fundado em 1271, agora hospicio de entrevados;

a egreja do Carmo;

o mosteiro das Trinitarias, na rua que d'ellas tira o nome;

o velho templo de S. Gualtér, no campo da Feira;

a egreja de S. Marçal;

o mosteiro da Madre de Deus, de dentro, e o seu homónymo da Madre de Deus, de fóra das muralhas.

Das muralhas, que formavam a grande coiraça guerreira d'este berço da Monarchia, ainda subsistem, aqui, além, alguns lanços derrocados, a cujo adarbe treparam edificações novas, e pittorescos quintaes, com as suas renques de parreiras que verdejam ao longe.

O castello além está, no alto de Santa Catharina, além está, com o seu ar desmantelado e triste, fallando-nos das suas extinctas grandezas, e recordando-nos um Conde Henrique, um Affonso Henriques, uma Rainha Tareja; edificio escuro, toucado de heras, e cujas frestas historiadas miram de muito alto o virentissimo arredor. De cima da torre gosa-se o esplendido panorama das cercanias d'este recanto populoso e fertil do Minho: a Atouguia, as veigas, as montanhas, sombreadas de carvalheiras seculares.

O historico mosteiro hyeronimitano de S. Thiago da Costa, fundado pela Rainha Mafalda em 1154 e muito querido dos nossos Reis antigos, avulta

d'entre arvoredos opulentos, com o seu grande ar e a sua egreja magnifica.

A Senhora da Penha alveja em distancia, com as suas capellinhas, a ressahir do eterno fundo escuro verde-negro da cêrca.

Avista-se S. Torquato; descortina-se, emfim, o mais largo e viçoso trato de fertilissima campanha.

Jaz Guimarães em terreno relativamente baixo, o que faz que só a distancia mesquinha se descubra a povoação; a vegetação exuberante que a circumda, envolve-a, abafa-a, e realça, com os seus tons de ricos verdes, quentes e alegres, a brancura petulante das casas novas muito caiadas, ou o acinzentado das frontarias velhas.

Floresce ainda hoje entre as opulencias naturaes uma vitalidade extraordinaria, que se expande em algumas industrias ali aposentadas desde seculos, e que devem á fertilidade do solo, e ao genio laborioso dos vimaranenses, estabilidade e viço. Bem conhecidos são de toda a gente os artefactos de linho de Guimarães, as serralharias, as bellas peças de cutelaria, os pentes, os cortumes, os tecidos, que tudo abastece, ha longas dezenas de annos, os melhores mercados e as mais concorridas feiras de Portugal.

Povoação tradicional e séria, apartada sessenta leguas ao Norte de Lisboa, mantém esta joia do Arcebispado de Braga as suas tradições nobres. Já se não rege pelo foral que em 1517 lhe outorgou el-Rei D. Manuel, mas parece respeitar ainda aquelle fragmento da antiga legislação municipal portugueza.

Tal é, em dois rasgos de penna, a villa antiquissima, hoje cidade, aonde é indispensavel que assim penetre por minha mão o curioso leitor.

CAPITULO V

RETRATOS DE UMA FAMILIA HUMILDE DO ARRABALDE DE GUIMARÃES — O MENINO GIL VICENTE — SUA PRIMEIRA MENINICE — SUAS PRIMEIRAS TRAVESSURAS DE CREANÇA

hi, meado o seculo xv, com um cerrado sombrio por logradoiro, vivia um honrado ourives da villa, por nome Luiz Vicente. A senhora Filippa Borges, sua legitima mulher, moça de Barcellos, de um ramo segundo da familia dos Borges de S. Thiago de Creixomil, dera-lhe, além de uma filha, do nome da mãe, o nosso já conhecido Gil, assim chamado em honra de seu padrinho, e tio paterno, o talentoso ourives Gil Vicente.

Esta familia, das mais somenos da villa, como estirpe, brilhava entre os habitantes como das mais laboriosas e honestas. Duas palavras de genealogia.

Um Gil Fernandes trabalhou de ourives em Guimarães desde o segundo quartel do seculo xv, e casou com Anna, ou Joanna, Vicente. Teve por filho

Luiz Vicente, de quem foram filhos: Vicente Affonso Luiz Vicente, e Gil Vicente. Ambos estes continuaran o mistér artistico do avô, ao passo que o primogenito, Vicente Affonso, quiçá menos bem dotado de cerebro, abraçava o officio humilde de curtidor; casado com uma Cecilia Gonçalves, vivia pobremente.

Luiz, o immediato, homem de poucas ambições, ficara em Guimarães, attido ao pouquissimo que podiam agenciar-lhe as obras encommendadas pelos mercadores do Porto, e por alguns lavradores e morgados, mais ou menos ricos, mais ou menos avaros, da sua provincia. Tinha, como acima disse, uma filha por nome Filippa Borges, e um filho de notavel engenho, Gil Vicente, predestinado por Deus para vir a ser um dos maiores luminares das Lettras portuguezas.

Quanto ao outro Gil, tio e padrinho d'este, e derradeiro filho de Luiz Vicente, era sujeito de mais estro e energia que seus irmãos; abalançara-se, desde novo, á grande africa de buscar carreira em Lisboa, mercado vasto e rendoso, onde, com o seu genio ambicioso e inquieto, conseguira, depois de muitos annos, grangear nomeada, e tambem alguns poucos proventos.

Carteavam-se os dois irmãos, Luiz, o de Guimarães, e Gil, o de Lisboa; e este não deixava de ir vigiando de longe a educação de seu sobrinho e afilhado. Sabendo que as faculdades intellectuaes d'elle se annunciavam brilhantes, instava com o irmão para que lhe ministrasse toda a instrucção que a pobre Guimarães podesse dar-lhe, e o fosse adextrando desde creança nas arduas labutações de lavrante e ourives, por onde certamente poderia no futuro alcançar invejavel abastança.

Tinha corrido fama da graça e do engenho precoce da creança; e essa fama penetrára, pela con-

versação de algumas aias mais tagarellas, até ao recinto do paço dos Duques.

Com a facil e bondosa aquiescencia da Duqueza de Bragança D. Isabel, irman do Duque de Beja (depois Rei), e cunhada do Reinante, conseguiram uma vez as cuvilheiras d'essa Princeza levar ao paço ducal, por galanteria, o gentil menino, pelos annos de 1482, quando elle não contava ainda mais de seis ou sete primaveras.

Achava-se a Duqueza n'um eirado, gosando a frescura de uma tarde de verão; rodeada de seus filhos pequeninos regalava-se de os ver brincar, quando as cuvilheiras entraram, e rindo lhe apresentaram o filho do ourives Luiz Vicente.

Gracioso, bem posto, nediosinho, todo elle levava os olhos com o seu ar infantilmente arrogante. Cheio de si, sensivel aos elogios e ás festas, passou a tarde com os Duquesinhos, tão moços como elle, declamou orações, prégou um sermão, fez uns paços de dança, cantou um villancete castelhano que lhe tinham ensinado, e foi o enlevo da Duqueza, que se não fartava de o encarecer, e lhe deu muitos confeitos.

Essa visita encheu de gosto os nobres Meninos do paço, e de ufania o bom do ourives, já nosso conhecido, da casa branca do arrabalde.

E que o mocinho Gil tinha raro talento; mas quanto a estudos, era um tunante engraçadissimo.

Creado á solta, a despeito dos conselhos do tio, creado entre as tradições acanhadas de uma familia humilde e laboriosa, que o adorava, e já o admirava inconscientemente, pagou desde verdes annos o seu tributo á mocidade. As primeiras lettras, os estudos infantis, cursou elle por ali, n'alguma escola meio rural, onde um preceptor obscuro (que hoje seria interessantissimo conhecer) arvorava como sceptro a férula, e onde, entre condiscipulos tão meninos e

tão boçaes como Gil, as faculdades pujantes d'este ente extraordinario começaram bem cedo a alvorecer.

¿Quem, melhor do que elle, conhecia os recantos da cercania? ¿Quem, melhor do que elle, armava aos melros? ¿Quem se requebrava com mais chistosa desenvoltura nas danças de roda, no adro da Oliveira, em tardes de romaria? E, sobre tudo ¿quem fabricava melhor uma trova para fazer rir? ¿Quem engatilhava um dichote com mais espontanea graça, com mais côr, e com mais graciosa crueldade? Bastava este don natural para lhe alcançar muito prestigio entre os da sua egualha, e pôl-o em evidencia entre a população da villa.

Seria longo estender aqui a narração dos seus repentes vivacissimos, que tanto faziam rir os companheiros de folia, e iam desfechar certeiros nos burguezes caricatos; essa feição primeira transparece nos escriptos satyricos, que da sua virilidade litteraria nos ficaram.

Uma bella manhã, elle e outros condiscipulos tinham feito a mais famosa gazeta de que havia memoria nos fastos escolares; tinham passado horas aos ninhos pelos arvoredos da estrada de Braga; as lições do *hora horæ* tinham esquecido; as *cartinhas* nem se haviam aberto; e ao repararem na tarde que era, estacaram todos, entre receiosos e malignos, calculando a saraivada de doestos com que os ia mimosear o pedagôgo. E exclamou Gil, coçando a cabeça por baixo do gorro:

> Como rapaz escolar
> que lhe esqueceu a lição
> e sabe que lhe hão de dar,
> assi hei de eu apanhar
> d'esta vez um estirão. [1]

[1] *Auto da Cananêa.*

Certa Morgada do sitio, mais que bondosa, mais que excellente, empregava parte do seu tempo ensinando doutrina a rapazitos pobres dos proximos casaes. Era para ver a devoção com que a paciente senhora, largando por mão a regencia da sua casa rural, e a companhia das suas cuvilheiras, reunia á noitinha um rancho de creanças, e punha todo o seu empenho em fazer-lhes entender as bellezas do Padre-Nosso, as mysteriosas grandezas do Credo, ou as subtilezas caridosas das Obras de Misericordia. Aquellas intelligencias rebeldes enchiam de impaciencias a dedicada preceptora, que ás vezes desabafava atirando suas caroladas com um canniço ás cabeças infantis.

Uma noite, assistindo Gil com seu pae, freguez da casa, á lição de doutrina, exclamou:

> Senhora, não monta mais
> semear milho nos rios,
> que querermos por signaes
> metter coisas divinaes
> nas cabeças dos bogíos. (1)

A' devota profissão de uma filha d'essa mesma Morgada, na Madre-de-Deus de fóra, dedicou elle esta quadra em nome da Monja (com o que, muito se consolou e alegrou o coração da mãe):

> Determino de ser freira,
> que este mundo é todo vão,
> e ser freira é salvação
> muito certa e verdadeira. (2)

(1) *Mofina Mendes.*
(2) *Comedia de Rubena.*

Nas romarias do arredor de Guimarães, quando moços e moças se entregavam ás alegrias expansivas dos descantes Minhotos, era para ver como o nosso Gil, desempenado e chistoso, garganteava á banza bragueza obras poeticas da sua lavra, de tão bom oiro e tão bom risco ás vezes (no seu genero) como as ourivezarias de seu pae e seu avô, quadrinhas e villancetes de namorado imberbe, ou xácaras devotas em honra de tal ou tal Santo ou Santa do logar.

Nas horas saudosas da tarde, quando cessam as canceiras ruraes, e quando, ao tanger de Ave-Marias, os ranchos de lavradeiras entoam por aquellas veigas os accordes das suas melopêas rusticas; ao declinar do dia, quando, na bella expressão virgiliana do grande Sá de Miranda,

> faz aos montes sombras longas
> o sol que se vae transpondo,

não era raro ouvir-se, cá de longe, de entre algum massiço de carvalheiras, responder ás raparigas a voz sonora e fresca do joven bardo, cantando no seu tenor argentino:

> Remando vão remadores
> barca de grande alegria;
> o patrão que a guiava,
> Filho de Deus se dizia.
>
> Anjos eram los remeiros,
> que remavam á porfia;
> estandarte de esperança,
> ¡oh! ¡quão bem que parecia! [1]

---

[1] *Auto da barca do purgatorio.*

¿E os cantarinhos na fonte? ¿quem os roubava com mais destreza para infernizar as moças, e restituir-lh'os a cabo de uma hora enramados em buxo e flores? com o que, se desatavam em risos alegres as zangas loquazes das raparigas.

Por isto digo e repito; em estudos não sei o que fez o nosso adolescente; como tunante e logrador, não havia outro.

E comtudo, outra feição dominava n'elle: certo inclinar para a tristeza e para a solidão. Nas suas horas de retrahimento furtava-se a todos os olhos, e ia meditar sósinho, e entregar-se ao delicioso pendor do devaneio. Sahiam-lhe então do estro melodias poeticas de muito sentimento, que já estavam a denunciar o futuro troveiro original e inconfundivel.

CAPITULO VI

O ourives Gil Vicente domiciliado em Lisboa — Chama para junto de si a seu sobrinho e afilhado Gil Vicente

Tornemo-nos ao Ourives de Lisboa.

Sorrira alguma ventura aos bons desejos d'este Lisboeta adoptivo. A fama d'elle encorpára; a rua dos Ourivezes-do-oiro contava-o por um dos seus melhores ornamentos, e faziam-lhe encommendas de bom lote alguns cidadãos mais afazendados.

A' voz d'elle, e sob a sua direcção esclarecida, realisavam maravilhas os seus artifices; e as arcas do laborioso mestre, sabedor profundo da sua bella arte, promettiam ver-se em alguns annos colmadas de escudos e cruzados de lei.

Fundara aqui mesmo, em Lisboa, na rua dos

Ourivezes-do-oiro o seu lar honesto, casando com uma Lisboeta, rapariga séria, de quem lhe nasceram tres filhos. Logo tratarei d'elles.

Feliz marido, e feliz pae, nem por isso se deixou empedrenir no egoismo, e não deslembrou os do seu sangue, que em Guimarães vegetavam na obscuridade semsabor de uma villa sertaneja e banal.

E um dia, levava o recoveiro a Luiz Vicente uma carta do bom irmão; o teor d'ella era o seguinte:

«Irmão e amigo.

«Folgarei que estas duas regras vos vão topar de saude; pois a minha ao fazer d'esta é boa, mercê de Nosso Senhor, e de sua sagrada Mãe a Virgem Nossa Senhora.

«Muito tenho cogitado, irmão, no porvir de vosso filho; é meu afilhado, e por tal o estimo, sendo a-de-mais feitura vossa muito querida. Empenhou-se Deus em ajudar o meu trabalho, e vejo-me hoje a bom caminho; bem é per ende que eu bafeje os vossos bons desejos e diligencias, e chame a Lisboa meu sobrinho. Mandae-m'o pera cursar estudos geraes a-segundo o eu melhor entender e prover possa. Fio que tudo nos sahirá consoante o almejâmos, e tenho que minha senhora irman Filippa Borges leve a bem esta minha empreza.

«E adeus, irmão, até um dia.

«Vosso irmão e amigo

«*Gil.*»

Ao chegar esta carta singela e generosa, choraram-se na pequenina casa do arrabalde muitas lagrimas de antecipada saudade e gratidão. Não tardou a resposta de Luiz Vicente, segurando ao Ourives a proxima partida do mancebo. Nascido este em 1475, contava ao tempo os seus vinte e um annos; não havia que esperdiçar o ensejo.

Luiz Vicente já previa, nem elle bem sabia o

quê: antevia triumphos a seu filho como bom official e mestre lavrante e ourives, e isso bastava a enchel-o de ufanias paternaes. Filippa Borges, coração de finos quilates, temia para Gil os perigos de uma cidade graúda como Lisboa. A boa irman, que para o moço era segunda mãe, não fazia senão chorar, e labutava noite e dia no pobre enxoval.

—¡Animo, cachopa!—dizia o bom Luiz Vicente. —Teu irmão vae procurar a sua vida, trabalhar, e aperceber-se para amparo de todos nós.

—Assim é, senhor pae,—atalhava Gil—que na festa

> ..... sem comer
> não ha hi gaita temp'rada. (1)

Riram-se todos com o chiste do fugitivo, que foi continuando:

—E tu, mana Filippa, toma tento no que assim me preparas para trajo, que é dever meu pôr-me lá *á fór da Côrte* (2); ainda que, com pena o digo:

> Quien guardó ganado en sierra,
> en el poblado es perdido. (3)

Ora o enxoval não estirou muitas semanas a aparelhar, está bem de vêr; seria pouco mais que de coelho, como depois veiu a escrever de si o tagarella Miguel Leitão de Andrada; e na madrugada em que o mancebo, ao portal da casa, era entregue aos cuidados do conhecido recoveiro, um velho sentencioso e valente, que fazia as jornadas para Braga, o Porto, e Lisboa, a *alforjada* (como se dizia) não avergava muito, por volume e pezo, as ancas do anafado macho de albardão.

---

(1) *Auto da Mofina Mendes.*
(2) *Auto da Alma.*
(3) *D. Duardos.*

Abraçados seus paes, e sua irman, com toda a effusão enthusiastica e todas as lagrimas affectuosas de um verdadeiro peninsular, o moço Gil encavalgava; e atonito, nervoso, tristissimo, alegrissimo, dava de esporas, e arrancava estrada em fora entre a companha dos almocreves.

¡Momento solemne! O seu risonho e alegre passado infantil ali ficava. O seu futuro... ¿o que seria?...

Em summa: elle lá vai, entregue a Deus, que é pae de todos os homens. Deu-se um grande passo, em boa verdade. Bem diz o rifão antigo: ¡«Abalar de casa é a maior jornada»!

CAPITULO VII

JORNADA DO MOCINHO ATÉ LISBOA — SUA ENTRADA NA GRANDE CIDADE — PENETRAMOS COM ELLE NO LAR DE SEUS TIOS — ALEGRIAS INTIMAS

Até Braga não poude o nosso juvenil viajante, com o seu vibrátil sentimento dos vinte e um annos, vencer a tristeza que o dominava. ¡Lembrava-lhe muito, muito, a casa paterna, e, sem o querer, phantasiava tudo que n'aquellas mesmas horas por lá se estaria passando! ¡Via seu pae, sua mãe, sua irman querida! ¡os ultimos pormenores da despedida appareciam-lhe na alma! ¡os seus companheiros de escola, a quem na vespera dissera adeus! ¡as ruas sombrias da sua villa natal! ¡as sombras do verdejante pomar adjacente á casa que os Vicentes habitavam, e onde toda a meninice d'elle deslizára como n'um momento! E elle repetia no seu intimo queixumes de saudade, aos quaes a sua Musa amestrada e experiente viria

a dar fórma tão bella e graciosa, como esta por exemplo:

> ¡Oh! como los ramos do nosso pomar
> ficam cobertos de celestes rosas!
> ¡Oh! ¡doces verduras! ¡fontes graciosas!
> ¡quem nunca vos vira para se lembrar! [1]

As oito leguas até ao Porto, curtiu-as n'uma meditação concentrada e doentia, embalado no canto dos recoveiros, na chocalhada dos guizos das mulas, e no compassado e uniforme andamento da caravana, augmentada de outros almocreves e recoveiros, armados como salteadores, e que, para mutua segurança, se tinham associado aos do ajuste.

O Porto, com o seu ar operoso de cidade abastada, os seus campanarios de badalar austéro, os seus arcos, e as suas vistas de rio cheio de barcacas, causou-lhe agradavel diversão.

A ceia, á lareira fumenta de uma estalagem de má morte, e a noite que ahi dormiu n'um pobrissimo catre, restauraram-n'o.

Coimbra, essa encantou-o; deixou-lhe musica e luz na alma.

E quando, ao cabo do oitavo dia de jornada, atravessou o esteiro de Friellas na barca de Sacavem, e entrou a sentir de perto as bafagens da Capital, que se ia aproximando, e já não podia tardar, achava-se n'um estado de anciedade, que dizia com os impetos da sua natureza tenaz e vigorosa.

Era o fim da tarde de um formôso dia de Maio de 1497, quando o moço Gil, mais o seu rancho, atravessava Valle-de-cavallinhos, e o arrabalde de Arroyos, deixando sobre a esquerda o cabeço de Alperche (hoje a Penha de França); seguia ao deserto campo de Santa Barbara, onde se levantava entre oliveiras uma ermida ogival d'essa Santa; e escutava

[1] *Auto da Historia de Deus.*

ao longo dos ribeiros que davam nome ao sitio de Arroyos e da Charca, o bater e chilrear das lavadeiras ao concluirem o seu dia de faina. Vinham de uns campanarios afastados as esfumadas vibrações do tanger dos sinos, e um vago e mal distincto rumor, que aos pouco affeitos ouvidos de um provinciano denunciavam desde muito longe a presença de uma cidade grande.

Gil Vicente contemplava o que ia vendo; atravessava a risonha Moiraria, entre hortas e almoinhas; a um cabo branquejavam, trepando pela falda da encosta de S. Gens, as sepulturas sarracenas do Almocavár; ao outro empinavam-se, a um quarto de legua, as arribas abruptas da Alcáçova. Estendia a vista pelos cannaviaes e olivedos, e comparava a nossa aridez com a exuberante magnificencia dos campos de Guimarães. E apezar d'essa aridez, esta Lisboa, esta grande Lisboa dos seus sonhos, esta residencia do Rei e dos Grandes, a famosa Capital dos aventureiros e descobridores, cuja fama até aos ermos sertanejos já chegára, interessava-o, subjugava-o.

Cahia a noite, quando elle, ás portas de S. Vicente da Moiraria (hoje o nosso Arco do Marquez de Alegrete) transpunha uma ponte que ali havia, e penetrava á Albergaria e a S. Matheus do Borratem. Allumiavam-se, aqui, além, nos nichos, e ante os quadros azulejados, as lampadas pendentes, illuminação municipal d'aquelle tempo; e em certas ruas a visinhança, de uma e outra banda, alternava em commum o estirado resmonear sentido e humildoso de Terços e Ladainhas. Lá em cima, no alto do morro do Castello, negrejavam os corucheos do paço, em cujas janellas e varandas appareciam salpicadas as luzes do interior.

Já tinham, desde muito, badalado Trindades em toda a parte, quando a cavalgada dos recoveiros

desembocou da Betesga para o Rocio. Tomaram á rua dos Escudeiros, n'uma trajectoria levemente inclinada a sudoeste, deixaram á direita o becco da Bocca-negra, depois o da Lage, e a final entraram pelo lado septentrional na rua dos Ourivezes-do-oiro, que pelo outro cabo desaguava na rua Nova.

Era aquella uma arteria estreita, pouco alinhada, orlada de muitos e bons predios, a maior parte d'elles com a meia-porta entreaberta das ricas lojas escuras dos mercadores de oiro e pedras. Ainda nos bairros velhos do Porto vi lojas, que deviam lembrar as antigas de Lisboa. Passava áquella hora muito povo, gente operosa que largava o trabalho e se ia recolhendo, o que varias vezes obrigou a récova a deter-se, indo todos a um de fundo.

Pararam, com o nosso gentil aventureiro, á porta de uma pequena casa, de frontaria como empena, em bico, e que entre as suas companheiras dava logo irrecusaveis mostras de mais alinho; antiga, mas de certo tratamento, que na madeira dos portaes almofadados, e no aceado das ferragens, se estava denunciando.

Duas janellas ogivaes de frente, uma sacada, a outra de peitos, ambas rebuçadas em rotulas resahidas e assentes sobre grandes cachorros lavrados. Entre as duas janellas um nicho, com S. Marçal de mitra e báculo, devidamente allumiado por um lampião de cobre com corrente, resguardado tudo n'um baldaquino de madeira verde em duas aguas.

Bateram rijo á aldraba do portal, e esperaram, em quanto se apeavam Gil Vicente e o maioral dos almocreves, o gordo e abrutado Pero Luz

vestido no seu capuz,

e a quem depois o poeta do *D. Duardos* immorta-

lisou n'uma das suas obras. ([1]) Ouviu-se, com pequena demora, lá de dentro, do escuro, uma voz de mulher, com o nosso sabido

—¿Quem é?

A porta abriu-se, os dois penetraram na loja de entrada, calçada de seixos, e ao fundo da qual era a cavalhariça, com sahida para o quintalejo. No alto da escada de pedra, em dois lanços pequenos, orlada de azulejos, appareceu uma dona ainda nova, mais uma escrava negra trazendo em punho, e levantando-o para allumiar melhor, um lustroso candieiro de latão.

—Ora Deus vos salve, Martha Dias. Eil-o aqui vem, o vosso cachopinho, são e salvo, com as suas sessenta leguas no buxo, graças a meu senhor Santo Amaro. ¿E como vos vai por cá, minha boa dona? E muitos recados e visitas de vosso cunhado Luiz Vicente, mais de todolos de casa.

—¡Ai é o nosso Gil!!...—respondeu de lá, do patamar, com os seus cariciosos requebros lisboetas, a boa Martha Dias, mulher do grande Ourives Gil Vicente. —Entrae, olhos meus, entrae, e Deus vos mantenha sempre, filho meu, em sua santa guarda. O' negra, olha o vento não te apague a candeia; ¡toma tento!

—Amen, senhora tia—respondia o mancebo abraçando a sua affectuosa hospedeira, que o cobria de beijos.

—¡Ai mas como elle é bonito!; parece um cavalleiro, loiro e espigado! ¡Viva o meu menino! e ide entrando, filho, ide, que eu já vou.

E n'isto, com a pressa atarefada de certas donas de casa, ia mandando recolher o fato (bagagem, diriamos hoje) do sobrinho, recebendo as cartas e encommendas de Guimarães, e pagando aos recoveiros, que alegres, e com protestos obsequiosos, se despediam, encaminhando-se para a sua estalagem

---

([1]) *Auto pastoril portuguez.*

na Ribeira, ás Portas do mar, a refocillar-se das fadigas crueis de tamanha jornada.

Martha levou depois o sobrinho a um quarto afastado, onde então se achava seu marido, o eminente artista; e ao aproximar-se, dizia-lhe:

—¡Gil, ó Gil! ¡vinde! já cá está vosso sobrinho.

Abriu a porta, e o rapaz viu levantar-se de um largo bufete junto ao qual desenhava, a desempenada e jovial figura de seu tio e padrinho.

—¡A vossa benção, senhor padrinho!—balbuciava aquelle, beijando a mão ao tio.

—¡Vive Deus, que chegaste em bem! Deixa-me ver-te.—E afastava a bandeira de latão do candieiro de quatro bicos.—Quero-me ver essa cara, que não enxergo vai para doze ou treze annos. Sim senhor; ¡bonito rapaz;! ¡guapo mocinho!; ¡benza-o Deus! Martha, é mister dar de comer a este cachopo. Vamo-nos á ceia em estando prestes. E em quanto não está, ordem para se lhe acabar de apromptar o aposento. Vamos, tudo a postos, que é este o filho do meu irmão valído.

E continuava assim o grande Ourives, com uma loquacidade affectuosa que lhe estava a caracter, e dizia com a vivacidade pujante do seu olhar e do seu ademane.

Artista a valer, artista em toda a larga e nobre accepção do termo, revelava-se logo; dir-se-hia um d'aquelles grandes mestres, que só a Italia produzia, por via de regra, e em cuja fronte rutilava um lampejo inconfundivel, que bradava aos mais desprevenidos: eu sou um immortal.

Ouviu-se uma forte argolada á porta da rua, e disse Gil para o sobrinho:

—Bateram; ¿ouviste? ha-de ser teu primo. Levo em gosto que se conheçam.

Entrou um moço de doze ou treze primaveras,

moreno como a mãe; beijou a mão do pae, e abraçou com affecto o recem-chegado. E o Ourives esfregava-lhe com a mão aberta a cabeça, e dizia para o hospede:

—Ora aqui tens tu o meu Gil; Gil Fernandes como seu avô. Segue estudos para Clerigo com os Conegos da Sé. Verás que sizudo elle me sahiu. Anda ver os outros.

E entrando os tres n'uma camara interior, continuava o dono da casa:

—Elles cá estão. Este é o meu Vicente; sabe Deus o que virá a ser; ¡coitadinho d'elle! ainda é menino colleirinho. Esta que o anda a passear é a sua ama. Veremos, veremos o que se faz de ti, cachopo. E este outro é cá o meu Belchior, que ainda, como vês, passa os dias a mamar e a dormir. «Mama, menino, crear-te-has; come, velho, viverás»—diz o rifão. Pena terei se nenhum dos tres mostrar pendor para a minha arte. ¡Seja em tudo feita a vontade do Senhor!

Gil Fernandes, o mais velho, tornou a abraçar o primo, examinando-o com sorriso affectuoso.

De modo (diz o leitor, de si para comsigo) que vemos reunidos tres parentes, todos com o nome de Gil. E' verdade. O primeiro é o Ourives; o segundo é seu filho, o futuro Ecclesiastico; o terceiro é o futuro Poeta.

Em quanto nos não chamam para a ceia, e a aguçosa Martha Dias anda pondo tudo a postos, como lhe cumpre, duas palavras ácerca do Ourives, figura que se impõe a ser retratada logo desde o começo d'estas narrativas.

CAPITULO VIII

A Ourivezaria em Portugal — Retrato do grande Ourives Gil Vicente

'entre as artes sumptuarias destaca, pelo engenhoso estudo a que dá motivo, pela sua feição eminentemente decorativa, e, em summa, pela preciosidade dos materiaes, a antiquissima arte da Ourivezaria. Ourives é portanto artista, e não simples artifice, quando se abalança ao nobre papel de creador. Escultor, architecto, pintor, archeólogo, desenhador de gosto apuradissimo, tudo é o ourives, ou tudo isso deve ser. O seu horizonte é muito largo.

¡E que pujantes mestres não eram os antigos cultores portuguezes da Ourivezaria do oiro e da prata, aquelles homens, que, nascidos no nosso mesquinho torrão, conseguiram dar á sua arte a feição especialissima que a distinguiu, e deixaram

escripta nos lavores dos pichéis e gomís, nos bestiães dos bandejões, nos adornos de taças, calices, custodias, thuribulos, candelabros, copos de adagas, cruzes, e fechos de livros, a historia pittoresca dos nossos costumes, da nossa indole, das nossas conquistas!

Quando contemplâmos uma peça rica de Ourivezaria antiga, contemplâmos um poema. Na Ourivezaria do oiro e da prata scintillam as ousadias da linguagem dos poetas. Irmans umas das outras, inspiram-se as bellas-artes entre si, bafejam-se, vivificam-se. A Architectura, mãe das artes ornamentaes, empresta á Ourivezaria as suas pilastras, as suas archivoltas, os seus frisos classicos, as suas arcaturas ogivaes, as suas laçarias, a sua exuberancia voluptuosa. A Pintura, as suas côres. A Escultura, o seu sentimento da figura humana. A Musica, as suas proporções e harmonias.

Accresce ainda a tudo isto uma flora especial, que ali costuma, sob os burís do lavrante, enlaçar-se, com symbolismos elegantissimos, no arredondado das hastes, torcer-se em lianas, expandir-se em corymbos, desatar-se em pétalas, colorir-se no vermelho ardente dos rubís e das cornallinas, no nacarado das opálas, no azul frio das turquezas, no anilado profundo das saphyras, ou reluzir como soes no esplendor dos diamantes.

Perante as exigencias da sua arte multiforme e magnifica, sentira-se á vontade o Ourives Gil Vicente, glorioso filho e discipulo do vimaranense Gil Fernandes, e auctor de obras admiraveis, que no final do seculo xv, e no primeiro quartel do seculo seguinte, fizeram o pasmo de forasteiros e nacionaes.

Quando recebia a encommenda de alguma baixella rica, o imaginoso artista não sentia o estimulo banal, e quasi aviltante, do lucro pecuniario; elle

não amoedava o seu estro em cinquinhos e tostões; a sua mira ia alta; era a gloria.

Quando lhe encommendavam uns candelabros grandes para pontifical na Sé ou no Carmo, ou um par de gomís para meza de bodas, todo elle estremecia de gosto; e ao lançar mão do lapis, e ao principiar a debuxar o seu primeiro pensamento, sentia, na confusão do seu engenho creador, todas as voluptuosidades ardentes dos artistas summos. E então, não lhe fallassem; deixassem-n'o no silencio do seu estudo; dessem-lhe largas áquella febre que o devorava, e que assim ia transformar-se em efflorescencias de talento.

Desde seculos teem fama os ourivezes portuguezes, que no meio do seculo XVI eram, só em Lisboa, não menos de quatrocentos e trinta, segundo o *Summario* de Christovam Rodrigues. A Exposição, ha poucos annos realisada em Lisboa, demonstrou o muito que se deve aos artistas de cunho, que modelavam em porta-pazes e calices de finissimos lavores o producto do trabalho dos adiceiros.

Nas Côrtes dos seculos XIV e XV (tenho aqui os *items* muito á vista) varias vezes reclamaram os mestres contra certas prohibições restrictivas, que lhes tolhiam a livre expansão da sua arte. E os Reis attendiam-n'os, quanto as angustias do Thesoiro o permittiam; e a Ourivezaria brilhou entre nós, e attingiu notavel grau de esplendor.

Os ourivezes, arruados n'uma serventia especial, tinham de provar por testemunhas não provirem de sangue infecto, mulato, negro, ou indio; e essa tal rua, orlada das magnificas lojas de venda, e officinas, era das mais bellas de Lisboa, pelas suas riquezas de oiro, prata, e gemmas preciosas. Nos fins do seculo XVI encarece o padre Duarte de Sande a dita rua, na qual, diz elle, — «se trabalham «delicadas e artificiosas obras de oiro, e se lapidam

«muitas e mui variadas pedras preciosas, ou para «se venderem, ou para se engastarem; no que, ape- «nas se póde exprimir a abundancia do oiro e das «pedras preciosas, a perfeição artistica, e a multi- «dão dos artifices.» ([1])

Não só oiro e pedras; tambem, segundo Bluteau ([2]), vendiam estas famigeradas lojas cheiros preciosos, como ambar, almiscar etc., sendo que, pela sua raridade, alcançavam, taes especiarias grande preço e fama em Portugal. Dá Lope de Vega a entender na sua comedia *El anzuelo de Fenisa,* que no seculo XVI eram os «olores portuguezes» os melhores; e certo rimance do Cancioneiro castelhano louva tambem «los olores de Lisboa.» ([3])

Explica-se bem: vinham do nosso Oriente, trazidos por nós em primeira mão.

Tudo conspirava pois para augmentar o lustre d'esta formosa arte da Ourivezaria, que só lidava com os materiaes mais custosos, e pairava, por assim dizer, em regiões muito altas. A materia prima era a prata, o oiro, as gemmas de maior valia; a inspiração provinha do que ha mais fino e remontado no espirito humano: as bellas-artes; a clientella, emfim, era uma sociedade elevada e opulenta, para quem o querer se traduzia em vara de condão, e essa vara magica brotava productos alheios, do mais luxuoso adorno.

O Duque de Bragança, D. Fernando, pae do

([1]) Padre Duarte de Sande — *Lisboa em 1584.* Vem no *Arch. Pitt.* — T. VI, pag. 86.
([2]) Verb. *Ourives* no seu celebre *Vocabulario.*
([3]) Ochoa — *Romancero* — pag. 568, col. 2.ª

Duque D. Jayme, tambem Duque de Guimarães, lá tinha conhecido moço o Ourives Gil Vicente, assim como seu pae, o velho Gil Fernandes, a quem o proprio Duque e os seus empregaram mais de uma vez em artefactos de ornamentação para as suas capellas senhorís.

De tão alta protecção, proviera ao nosso artista a affabilidade de alguns fidalgos portuguezes; e assim, veiu Gil a disfructar as suas entradas faceis na casa de Affonso de Albuquerque, futuro protector de um dos filhos do Ourives, na dos Castellos-Brancos, Senhores de Villa-Nova, e nas de outros de egual estatura genealogica. Essa convivencia, a que chegou a ser admittido, sobre-doirava-o de descostumado prestigio entre os homens da sua egualha da rua dos Ourivezes, e dava-lhe azo para apadrinhar, por sua vez, os menos bem afreguezados e conhecidos.

Assim pois, por tudo isto, e pelo seu ar, que era distincto e naturalmente orgulhoso, e pelo seu indiscutivel merito artistico, e pela hombridade e dignidade do seu caracter, coubera ao grande Ourives papel conspicuo entre os burguezes de Lisboa. Era o fidalgo dos ourivezes.

Tem motivo obvio aquella certa distincção pessoal d'este mechanico, e de alguns dos seus. Primeiro que tudo, Guimarães era uma villa de nobres; o elemento das raças velhas, habitualmente cortezes (como foi sempre o nosso patriciado) preponderava, e influia na vida de relação das classes inferiores. Em segundo logar, a presença dos paços ducaes, com muitos servidores de fòro alto, muitas apaniguadas escolhidas, augmentava ainda a influencia da polidez.

Com a sua figura alta e forte, os seus ademanes compostos, a sua garnacha, ou opa, comprida, o seu cabello cortado egual em fartas franjas sobre a testa, a sua barba ponteaguda, a sua espada ao lado (como usava todo o homem), e o seu gorro negro, embora sem joia nem pluma, tinha mais ares de nobre que de plebeu o lavrante vimaranense; e o

pintor que o retratasse á propria, podia inscrever-lhe por baixo um nome velho.

Isto era, segundo o entrevejo muito claramente, o singular artista que tanto deu que fallar, e cuja confusão com o seu illustre homonymo, contemporaneo, parente, sobrinho, e afilhado, tem sido o desespero dos escriptores modernos.

CAPITULO IX

PRIMEIRO PASSEIO DO MOÇO GIL EM LISBOA

O momento do despertar, n'uma povoação estranha, como para o mocinho Gil Vicente era Lisboa, traz sensações impossiveis de descrever.

Vieram de repente á lembrança do pobre moço ¡saudades pungentes de todos os seus! appareceu-lhe no espirito o seu quartosinho do arrabalde de Guimarães, com a janella que dava sobre os parreiraes, onde de manhan vinham poisar e arrulhar as pombas; o horizonte extensissimo; o ar perfumado dos laranjaes; o trastejar das moças; o passo de sua mãe; a voz suave de seu pae chamando os aprendizes para a officina; o gato caseiro; ¡tudo, tudo lhe lembrava de modo cruel! Desatou a chorar.

Em vez d'aquellas amenidades, viu um sol que

não era o seu, a dar na severa torre acoruchada de S. Gião, os gigantes de urgeiro de côr tisnada, que sustentavam a parede da egreja ogival, nada sua conhecida; entreviu mais a diante umas grimpas, umas empenas, uma nesga de Tejo; não viu verdura; escutou o pregão metallico das marisqueiras, e o arrastado uivar dos açacaes.

O quarto ficava no alto da casa, na trapeira do predio. Um telhado musgoso e tapisado de herva permittia-se, no predio fronteiro, querer fingir uma montanha arborisada; a vegetação rasteira formava, com *arroz de gatos,* um tapete verde, que lembrava arvoredos, Bussacos em miniatura. Isso indignou o vimaranense, habituado ás magnificas vegetações da sua paizagem natal.

Veiu seu primo Gil Fernandes despertal-o, abraçal-o, e convidal-o para sahir. Com effeito, obtida prévia licença de seus paes e tios, sahiram os dois primos a ver a Cidade.

E tinha que ver (¡oh! ¡se tinha!) a Lisboa dos navegadores.

O provinciano, deslumbrado com o movimento da rua dos Ourivezes, bulicio a que nós outros chamariamos hoje solidão, extasiava-se no musical dos pregões matinaes, no historiado das fachadas, no vistoso das lojas, e no bemposto dos Lisboetas, que primaram sempre na sua fama de cortesãos, e no requebrado da sua cortesia. Bem o entendia um antigo poeta ao escrever:

> E de Lisboa se sôa
> que todos lá são honrados,
> que de pessoa a pessoa
> se fallam desbarretados.

Primeiro que tudo foram, por ordem expressa do Ourives, encommendar pellote, e cerolhas *(haut-de-chausses)* para Gil. Na Cidade elegantissima aonde principiavam a affluir todos os annos as opulencias

da conquista africana, e onde era numeroso o elemento forasteiro, contavam-se aljubeteiros de primeira ordem: o Manuel (1), o Cabanas (2), o Issay, ou Yssay (3), o Judeu (4), todos na rua Nova (que era, pela elegancia, o «Chiado» d'aquelle tempo), e emfim, além de outros, aquelle de quem diz o troveiro:

> Assis era um alfaiate,
> que morava ali á Sé. (5)

Por mais fallado, por mais modesto, ou por freguez, prevaleceu este.

Na estreita e escura tenda do aljubeteiro Assis, entre montões de panos florentins e de Guimarães, de Ruão, de Mâlines, e de Londres, entrou pois com seu primo o esbelto vimaranense; e em quanto os officiaes, sentados no chão, coziam e cerziam jubões e calças golpeadas, o Assis, todo prasenteiro, encarecendo as suas mercadorias, e largando o balcão em que talhava (como o seu collega do quadro de Moroni na Galeria Nacional de Londres), tinha a honra de medir com um covado de fita o corpo do futuro altissimo poeta.

D'ali foram-se até ao Arco dos Barretes, na muralha á beira-Tejo, pelo sitio onde veiu depois a estabelecer-se o Terreiro do Paço, e ahi compraram um sombreiro.

De lá foram-se para a Sé, cujos sinos graves e roufenhos chamavam ás Missas, concorridas de muita gente: cavalleiros, populares de capuz, donas embiocadas, tudo com grandes mostras de devoção, e levando cada qual o seu terço de contas, que suppriam os livros, e serviam de compostura.

Ouvido o santo Sacrificio, viram a Pia baptismal, admiraram a Capella de Bertolameu Joannes,

---

(1) *Cancioneiro* de Resende, ed. de Stutt.—III, 483 e seg.
(2) Ibid.—393.
(3) Ibid.—397.
(4) Gil Vicente, *Auto da Lusitania.*
(5) *Romagem de aggravados.*

e detiveram-se a contemplar a lindissima Capella-mór, cujas ogivas atrevidas reluziam com o reflexo das vidraças coradas da ábside. Do lado do Evangelho erguiam-se, parallelas uma com a outra, as duas arcas, ou tombas de pedra, com as estatuas jacentes d'el-Rei D. Affonso IV e da boa Rainha D. Brites, a d'elle com doze palmos de comprimento, a da Rainha um pouco menos. A' parte fronteira torrejava o rico altar de S. Vicente.

Atravessaram o claustro, ainda intacto. Pela banda do Poente cerravam-n'o as costas da Capella-mór; pelos tres outros lanços corriam as arcadas de pura ogiva, lembrando el-Rei D. Diniz, cada uma com sua varanda por cima, fechada de columnellos e arcos de volta abatida, menos a do lanço do Sul, em que dominavam as ogivas do paço episcopal. Tudo sereno, socegado.

Da Sé subiram pela rua dos Conegos até á Alfôfa e ao Castello.

Penetraram no pateo grande do paço da Alcáçova, e presencearam o entrar e sahir matinal de alguns nobres de serviço, que, seguidos de escudeiros, atroavam a calçada com o tropear dos seus murzellos.

O paço, que o moço Gil divisava apenas, cá de baixo, do pateo, e a furto, o paço, cujas grandezas escondidas o namoravam já, exerceu sobre elle indizivel attracção. Do centro plebeu em que nascera e se creara, levantava pela primeira vez olhos ávidos para as galas de uma Côrte opulenta e polida como era a nossa; e as sobre-portas de damasco, entrevistas apenas, e os tectos doirados, e os arrazes que se lobrigavam a custo, e as ogivas rendilhadas da varanda corrida em volta do pateo, e o ir e vir de personagens esplendidamente vestidos, e o relincho de bons ginetes de marca, prezos á mão dos cavalhariços, e o tanger de umas charamellas Reaes, que se ouviram a subitas, tudo isso, sabendo-se que dentro n'aquelle ninho roqueiro morara e pensara um Homem tão eminente como o senhor D. João II, e habitava agora o tão fallado e festejado Rei D.

Manuel, trouxe á alma vibrante do juvenil poeta revelações, adivinhações inexplicaveis.

N'um eirado, que se percebia em cima, avistaram-se passando umas figurinhas femininas, lembrando a quadra de João Gomes no *Cancioneiro:*

> Ha tambem damas singelas,
> que estão sempre a passar:
> no eirado e nas janellas
> pola sésta as vi estar;

ou estes dois fugitivos traços do proprio Gil na *Farça dos almocreves:*

> Si, senhor, as damas vi;
> andavam pelo balcão.

De junto ao lanço da muralha no terreiro, á entrada do Castello, sobre a rua de Penosinhos, estiveram os dois primos mirando o phantastico aspecto da Cidade baixa. Vista d'esse recanto accessivel á arraia miuda, Lisboa revelava-se toda, desde a Judaria velha até aos Martyres e S. Francisco, e desde as praias de Villa-Nova de Gibraltar orladas de caravellas aproadas, até aos Moinhos-de-vento e Cotovia cheios de arvoredo.

Com a alma povoada de visões, que elle nem sequer sabia ainda coordenar, desceu Gil Vicente com seu primo as arribas da Alfôfa e S. Mamede até S. Sebastião da Padaria, e enfiaram na principal das ruas de Lisboa, a grande e famigerada rua Nova, ¡ tão operosa, tão rica! Pararam, poucos passos andados, ante uma botica de livreiro.

A arte recentissima da Imprensa principiava a bracejar por toda a Europa; e a Portugal já tinha chegado, desde poucos annos, a estranha novidade moguntina, da qual muita gente boa ainda se atrevia a descrer, reputando os livros impressos manuscriptos mais perfeitos. Gil Fernandes, a despeito da sua escassa cultura infantil, e Gil Vicente, apesar do seu perspicaz talento natural, apreciavam mal, e vagamente, tudo que havia de futuros incalculaveis

no invento de Guttemberg. Observando como curiosos a estreita vidraça do bibliopóla, correu Gil Vicente (que nunca vira uma impressão) olhos avidos por alguns exemplares de *incunabulos* (segundo hoje chamariamos scientificamente aos volumes que ali tentavam os olhos dos ricos). Miravam os dois transeuntes os folios illuminados e escriptos á mão em velino, só destinados a vir a figurar na Capella d'el-Rei, ou nas estantes choraes das Sés e Collegiadas de maior opulencia; e viram, entre outros livros que mais ou menos attrahiam as attenções, o formoso *Breviario eborense,* impresso a valer nos prelos de Lisboa.

Em quanto assim examinavam, cruzou-se com elles, sahindo da loja, um homem em trajo ecclesiastico, mais velho do que os dois. Envolvido na sua capa negra muito ampla, foi logo reconhecido de Gil Fernandes, como sendo um amigo de seu pae, Quartanario da Sé Archiepiscopal de Lisboa, Lourenço Esteves Bezerro, applicado e estudioso, recebido sempre com agrado em casa do Ourives. (Quartanarios se chamavam certos dignitarios aggregados ás Cathedraes, e cujos proventos não passavam da quarta parte do estipendio dos Conegos prebendados; quantia ainda assim alta n'esse tempo, em que as Conesias eram pingues).

Sahia Lourenço Esteves com um livro debaixo do braço; e vendo o seu amiguinho Gil Fernandes, travou logo dialogo com elle. Era uma physionomia morena, toda peninsular, olhos vivos, expansivos, falladores.

— ¡ Ora sus, bom amigo! ¿ tão cedo na rua Nova ?

— Certo é — respondeu Gil. — Vim mostrar aquestas grandezas a meu primo e hospede Gil Vicente, chegado hontem por noite lá da nossa Guimarães.

— A's maravilhas, mano. Folgo de topar comvosco, Gil Vicente. Já vosso tio me mandou dizer

que chegáreis em bem; fazia tenção de ir logo ver-vos.

—Beijo-vol-as—volveu inclinando-se o mancebo, e beijando a extremidade dos dedos da sua propria mão direita.—Sereis bemvindo.

—¡Vede-me isto!—atalhou sorrindo benevolo o Quartanario—Já os ares de Lisboa lhe ensinaram estas galantarias. E olhae lá: sois um gentil provinciano, com mais ares de escudeiro que de mechanico, e mui capaz de desbancar os nossos alfenados cavalleiros da rua Nova. ¿E como vos vae? ¿Que pensaes da nossa Lisboa?

—¿Quem se não sentiria estarrecido—tornou o outro—entre tantas louçanias? Vimos já a Alcáçova d'el-Rei nosso senhor, vimos a Sé, que é um ceo aberto, e vamo-nos correr a Ribeira.

—Pois ide, manos, ide, que eu por mim vou-me chegando até casa, que é em S. Braz dos Maltezes; quero-me ler de espaço este livro que ora merquei. Ide ver-me-logo, que muito vol-o haverei de agradecer; e se em trovas vos apraseis, d'ellas fallaremos, amigo. Gil Fernandes, até logo.

—Sim, até logo—bradaram os dois; e com mil apertos de mão, abraços, e barretadas, separaram-se.

Mais a diante, á porta de uma grande loja de panos florentins e outras drogas, escura e bem sortida, conversavam dois homens: o mercador da quitanda, um tal Bastião Gonçalves, cara de velhaco sem mistura, e o maritimo Ruy Chapuz, bello typo de lobo de mar, atarracado, valente, e com a fronte sombreada de um alto capuz pardo, que vira mais tormentas no mar Oceano, do que via já de cabellos no casco do dono. Pela postura em que se achava, o mercador, de costas para a banda d'onde iam os mancebos, que, de mais a mais, seguiam do lado fronteiro da rua, não deu por elles.

Bastião Gonçalves era tambem oriundo de Gui-

marães, onde, em muito novo, tivera seus dares e tomares com o Ourives Gil Vicente, então rapaz; e d'ahi proviera (o coração humano tem d'estes caprichos) uma irreconciliavel antipathia entre os dois pelos annos fora; a ponto que uma tarde, sobre não sei que insinuação cobarde do Bastião, Gil Vicente que passava e o ouviu, chegou-se-lhe, segurou-o pelo cabeção, chamou-lhe «Villão e ruim barbado», e escreveu-lhe na cara com um chicote todo o bem que d'elle pensava.

Os odios atearam-se; com os tempos transformaram-se, da parte de Gil em desprezo; da parte de Bastião em rancor.

Com a familia do Quartanario Lourenço Esteves, que ha poucos paragraphos encontrámos a sahir do livreiro, mantinha Bastião algumas relações, como logo veremos.

Por ora, baste-nos isto.

Mal vira a Ruy Chapuz, chamou-o com a mão:

— ¡Hou! Ruy, vinde a cá.

— ¿E como vos vai, Bastião?

— Homem, isto não corre bem; antes assim que peor, mas...

(E' sestro de Portuguezes, conforme notam forasteiros, o queixarem-se sempre da saude; é já costumeira endémica; se não contam por miudos os seus males imaginarios, dizem: «Vamos indo assim assim, como Deus é servido», e nunca respondem francamente: «Optimo».)

— ¿E vós? — continuava Bastião — ¿Quando volveis para Tanger? ¿como vos foi a ultima jornada? ¿quantos cruzados na arca? ¿vossa filha já tem arrojado? ¿que buscais hoje pela rua Nova? ¿procurais fallar a alguem? ¿a quem? ¿algum mestre de caravella? ¿ou algum tratante?

Em summa: além das lamentações sanitarias, era costume d'este importuno amiudar as perguntas (respondessem-lhe ou não), e esmagar o parceiro sob uma saraivada de pontos de interrogação. Conversar com um sujeito d'aquelles era responder aos arguentes de uma sabbatina. Um seccante d'aquelle

jaez, curioso, inconveniente, e maligno, estava mesmo a pedir apito e ó-da-guarda.

Ruy Chapuz fingia-se distrahido, e não lhe dava trela.

Do outro lado da rua passavam n'este comenos os dois primos.

—¡Oh! lá passa o mocinho Gil Fernandes—disse Ruy.

—¿O filho do Ourives?—perguntou Bastião sem querer olhar de frente, e tomando uma expressão sombria.

—Esse mesmo.

—¿E quem é o outro?

—Não sei, mas figura-se-me que deve ser um primo chegado de Guimarães, a quem o tio Ourives esperava por estes dias. E' moço guapo, e, a-segundo dizem lá, de grande engenho.

Os rapazes seguiam, sem sequer attentarem em que eram observados, um como já conhecido, o outro como adventicio n'esta aldeia chamada Lisboa. Iam enlevados nos mostradores das lojas.

—¿Sobrinho de Gil Vicente?—perguntou Bastião mirando-os pelas costas.

—Sobrinho, sim; filho de um irmão.

—Sei; conheço essa gente toda. ¿Vem então para Lisboa? ¿a quê? ¿o que procura?

—Não sei—concluiu Ruy.—Sei que me vou á vida. Ficae-vos, e Deus vos guarde.

E deixou o seu interlocutor.

CAPITULO X

Digressão de observador na celebre rua Nova d'el-Rei

Era a rua Nova então, e foi ainda por seculos, a arteria mais cheia, mais concorrida, e mais commercial, de toda Lisboa.

Se eu estivesse aqui escrevendo um capitulo de archeologias lisbonenses, havia de expandir-me na descripção d'esta rua, e mostral-a tão minuciosamente como Gil Fernandes a estava mostrando a seu primo. Como porém o leitor de uma obra do genero d'esta, ou sabe de cór as velharias notaveis da Capital, ou não entende necessario profundal-as, resvalarei sobre o assumpto, deixando aqui poucos apontamentos.

A celeberrima rua Nova (assim denominada quasi sempre), ou rua Nova *d'el-Rei,* ou rua Nova *dos Ferros,* ou rua Nova *dos Mercadores,* pois to-

dos esses titulos cabem á mesma serventia publica, ergue alto a sua origem, e vai entroncar-se na primeira dynastia por filha legitima d'el-Rei D. Diniz.

Sim, foi em 25 de Abril de 1295, que o Concelho de Lisboa doou a esse Soberano o terreno, onde elle mandou riscar e edificar a nobre passagem que assim projectara, e executou á beira-Tejo. Foi talvoz (é plausivel conjectural-o) uma ligação dos bairres velhos com a parte nova, que extravasára para fóra da cerca moira, cobria o antigo esteiro marinho, e principiava a torrejar e dominar nas immediações da então recente porta da Oira, a Cataquefarás.

Não deixou a rua Nova de ir recebendo dos successivos reinados ampliações e aformoseamentos, e tornou-se o ponto de reunião dos mais ociosos, e dos mais atarefados.

Sobre a rua Nova davam, como era rasão, as casas da gente rica. Percorrendo a Chancellaria do fundador da rua, vê-se que foram ali innumeraveis os aforamentos de chão; está-se a perceber quanto para ali começou logo a concorrer a actividade dos poderosos; nova prova de que era aquella uma arteria *necessaria*.

Cresceu, medrou em opulencias este agglomerado annexo da povoação antiga; mas nos tristes mezes do inverno de 1383, quando padecemos a invasão dos Castelhanos, ¡pozeram os invasores fogo á rua Nova! o mesmo é dizer: feriram no coração a Cidade e o Reino. A energia commercial era porém já tamanha, que em breve se restaurou o terrivel estrago.

Continuaram os aforamentos, segundo demonstram os registos authenticos; e (coisa curiosa) a proprietarios bem longinquos se estendia o dominio directo de varios d'esses terrenos. Exemplo:

A jurisdicção temporal que a Mitra bracharense possuia em Braga fôra-lhe outorgada por el-Rei D. Affonso V em troca de grossas rendas proprias, que a Mitra primaz largou para a Corôa, «como foram —diz Frei Luiz de Sousa na *Vida do Arcebispo*— «os direitos e rendimentos da Alfandega de Vianna, «e grande numero de moradas de casas em Lisboa —note-se—no principal sitio da Cidade, que era «na rua Nova dos Ferros.»

El-Rei D. João II, espirito administrativo que para tudo chegava, mandou vir em barcas muita pedra de Cascaes para o calcetamento da rua Nova; e, por signal, dava a Camara 4 réis a quem a tirava.

Poupo ao leitor as citações.

El-Rei D. Manuel mandou-a continuar a calçar, e tambem ladrilhar, que era uso vulgarissimo em certas serventias publicas lisbonenses; o que tudo consta de registos do Municipio.

Para segurança dos consideraveis haveres que por ali se accumulavam, nas lojas e armazens, determinou não menos cerral-a com cadeias.

Bastos d'aquelles predios assentavam sobre arcadas ogivaes, e o vão d'elles era do Senado. Dava essa feição um singular aspecto medievo á grande rua. Por baixo aposentavam-se os mercadores com as suas lojas (ou *boticas*, como se dizia) que seriam para nós verdadeiros museus de altissimo interesse. ¿E quem se não recorda do boticario, de quem fala o prologo da comedia camoniana *El-Rei Seleuco*, onde se aconselha a alguem «converse na rua Nova «em casa do boticario, e não lhe faltará que conte;»? parlatorio, ou pasmatorio, de certo mui sabido dos tunantes do tempo; (um genero da nossa Casa Havaneza).

Bem mais poderia eu adduzir para este logar, se (repito) estivesse escrevendo *Lisboa antiga;* mas não estou; limito-me portanto a mostrar ao leitor

(como de certo Gil Fernandes a mostrou a seu primo) a ermida da Senhora da Oliveira, e o chafariz dos Cavallos, junto ao qual se viam, e ainda no seculo XVII, duas cabecinhas esculpidas nas columnas de uma casa, e que pareciam, segundo tradição conservada pelo Bispo do Gran-Pará, Queiroz, padrões commemorativos de um aggravo cruel, e de um castigo não menos cruel infligido pelo Rei D. Pedro I. Outra escultura, cabeça feminina, ali estava em signal de um crime, em cuja narração me não atrevo a boquejar sequer.

Basta declarar aqui uma coisa: esta nobre arteria cidadan, tão luzida, tão pittoresca, tão rica, e tão cheia de physionomia, com os seus arcos, os seus andares de ressalto, as suas muitas adufas cuidadosamente pintadas de verde, a sua largura então desusada, as suas taboletas pintalgadas ressahidas como pendões oscillantes n'uma haste em angulo recto com as paredes (como nos antigos quadros de Nuremberg ou Bruges), impressionou vivamente o juvenil vimaranense, em cujo estro mal cabia já a invasão subitanea de tantas grandezas, e cujo enthusiasmo desabafava em pontos de exclamação.

A rua Nova era, com effeito, uma synthese da Lisboa mundana.

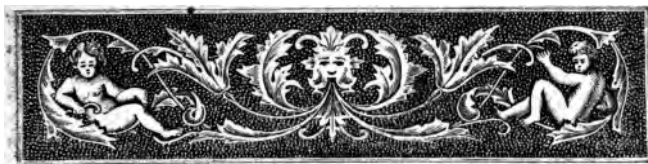
Ali se via, já n'aquelle final do seculo XV, o galante vistoso e aprumado, que ia mostrar-se a collear no seu cavallo magnifico; o mercador da Guiné, que ia sondar cauteloso o cambio das praças européas; o viajante emprehendedor, aportado aqui de longes terras, de caminho para a Madeira ou para a Mina; o morgado provinciano, que ia embonecar-se aos aljubeteiros e vestimenteiros de mais nome; o tratante judeu, que ia aperceber-se de marfim ou almiscar de algália para os ir revender nos mercados de Flandres; o arraes das caravellas da carreira de Tanger, que ia avistar-se com os armadores mais de sua feição; o clerigo estudioso, que procurava livros; o especulador forense, que ia farejar ganancias ás almoedas; a dama embiocada, que ia

apreçar cassequins e brocados, aguas rosadas e pivetes, ou mercar alguma peça de ourivesaria do Porto.

Em summa: a rua Nova, emporio immenso, inesgotavel, continha tudo quanto podiam entornar n'uma cidade populosa as cornucopias do commercio.

Era pois, como digo, o poiso certo dos mais atarefados, e dos mais ociosos.

Terminado o passeio, que foi para elle uma cabal iniciação nos primores da Capital, voltou Gil com seu primo á casa tão socegada e serena do Ourives.

—¿E bem?—perguntou este ao sobrinho, ao vel-o com o filho entrar-lhe na officina, onde varios officiaes e aprendizes labutavam sob o seu mando. —E bem, meu Gil, ¿que tal vos vae? Deixae-me ver-vos, que assim sois guapo e gentil. Correm-vos bem os ares de Lisboa; ¿não é assim? Ora pois, folgar, folgar, que os trabalhos são certos, e não tardará que vos entreis a elles. Para ocioso vos não quero eu; mas por ora, folgar e ver.

CAPITULO XI

Visita a casa de Lourenço Esteves em S. Braz dos Maltezes

N'essa mesma tarde, conforme a promessa, foram-se os dois primos visitar, a par de S. Braz dos Maltezes, o amigo Lourenço Esteves.

S. Braz, a que hoje vulgarmente chamâmos Santa Luzia, ás portas do Sol, era Commenda da Ordem poderosissima de Malta, e templo muito querido e respeitado dos Lisboetas.

Com a sua torre sineira, leve e esgalgada, que dominava a cavalleiro a abrupta encosta das Escolas-geraes, via-se de longe o templosinho, cujas altas janellas em ogiva, no estylo mais puro da architectura dos dias d'el-Rei D. Diniz, ressumbravam de noite, para fóra, pelas suas janellas multicores, o clarão vago das alampadas accezas sempre. A cabeceira do edículo firmava-se sobre o adarbe do

lanço moirisco da coiraça guerreira, que, desde as portas do Sol, na Alfungeira antiga, escorregava tortuosa para as de S. Pedro de Alfama.

Ao longo d'essa muralha descia, e desce, uma empinadissima azinhaga; ia direita entestar n'uma parede que formava recanto, a qual limitava o quintalão de um pequeno predio, o primeiro da actual rua da Adiça. N'esse predio habitava a familia dos Bezerros, gente velha, de quem já a Chancellaria d'el-Rei D. Affonso IV nos conservou noticia.

Da villa de Castro-verde, no Alemtejo, viera desde muitos annos para Lisboa, á cata de fortuna, um Martim, que, na falta de patronímico ou appellido certo, tomára nome da sua terriola natalicia, e se chamára cá Martim de *Crasto*. Da mulher com quem elle casou, tirou nome a filha, ou porque lhes soasse melhor, ou levada de um uso semsaborissimo, e então e por muito tempo creio que geral, nas filhas, a adopção exclusiva do appellido materno, uso contra o qual veiu a insurgir-se algures o douto compillador da *Historia genealogica*.

Essa filha era Branca Bezerra.

Moirejados uns annos em faina que não consta, quer fosse a bordo das caravellas do mar Tenebroso, quer n'algum *trauto* de mercancia para o Norte, deixou Martim de Crasto alguns haveres, e d'elles subsistiam sua viuva, a quem chamaremos a senhora Guiomar Bezerra, e sua filha Branca, muito auxiliadas do tio da menina, irmão de Guiomar, o bom Lourenço Esteves. E Guiomar dizia muita vez suspirando:

—«Morta é a abelha que dava mel e cera!»

A casa em que assentara ninho o nosso Martim era esta da Adiça, onde falleceu na força da vida, e onde os seus herdeiros se mantinham em decente obscuridade.

Estudara para clerigo Lourenço Esteves, como meio seguro e prompto de se tornar amparo da irman Guiomar quando solteira. Já Quartanario na Sé, graças á protecção do Arcebispo de Lisboa D. Jorge da Costa, preparava-se para prebenda mais choruda n'esta ou n'outra Diocese. No entretanto era simplesmente um bom moço, mas muito esperto e ladino no tocante aos seus interesses.

Sua irman era d'aquellas creaturas nervosas, que vibram ás primeiras impressões. Precisava guiada, muita vez, e elle guiava-a. Andava álerta á minima coisa. Sabia o que se passava na visinhança proxima, quando estava em casa, porque via tudo debaixo das suas adufas; e quando sahia, adivinhava tudo de baixo do seu biôco. Essa sciencia, e essa adivinhação, pouco aliás lhe serviam, porque, verdade verdade, não era de mexericos. Queria indagar, sim, mas só por amor da arte. As sahidas, de mais a mais, eram poucas, ou nenhumas, a não ser pela viella acima, até S. Braz, e (raras vezes) pela viella a baixo, até á casa de alguma amiga, na propria Adiça; quando muito, até S. Pedro, ou Santo Espirito (Santo Esp'rito, como se dizia). Honestissima, ciosissima da filha, presidia ao seu lar como boa mãe vigilante, e tinha para si que o primeiro adorno de uma dona ou donzella é o recato. Quanto a intelligencia, tinha-a de sobra para reconhecer que não a tinha que bastasse, e em tudo se aconselhava com o irmão.

Branca, a donzellinha, o enlevo dos seus, tinha sido a menina dos cançados olhos de Martim de Crasto. Levou-a atravessada na garganta, segundo elle murmurava ao morrer. Recommendada e muito recommendada á mãe, ao tio, e a um amigo a quem entrevimos ha pouco, Bastião Gonçalves, mercador de panos na rua Nova, adormecera Martim na firme esperança de que o Senhor havia de amercear-se-lhe da filha, que ficava quasi amparada e dava boas mostras de sizudez.

Branca n'este Maio de 1497 tinha quinze annos; era uma primavera linda, a annunciar o mais formoso ve-

rão. Loira, como muitas Lisboetas, alta para a edade, com ademanes naturalmente discretos e de certa distincção, levava os olhos a gentil creança, quando ás Missas da manhan entrava com sua mãe na pequenina nave de S. Braz, onde todos, por parte de visinhança, a conheciam, e onde todas lhe offereciam logar. Depois, em casa, no amanho domestico, era ver como dava volta a tudo, e como ajudava a mãe no grangeio do lar, dando ordem para entrar o pão no forno, preparando as semeas quentes para as gallinhas, a gamellada para o seu cão, chamado Caroto, e fazendo serão com as suas duas escravas negras. A Doutrina christan, sabia-a ella de cór, e ensinava-a ás negras com uma paciencia evangelica; mas de leitura e escripta... melhor será não falarmos. A mulher portugueza não tinha ainda madrugado para lettras; as lettras eram porta para o mal, no dizer das mães timoratas; fechava-se-lhes.

Tal era, em dois traços, a familia de Lourenço Esteves, em cujo quintal penetravam, como quem bem sabia as cortadas, levantando a aldraba sem mais ceremonias, os nossos amigos da rua dos Ourivezes.

—¡Deus salve a gente d'esta casa!—bradava muito alto a voz juvenil de Gil Fernandes.

A casa de habitação erguia-se sobre a direita, e dizia sobre este pomar por uma escada de pedra á flor da parede. A parede, toda de cantaria de cascões mal escodados, rompia-se em algumas janellas sem symetria entre si, orladas das singelas vergas recurvas usadas dos nossos antigos architectos. Nada mais pittoresco e original, do que esta vivenda quasi pobre, com duas adufas, apenas, sobre a Adiça, sempre cuidadosamente cerradas, mas desabafando sobre o pomar por um varandim coberto de alpendrada no cume da escadinha.

A uma das janellas sobre o laranjal assomou a jovial figura de Lourenço Esteves com um livro

entre mãos, como quem ao chamamento se levantára do bufete.

—¡Hou lé! ¡bemvindos, manos meus! ¡bemvindo, meu escudeiro Gil Vicente! ¡subi, que vos quero abraçar!

Começava a descer a noite. De cima, do campanario de S. Braz, cahiram solemnes e vibrantes as badaladas das Trindades vespertinas. E foi muito para ver como o grupo juvenil, que ia de rondão caminhando para a escada, estacou a um tempo, e se descarapuçou, pondo ambos as mãos, e recitando rapido as tres Saudações do ritual. Usanças do Portugal velho, a que ninguem saberia faltar.

Feita a oração subiram, e entraram na estreita camara de Lourenço Esteves.

Foi um tropel de abraços e acolhimentos expansivos; e sentados todos, accendeu Lourenço por suas mãos o candieiro amarello, e a conversação começou.

—Com que,—dizia o amphitrião com as suas intimativas—estais contente com Lisboa. Fio-vos eu, meu Gil, que vos não heis-de enfadar. ¿Em que vos determinais?

—¿Eu?—volvia o mancebo—no que aprouver a meu senhor tio e padrinho. Vou cursar nas Escolas geraes, a-segundo lhe ouvi.

—Bem escolhestes—respondia o outro;—¿e para theólogo, como eu?

—Não é de theólogo a pinta d'elle, diz minha senhora mãe—observava sorrindo Gil Fernandes.
—Antes o queremos para lettrado.

—Los letrados
son guia de los errados [1]

ponderou o futuro estudante.

---

[1] *Auto dos Reis Magos.*

—Pois seja assim—disse Lourenço.—E já me dou por vosso introductor e protector n'aquelle *mari magno*. ¿Cursastes latim?

—Sim, cursei, em Guimarães; com um Conego da Collegiada.

—¡Caspitè!

—¡Se soubesseis!—accrescentava de lá Gil Fernandes;—entra melhor pelo latim do que eu, que estudo nos claustros da Sé.

—É meio caminho andado.

—¡E então trovas, villancicos, rimances! ¡mal suspeitais o que elle engenha com tanta arte! Ainda agora nos fez elle rir a bom rir com o que nos cantou lá em casa á viola; e com umas ensoadas. todas tiradas lá do seu engenho, ¡que não ha mais ver!

—¡Jovial companheiro!—notava Lourenço.—Muito me tôa que assim sejais, pois nos ajudareis a passar o tempo, que tanto custa ás vezes a tragar. Não nos falteis quando vos aprouver.

—Por vida minha, não faltarei, se meu senhor tio m'o levar a bem.

—¿Vosso tio? é cá muito nosso.

E assim estiveram os tres. Contaram muitos casos, Gil Vicente narrou o que vira na Alcáçova, na Sé, na rua Nova, pediu que o industriassem nos usos de Lisboa, e Lourenço Esteves sentiu nascer a amisade e admiração, que veiu a unil-o ao grande poeta.

—Vindes achar Lisboa em caminho de transformação—dizia o Quartanario.—Este anno de 97 e os seus proximos hão-de marcar época (podeis crel-o) na nossa Historia. Vede-me vós: são volvidos sós dois mezes desde que sahiu a descobrir a India o Cavalleiro Vasco da Gama. É bem de crer que não torne o misero a ver o sol de Portugal; mas se levar a empreza a cabo, e descobrir a India... nem quero aventurar-me a pensar o que nos succederá. Hemos de ser uma nova Roma; hemos de ser o povo maior do mundo.

—¡Oh! e quem me fôra o grande cantor capaz

de escrever de um tal feito como esse!—exclamou Gil com enthusiasmo.

. . . .

—Não vos ireis—disse por fim o dono casa, quando os dois, noite fechada, se dispunham a sahir —Não quero que vos vades sem verdes minha irman e minha sobrinha.

Abriu a porta de uma passagem escura, d'onde descerrou cauteloso a da camara de lavor. E ouviu-se então, cá de longe, o salamear monótono, alternado, de um terço resado em commum por Guiomar Bezerra, as escravas, e duas visinhas que tinham chegado de fóra. (Eram de umas certas, muito mettidiças, que, para observarem, tomavam ás noitinhas o pretexto de *vir por brazas*).

Fez de lá signal o Quartanario aos companheiros, pondo o dedo sobre os labios, e gesticulando em silencio, a significar que não queria interromper a oração. Passados poucos instantes cessaram as vozes, e elle penetrou.

Tornando á sua camara, disse:

—Vinde comigo; quer minha irman conhecer-vos.

Introduzidos, acharam a companhia toda sentada no chão; as duas, mãe e filha, e mais as visinhas da Adiça, n'uma esteira de tabúa; as escravas no sobrado. Ao centro da casa pendia de um comprido arame um candieiro de latão, do feitio ainda usado, com o seu quebra-luz girante, seu baldesinho, tenaz, e espevitadeira. Á uma banda uma arca encoirada de vermelho, uma cantoneira á outra, e na parede do topo um bufete pequenino, vestido de sua saia de fazenda ordinaria.

Guiomar trabalhava com uma roca de roda; Branca fiava uma estriga na sua roca de canna; as escravas desfiavam linho para dar aos pregoeiros do Hospital de Rocamador da rua das Esteiras, quando vinham por elle. As visinhas, caras de gatas

curiosas, mantinham-se na ociosidade, uma com as mãos debaixo dos braços, e a outra com o gatarrão amarello no collo. Na gaiola, suspensa no vão da janella, dormia o pintasilgo ennovelado com a cabecinha debaixo da aza.

—Senhora Guiomar, aqui vimos, boa noite nos dê Deus—dizia adiantando-se Gil Fernandes, como que fallando em seu nome e no do primo.

—Deus te faça um Santo, meu rapazinho. Boa noite. ¿E como está tua mãe?

E em quanto fallava, observava com olhos perscrutadores o gentil poeta, alvo de não menor inquirição ocular da parte de todo o demais rancho feminino.

Lourenço adiantando-se:

—Irman, eil-o aqui, vedel-o vós, o nosso guapo Gil Vicente chegado de Guimarães.

—Muito folgo de o ver, e Nossa Senhora e nossa visinha Santa Luzia o tenham na sua guarda. Benza-o Deus, que é desempenado como um galante da rua Nova.

—Beijo-vol-as, senhora Guiomar,—tornava o moço inclinando-se um pouco.

—Ó negra, ó tição negregado, ¿não me ouves? ¿estás a dormir?—bradava Guiomar com volubilidade para uma das pretas.—Sume-te, são horas de ir pôr a agua ao lume. Com que, ¿vindes então, menino, aprender a lavrante do oiro? é bom officio, é.

—Eu, senhora, não.

E ella sem o ouvir:

—Fazeis bem, filho; lavrante é bom officio. Antes isso, que nanja andar sobre aguas do mar, que é mais arriscado. Ahi tendes vós vosso tio, que sahiu um mechanico d'essa arte como não temos outro. Já Martim de Crasto, que Deus tem, dizia muita vez (e o que elle dizia podia-se escrever com lettras de oiro; quem soubesse escrever por lettras, que eu d'isso não sei, nem quero saber); dizia elle então (bastas vezes lh'o ouvi com estes ouvidos que a terra ha-de comer): «Mulher, (que eu fui sua mulher

á face da Egreja, recebidos na mui nobre villa de Setubal) Mulher, vai com isto que te digo: lavrante do oiro é bom mister, que nanja andar sobre aguas do mar, e o oiro sempre é oiro, e tine como oiro. Ó visinha Grimaneza, ¿não vos accordais de meu senhor Martim de Crasto? Lourenço, fechae essa porta, que sopra do corredor uma aguieira... Com que, vindes para Lisboa. ¿E vossa tia como lhe vai? Ora ide, ide, que serão horas, e não vos quero delongar. Ide, filhos, ide; ¿quereis cear comnosco?

—Senhora, não, aguardam-nos em casa.

—Pois sim, filhos, ide.

E sahiram os dois primos, sorrindo talvez á socapa.

E quando Gil Vicente transpunha a porta, fitavam-se n'elle, infantilmente enlevados, os olhos luminosos da suave Branca.

CAPITULO XII

ONDE SE DESCREVE A BIZARRIA DO NOBRE D. MARTINHO DE CASTELLO-BRANCO

am deslizando, na mais doce monotonia domestica, ou vendo os sitios mais notaveis de Lisboa, ou travando relações com gente conhecida dos seus parentes, as primeiras semanas de Gil Vicente. Comtudo, não quiz o acaso que voltasse por então á Adiça.

Uma vez chegou á porta do Ourives um escudeiro, dizendo vir da parte de Sua Mercê o senhor D. Martinho de Castello-Branco, e desejar muito fallar ao dono da casa. Entrou.

—Deus vos salve, mestre; sou escudeiro do senhor D. Martinho de Castello-Branco; meu amo precisa muito fallar-vos, e quanto antes.

— Muito bem — respondeu o glorioso artifice com o seu grande ar; — dizei a Sua Mercê que me vou logo ao seu chamado.

Era D. Martinho, Senhor de Villa-Nova de Portimão, e depois Conde da mesma villa, um dos personagens de maior pôlpa na pequenina Côrte portugueza, e filho do notavel D. Gonçalo Vaz de Castello-Branco. Homem valoroso, e muito polido; poeta, cortesão, e *dizedor*. Tinha guerreado, acompanhára a el-Rei D. Affonso V na sua jornada a França, e foi Védor da Fazenda de D. João II e D. Manuel. «Senhor mui prudente» lhe chama o troveiro do *Amadís de Gaula* n'um dos seus rimances. Ao tempo de que tratâmos, não tinha quarenta annos ainda.

Pelo seu nascimento, pela sua posição, pelos seus haveres, pelas suas allianças, e até pelo seu engenho natural, gosava alto prestigio entre os seus pares, e veneração affectuosa das classes baixas, pelos seus modos affaveis para com todos.

Um chamamento da tão illustre senhor lisonjeou portanto o nosso mestre Ourives, que não deixou de acudir.

Campeavam os paços do nobre D. Martinho mesmo defronte da Parochial velha de S. Martinho, com a qual elle e todos os seus mantinham entranhada devoção, por parte de visinhos, e n'ella possuiam como padroeiros honrada sepultura; como quem dissesse hoje: eram no extremo occidental do nosso edificio do Limoeiro, com bella vista sobre o Tejo, e um pateo á ilharga, á flor da rua, pateo que uns duzentos annos depois veiu a tornar-se tristemente celebre para D. Francisco Manuel de Mello. Quem subia a rua do Arco do Limoeiro, indo

da parte da Sé, via, logo umas braças a diante dos paços dos Castellos-Brancos, e como que a sombreal-os e a formar pittoresco fundo ao quadro, o arco ogival, sobre que assentava um passadiço, ou estreito corredor, que, do antigo paço de a-par-S. Martinho, depois Relação, e hoje Cadeia, ia entestar no templo; passadiço tambem tristemente celebre na chronica sangrenta do Conde Andeiro.

No pateo entrou o Ourives, e viu, passeado de vagarinho por um sota-cavalhariço, um magnifico ginete acobertado, em que ia certamente sahir o fidalgo. Outros dois murzellos, muito eguaes e bem ajaezados, escarvavam em distancia d'aquelle, para os moços de acompanhar; e dois andarilhos com varinhas nas mãos e as armas dos Castellos-Brancos relevadas em estarcões de prata sobre o peito, aguardavam aos lados do portão o signal da partida.

O escudeiro, ao avistar Gil fez-lhe gesto de que esperasse, e subiu a escadaria de marmore em dois lanços, que desfechava em cima n'um *cabido,* ou terrado coberto, com columnellos, conduzindo ás salas.

Em quanto assim esperava, o grande artista, que em tudo que eram primores de fórma apascentava com delicias os seus olhos de entendedor, lançou a vista ao possante ginete, todo portuguez no garbo, na grave andadura, no arreganho dos meneios de cabeça, e na intelligencia do avelludado olhar. O paramento e guarnimentos da sella eram brocado de prata com franja; a cabeçada afivelada de prata; as rédeas o mesmo; as estribeiras, lavradas de meias-cannas, pendiam de lóros de brocado, com seu botão de retroz; a brida era prateada e com copos de prata.

N'isto, foi Gil Vicente chamado de cima, e subiu.

No primeiro salão, de tecto de cupola, em cujo

plano superior colleava, entre um paquife de folhagens azues e oiro, o Leão dos Castellos-Brancos, estanciavam dois ou tres escudeiros, que, ao verem entrar o garboso homem com a sua opa comprida, se composeram respeitosos, como se elle fosse

> ....um senhor,
> ou um Desembargador
> da Casa da Relação.

Sem attentar n'elles, passou Gil Vicente, por indicação do seu guia, para um segundo salão, ladrilhado como o primeiro, e rodeado de alguns retratos de familia, figuras em pé, arrogantes algumas nas suas armaduras, e que representavam os fundadores da estirpe. Via-se o velho Martim Esteves, burguez da villa de Castello-Branco, instituidor do vinculo principal; Vasqueannes, o primeiro administrador; Ruy Vasques; seu irmão Gonçalo Vasques instituidor do morgado de *Castello-Branco, o novo,* no termo de Sacavem, e cuja torre ainda lá se vê em ruinas; Lopo Vaz de Castello-Branco, Monteiromór d'el-Rei D. João I; e por fim D. Gonçalo Vaz de Castello-Branco, pae do nosso D. Martinho, Senhor de Villa-Nova, Védor da Fazenda de D. Affonso V, e seu Escrivão da puridade.

Rompeu-se uma abertura no pesado pano de Arrás colgado, e appareceu D. Martinho, de sombreiro de velludo ornado de um firmal de preço, e vestido n'uma opa roçagante de brocado de seda negra aberta aos lados; sobre o peito um collar de boas pedras, do qual pendia um leão. Trazia um chicote ligeiro, e calçava apressado luvas grossas de canhão, de anta amarella. O retinir das suas enormes esporas de prata lavrada, afiveladas nas botas altas e flexiveis, denunciou-lhe a chegada, e o Ourives revirou-se inclinando-se profundamente.

—¡Hou lá! ¿sois vós? ¿Gil Vicente? ¿o fallado ourives? ¿quê?—dizia D. Martinho com ar gazalhador, mas sempre de pé, e encostando-se a um alentado fogão de marmore da Arrabida no topo do salão.

—Senhor, sim, eu sou Gil Vicente, para servir a Vossa Mercê—respondeu este adiantando-se um pouco.

—Bofé, muito folgo de conhecer-vos. Sois apurado lavrante, mestre; vi obras vossas mui primas, e que nada teem que invejar ao que a Italia blazona produzir.

—Senhor...

—¡Ora sus! andar assim, que o nosso pequenino Reino ha mistér de quem lhe realce o nome.

—¿E que ordena Vossa Mercê de mim?

—Mestre, eu nada vos ordeno; peço-vos queirais acceitar o encargo de me fabricar quanto antes, sem detença, uma baixella de prata e oiro, digna de vós, e de mim. ¿Quê?

—Tudo farei, senhor, como desejais.

—Primeiro—continuou o gentil D. Martinho com o seu ar perfeitamente parisiense, e brincando com a ponta do chicotinho—pensei em que me imitasseis umas ricas peças, cujo risco eu trouxe de Paris de França; mas ao ver obras vossas, mudei de projecto. Risco e execução, tudo ha-de ser vosso. Debuxae o que vos aprouver, sem que vos eu acobarde taxando preço; traçae o que quizerdes, e ¡mãos á obra, mestre! Tenho pressa. Dentro n'um mez tudo ha-de estar a postos. ¿Què?

—As mãos vos quizera eu beijar, senhor, pela honra que me assim fazeis...

—Sim, quero poder vincular em morgado um producto do vosso cinzel. Marquei prazo; ¿não é assim? ¿quê? Trabalhae, e apparecei; de contado recebereis o que marcardes.

—Senhor meu...

D. Martinho despediu-o com o gesto, mas para logo o tornou a chamar, como se lhe houvesse esquecido que dizer.

— Olhae lá, mestre; sois de Guimarães; ¿ engano-me ?

— Não se engana Vossa Mercê, senhor; de Guimarães sou. Lá fui aprendiz de meu pae, que Deus tem; trabalhei no Porto, e em Lisboa me aperfeiçoei vendo cinzeladuras de altos mestres de fóra.

— Sei; o senhor Duque é muito vosso affeiçoado, e fallou-me de vós ainda hontem, nos seus paços de-a-par-dos-Martyres.

— Senhor, sim, o Duque meu senhor honra-me com o seu gazalhado, como já o fizera meu senhor o Duque D. Fernando que está em gloria.

— E eu que o sei — atalhava D. Martinho com os seus graciosos *ss* um pouco velados, e o seu *r* um tanto arrastado. — ¡ Que lindos gomis ! ¡ que bestiães tão perfeitos lá vi ! ¿ quê ? ¡ Grande engenho é o vosso ! Ora bem; andar, e até outra vez. Quero ver-vos, ¿ ouvistes ? — concluia o generoso e enthusiastico homem, encantado do ar nobre do mechanico, e do seu olhar firme e intelligente. E despediu-o.

Dentro em dois minutos sahia no seu ginete, precedido dos andarilhos, e seguido dos dois outros cavalleiros.

Recolhido a casa, e tendo desabafado com sua santa e querida mulher a alegria que lhe arraiava a alma, sentou-se Gil á meza do trabalho, e entrou logo a delinear, cheio de estro e vibrante de inspiração, a luzentissima baixella.

¡ Oh ! ¡ arte !...

CAPITULO XIII

TOMA D. MARTINHO POSSE DA BAIXELLA QUE LHE FABRICOU O GRANDE OURIVES GIL VICENTE. — CASA UMA FILHA DO MESMO SENHOR DE VILLA-NOVA

No dia seguinte, e nos seguintes, ia estranho alvoroço na casa do eminente cinzelador. ¡Tanto é verdade que basta um olhar de Mecenas para alimentar as artes!

Por traz da casa espalmava-se um quintal, ou terreiro, onde o Ourives instaurára as suas officinas n'um telheiro vasto em que tinha tudo: o forno, o cadinho, a fundição, a gravura.

Vinte operarios, á voz d'elle, como um pequenino exercito bem disciplinado, engenhavam as maravilhas que o leitor sabe, e transformavam em salvas, em cofres, em thuribulos, em copos de punhaes e adagas, a prata e o oiro bruto, com que os feitores da Casa da Guiné e da Mina apercebiam o Mestre. Elle, a alma de todo aquelle *pandemonium,*

elle, a faúlha intellectual de toda aquella materia, elle, o estro d'aquellas mãos, elle, pairando n'uma região muito alta, como *artista* que era d'aquelles *artifices,* delineava, presidia, incutia o seu querer, presente a tudo, sem descanço, muita vez noites inteiras sem dormir.

Era bello contemplar o Benvenuto Cellini portuguez, quando, com o seu longo avental de anta, e o seu ar preoccupado, braços arregaçados, olhos absortos, lavrava a cinzel ou a buril, no silencio da sua officina, umas figuras sacras em volta de um porta-paz, e obrigava Archanjos e Cherubins a ajoelhar, na postura mais devota, de roda do arosinho leve e aniellado, em que algum dia havia de descansar o PÃO EUCHARISTICO:

Sem o suspeitar sequer, estava-se já ensaiando para a sua obra magistral, a Custodia dos Jeronymos.

Costumava Lourenço Esteves Bezerro apparecer ás vezes, de passeio, pela tarde, na officina do Mestre. Uma vez entrou, e vendo-o desusadamente atarefado, rompeu n'esta exclamação:

—¡Que vejo, Mestre! ¡ha faina grande! ¿E' para el-Rei de França, ou para o Califa de Granada?

— Entrai, Lourenço Esteves, entrai — volvia Gil; — vinde ver como me desempenho de uma tarefa de costa arriba; ordenou-a o Senhor de Villa-Nova.

— ¡Formosas peças na verdade! — dizia o outro examinando attento. — ¡Como tudo isto vai sahindo! grande gloria é para vós tamanha nomeada como essa que assim grangeais cada dia.

— ¡Oh! e nunca estou contente.

— Incontentaveis são os artistas, Mestre. Vai n'elles um fervedoiro, que lhes é a vida, e o supplicio tambem.

— ¡E que supplicio! — dizia o Mestre. — ¡O que

nós padecemos! Sempre quedâmos áquem do que se nos afigura na mente. E' uma lucta de todas as horas.

E cahia sentado n'um escabello, cinzel em punho, encarando os admiraveis lavores de um bandejão de prata relevado de figuras enlaçadas com festões de folhagens, fructos, e flores.

— Lucta, sim; — atalhou o Quartanario; — mas victoria para vós.

Gil Vicente, alheio e desanimado, não respondia. Quiz Lourenço dar volta á conversação, e perguntou depois de instantes:

¿ E como vai vosso sobrinho? ¿ sabeis? morro por elle; hemos mistér encaminhal-o. Ou muito me engano, ou está ali engenho de alta esphera.

— Assim o creio; mas pesa-me que não lhe agrade a minha arte.

— Deixai-o, amigo; deixai-o seguir o seu pendor. Não insculpirá bestiães, nem rendilhará custodias; mas insculpirá versos, e rendilhará por ventura poesia da melhor. O oiro é o mesmo. Não sei o que me segreda o coração; mas vejo ali um sujeito de fama.

O Ourives escutava-o, e, sem atinar ao certo com o que era um grande poeta, aprazia-se em devanear para o afilhado um porvir de gloria.

E entretanto, a obra continuava.

Ao mando do nobre D. Martinho, todas as outras encommendas de mosteiros e capellas ficaram esperando, e a baixella sumptuosa, verdadeiramente Real, foi a pouco e pouco apparecendo, torcendo-se no collo dos pichéis para o vinho espumante das herdades do Porto, achanando-se em bandejões para as fructas perfumadas dos pomares de Abrantes, ou enleando-se em grinaldas no bojo de jarras elegantissimas para as boninas dos jardins da Povoa.

Pouco mais de cinco semanas andadas, alinhavam-se n'uma credencia grande todos aquelles primorosos artefactos nacionaes, e o nome primacial de Gil Vicente conquistára mais um florão.

E certa manhan, entravam uns poucos de caixotões a pau e corda em casa do Senhor de Villa-Nova, acompanhados do eminente auctor, a quem o dono d'isso tudo, deslumbrado e alegre, abraçava, e dizia no seu tom senhorilmente fanfarrão:

—Gil, meu Gil, ¡sois um grande mestre! Nada vos digo, senão isto: não tem el-Rei, mais que faça, nos seus garridos paços do Castello, obra mais fina nem mais para vêr. Pedi quanto quizerdes, e o que tenho é tudo vosso.

Satisfez bizarramente aquelle rasgado homem os seus compromissos; e Gil Vicente, que não cabia em si, viu as suas arcas atulhadas de oiro pelo védor.

Agora perguntam-me certamente os meus leitores, onde ia assim tão açodado o generoso D. Martinho no dia da encommenda, no dia em que o vimos encavalgar e sahir em trajo de gala. Eu lh'o digo, que vale a pena.

Era João Rodrigues de Sá e Meneses, Alcaide mór do Porto, um dos nobres mais nobres, um dos senhores mais senhorís da Côrte velha. Cumulado de honras, antigo guerreiro de Tanger e Arzilla, latinista, poeta erudito, neto do insigne João Rodrigues de Sá companheiro dedicado do Mestre de Aviz, vivia na sua propriedade de Cima-de-Villa, no Porto, e só rarissimas vezes dava entrada em Lisboa. Lembrára-se de casar, e aos vinte e nove de edade escolhêra mulher digna d'elle no lar illustre dos Castellos-Brancos.

Do nosso D. Martinho e de sua mulher D. Mecia de Noronha (filha de João Gonçalves Zarco da Camara, segundo capitão do Funchal, e de D. Maria de Noronha) era filha, entre outras, a genti-

lissima D. Camilla de Noronha. Foi esta a preferida. Sem a conhecer pessoalmente, pediu-a por carta, foi acceito, e veio do Porto á Capital. Annunciada a sua chegada, quiz logo o futuro sogro visital-o, e apressou-se em ir apresentar-lhe as suas homenagens.

E' preciso notar que, por sua avó D. Aldonça de Meneses, herdára João Rodrigues um morgado, a que pertenciam umas nobres casas em Lisboa, ali mesmo a S. Martinho. Partiam com a Relação, do lado do Poente; de cima, com chão da Ordem de Christo; entestavam do Norte na rua Direita que subia para S. Braz, e da banda opposta davam no lanço do muro velho, que seguia pela Adiça a baixo ([1]). Mas, como ao tempo se acharia arrendado o predio, determinou o seu proprietario albergar-se n'outra parte.

Poisára pois n'uma casa tomada de aluguer, no vistoso e alegre Rocio, a par do mosteiro de S. Domingos, quasi sobre a Corredoira. Tinha sido aderessada dias antes pelos seus creados, mandados de proposito, com os melhores razes e panos de seda da sua magnifica recamara. N'uma terra em que não havia estalagens commodas, usavam os grandes senhores luxos d'estes. Para o Rocio se dirigiu D. Martinho de Castello-Branco.

Quando vieram dizer a toda a pressa a João Rodrigues de Sá, que vinha a desembocar da Betesga a cavalgada, desceu elle á vasta logea do portão da rua; e quando D. Martinho, entre alas de escudeiros, descavalgava do ginete, cahiram ambos os fidalgos nos braços um do outro, com a effusão da verdadeira alegria.

—Martinho, ¡optimas venturas me entram hoje

([1]) Torre do Tombo—Livro 5.º de *Misticos,* fl. 223 v.

em casa com a tua visita!—bradava o Sá tremulo de commoção.

—A alegria é antes toda minha, meu João—tornava o outro.—O ter por genro um homem como tu, enche todos os meus desejos de bom fidalgo e de bom pae. Abraça-me outra vez.

Na passagem pelas portas faziam sempre demorados cumprimentos, desistindo cada um da precedencia, com os mil encarecimentos obsequiosos, mas pesados, da antiga polidez. Vencia sempre João Rodrigues.

Subiram, e na sala de recepção praticaram algum tempo, cordeaes mas um tanto solemnes, e libaram com Porto velho á ventura das duas Casas.

Paga no mesmo dia esta visita official, foi o noivo apresentado a D. Camilla de Noronha; todo curvo e sempre garboso, beijava-lhe a mão, que ella, com os seus ares de Rainha, e toda córada de pudor, não soube recusar-lhe.

Era uma galante moça; alta, tez morena pallida, cabellos negros abundantes prezos n'uma coifa de oiro com perolas, olhos garços de uma meiguice e intelligencia extraordinarias, e comtudo um certo ar frio e altivo; creada com todos os resguardos e todas as prendas da sua classe, mas sempre accessivel a pobres e desvalidos. A mãe, as irmans, graves e dignas, assistiam commovidas a esta scena de familia; e a vivenda dos Senhores de Villa-Nova viu-se em festa por alguns dias.

Fixaram-se para d'ahi a cerca de um mez as bodas do fidalgo portuense; e foi justamente para ellas, que, segundo se vê, encommendára a sua baixella riquissima o pae, radiante de praser.

Na vespera do dia aprazado, quiz D. Martinho dar a sua filha, que era desde pequenina muito valída, uma especie de despedida da mocidade; e, infringindo algum tanto os usos e costumes elegantes

do tempo, convidou em nome d'ella, para um banquete em sua casa, as principaes meninas da Côrte. Digo que houve infracção aos usos, porque as meninas solteiras ainda não iam cá a festins. Mais: os banquetes no Paço, eram, conforme a consuetudinaria pragmatica da sociedade alta, exclusivamente, masculinos. As *damas* jantavam, nas solemnidades, com a Rainha a sós na camara de Sua Alteza.

Sem querer irrogar censuras injuriosas a nossos avós, e sem querer duvidar, um instante sequer, de que tivesse havido sempre Portuguezes polidissimos, atrevo-me a suspeitar que as maiorias não primariam no resguardo de lingua, e que os Reis e Principes, affeitos a lidar intimamente com os homens do seu serviço, muitos d'elles mancebos desenvoltos, pelejadores, viajantes, com pouco commedimento, se habituassem a ouvir e saborear umas historias livres, uma loquella mal enfreada, que a presença de senhoras obrigaria a modificar e supprimir.

Entre as prendas que Fernão da Silveira aconselha a seu sobrinho como proprias para quem quer medrar no Paço, figuram estas pungentes ironias:

E' mui bom ser alterado,
e ser gran despresador ;
e é bom ser rifador, [1]
mas melhor ser desbocado.

Essa separação dos sexos, que tanto desdiz dos nossos costumes, hoje, que a doce companhia feminina é o melhor adorno de um banquete, e a promiscuidade não diminue o respeito que todos devemos ás senhoras, observava-se no antigo Portugal por via de regra; e uma vez, ou outra, em que houve quebra de tal costumagem exclusivista, foi notada (creio que como progresso). Recordo-me de um festim dado em Paris pelo Senhor de Gaucour, Logar-tenente d'el-Rei Luiz XI, a el-Rei D. Affonso V, em que se celebrou muito a novidade de appa-

---

(1) Brigão.

recerem as damas francezas misturadas com os cavalleiros.

Fosse como fosse, D. Martinho de Castello-Branco, que tinha viajado, que era homem de bom gosto, que se achara de certo no referido banquete de Paris, e que tributava ao elemento feminino a respeitosa devoção de um paladim, não entendeu que no seu lar fosse mal cabida a reunião das damas do Paço, todas provavelmente amigas de suas filhas, e muitas parentas suas. Com as liberdades que lhe dava a sua alta posição aristocratica, foi em pessoa pedil-as todas aos paes e mães para a festa antenupcial que projectava. Viu-se acolhido, e o *sim* foi geral.

O curioso é que essa festa, que amotinou de certo o *high-life* do tempo, e poz n'um reboliço as modistas mais conhecidas, no preparo dos aderessos e trajos das convidadas, deixou rasto no noticiario truncado e baralhado, mas ainda tão interessante (não como poesia, mas como historia) chamado o *Cancioneiro* de Resende. Por elle sabemos, de uma carta do proprio Garcia a um Manuel de Goyos, que, marcado o dia do casamento,

> convidou as damas todas,
> uma dia antes das bodas,
> Dom Martinho a jentar.

Que estivessem homens, é para mim mais que provavel. Algumas das senhoras constam.

Ali se viu D. Margarida de Mendoça, já tambem noiva de um privado no Paço; duas filhas do Conde Prior do Crato, falladas pela sua gentileza; D. Maria Henriques; D. Joanna de Mendoça; D. Joanna Manuel; D. Mecia da Silveira; D. Maria de Meneses; D. Mecia de Tavora; D. Brites Pereira; D. Francisca de Sousa; a elegante D. Isabel Cardosa; e outras.

Na sala do banquete, forrada de panos de armar com figuras mythologicas, levantavam-se tres mezas, separadas, formando entre si dois angulos rectos. Sentavam-se os convidados com as costas para as paredes, sendo o serviço feito pelo lado de fóra. A illuminação eram brandões de cera amarella, em lustres de madeira doirada, cada um em feitio de cruz horizontal: quatro brandões a cada lustre. A' primeira meza presidiu D. Camilla; ahi se sentou sua mãe, seu pae, e, além das outras pessoas, as filhas da casa D. Francisca e D. Maria. A's outras duas mezas presidiram D. Leonor e D. Guiomar, D. Joanna e D. Helena.

(Como o leitor vê, compunha-se, além de varios filhos, de sete meninas esta ninhada de Castellos-Brancos; o que não passou despercebido ao anonymo autor dos celebres *Porquês* de Setubal, quando perguntava sorrindo:

> Porque tantas filhas nascem
> á mulher de D. Martinho?) [1]

Os moços das viandas, os escanções, os pagens, deslizaram na melhor ordem, começando o repasto pela agua-ás-mãos em magnifica bacia de prata levada por um escudeiro acompanhado do servidor da toalha. Como no Paço. Seguiu-se a oração, e depois passou-se aos varios manjares, saborosos e fumantes, concluindo-se por fructas naturaes e confeitadas, e vinhos preciosos.

No dia seguinte, resplandecia de flores, sedas, luzes, a Parochial de S. Martinho; e uma fila interminavel de convidados acompanhou os nubentes

---

[1] A redacção não é bem assim, mas prefiro dar essa variante.

desde o palacio até ao altar, e do altar ao palacio, coroando-se d'este modo os votos do bom Senhor de Villa-Nova e do illustre João Rodrigues de Sá.

Ali foram vistos: o Conde de Tarouca Prior do Crato, D. João de Meneses, Mordomo-mór; Gil de Crasto, poeta agradavel, que deixou rasto no *Cancioneiro;* o amavel Diogo Brandão, de quem dizia um poetrasto lisongeiro:

> Sem vossa galantaria
> esta Côrte estava só,
> que era pera haverem dó
> de tanta semsaboria.

Viu-se mais Garcia de Resende, muito novo, e sempre tão risonho, que certa senhora o notava por isso; João de Saldanha, porteiro das damas, e de quem veiu Gil Vicente a escrever no seu *Auto das Fadas:*

> .... Juan de Saldaña,
> que tiene las llaves de vuestro paraiso.

Viu-se mais Christovão Freire, que amava uma D. Genebra não sei de quê; D. Luiz de Meneses, servidor de D. Leonor de Castro; Gonçalo da Silva, namorado de D. Francisca da Guerra: o obeso Gil Vaz da Cunha, de quem o nosso poeta escreveu depois, nas *Côrtes de Jupiter:*

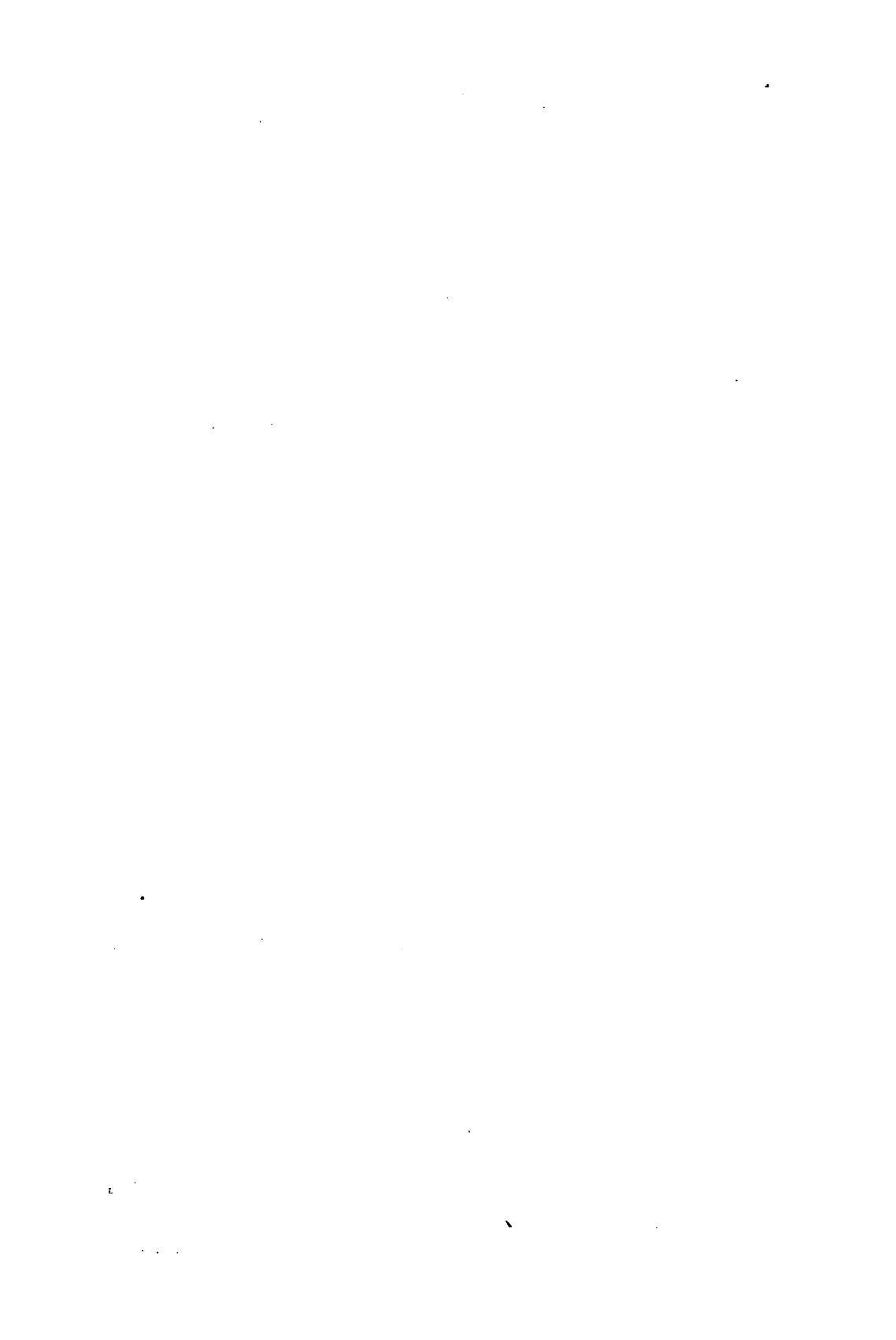
> Sabeis vós quem ia bem
> em figura de baleia?
> Gil Vaz da Cunha...;

e em summa, não falando em muita outra gente, o jovial João Vaz, que só por si enchia uma sala com a algazarra que fazia, a ponto que um escriptor coevo, descrevendo um festim de numerosos commensaes, disse: «e toda a outra gente a feixes e mólhos, «como em boda; e o arruido da gente desbaratava «o de João Vaz».

Tudo alegre, mas cortez; quero crel-o; tudo

expansivo, mas palaciano; a gentileza das damas corria parelhas com a graça dos seus arrojados.

No banquete nupcial (¡oh! ¡gloria!) rutilou pela primeira vez a baixella primorosa de Gil Vicente, Ourives. Ahi cresceu a fama de Gil Vicente; e o nome de Gil Vicente, ausente da festa pela mesquinhez da sua posição social, mas presente a ella pelo condão do seu talento, andou de bocca em bocca, entre os encarecimentos affectuosos, que são apanagio das boas almas portuguezas.

D. Martinho foi ali um *vulgarisador*.

CAPITULO XIV

NOITE DE S. JOÃO EM LISBOA. — FOLIAS NA RIBEIRA.

Passadas as primeiras semanas de tunante em Lisboa, conhecedor de todos os recantos da Cidade velha, entrou o mancebo, por ordem expressa de seu tio, como escolar nas Escolas geraes.

Ahi difficilmente o acompanhâmos. Não ha vestigio da sua frequencia. O provavel é que tivesse cursado com aproveitamento as disciplinas. A' voz dos seus professores, foi accrescentando o seu saber já adquirido em Guimarães, e adivinhando tudo com a sua intuição, maneira principal como os genios da tempera d'elle se fazem, se desenvolvem, se completam.

A' casa da Adiça não tornára, senão uma vez ou outra, e sem passar do quarto de Lourenço Esteves, com quem ia tirar alguma duvida. Branca, nunca

mais a viu senão de fugida, uma tarde, entre as sombras do pomar; mas não lhe fallou.

Chegou a vespera de S. João do anno de 1498; e em todo o dédalo do Bairro dos Escolares, e por todos os quintaes dos mesteiraes da vetusta Alfama, reinava sobre a tarde a usual animação d'aquella noite.

Ranchos alegres corriam para este ou aquelle terreiro, onde visinhos e amigos se propunham celebrar a maior e mais festiva noite do calendario lisboeta.

Ouviam-se os sinos de mosteiros e freguezias tangendo a vesperas; e por sobre todo aquelle agglomerado de casas, que formavam a parte primitiva de Lisboa, pairava um sopro festival, que era uma delicia.

Os nossos conhecidos mancebos de casa do Ourives, foliões como a sua edade exigia que fossem, giraram, aqui, além, na rua Nova, onde os ricos mercadores tinham fogueiras de muitas barricas de alcatrão; em Valverde, onde os hortelões queimavam acervos de palhiço; e na Ribeira, onde as regateiras e regatões desbancavam tudo mais. Como encontraram ahi gente conhecida, ahi se deixaram ficar por fim.

Lisboa, vista dos altos, offerecia um singular e encantador aspecto, que desdizia da sua monotonia habitual. Além dos nichos e azulejos allumiados, que eram (bem lançadas as contas) a illuminação municipal mantida pelas devoções plebêas, brilhavam as frontarias de muitos predios, que aliás ficariam na sombra, com o clarão avermelhado das fogueiras e dos fogos-do-ar. Apresentava desusada e encantadora feição, toda sua, esta povoação immensa, alastrada como lençol sobre as suas collinas historicas. Depois, ¡dizia tão bem o badalar dos si-

nos religiosos entre as descuidosas alegrias de tanta gente feliz!

O Santo, popular por excellencia, presidia em toda a parte, com um sorriso de travessura celeste, ás homenagens dos seus devotos; e o mesmo anhelo, meio mystico meio profano, reunia com um laço invisivel milhares de Portuguezes.

Na margem extensissima do Tejo, desde Enxobregas até Rastello, nenhum sitio brilhava no escuro da noite com tanta physionomia e tanto enthusiasmo, como a Ribeira, desde a Torre da Polvora até ás portas do Mar, aos pés da muralha moirisca, ainda então livre das edificações que a occultaram. Eram sem conto os fogareos. De muito longe, da Banda d'Além, aquella renque luminosa devia parecer um congresso de pyrilampos.

A nós outros, que ainda no capitulo antecedente sahimos da reunião essencialmente aristocratica do paço de D. Martinho, faz-nos uma sensação singular esta reunião essencialmente burgueza e plebêa, que ahi rodopía, vozeia a plenos pulmões, canta, bebe, ri ás gargalhadas estrondosas, e do sussurro geral faz destacar ás vezes os dichotes salgados e descompostos de seu uso.

Quem se misturasse entre os grupos, toparia mechanicos da beira-Tejo, dos que lidam na faina de correger caravellas ou fabrical-as, desde a praia da Galé até S. Paulo; aljubeteiros de S. Pedro; adiceiros de Castello-Picão; moças de vida alegre; estudantes e tunantes bravos de Marco-Salgado e do Salvador; pescadores de Santo Esp'rito; escudeirotes mal avindos com os cobres; frequentadores de todas as romarias: um cahos pittoresco e picaresco de atroar os ouvidos e desnortear a alma.

A esta especie de baile sem convite concorreu gente de toda a casta. Os fogareos e foguetes eram

chamariz a foliões; em duas palavras: a Ribeira de Lisboa era ancha e aberta; dizia: *¡Entrae!* e não perguntava: *¿D'onde vindes?*

Ali se viu (porque apparecia onde quer que houvesse folgança) o magrizel de Ayres Rosado, escudeiro pernilongo, muito farfante mas muito capa-em-collo, a quem o troveiro das *Farças* veiu a immortalisar no auto *Quem tem farelos.* Era um rapaz moço, com pequena renda algures no Alemtejo, com presumpções infundadissimas de prosapia e riqueza, fallador por sete, e cortejador de todas as mulheres que via. Pavoneava-se ás tardes no Rocio, bifurcado n'uma egua ruça muito magra, que era todo o seu estado, ou levando á trela dois pobres podengos, tão pellados como a egua e como elle proprio; á egua chamava «o seu ginete»; aos podengos «a sua matilha», e caçava com elles ás vezes nos oiteiros da Paian, ou nos juncaes do Reguengo de Algés.

Viu-se um Ruy Chapuz, que o meu leitor já encontrou na rua Nova, velho e valente mestre das galés da carreira do Algarve e d'Africa, sujeito jovial e fallador, e que, apesar dos seus annos, que já lhe avergavam as omoplatas, tinha mais labia e mais historias para entreter uma roda de mancebos, do que a maioria dos moços da sua egualha.

Tinha Ruy uma filha (dil-o-hei desde já, posto que logo nos encontraremos com ella) uma filha que era um encanto. Levava as lampas a todas as moças do bairro, desde S. Pedro de Alfama até ás portas da Cruz, pelo seu porte, pela sua sizudez, e pela sua formosura, realce muito agradavel dos seus dotes moraes. Logo, como disse, a veremos; por ora não saiâmos da Ribeira.

Viu-se mais um moço pastor dos rebanhos da Mitra, conhecido pela alcunha do «Barba triste», peritissimo tangedor de viola nas tavolagens das portas-do-Mar-a-S. João; Braz Carrasco, escudeiro da Casa de Villa-Nova, bebedor façanhudo e brigão temido; e muitos, muitissimos outros, mais ou menos conhecidos da companhia do sitio, e mais ou menos avidos de brincar e divertir-se.

E viu-se tambem (nem podia faltar como vigia dos seus rapazes) o nosso Gil Vicente, Ourives, todo farfante e prasenteiro, dizendo coisas agradaveis ás cachopas, e animando os grupos dos dançarinos. E' que este homem era um dos taes, que sabem ser plebeus com os plebeus, serios com os serios, desenvoltos com os desenvoltos, nobres com os nobres.

A um extremo do terreiro, n'um thronosinho forrado de damasco velho, sorria, entre luzes e flores, o glorioso Precúrsor, heroe da noite, com o seu rosto de menino pasmado, e o seu saial de pelles de cordeiro. Em frente bailava-se a *chacota*. Note-se que não era a *moirisca,* da qual dizia o Coudel-mór no *Cancioneiro:*

> doce bailo da moirisca
> mil sentidos faz perder,

a *moirisca* dançada certamente no serão do nobre paço de D. Martinho; era a *chacota,* a boa e desbregada *chacota,* com os seus gesticulados sem compostura, e as suas rodas e evoluções sensuaes

e atrevidas. Dirigiu-a varias vezes um dos presentes,

> .... o Moreno,
> que sabe os bailos da Beira,

como affirma Gil no seu *Auto pastoril portuguez*, e o guapo hortelão Fernandiannes, que tambem nos apparece no auto *O velho da horta*.

Na confusão d'aquella galeria de figuras, destacava seu tanto o moçoilo filho do Ourives, e, mais que todos, o esbelto Gil Vicente, desempenado como o tio, e quasi distincto, com o seu pellote de pano preto tosado, e gibão de setim preto.

Houve, além dos grupos que bailavam, outros que bebiam junto ao parapeito do caes; e ressoavam n'aquella promiscuidade rumorosa os tamborís, as gaitas, quem sabe se os nossos engraçados *rouxinoes* de barro,

> e outros folgares mil,
> que nas feiras soem de estar,

como diz Martha no *Auto da feira*.

Outros houve, finalmente, que junto ao vistoso throno do Santo botavam lôas mais ou menos semsabores, mal metrificadas e mal rimadas, em que se louvava o Senhor S. João *da barba doirada*, e se dedicavam a Deus e aos seus Santos conceitos ingenuos, que subiam ao ceo como incenso grosseiro ali queimado pela mão inexperta da poesia popular.

Voz

> Mei San João pequenino
> eis-me acá.

Côro

> Ufá! ufá!

Voz

Balho sosinho em terreiro
per mei mal!

Côro

Ufá! ufá!

Voz

Per mei mal, pastora minha
non n-a enxergo!

Côro

Ufá! ufá!

Voz

San João da barba doirada
põe-lhe medo.

Côro

Ufá! ufá!

E outras taes semsaborias sem tom nem som.

Como constasse que Gil poetava, e armava elle proprio as melodias dos seus villancetes, foi muito instado para cantar. Tinha-se-lhe formado em volta um pequenino grupo de donzellas. Então o moço, sobraçando uma viola, preludiou um acompanhamento muito sentido, e cantou, em postura modesta de inspirado, umas trovas deliciosas de singeleza. Parecia um trovador medievo dedilhando perante um grupo de castellans um *sirvente* provençal.

E os versos diziam assim, cantados lentamente n'uma melopêa longa e gemebunda:

¡Adorae, montanhas,
o Deus das alturas!
¡Tambem as verduras!

¡Adorae, desertos,
e serras floridas,
o Deus dos secretos,
o Senhor das vidas!

¡Ribeiras crescidas,
louvae nas alturas
Deus das creaturas!

¡Louvae, arvoredos
de fructo presado!
¡Digam os penedos:
«Deus seja louvado!»

¡E louve meu gado
em n'estas verduras
o Deus das alturas!

—¡Valha-te Deus, meu rapaz!—exclamava com os seus bons enthusiasmos o tio Ourives.—¿Quem te ensinou esse don de trovar, que assim desbanca os menestreis que tenho ouvido n'essas romarias da Beira e do Minho!? ¿Onde irá isto parar? ¡Que grande cabeça me sahiste! ¡Bofé, que até me fazes arripios!

Foi de todos applaudido o rapazote, e das moças muito festejado. Intelligencias boçaes, adivinhavam por instincto n'aquelles harpejos o que quer que fosse superior á maioria das trovas insulsas que se tinham affeito a ouvir; e mais de uma rapariga, absorta perante a manifestação do talento do pallido troveiro imberbe, ficou repetindo baixinho as ultimas phrases do villancete:

¡E louve meu gado
em n'estas verduras
o Deus das alturas!...

....

—Ora muito bem, mas são horas—dizia para o filho e para o sobrinho o insigne Ourives.—Vamos, que nos aguardam a S. Braz. Já a ceia fumega, que o sei eu.

— E já o apetite escalda — responderam os mancebos.

— ¡ Hou lá, Ruy ! — bradou o artista, depois de procurar entre os grupos dispersos o robusto Ruy Chapuz, que, com a sua cara tisnada, e as suas salgadas historietas de Moiras berbéres que elle por lá conhecêra, entretinha junto á fogueira um rancho de petintaes de Alfama. — Hou lá, tu, amigo, vem, que são horas de ir esvaziar um pichel de vinho de Matacães na ceia de nossa comadre Guiomar Bezerra.

— ¿ Um pichel, mano ?! ¡ que commedido me sahiste ! Dize *um tonel*.

E o velho maritimo fazia estrallar a lingua no ceo da boca, e piscava o olho aos circumstantes proximos.

— Pois seja um tonel, e vamo-nos.

Davam 11 horas no campanario de Santo Estevam, quando o rancho abalou.

Lá se foram ao chafariz dos Cavallos de Alfama, por Santo Esp'rito, Rigueira arriba, direitos á casa que já conhecemos á espalda do templosinho de S. Braz.

CAPITULO XV

EM QUE SE DESCREVE O COMO CORREU ESTA NOITE DE S. JOÃO NA SOCEGADA CASA DE GUIOMAR. — LUAR NO JARDIM. — TROVAS Á LUA.

N'esta noite de festa, ¿que fez Guiomar Bezerra? ¿como celebrou a aproximação do grande dia aquella casa honesta e séria do alto da Adiça? Eu conto.

Foi a boa dona ás Vesperas em S. João-da-praça-dos-canos, levando comsigo, em lenta e commedida procissão de embiocadas, e a passo miudinho, a sua adorada filha a doce Branca, e mais uma moça muito discreta e virtuosa, a quem ainda agora alludi de passagem, a gentilissima Beatriz (ou antes *Breitiz*). Era amiga intima de Branca, mais velha do que ella cinco annos, e filha de um maritimo, antigo amigo de Martim de Crasto, o expansivo e leal

Ruy Chapuz, com quem acabâmos de encontrar-nos nas folias da Ribeira, seguidas todas tres das duas escravas negras.

Resados uns poucos de mysterios nos altares mais de suas devoções, voltavam para casa, quando se cruzou com ellas, ao Arco de S. Pedro, o velhaco mercador da rua Nova, que queria saber de tudo e de todos, o amigo Bastião Gonçalves.

—¡Salve-nos Deus, boa dona!—disse o mercador reconhecendo Guiomar, e quitando levemente o sombreiro.—¡Oh! ¡cachopinha!

—¿Ai é Bastião? Pois compadre, verdade é, fomos a Vesperas, que, bem sabeis a Egreja não gasta tempo, e hoje é vespera de dia grande. ¿E como vos passa?

—¿Ora como hei-de eu passar? sempre achacado; ¡tenho uns amargores de bocca ao erguer, e uns arripios ao deitar!... ¿nunca vos aconteceu, comadre, ver assim no ar umas coisas?... pois tal ando eu; mas antes assim, que peor. ¿Estava muito povo em S. João? ¿Quem era uma dona assim alta, de biôco, magra, que vos cortejou? ¿Ides para casa? ¿Não quereis dar umas voltas até ao Chafariz-de-dentro, a ver se bispais as fogueiras?

E não acabava. Respondida (ou não respondida) uma pergunta, engatilhava logo outra e outras, sem nexo com a primeira.

Aggregou-se ao grupo, e seguiu a caminho da Adiça, indo á ilharga de Guiomar, e as duas raparigas a diante.

—Com que, sabeis, comadre Guiomar,—dizia elle amainando a voz, e só quando se achou a sufficiente distancia de Branca e Breitiz—¿sabeis que já se rosna de vir muito a vossa casa o sobrinho do ourives Gil Vicente?

—¿Que já se rosna? ¡e esta?! mal o vi uma vez ou duas.

—Só vos digo: ¡cuidado com o gavião! Tambem já o eu vi, e não me agradou.

—¿Porquê, compadre?

—Comadre, vós bem sabeis que estes Vicentes presumem muito de si; ¡tento comvosco! dai-lhe de mão; ponde cobro nas visitas se elle vos lá apparecer...

—Porém...

—E' isto que vos digo. Gil Vicente, o ourives, toma uns ademanes de senhor, que a mim me desatam em riso. Já quer remontar a alturas. ¿Quem vos diz, comadre, que o moçoilo não veiu com o fito em casar com Branca?

—Ora, compadre, ¡ ahi me tornais vós com a mesma lôa do costume! ¡todos que vão á Adiça vos assombram!! ¡é forte coisa!... !em todos os homens temeis noivos para minha filha!... ¡ «os dedos vos parecem hospedes!» Mas... (aqui á puridade): ¿que tendes vós com isso? ¿não estou eu cá? ¿não está seu tio Lourenço, que tanto lhe quer? ¿Sereis vós cioso? ¿querereis vós levar-me para vossa mulher a minha filha?

—Tate, comadre; lembrae-vos de que meu amigo Martim, que Deus tenha, me encommendou a filha. E quanto a leval-a por mulher... é bem de crer que isso fosse ventura de todos nós.

—¿O que? ¿que dizeis? ¡casardes vós com Branca!! ¿estareis demente?

—¿Casar, e porque não? ¿Sou eu agora tão velho, que não esteja ainda mui bem posto?

—Compadre, isso só de motejo. Adeus, adeus...

—Comadre, e quanto ao sobrinho do Ourives, ¡tento! ¡tento¡ «Quem abrolhos semeia, espinhos colhe.»

E' clara a intenção do onzeneiro. Como intrigante e avaro, farejava que algum dia poderia Branca vir a herdar o tio Quartanario, o qual se affirmava ter bom peculio escondido; e além de tudo, namorava-o, attrahia-o, aquelle viço da donzellinha, fallada já pela sua formosura, e cuja seriedade e recolhimento elle conhecia bem. A esses

projectos, que em silencio alimentava na alma, vinha (julgava elle) oppôr-se o gentil estudante de Guimarães, conhecidas, como eram, as relações entre as familias dos Vicentes e dos Bezerros.

No correr d'estes capitulos veremos como a sorte se comprouve em desfavorecer nas suas veleidades o astuto enredador da rua Nova.

Como disse, despedido o Bastião, volveram-se as tres a casa, segundo a pessoas tão serias bem cumpria, e só acompanharam de longe, com o pensamento e com o ouvido, no remanso do lar, a alegria estrepitosa que dominava a Cidade inteira.

Alli armaram, entre mesuras e orações novas, um Throno pequenino de S. João na camara de lavor. Depois sentaram-se na esteira, e fizeram serão conversando. Muita vez insistia Guiomar no rifão: «A mulher e a gallinha, com o sol recolhida;» e praticamente o confirmava.

Chegavam-lhes de longe o estampido das bombas, e o silvo estrallado dos foguetes; ellas, innocentes e retrahidas, conversavam a meia voz.

¡Que bom que é imaginar aquelle serão, tão concertado e tão puro, em meio da desbragada folia de todo um povo!

Aberta a porta para a varanda, protegida de uma simples alpendrada sobre columnellos, penetravam na camara, com as bafagens tepidas da noite, os effluvios do pomar, e o trilo dos grilos de verão. No Tejo batia em chapa uma esplendida lua cheia; e as costas vaporosas da Moita e do Barreiro brilhavam vagamente, indicadas apenas pelos pyrilampos das fogueiras de lá.

O quintal, ou pomar, communicava com a rua por uma galeria de arcadas á parte de dentro do muro publico. Parecia esta galeria o truncado lanço de um claustro pobre. O chão d'ella era ladrilhado, e os intercolumnios formados de alegrete, onde viçavam

muitos craveiros, jasmins, e roseiras, algumas das quaes se enlaçavam nos columnellos. O primeiro socalco do quintal era todo elle laranjeiras, por entre as quaes se avistava o Tejo, largo e deserto, até Alcochete. O segundo socalco era de horta.

Breitiz, genio expansivo como seu pae, mal se continha na boceta estreita em que a opprimiam os costumes dos seus; Branca, educada desde pequenina n'um horizonte de poucas braças, mal chegava a perceber que o mundo se extendesse muito para além de Santo Antonio da Sé ou de S. Gião.

Faziam contraste aquellas duas figuras femininas, ambas diversas, mas ambas ¡tão nossas! ¡tão portuguezas! ¡tão ideaes! Amicissimas uma da outra desde pequeninas, viam-se a miude; mas por dez vezes que Breitiz vinha com seu pai, ou sua mãi, velha e doentissima, á Adiça, ia Branca uma vez com a sua a Santo Esp'rito, onde morava Ruy Chapuz.

Como Breitiz levava dianteira na vida á sua companheirinha de merendas e serões, ensinava-a, protegia-a, aconselhava-a muita vez, com um ar maternal que era um encanto. E Branca attendia-a muito, queria-lhe muitissimo, e admirava-a como a um ente superior, porque Breitiz, educada em pequenina pelas Monjas do Salvador, onde tinha por famula uma tia, era umas mãos de prata em qualquer costura ou bordado em que se mettesse. Chamavam-lhe commummente no bairro «Breitiz, a linheira», para a distinguir de outras raparigas de egual nome proprio; não que ella fosse linheira de officio, mas porque o fôra sua mãi. Encarregava-se de bordar a branco enxovaes para noivas, e a matiz e oiro frontaes e paramentos, tão lindos, tão lindos, que ficavam sendo o enlevo de quem os via.

Por estas prendas, e pelo seu porte, alcançava Breitiz a maior acceitação onde quer que entrasse,

e mais que tudo em casa de Guiomar. Escolhia esta com muito má bocca as amigas da filha; mas a Breitiz, acolhia-a de todo o coração.

Se me perguntam agora que feito era de Lourenço Esteves, direi: a sua qualidade de Ecclesiastico já graduado não lhe permittia o ir foliar ás fogueiras. Foi, ao cahir da tarde, pacatamente, para casa de uns altos escolares theólogos, ali perto, á Alfurja, e passou com elles o serão, vendo um bello presepio illuminado, esculpido e pintado por elles. Nada mais discreto.

Sahiu da Alfurja seriam 11 horas.

—Não me agradou o tal sobrinho do Ourives—dizia Guiomar Bezerra depois de um curto silencio na conversação.—¿Como é a sua graça? Ó cadellão negro,—bradava ella para dentro a uma das escravas—vê se attentas na ceia.

—E' tambem Gil Vicente, como o tio—respondeu Branca.

—¿Tambem? pois oxalá o fade Deus para tão primo na sua arte, como lhe fadou o tio.

—Mãi, elle não vai para mechanico; lê nas Escolas-geraes.

—¿Nas Escolas-geraes? ¡Credo! ¡nome da benta Hora! ¿e para quê? «Abaixam-se as cadeiras, levantam-se as tripeças».

—Dizem (assim o affirma meu tio) que o tino d'elle é para muito, mãi; e querem-n'o lettrado, ou...

—¿Ou quê? semrasões. Ideias de hoje em dia. Cada qual na sua esteira, filha. Teu pai não foi mechanico, e nem o foi teu avô; por isso meu irmão seguiu estudos. ¡Mas elle! seu tio e seu avô

são ourivezes; seu pae, ourives; outro tio, curtidor...

—Não sei, mãi; sôa que traz desejos mais altos. Diz meu tio, que este moço engenha uma trova, como ainda se não viu em todo Portugal.

—Assim o diz meu pai—confirmou timidamente Breitiz.

—¿Uma trova?—perguntou Guiomar indignada. —¿E que vem a ser engenhar uma trova? está feliz. ¿Não ha mais que engenhar trovas? Ora deixai-me em santa paz; trovas á lua, e de pé-quebrado, que as façam os cortesãos nos saraus do Paço, se não teem mais que fazer. ¿Sabeis o que são esses *troveiros* todos? (e eu que ainda conheci alguns). São uns tunantes, que andam de porta em porta salameando por dois ceitís. (¡Ó negra, cerra essa porta, que vem fumo!) Lembro me de meu senhor Martim de Crasto, que Deus tem... (¿Ouviste, negra?) Muita vez lhe ouvi aqui ler, com amigos seus, ao serão, umas coplas do *Cancioneiro* velho d'el-Rei D. Diniz e do senhor Infante D. Pedro, que lh'as dava por treslado um Frade de S. Vicente de fora. Tonterias, olhos meus; tonterias. Mais vale cada qual resar o seu terço, e mais tres Ave-Marias a Nossa Senhora do Pilar, do que andar-se com taes tonterias. (¿Negra, não ouviste?)

—A mi, siôra, ubiu—disse de lá humildemente a preta.

—¿Ai tu ainda me respondes? ¿queres arrocho?

—No siôra, mia siôra; a mi nan pricisa árrocho, qui faze doer á pleta; a mi non fazêri máli. Já mi pôri o auga ó lumi.

—Pois sume-te.

—Assim será, tia Guiomar—objectou respeitosa a linheira Breitiz continuando a conversação; —muitas das taes trovas velhas não teem sabor; mas se vós soubesseis, que doce é escutar (a quem os saiba dizer) soláos e xácaras de Castella ensoados á viola! ¡historias que até fazem chorar, de cavalleiros muito honrados mortos na conquista da

Moirama, e de Infantas encantadas, muito lindas, que vinham lamentar os seus amores, á meia noite, como apparecidas, nos pomares dos seus paços roqueiros trebelhando com suas damas!...

A moça continuou baixinho fallando nos rimances que ouvira ler, em quanto a boa dona, a quem estes assumptos eram supinamente estranhos, e a quem estas noitadas não eram habituaes, adormecia, de vagarinho, encostada a uma arca antiga que lhe fazia de espaldar.

As duas raparigas, com um sorriso vago, mas nada desrespeitoso, olharam uma para a outra; e Breitiz, depois de um longo silencio, ergueu-se, sahindo para o varandim.

O luar arremedava dia. As sombras do pomar deixavam penetrar a custo uns claros sobre o chão; os grillos continuavam o seu cri-cri-cri monotono, que estava mesmo a dizer noite de Junho.

> ¡A tan alta va la luna,
> como el sol á medio dia!

canta um antigo romance anonymo do Cancioneiro castelhano.

Breitiz, encostada ao anteparo coberto de heras, deixou-se ir ás suas meditações, e olhava com olhos avidos, e por assim dizer impacientes, as fogueiras de Alcochete, a chapada luminosa do mar, e, aqui, além, cá ao perto, os clarões das fogueiras disseminadas pelo bairro dos Escolares.

A pouco espaço, não poude ter-se: as suas vinte viçosas primaveras adejavam em anhelos vagos para o infinito; sonhava, não sabia bem o quê; desejava, não sabia bem o quê. Assomou-se á porta, e vendo Guiomar afferrada no somno, disse baixinho:

—Branca, vem, vem vêr.

Branca levantou-se, e pé ante pé, foi complacentemente abeirar-se no terrado junto á sua amiga.

Enlaçadas uma á outra, ali, aquellas duas formosas Lisboetas, de generos tão diversos, davam um quadro a quem fosse pintor:

Breitiz, alta, de fórmas graciosas e cheias, morenita, cabellos negros, ar serio e soberano; Branca, franzina e loira, tímida, pequenina, com os cabellos cendrados modestamente puxados para cima, tranças cahidas, e um olhar perscrutador, de uma ignorancia adoravel.

Breitiz, tinha, a compensar-lhe o luminoso do sorriso, a sombra longa e triste do seu reflexivo olhar de Moira; Branca, ao sorrir-se, mostrava os dentinhos, e atravez dos olhos a alma toda.

Breitiz meditava antes de falar ou proceder; Branca, nas suas espontaneidades irreflectidas, attrahia muita vez as maternaes exprobrações de Breitiz.

Aquella era o sol; esta a alvorada.

Breitiz, com a mão descançada na fragil cintura de Branca, dizia a meia voz:

— ¡ Que linda está a noite! ¡ que alegrias!

— ¡ E como o mundo deve ser grande! — ponderava a outra, mirando as montanhas da Banda d'além.

— ¡ Se tu soubesses! — volvia Breitiz mostrando a sua superioridade. — E eu, que já fui n'um barquinho com meu pae uma tarde até Rastello, é que sei o que é o mundo.

— Sim, mas eu nada sei, que já não tenho pae.

— Quando casares irás com o escolhido da tua alma, e verás...

— Sim...

— E verás que o mundo não vai só até á Adiça e á Rigueira. Ha jardins e palacios por essa beira-mar, e lá á porta da Oira, que parecem os solares dos Cancioneiros ¡Pois o mar! o mar é muito grande, bem maior do que este que estás mirando. Por elle em fora se abalam os navegadores em busca das Africas, onde dizem que vão maravilhas de estarrecer. ¡Ai! ¡se eu fosse mancebo! ¡não ser eu aventureiro! ¡Que invejas tive ao nosso visinho Gil Eannes, o filho do Alfageme, quando, um anno haverá (em Maio, era por Maio), se partiu para Tanger na caravella *Garça!*

— ¡Breitiz! — murmurava Branca timidamente, apertando-lhe a mão, e olhando o Tejo.

— ¡E tenho inveja de meu pae, que vê tanta coisa nova! ¡tantas cidades de Moirama! Olha, ¿sabes? as Moiras diz que são muito lindas, mas andam com as caras tapadas.

— ¡Que exquisitice! ¿e para quê?

— Para maior recato. E os Moiros são muito cavalleiros e gentis-homens. E então na Hespanha, que ainda é mais longe, mais longe, me parece a mim, ¡que torneios que meu pae tem visto! tal qual como nos rimances.

— ¡Quem me dera ver! — suspirava Branca.

— E eu só conheço essas grandezas pelas xácaras. A minha ama velha, que me creou na nossa casa de Santo Esp'rito, e de quem sou tão amiga, sabe muitas xácaras ¡tão bonitas!...

— Dize agora alguma.

— ¿Eu? não sei. Ler sei muito pouco; meu pae trouxe para casa uma vez um cancioneiro, que lhe emprestou Frei Martinho, um Abbade de Alcobaça, supponho eu, e depois foi parar á mão do senhor Diogo de Mello. (1) ¡Que lindas trovas lá ouvi!

— Dize, dize... ¿sim?

---

(1) Por signal, vem este Cancioneiro citado no de Resende, ed. de Stutt. — III, 634.

Houve uma pausa.

— Pois sim; lembra-me esta:

> Na manhan de San João,
> quando já o sol raiava,
> grandes festas fazem Moiros
> lá nas veigas de Granada.
>
> Meneando os seus cavallos,
> vão, enristadas as lanças,
> com ricos pendões ao vento
> bordados por suas damas.
>
> Ricas marlotas trajando,
> de oiro e seda recamadas...
> E as damas todas miravam
> das altas torres da Alhambra...

Pausa.

— ¿ E depois?

— ¿ Depois? não me lembra mais; mas quando penso, vejo tudo aquillo. E' como na rua Nova, quando ha justas, e que vai el-Rei ver...

— ¡ Tão lindo! — repetia Branca: —

> ¡ E as damas miravam todas
> lá dos eirados da Alhambra!...

¡ E que pena que minha mãi não goste de trovas!

— Tem paciencia, filha. Ha de mudar. E se Gil Vicente é, como dizem, tão sabido em villancetes, ¡ que serões nós não passariamos ouvindo-o!

— Já pensei n'isso. Gostei do seu ar; não o dirias mechanico — observou Branca a medo. — Tenho-o visto de longe na Missa em S. Braz.

— Estou morta por vel-o de perto; quero admirar essa maravilha — disse Breitiz; — e tanto hei-de pedir a tua mãe... Tambem já o vi, que m'o mostraste ha dias, nas Matinas da Sé.

— Pede, pede; quero ouvil-o. ¡ Gostei tanto dos olhos d'elle!... ¡ que doce olhar!...

— Vem, — disse abruptamente a linheira franzindo o sobrolho; vamos ao pomar; ¿ não queres vir comigo?

8

— Quero; mas minha mãe...

— Tua mãe dorme o seu somno regalado. Vem.

Desceram ao jardim, e divagaram, de mãos dadas, pela rua muito estreita que circumdava o pomar, orlada de uma fita de buxo. Aquella noite estonteadora, aquelle longinquo rumor de festa, que parecia encher toda a abobada azul, e alegrar até as estrellas, penetrava-lhes na alma, e illuminava-lh'a.

N'isto, ouviu-se, para a rua de baixo, uma guitarrada que subia. Correram ás gelozias que do fundo da hortasinha cahiam sobre a ingreme viella, e entreabriram-n-as. Reconheceram pelas vozes o grupo: eram Gil Vicente ourives, Gil Fernandes, seu primo o nosso poeta, e Ruy Chapuz.

N'essa mesma occasião Lourenço Esteves, que a ponto sahira de casa dos escolares, apressava o passo, juntava-se ao grupo, com muitas expansões de parte a parte, e subiram a viella deserta.

Cantava acompanhando-se o moço Gil uma requebrada trova castelhana:

> Si dormís, doncella,
> despertad y abrid,
> que venida es la hora,
> si quereis partir...

De repente, deram com as duas figurinhas assomadas, como que a medo, á entreaberta gelozia.

— ¡Hou lá! ¿minha sobrinha?! ¡Boas noites, meninas! — exclamou de baixo o Quartanario vendo a recha, e reconhecendo Branca e Breitiz a espreitar curiosas.

— E' verdade: tambem Breitiz — volveu o Ourives.

— Nós mesmas — respondeu a voz argentina e um tanto imperiosa da gentil filha do Chapuz. — Boa noite, pae.

— Deus te faça uma Santa. ¿ Com que, temos as pombas á fresta do pombal?

— ¡ Linda noite de luar para damas enganar! — ponderou o Ourives.

As duas conservaram-se caladas, muito unidas; mas quem lhes podesse estar proximo, vel-as-hia sorrir. Os cinco homens pararam na rua.

— Vá lá uma trova, Gilinho, que guapas as cantastes pouco ha na Ribeira — lembrou Ruy. — Vamos! ¡¡ um villancico á minha senhora Branca!

— Para a senhora Branca requer-se troveiro de melhor arte do que eu — respondeu modestamente o moço.

— Entremos antes — observou Lourenço; — vamo-nos de volta.

— Sim, entrai, senhores cavalleiros, que o nosso pomar espera por vós; esta é Oriana, e eu sou Flérida — acudiu Breitiz.

E Branca ria muito, mas sem gargalhada, abrindo na sombra o seu sorriso feito de luz, e olhando para a companheira.

Logo depois, fitando os olhos na esbelta figura quasi senhoril do troveiro, inundada de luar, nada dizia, mas sentia na respiração um tremor voluptuoso, que ella ainda não conhecia, nem se atreveria a querer definir ou explicar.

Minutos passados, penetrava no pomar o grupo, sobraçando os dois primos as suas violas, e entoando uma das nossas mais arrastadas e tristes melopêas populares.

— ¡ Escuta! — disse Branca ao sentil-os entrar; — ¡ que formosa coisa!

Sentaram-se como poderam, ellas n'um banco de ladrilho e azulejo á orla das laranjeiras, e os de mais n'uns escabellos, por ali.

— ¿ Tu não o conhecias, filha? — dizia Ruy Chapuz. — E' Gil Vicente; já gosto d'elle.

Gil inclinou-se, mas como ella ficava em sombra, não a viu bem. Ella observava-o curiosa e attenta, com um vago receio não sabia de quê.

Instado, cantou Gil os sentidissimos queixumes de uma lamentação, que dizia assim:

> ¿ Que farei angustiado ?
> ¿ Onde caminho perdido ?
> ¿ Onde vou descaminhado,
> peccador desatinado,
> homem em balde nascido ?
>
> ¡ Ceos e terra contra mi,
> e toda outra creatura,
> todos me lançam de si,
> porque o meu Deus offendi
> por minha desaventura !
>
> ¡ O mar, para mi sanhoso !
> ¡ a terra treme comigo !
> ¡ o sol tão manso e formoso,
> contra mi se volve iroso
> como meu mortal imigo !
>
> Acho a noite escandalosa,
> e maldizem-me as estrellas;
> ¡ a manhan, clara e graciosa,
> contra mi se rompe irosa
> e me mostra mil querellas ! (1)

Branca nunca tinha escutado trova assim, que tanto lhe chegasse ao coração, pelo caminho do terror religioso. Agarrada á linheira, sentia os olhos marejados de lagrimas. A lua, o Tejo, a solidão, o silencio a crescer gradualmente no bairro, a voz vibrante e affectuosa do trovador, tudo afinava com o estado ancioso da sua alma. Só se atreveu a dizer, quando cessava o ultimo harpejo:

—¡ Tão triste ! ¡ tão lindo !...

Breitiz nada disse.

—¿ E que ha no mundo—respondeu Gil Vi-

(1) *Paraphrase* do Psalmo L.

cente — que não sejam tristezas? Aqui estou eu morto de saudades de todos os meus...

E nada poude accrescentar.

— ¡ Canta mais! — pediu Gil Fernandes.

— ¡ Mais, sim! — assentiram todos.

Fez-se um breve silencio.

E Gil cantou:

Remando vão remadores
barca de grande alegria;
o patrão que a guiava
Filho de Deus se dizia.

Anjos eram os remeiros,
que remavam á porfia;
Estandarte de esperança;
¡ oh! quão bem que parecia!

O masto da fortaleza
como crystal reluzia.
A vela, com fé cosida,
todo o mundo esclarecia.

A ribeira, mui serena,
que nenhum vento bolia.
....

Interrompeu-se de repente o cantor, porque [illegible]i vista assomar Guiomar ao varandim, e chamar de lá:

— ¿ Já viestes, vós outros? Vinde sem mais detença, vinde, que nos aguarda a ceia. Cear, cear; ¿ que vos mettedes agora em muziquias? (1)

— ¡ Oh! ¡ a senhora Guiomar! — gritou Ruy Chapuz; — ¡ se ouvísseis!

— Vinde, ¡ e asinha! — tornou ella com o seu modo secco.

---

(1) Phrases da farça *O velho da horta*.

— Assim seja; e lá ouvireis o cantador, que «o Abbade d'onde canta d'ahi janta.»

Subiram todos, e passaram á casa de comer. Chegava da proxima cozinha um perfume tentador de iguarias sans e bem temperadas; tanto é verdade que «boa ceia ante tempo se enxerga.»

Não se viam n'este festim patriarchal as etiquetas, nem as opulencias hereditarias do paço dos senhores de Villa-Nova. Em volta de uma meza oblonga, coberta de um almeizar branco de neve, alinhavam-se umas (¿ como lhes chamarei ? falta-me o termo) umas especies de malgas grandes de estanho brilhantissimo, onde cada dois convidados comiam ao mesmo tempo: Guiomar com seu irmão Lourenço; Breitiz com Branca; Ruy Chapuz com o Ourives; e na ultima Gil Fernandes com Gil Vicente seu primo. Um pichel de vinho corria de bocca em bocca, e a loquacidade era geral; tanto é tambem verdade que «a alegria é a melhor iguaria».

A ceia frugal e saborosa, de desfeito, assado, hervas com vinagre, e no fim cerejas, congregou por mais de uma longa hora aquelles amigos na doce intimidade do lar. Acertado é o que resa o proverbio: «guerra e ceia em começando se ateia.»

Durante o repasto, nem antes nem depois, nunca o moço trocou uma só palavra com Branca. Timidos como eram ambos em sociedade, foi-lhes impossivel vencer o seu pejo natural, e entrar na mais leve conversação. Entretanto a sympathia causada pela formosa orphan ao novo hospede da casa foi electrica, dominadora, e decisiva. Sem quasi entender, qualquer dos dois, o que era amor, sentiram-se invencivelmente arrastados um para o ou-

tro, sem que, aliás, os olhos mais perspicazes lograssem descobrir esse segredo de duas almas.

Breitiz, impressionavel e fogosa, e cujo coração virgem arfava sequioso de uma affeição sincera, Breitiz, poetica e sentimental quanto o permittiam os seus innocentissimos costumes, percebeu em si mesma um profundo amargor, ao adivinhar, com a sua sagacidade de mulher amante, a corrente que se estabeleceu entre o coração da sua joven pupilla, da sua graciosa tutellada, e o d'aquelle valente e formoso mancebo; um ciume negro e horrivel, que lhe custou immenso a disfarçar. Ficou aniquilada, porque (singular coisa, mas muito explicavel) amava Gil Vicente já antes de o ver.

Desfez-se a final a companhia.

A' despedida Ruy Chapuz, já um tanto excitado, fez uma profunda cortesia com jovial exageração de cortesão fingido, em frente de Guiomar Bezerra, a qual rindo respondeu umas palavras, que o nosso poeta consignou depois na sua farça *Auto da India:*

— ¡ Jesu! ¡ tamanha mesura! ¿ sou a Rainha por ventura ? !

Ao que, o maritimo respondeu tornando a cortejar entre a gargalhada geral:

— Mas sois minha imperadora.

Quando volveu ao seu catre, sentia o incontentavel poeta uma saudade, uma anciedade indizivel, um estado de suffocação e vibração doentia, que lhe arrebatou o somno.

¡ Oh! ¡ mocidade!...

....

Depois de sahirem todos, e de aferrolhada a

porta, entrou Guiomar na camara de seu irmão, que se ia recolhendo, e disse-lhe com ar mysterioso:

— Irmão, uma palavra.

— Com gosto a ouvirei. ¿ Que me quereis, mana Guiomar ?

— Esta tarde, quando recolhia de Vesperas, adreguei de topar com Bastião Gonçalves...

— ¿ E quê ?

— E avisou-me — continuava a dona com o maior mysterio, e fallando muito baixinho — avisou-me de que o mocinho Gil... (elle não m'o disse por claro, mas «para entendidos, acenos bastam»); que o sobrinho do Ourives não nos convem em casa.

— ¿ Porquê, irman ? ¿ não é elle sobrinho querido d'um amigo tão nosso ? ¿ não é um moço composto, e de muito engenho ? ¿ Que mal nos vae com a vinda d'elle ?

— Branca...

— Branca é uma creança.

— Diz elle que são estes Vicentes uma gente atrevida e presumpçosa, e que...

— Não vos entendo. ¿ Quereis dizer que os perigos proviriam de uma inclinação? historias, mana. Eu por mim sou pelo cachopo; apraz-me; e, ou me engano de meio a meio, ou antevejo n'elle um grande e singular sujeito; e confesso-vos irman: apesar de mechanicos, gente são elles para se entroncarem onde quer que seja.

— Isso não, irmão; e, á cautella, já hoje desdenhei d'elle na presença de Branca, tudo para a despersuadir, se acaso...

— ¿ Se acaso o quê ?

— Se acaso gostassem um do outro.

— ¡ Ora, irman querida! deixae-me dormir, e ide vós ao mesmo. ¡ Inda se não fallaram e já querieis amores!!... Bastião Gonçalves era muito compadre de Martim de Crasto, mas não o é meu; é um revél. ¿ Que motivo tem elle para esse passo que deu? é o que ainda não attinjo. ¡ Ah! sim: Bastião é figadal inimigo do Ourives, quer molestal-o, e ser-

ve-se de nós outros para isso. ¡Valha-o Deus!

—Assim, ¿que me aconselhaes?

—¿Eu? que não desdenheis do moço, que vol-o não merece; que o recebais com agrado se elle ahi tornar, e não penseis em tonterias.

—Obrigada, irmão, e até amanhan.

—Deus vos tenha em sua guarda.

CAPITULO XVI

.LENTE RAINHA D. LEONOR, VIUVA D'EL-REI D. JOÃO II. — E' CHAMADO Á PRESENÇA DE SUA ALTEZA O OURIVES GIL VICENTE.

ssim corria para o esperançoso Gil Vicente a sua existencia de Lisboeta adoptivo n'esta sociedade obscura, mas interessante, em que o acaso (ou antes a Mão da Providencia) o collocára. E digo *a Mão da Providencia,* porque admitto e reconheço a intervenção constante de um Poder supremo nos factos meramente humanos, e admiro como, n'este caso, a espantosa previsão dos pla-
livinos se foi comprasendo em formar, entre
itudes, o genio do nosso poeta nacional do se-
:VI, o mais assombroso e caracteristico escriptor
ella edade de crenças.

Se não fosse o ter nascido n'uma era crente,
poderia ter desabrochado o estro vivaz do
r das *Obras de devação?*

¿ Se não fosse a convivencia intima com os plebeus e os pobres, como poderia tel-os retratado tão bem aquelle adivinhão do coração humano, aquelle pintor de *genero,* aquelle caricaturista insigne dos vicios e desmandos do seu tempo ?

¿ Se não fosse a sua indole de eleição, se não fosse um concurso tenaz de circumstancias, se não fossem as suas innatas aspirações para uma sociedade superior, como poderia ter aberto as azas até aos degraus de um dos thronos mais brilhantes da Europa da Renascença, o immortal chronista do *D. Duardos,* o pintor extraordinario do *Amadís de Gaula ?*

Nobilitado pelo seu estro, e providencialmente bafejado de tantas aragens de favor, veiu a fundar uma escola que deixou rasto nas nossas Lettras nacionaes, e veio a crear o verdadeiro Theatro portuguez.

O eminente Ourives, digno tio de tal afilhado, continuava, em toda a pujança do talento, a grangear fama na alta Lisboa aristocratica.

Deprehende-se da leitura das chronicas, que a transição do reinado do matador do Duque de Viseu para o de seu primo, legitimo successor, trouxe a Portugal um respiro de desafogo. A começar pela Rainha, todos, por muitos annos, tremeram ante aquelle sombrio Principe de ferro ; e o seu fallecimento em Alvor em 1495 restituiu a paz e o socego a muitos lares d'este Reino.

Pois ao proprio Gil Vicente, Ourives, trouxe esta mudança de Monarcha uma certa melhoria, visto como o joven Duque de Bragança, D. Jayme, filho do martyr de Evora, poude tornar-se de vez a Portugal, obedecendo ao generoso e justissimo chamamento d'el-Rei D. Manuel, e deu provas claras de bemquerença ao seu patricio e vassallo de Guimarães.

Afóra este magnate, alguns outros lhe utilisa-

am os serviços, a começar no nosso já conhecido). Martinho de Castello-Branco, e a acabar (como i vamos ver) na propria Rainha D. Leonor. Mas ,so tudo, com quanto muito honroso, não trazia pulencia, nem vantagens grandes, n'uma sociedade esumida, e relativamente pobre em geral, como é portugueza.

Mencionei a Rainha. Duas palavras a seu reseito.

El-Rei D. João II e sua mulher e prima, viveam muito desunidos alguns annos. Foi o Soberano m caracter duro, que mal se coadunava com as randuras e indulgencias da Rainha. Tornado carasco dos seus, e terror do publico, proseguiu quelle energico e intelligente Homem os seus plaos sinistros, quebrando, no pulso da alta Nobreza dos grandes feudatarios, as armas com que elles rotestavam contra humilhações e crueldades.

A Rainha, ainda em vida de seu marido, fez asa á parte, desde o anno triste de 1491, em que Providencia quizera experimentar-lhe as forças, rrebatando-lhe o adorado Filho das suas entranhas, quelle gentil e mallogrado Principe D. Affonso, que tantas lagrimas custou!

Arrastava uma existencia amargurada, homiziaa-se, quanto o permittia a sua elevadissima posião social; e espalhava com mãos prodigas o bem a caridade.

Deixára os sumptuosos paços da Alcáçova, ainda m dias de seu Real Marido, e tomára casa (como e certo sabe o leitor erudito) no seu pequenino aço de Santo Eloy, tambem chamado de S. Barıolomeu, na esquina do hoje denominado largo os Loyos para a rua actual de S. Thiago.

Era uma casa resumida para tão alta senhora, nas muitissimo pittoresca e banhada de sol. Soıranceira ás vertentes do Limoeiro e de S. Braz, lominava o estendal do Tejo, e, meio escondida

para dentro do seu pateo, conservava uma feição graciosa e acastellada, que era um encanto.

Hoje ainda, quem examina e perscruta (como eu examinei), com olhos de archeólogo, a casa seiscentista que substituiu o solar velho, pasma do que por ali se topa de vestigios archaicos; tem margem para estudo, e meditação. Quem sabe vêr (n'esse saber vêr é que se esconde a difficuldade) surprehende o paço antigo, e o seu teor de vida, tão outro do nosso!

Ahi pois habitava, desde os derradeiros annos do seculo xv, a bondosa D. Leonor.

¡Quanta vez não batiam pobres áquella porta! ¡Quanta vez não inventava a Raínha pretextos delicados para acolher infelizes! ¡Quantas praticas de ascetismo não amiudava ali aquella alma com os Frades mais doutos de Santo Eloy, ou as donas mais virtuosas da fidalguia!

Outro dos seus entretenimentos era a encommenda de obras artisticas: já um calix rico para presente a uma freguezia desamparada, já um collar de pedras para brinde a algum servidor, já um cofre marchetado para certa donzella do seu estrado Real, já um bordado a seda e oiro para frontal de altar. E á voz d'Ella tudo medrava. Dir-se-hia que o seu querer possuia o condão de animar os que trabalham, e acordar brio em animos desesperançados.

A Historia, que tantas minucias desenxabidas regista, por uso e costume, deixou na penumbra o papel beneficente, caridoso a retalho (se posso expressar-me assim), efficazmente fecundo e delicado, d'esta singular Princeza; mas a luz propria que ella derrama é ainda assim tão clara, que irradia para fóra do seu esconderijo Real, e nos illumina como um raio de lua de Outomno.

Uma vez o Duque D. Jayme, que ainda não era

o visionario mystico e severo, que ora se embos-
:ava nas florestas de Villa Viçosa, ora ia psalmear
:antochão com os Frades da Serra d'Ossa, mas
:ra um gentil Principe de dezanove ou vinte annos,
eflexivo, urbano, e gazalhador, disse á Rainha:

— Minha senhora tia, quero pedir a Vossa Al-
eza licença para lhe encommendar muito encom-
nendado um lavrante de todo o primor, meu vas-
allo de Guimarães, por nome Gil Vicente; fio-vos,
.enhora minha, que é mestre a valer lá na sua
.rte.

— A ponto m'o encommendais, Duque; hei mis-
ér de algumas obras na minha capella, e folgarei
le as haver bem corregidas.

— Minha senhora, quando Vossa Alteza m'o or-
denar, elle e eu viremos aos vossos pés.

— Muito bem; trazei-m'o amanhan.

No dia seguinte o Mestre esperava no pateo do
paço a chegada do Duque, que não faltou á hora
aprasada. Depois de algum espaço, foi Gil chamado
a uma sala superior por um Moço-fidalgo da Rai-
nha.

Appareceu a Rainha, com o seu modo bondoso,
que mettia a todos no coração; era, sobre o seu as-
pecto verdadeiramente Real, um ar semi-burguez e
semi-maternal, á antiga portugueza. Acompanha-
va-a o Duque, loiro, imberbe, e duas damas, que
ficaram ao fundo da sala, encostadas aos guadame-
:ins cordovezes da parede, ao passo que a boa
Rainha tomava assento n'uma cadeira de cedro al-
mofadada e de espaldar muitissimo alto, terminando
n'um baldaquino, e o Duque se conservava em pé
junto da sua Real Tia.

O Mestre Ourives, um tanto intimidado e pal-
lido, pôz o joelho em terra, a grande distancia, e
inclinou-se.

— Ergue-te, Mestre — disse com voz doce a

Rainha acabando de sentar-se, em quanto uma das donzellas de honor lhe vinha compôr a fimbria da saia. — Sei que és primoroso lavrante do oiro e da prata, e quero umas obras da tua mão.

Gil Vicente, pondo-se em pé, inclinou-se profundamente, sem achar palavra que proferisse.

— Duque, — continuava a Rainha para ajudar a conversação, vendo a turbação do eminente Artista — fallastes-me muito dos excellentes lavores d'este homem; folgo de o conhecer. ¿ E d'onde o conheceis vós ?

— De Guimarães, minha senhora. — E voltando-se para Gil, disse : — Sois mesmo de Guimarães; ¿ não é isto ?

— Senhor, sim ; — volveu o mestre ; — como meu pai, tambem ourives ; e na Capella ducal de vossos paços algumas obras de meu pai, e minhas, tem Vossa Excellencia, senhor.

— Certo é — tornou o Duque, affirmando com um meneio de cabeça ; — e guapas. Conheci lá ainda vosso fallecido pae, e talvez a vós tambem. Olhai lá, Mestre — proseguiu D. Jayme, dando mostra da sua grande memoria, hereditaria na Casa de Bragança ; — ¿ que feito foi de um sobrinho vosso, que era uma galantaria em tamanino, e que um dia as cuvilheiras de minha senhora mãe levaram ao paço para o vermos e ouvirmos ? Eu era ainda mais novo do que elle, mas lembro-me bem; achou-lhe a Duqueza minha mãe a maior graça.

— Vive, senhor, e está agora comigo em Lisboa.

— Que annos tem ?

— Vai nos vinte e dois, senhor.

— E' isso ; vinte e um, vinte e dois ; lembro-me d'elle — continuou o Duque sorrindo ; — parecia um S. Raphael. E depois, contavam-se no paço portentos do engenho d'elle para trovar, já de cachopinho.

— Senhor, sim ; é muito esperto o mancebo, e por isso o mandei buscar para cursar estudos.

— Ora bem. Vamos ao caso. A minha senhora Rainha quer ver algumas das vossas ourivezarias

ultimas. ¿Trouxestel-as, segundo vos mandei encommendar?

— Senhor, não faltei; estão ali fóra, á ordem de Vossa Excellencia.

A um signal do Duque, sahiu um Moço-fidalgo, que esperava ao reposteiro, e voltou trazendo comsigo um Moço-da-Camara, que sobraçava alguns picheis de prata, e uma pequenina Custodia de oiro, de riquissimo desenho ogival; peças esbeltas, de elegante singeleza e caracter, cada uma das quaes honraria o cinzel e os burís dos maiores artifices.

O Mestre, cobrando animo desde que vira entrar aquelles filhos do seu estro imaginoso, tomou das mãos do Moço as varias peças, com as quaes se achava (por assim dizer) *em familia,* e inclinando-se entregava-as a uma e uma ao Duque de Bragança, que as ia mostrando detidamente á Rainha, curiosa e deslumbrada.

— ¡Ai como isto é bonito! ¡que lindas são estas figuras! ¡que bem lavradas! Não tenho eu na minha recamara, vindas de Italia, mais guapas invenções. Guiomar de Castro, Maria Anriques, vinde ver, filhas; ¡como isto é bem feito!

E em quanto as duas donzellas se approximavam respeitosas, com uma mesura de Côrte ao chegarem junto a sua Ama, a propria Rainha tomava entre as mãos alguns d'aquelles opulentos artefactos, e extasiada encarecia, com os seus enthusiasmos *lusitanos,* o bem imaginado e executado de taes obras.

— Nada mais te digo, mestre — continuava a Rainha; — quero para mim tudo isto que trouxeste, se ainda não tem dono; ¿não tem?

— Senhora, ainda não...

— Pois então, estas peças minhas são já. E quero um Calix rico para a minha Capella. ¿Ouviste?

— Fal-o-hei o melhor que souber, senhora, visto que Vossa Alteza m'o ordena.

A Rainha levantou-se, com um ar soberano, e falando com o Duque, que gentilmente lhe offereceu a mão, sahiu fazendo ao mestre um levissimo aceno com a fronte.

Gil Vicente não cabia em si.

CAPITULO XVII

ALEGRIAS DOMESTICAS. — LEVA O MOÇO POETA AS ENCOMMENDAS DA RAINHA AO PAÇO DE SANTO ELOY.

hegou a casa, e desabafou affectuosamente com a familia o nobre Gil como era costume, e até necessidade, do seu expansivo animo.

Sahir dos salões do paço, e entrar no seu modesto albergue de plebeu remediado, fazia differença. Era noite. Em volta de um grande candieiro de quatro bicos seroava, amezendada no chão, Martha Dias com as escravas, e mais a ama do filho pequenino, em quanto Gil Fernandes, sentado n'uma arca de pinho pintada onde se guardava roupa, conversava com o grupo, ancioso pela chegada do pae. A uma banda, junto de um contador, sobre o qual se via um pequenino oratorio allumiado, escrevia no joelho o joven troveiro, encostado ao cotovello.

— ¡Deus vos salve a todos! — exclamou, abrindo a porta e penetrando, com os seus modos francos, o Artista.

— ¡Ai o meu Gil! — bradou alegre a bondosa mãe; — ¿e então? ¿que passastes com a senhora Rainha?

— Foi uma encommenda Real — tornou o Mestre visivelmente ufano. — ¡Que Santa aquella! o Duque meu senhor sahiu-se ás maravilhas, e estou encarregado de obras para o Paço.

— ¡Vive Deus, meu Gil! Não fôra eu Martha Dias; tudo vos tinha augurado; ¿não é assim?

— Assim é; assim é. — E beijava-a com affecto, abraçando os mancebos. — E com mais alguns encargos taes, sorriem n'esta casa todas as boas Fadas. Agora, mãos á obra; quero dar boa conta de mim.

— «As boas Fadas» não, Gil da minha alma, ufania d'estes olhos; Deus nosso Senhor, mail'os seus Santos, que velam por nós. Meninos, vamos, de joelhos, e um Padre Nosso pela saude da senhora Rainha.

E todos, a uma voz, serios e graves, cahiram de joelhos, virados para o oratorio, e entoaram em côro, n'um tom lento e monótono, a Oração dominical e a Saudação angelica.

Fazia bem á alma ver a devoção profunda que assim reinava nas casas portuguezas, burguezas e nobres, de algum dia. ¡Tudo estragaram! ¡tudo perderam os nossos reformadores modernos! ¡tudo! sem pensarem que primeiro se perderam a si.

Ora o moço Gil, desde a abençoada noite de S. João, nunca mais tornára a ter ensejo de se avistar com Breitiz, nem com Branca (¡e já lá ia quasi um mez!)

¿Mas que se passára n'aquella alma inquieta? ninguem o sabia; elle nem a seu primo boquejára na menina da Adiça. Pois sei-o eu, pela minha incuravel curiosidade de rato de livrarias, e vou publical-o com a mais culpavel indiscreção.

A doce imagem da filha de Guiomar estampa-

ra-se-lhe na alma de modo singularissimo. ¿Era amor? não era ainda. ¿Amisade? ¿como, se a vira só duas vezes, e só tres palavras trocaram os dois? Era um mixto de todos os affectos em embrião n'um coração virgem, um anceio seraphico de a adorar como uma Santa.

O que elle ouvia em casa, em phrases casuaes, acerca da sizudez da moça, acordava-lhe por ella um respeito mixto de curiosidade. Não podia fallar de Branca sem corar; evitava até nomeal-a; mas prestava ouvidos desde que sua tia ou seu primo encareciam o que ella era de boa, de esmoler, de prendada. Quando fechava os olhos, entrevia-a no banco de ladrilho, abraçada em Breitiz, inundada de lua, e dando attenção intelligente ao que elle cantára. O olhar, o simples olhar d'aquella rapariga (quasi uma creança) enchia-o de enleio. Aquellas pupillas, credulas e curiosas, pareciam-lhe umas estrellas, para lá das quaes elle espreitava o ceo.

Tudo n'ella interessava: a tez, fina como pétala de rosa; o nariz, delgado, de linha levemente ondulada; a bocca, de beiços carnudos indicadores de bondade; o airoso do ademane; o pensativo da expressão. Com a sua singelissima vasquinha de seda, ali em casa da mãe, dava Branca algumas reminiscencias das figurinhas das damas que Gil entrevira passar na varanda da Alcáçova, a primeira vez que lá subira com seu primo. Muitas grossas moçoilas bonitas, em Guimarães, e no *balho* da Ribeira, o tinham mimoseado com requebros amaveis ás suas trovas. Branca, essa quasi nada dissera, mas significára muito mais no seu silencio attento.

Em summa, e para abreviar: este encontro de Branca fôra para Gil uma revelação inesperada. A vida parecia-lhe agora outra do que tinha sido; era uma festa, em que se escutavam bandolins de Archanjos, e se nadava em pleno azul, diria hoje um romantico enthusiasta.

Tudo isto percebe quem tem vinte annos, e sente dentro um vulcão de genio e de ambições.

¡Ser homem! ¡crescer! ¡crescer muito! ¡dedi-

car-lhe a ella todas as suas victorias das Escolas geraes! ¡todo o seu talento, apenas revelado ainda! ¡subir! ¡poder um dia pedil-a a sua mãe! ¡Oh¡ ¡que alegrias!...

E passava horas, sósinho no seu quarto, a pensar n'ella. Ao som da viola, que elle tangia inconscientemente, repetindo os versos d'aquella noite, esquecia-se de si proprio, e do tempo.

Uma vez, que assim se deixára entranhar na sua deliciosa melancolia, entrou o tio no quarto d'elle, e disse-lhe:

— Gil, quero que te aprestes para um recado que te vou dar. Está corregida a obra de Sua Alteza. Has-de-me ir a Santo Eloy com um dos negros, levar o calix que lavrei. Procura o senhor Ayres da Sylva, Camareiro-mór, e dize-lhe que vais da minha parte.

Sahiu, em quanto o mancebo se apercebia o melhor que podia. Com o seu pellote de pano preto tozado, pôz-se ás ordens do tio.

— Vai, sobrinho, vai, que eu por mim não posso desamparar a casa, por causa da fundição que principiei d'aquella peça grande, e teu primo tem serviço na Sé. Em ti confio como n'elle, com uma differença: apesar de minhoto és mais bem-posto e cortesão. Vae, e entrega esta minha obra. ¿Não vês? ¡o lavrado d'isto! ¡a cinzel e maceta! ¡como cahem estas folhagens enquadrando estes intervallos cheios de figurinhas de Santos! ¡e aqui o trigo! ¡e aqui a vinha! tudo tem seus quês, e seus porquês.

— E' obra vossa, tio, e não ha mais dizer.

Com o devido respeito ao Mestre, a verdade dos motivos da escolha do embaixador não era aquella; era esta: lembrado do que perante a Rainha se dignára de dizer o Duque de Bragança, queria o Ourives, como sagaz, aproveitar, em favor do antigo *tamanino* levado pelas cuvilheiras ao paço ducal, a

benevolencia da Soberana. Sabendo que fôra Gil o portador, talvez a Rainha tivesse a veleidade de o ver e falar-lhe. Não era a primeira vez que a bondosa D. Leonor assim procedia com humildes. ¿ Quem sabe ?...

Rebuçado o calix em papeis, e resguardado n'uma toalha de folhos pelas mãos da boa Martha, admiradora ingenua do seu talentoso marido, sahiu Gil com o portador do calix, e em pouco tempo achava-se no pateo do paço de Santo Eloy.

— ¿ D'onde vindes ? — perguntou com sobrecenho um dos guardas negros de serviço, que passeava em baixo, de alabarda ao hombro.

— De casa do Ourives da senhora Rainha. Trago para Sua Alteza uma obra. Desejo fallar ao senhor Ayres da Sylva.

— ¿ Fallar-lhe vós ? isso veremos — volveu o Guarda com a insolencia gratuita e proverbial, já desde seculos, em creados de casa grande.

— Se lhe não podér fallar, volvo-me com a encommenda, e depois queixo-me — replicou o troveiro em tom aspero e peremptorio.

— Aguardai — tornou o guarda.

Mandou-se recado. Levou tempo a deslindar caso de tanta monta. Dada communicação a um Porteiro da cana, foi este leval-o a um Moço da Camara, que foi avisar o Moço-fidalgo D. Lopo de Almeida, o qual houve por bem entender-se com o Camareiro-mór. Este recebeu as ordens da Rainha. O recado desandou de alto a baixo o caminho que levára: o Camareiro deu as suas instrucções ao Moço-fidalgo, este as suas ao Moço da Camara, este ao Porteiro da cana, e este ao Alabardeiro, que a final se serviu dizer a Gil Vicente, já com modo mais urbano:

— Subi.

No alto da escada que desembocava nas salas,

esperou outra vez o mancebo, com o calix seguro. Passado tempo appareceu o Moço-fidalgo, conduziu Gil á primeira sala, e desappareceu, voltando de novo, e levando-o ao quarto do Camareiro-mór.

— Vindes — disse este muito secco — ¿ de mandado do lavrante quem ?

— Gil Vicente.

— ¡ Ah ! ¿ o da rua dos Ourivezes ?

— Esse. Sou sobrinho d'elle, senhor.

— ¿ Que trazeis ?

— Um calix, que Sua Alteza...

— Sei. Entregai-m'o, e aguardai lá fóra.

Decorreu muito tempo, até que Ayres da Sylva o tornou a mandar chamar, e lhe disse:

— Muito folgou a Rainha minha senhora com a obra, e quer fazer-vos a grande honra de vos vêr. Entrae comigo.

Gil Vicente penetrou, em seguida ao Camareiro-mór, até uma camara muito interior, ladrilhada, e cujas portas se abriam ao fundo sobre um claustrosinho ogival, de paredes muito caiadas a cima do seu alto revestimento de azulejo arabe. Aquelle claustro era encantador de alinho, e viçava com flores de estimação; ao centro espadanava uma pequenina fonte; tudo provavelmente resto de antigo edificio moiro da Lissibona dos walís, ali conservado por acaso. Esse jardim claustral em miniatura avistava-se todo da mencionada camara, muito agradavel, fresca, e de segunda luz.

N'uma riquissima alcatifa da Persia, e sentada no estrado (apenas sobre uma almofada de velludo), viu Gil a boa Rainha, rodeada de algumas donas de honor, sentadas redondamente sobre a alcatifa, e todas bordando a matiz uns paramentos de Egreja, ou fiando seda em bilros de cedro e marfim. Mais a um canto outra donzella tinha entre as mãos um bandolim marchetado, como quem talvez tivesse acabado de tanger; a seus pés dois cãesinhos

brancos, felpudos, como os do tumulo de Ignez de Castro, brincavam um com o outro. A' banda opposta, abria-se um riquissimo oratorio gothico, cheio de imagens em vulto e em pintura, entre luzes que reflectiam no fundo do oratorio, cosido de oiro e deslumbrante de esplendor.

Gil parou surprezo e tremulo de timidez á porta da pequenina quadra. Os cãesinhos deram signal, e atiraram-se, mas conteve-os e acalmou-os logo a voz suave da Rainha.

Ayres da Sylva acercou-se da senhora Real, e disse inclinando-se, e no tom do maior respeito:

—Senhora, eil-o vem o sobrinho do Ourives.

Era a Rainha uma formosa dona, muito alva, forte, em todo o viço do seu Outomno de quarenta annos; grande ar, com o qual sabia alliar-se um irresistivel condão de attrahir. Tinha um sorriso triste, todo nosso, natural e sem artificio; feições muito nobres; modo gazalhador e facil; mas quem bem a conhecesse, notar-lhe-hia muita vez, na pallidez e nas olheiras, a revelação dos seus intimos padecimentos moraes.

—Pois entra, menino—bradou com o seu tom muito doce e maternal a Soberana sem olhar para o mancebo por ter percebido a sua timidez, e fingindo que desembaraçava rapida um fio de oiro.—Entra, quero ver-te.

¡Como este agazalho da primeira d'entre as damas portuguezas contrastava com o desdem insolente dos seus servidores! Emfim, sempre assim foi, e não ha emendar o mundo.

Gil Vicente penetrou, e fez uma cortezia profunda.

—Já ouvi falar de ti—continuou D. Leonor encarando-o.—Ias em tamanino ao paço de Guimarães, já sei; e dizem que armas rimances e soláos como os que melhor os sabem engenhar.

Gil, córado como uma roman, nada respondeu, sentindo porém (sem se atrever a olhar) fitarem-se n'elle, como settas, os olhos de todas as donas ali presentes.

—Ora bem, menino meu,—acrescentou ain
a Rainha, vendo que era impossivel fazel-o fallar
dize a teu tio que é obra mui prima o calix, q
folguei de o ver, e que muito haverei de lh'o ag
decer. Amanhan lá vai o meu Védor.

Houve uma pausa.

—Olha, tu não dizes que não a um doce; ¿n
é assim?

O moço sorriu, sem comtudo ainda ter pod
vencer-se, e desterrar a vermelhidão que o afoguea
Nada mais rebelde, do que a timidez de um ad
lescente.

E a Rainha:

—Mecia, dá-me uma caixa d'aquellas fruct
confeitadas em Beja pelas minhas Monjas; d'al
do armario pequeno; ahi, ahi mesmo; d'essas
sim.

E entregando a caixa ao Camareiro, teve artes
de a acompanhar disfarçadamente com seis justos
de oiro, que ficavam sendo, por assim dizer, o accessorio das laranjas.

—Vai, não quero demorar-te. Olha, continua com os teus estudos, faze por ser homem. ¿Trabalhas de ourives? ¿ tambem?

—Minha senhora, não; estou cursando nas Escolas geraes.

—¡Ora sus! faze-te homem, e cá estou eu para te ajudar. Vai, filho, vai; e lembra-te do ditado: «mocidade ociosa não dá velhice fortunosa.»

O moço inclinou-se, e sahiu com o Camareiro-mór.

Assim cumpria os seus deveres de mãe dos seus subditos aquella adoravel Mulher, para quem são poucos todos os encarecimentos. Assim reinava nos corações D. Leonor, emquanto D. João II só tinha sabido reinar no Reino.

—¡Tempo perdido!—disse a Rainha com bonhomia, e sorrindo com graciosa malicia, quando a porta se fechou.—Não foi possivel ouvil-o trovar. Outra vez será. Não quero assustal-o. «Quem rouxinol quer tomar, não n'o deve de espantar.»

No rosto de todas as donzellas correu um sorriso.

Note-se porém uma coisa: esta scena e este acolhimento não eram norma commum no paço da Rainha de Portugal. Sua Alteza não mandava entrar para o seu intimo o primeiro adventicio. Quiz d'esta vez dar certas largas á etiqueta, e por longanimidade transpôz as raias, com escandalo, talvez, dos praxistas cortezãos.

E' que, se as affabilidades de alguns Grandes são muita vez um realce egoista, e uma confirmação tacita de grandeza, na Rainha D. Leonor eram uma necessidade de coração.

CAPITULO XVIII

EM QUE SE CONTA UMA VISITA DE GIL VICENTE A CASA DE BRANCA.

O acolhimento bondoso, assim concedido como mercê ao obscuro emissario do grande Artista, fez muito ecco em toda a limitada sociedade em que elles viviam. Na rua dos Ourivezes não se boquejava n'outro assumpto. A cotação do Ourives e a do mancebo subiram alto, e todos o interrogavam, e todos queriam pormenores.

Não soffreu o animo ao joven troveiro deixar de repartir as suas justas ufanias com os seus amigos da Adiça, e na tarde seguinte foi-se até lá.

Quando atravessava o pomar, viu Branca no

varandim coberto, tentando entoar de memoria, e meia voz, a melodia

> Remando vão remadores
> barca de grande alegria,

ao passo que sacudia e assoprava a alpista pintasilgo pendente na gaiola á parede da ca Apenas Gil subia a escada descarapuçou-se logo corando muito, só lhe poude dizer, quando se acercou:

— Senhora Branca...

Ella callára-se, mal o vira, e corando mais ain do que elle, só achou para dizer:

— ¡Ah! ¿sois vós, Gil Vicente?

E ficaram-se mudos, um defronte do outro.

Uma tal commoção reciproca não podia prolon gar-se. Como mais senhora de si, por se achar em sua casa, conseguiu Branca do seu instincto femi nino uma sahida airosa, e continuou:

— ¿Vindes fallar a minha mãi? eu a chamo...

E leve como uma sombra entrou, deixando o troveiro só, n'uma confusão horrivel, maldizendo a sua pouca eloquencia, ¡e vendo sempre aquelle vulto suave que lhe fugia!

— ¿Fui atrevido? — pensava elle de si para comsigo. — ¿Seria eu importuno? ¿Fiz mal? ¿aborrece-me?

E como passassem alguns minutos de solidão, Gil abeirou-se ao anteparo, e olhou para o Tejo. Roxeavam o horisonte da serra de Palmella os ultimos reflexos do sol poente, e a passarada recolhia com os seus chilreados vespertinos ás sombras do laranjal. ¡Que immensa, que indescriptivel serenidade n'aquella solidão! ¡mas no coração d'elle que tumulto! ¡Como lhe saberia bem o estar ali, a dois passos de Branca, respirando o ar que ella respirava, se o não atormentasse o receio de ter sido importuno! Pensou em abalar; ¿mas fugir não seria acrescentar ainda a sua vergonha?

E em quanto assim o punha em tratos aquelle

perigo imaginario, ouviu passos, revirou-se, e viu ao pé de si Guiomar Bezerra.

Já ella não ostentava, como era costume, o seu ar desconfiado e pessimista; era toda paschoas, e acolheu o cortejar do seu visitante com um sorriso alegre.

— ¡ Viva o meu menino! — disse a dona sentando-se, e apontando-lhe um escabello. — ¿ Então que me contais? Já soube, já soube que sois um páção que pisa alcatifas de Sua Alteza. Os meus emboras, filho.

— Senhora, sim, — disse o rapasinho com alegria quasi infantil; — fui-me a Santo Eloy, e a Rainha quiz-me ver.

— Bem sei, já m'o contou meu irmão, que lh'o tinha contado na Sé vosso primo. Andai, que são boas as vossas entrancias em Lisboa: e «quem bem se estreia, bom anno lhe venha». E mas, ¿ a que deveis tanto favor, filho?

— A meu tio, ao senhor Duque de Bragança... ¿ que sei eu? e mais que tudo á bondade de Sua Alteza.

— Assim é. Vosso tio quer-vos de veras, como pai; e «quando é boa a primeira passada, vale por toda a jornada»; ¿ não é assim?

— Assim o creio, tia Guiomar.

— ¡ Branca! — bradava Guiomar para dentro. — Vem, filha dos meus olhos, vem ver o nosso troveiro.

Branca, ainda envolta no seu pejo de adolescente, não se fez rogar, e appareceu logo. Sentou-se atraz da mãi, e não desfitava os olhos de sobre o mar.

— ¡ Oh! ¡ se a visseis! — proseguiu Gil já quasi recobrado; — ¡ se visseis que boa ella é! deu-me seis justos de oiro, e muitos doces.

— E mais vos dará, que a nossa Rainha é boa a valer. Ainda me lembro de a ver em Setubal

quando casou, muito novinha, muito branca, e ¡ tão boa! Aquillo é que é Rainha como nós queremos: portugueza dos quatro costados, e sempre amiga da arraia miuda. ¿ E como vos parece o nosso quintal?

—¿ Quintal, senhora Guiomar?! isto é um paraiso. Aqui me lembra muito o nosso pomar de Guimarães; e ¿ sabeis? morro-me de saudades dos de lá, meu pai, minha mãi, e minha irman Filippinha...

—¿ Vossa irman? coitadinho!

—Sim, minha irman. ¡ Como ella me quer! é mais velha do que eu um anno. ¡ Ha-de-se ter fartado de chorar! E foi ella, com as suas bentas mãos, quem aprestou tudo tudo para a jornada. ¡E que alegre que ella é! ¡ brincavamos tanto! ¡ Quando a tornarei eu a ver!...

E o moço tirou do pellote um *suadeiro* (lenço, diriamos hoje), e enxugou as lagrimas que lhe arrazaram os olhos. Branca sentiu involuntariamente os seus tambem cheios de pranto, e voltando mais a cabeça, sem nunca olhar para Gil, limpava-os disfarçada com a mão.

O cão da casa, chamado *Caroto* (nome que o poeta veiu depois a dar a um dos diabretes dos seus autos), um pobre perdigueiro grande, atravessado, côr de canella, intelligentissimo, muito velho e muito fiel, chegou-se n'este comenos, e agitando a cauda roçou-se pela visita, sem lhe desejar mal, porque o não sabia desejar a ninguem, antes saudando a seu modo. Gil afagou-o, e disse:

—Tambem lá temos um, de que trago muita pena.

—¿ Como se chama? —atreveu-se Branca a perguntar, admirada da sua ousadia.

—Chama-se *Ratinho,* por ser côr de rato.

Riram todos tres com bonhomia sincera; e Caroto, dadas as tres voltas do estylo, enroscou-se aos pés de Gil. Era mais um amigo n'aquella casa hospitaleira.

—Tia Guiomar, —volveu o joven poeta, como

para dar assumpto novo á conversação — ¿ nunca sahis? ¿ não ides nunca á rua Nova pelas tardes? ¡ Que linda rua! dizem que não se topa outra tal em toda Europa. Já lá estive, no enxamear dos galantes, damas vão, damas veem, e hacanêas, e murzellos... ¡ Pois as boticas, surtidas de tudo quanto é bom!

— ¡ A' rua Nova, filho!!! — atalhou Guiomar. — ¿ Eu á rua Nova? não, filho, não vou. Mais me quero em casa a fiar um armeo de estopa com minha filha, que não n'esses poisos de gentio. «A mulher arca, e o homem barca». E a demais, bem me lembro ainda dos *Arrenegos* de Gregorio Affonso, de Setubal:

Renego de passear
de continuo pela praça.

Olhae lá: ao campo, sim, alguma vez nos vamos. A Odivellas, que é d'aqui, a bem dizer, uma boa legua, hemos de nos ir para a semana, que ha lá abbadessado; e um Capellão do Mosteiro grande, antigo amigo de meu senhor Martim de Crasto que Deus tem, já nos enviou rogar muito lhe não faltassemos. E' muito compadre nosso o Capellão, e podemos levar-vos. Gilinho, heis-de ir comnosco. Já ficais aprasado. Lá foi hoje meu irmão Lourenço a Odivellas na sua mulinha jentar com o bom do Capellão.

— As mãos vos beijo; e se meus tios derem licença...

— Ai, dão, sim, que eu com elles me entenderei.

Branca admirava em silencio o reviramento que notava nos modos de sua mãe, e (sem saber porquê) dava parabens á sua sorte. Assim aninhado e amimado, já o mancebo não ficava sendo n'aquelles lares um extranho, mas um amigo, e um bom companheiro. Branca, sequiosa de uma innocente affeição masculina, visto não ter irmão para proteger (como Filippa protegia o seu), olhava já para Gil

como para um irmão. Todo o desejo d'ella era ouvil-o outra vez cantar, ¡ ouvir-lhe aquelles rimances tristes que elle sabia!... Mas nem por todo o oiro da Mina se abalançaria a ingenua moça a boquejar sequer em tal. Deixou instinctivamente ao acaso o cumprimento dos seus devaneios, e encommendou-se á Virgem, que de amores puros é dedicada protectora. Isto porém não o suspeitava Branca; nem as suas theorias religiosas lh'o diziam, nem ella percebia ainda o que fossem amores.

N'isto, entrava Lourenço Esteves, sorrateiro, e chegando á sobrinha, sem ser pressentido, agarroulhe affectuosamente na cabeça, por detraz, e beijoulhe com sentimento paternal o apartado do cabello loiro. Ella, com um grito infantil, revirando-se a sorrir, enleiou-o com os braços.

— ¡ Ai a minha menina! — dizia o bom Quartanario. — ¡ Um dia inteiro sem vêr o tio velho! ¡ coitadinha!

— ¡ Tio! ¡ tio! — respondia ella. — ¡ Muito bem chegado! ¡ Que saudade!

E assim ficaram uns momentos.

— Irman, ¡ Deus vos salve! — continuava Lourenço largando a capa. — ¡ Boa noite, Gil!

— ¿ Irmão, então como vos vai?

— Lourenço Esteves amigo, os meus emboras da boa tornada.

— Lá fui — proseguiu elle sentando-se à par de Branca, adorada de todos n'aquella casa. — Lá fui, lá estive em Odivellas, com o nosso Padre Apariço Gomes. E sabei, Gil, já vim pela rua dos Ourivezes, a aprazar vossos tios para que não falteis todos na festa do abbadessado.

— ¿ Sim? — volvia Gil contente — ¡ Ainda bem!

— ¡ Ainda bem! — disse Branca batendo as mãos sem poder dominar a sua alegria.

E conversaram algum tempo.

Tinha tocado a Trindades em S. Braz, quando Gil, depois de merendar com as duas uma pouca de fructa deliciosa, se retirou.

Chegado ao cabo da galeria dos arcos, ao pôr a mão na aldraba da porta da rua, revirou-se machinalmente para contemplar ainda uma vez o socegado aspecto da vivenda, e viu... (ou lhe pareceu vêr vagamente) uma esbelta figurinha, que do varandim o espreitava, e se sumiu como um sopro apenas o lobrigou a olhar...

CAPITULO XIX

Uma festa de abbadessado no Mosteiro grande de Odivellas

Oh! ¡como sorria ao sol d'aquelle Outomno o pacifico logarejo de Odivellas, desde a manhan do dia do abbadessado!

No extremo oriental do lindo valle da Paian, um dos sitios mais alegres e bucólicos dos arredores de Lisboa, agglomeram-se as caiadas habitações de Odivellas ao Poente do *couto* (ou larguissimo pateo privilegiado) do Mosteiro das donas, guardas vigilantes ao tumulo do Real Fundador.

Hoje, que o Cenobio é, por assim dizer, uma ruina, profanada vilmente pelos demolidores, para

quem as demolições monasticas são pescaria em aguas turvas, hoje, que de tantas memorias interessantes, como as que ali se reuniam, nada ou quasi nada resta, para honra e proveito dos ladrões, faz muita tristeza lançar um olhar contemplativo ao periodo glorioso, em que essa casa mystica, venerada dos antigos Lisboetas, abrigava centos de senhoras, ali acoitadas dos temporaes da vida, e merecia por antonomasia ser denominada *o Mosteiro grande*.

Não venho aqui historiar nem descrever Odivellas; é tarefa já concluida (e com esmero) no interessante livro do estudioso e fallecido Borges de Figueiredo; venho apenas assestar a minha camara-escura de artista sonhador, e devanear o que foi, ainda nos seculos XV e XVI, aquelle agglomerado pittoresco de edificações, que, só á sua parte, formava, a-dentro na clausura monachal, uma especie de villa populosa. Paredes velhas e nobres, de que o terremoto nos deixou boas amostras; ogivas elegantissimas, de que ainda subsistem algumas; um templo vasto, que era uma maravilha de arte; um côro enorme, que era um templo; uma serie de capellas e retiros piedosos, na egreja, nos claustros, na cerca; a torre de Valle-de-flores, que vi, antiga habitação d'el-Rei D. Diniz e da Rainha Santa, n'uma quinta que ali possuiam; duzias de bellas lapides sepulcraes brazonadas e effigiadas, que dariam um livro de historia; alfaias ricas, em cuja confecção se haviam esmerado os artistas de maior fama; quadros de autor; pergaminhos illuminados; monjas de illustres casas, que ainda pelas suas relações de familia augmentavam o prestigio d'aquelle recesso mystico; um exercito de professas, educandas, pupillas, e famulas; tal era, tal foi nos seus dias de gloria, o venerando Mosteiro de Odivellas.

As raizes da sua fundação, já então bruxuleada de lendas formosissimas, remontavam ao Rei galanteador e litterario por excellencia, que ali quiz ir dormir, e dorme ainda, até que alguma ordem estupida da nossa *burocracia* contemporanea o remova para qualquer valla, e lhe brite para maca-

dam *utilitario* o elegante sarcophago. A fama d'este Convento illustre alimentava-se, no seculo, de mil affectuosas relações entre as monjas e as senhoras das principaes linhagens. Ali se recolheram donas da alta Nobreza, e até Princezas de sangue regio, e até Santas; e foi preciso que outro galanteador voluntarioso e leviano por indole, maculasse aquelle ninho sagrado, para que a malignidade publica se affoitasse a generalisar, como regra, o que não passava de excepções, culpaveis sim, mas só filhas da fragilidade humana *narcotisada* pela devassidão de um Rei.

N'este Outomno de 1498 o Mosteiro de Odivellas era para todo o Lisboeta um centro populoso, que attrahia as attenções e concitava o respeito, e ao mesmo tempo um dos passeios mais appetecidos de quem queria espairecer-se alegremente, e retemperar a alma com bom sol, boa alegria, e bons arès.

E por isso é que, desde a manhan do dia do abbadessado, reinava na pacata Lisboa desusada animação, com a sahida matinal de muitos centos de cavalgadores e peões a caminho de Arroyos, de Alvalade, do Lumiar, e de Odivellas. Ainda ha bem poucos annos, antes do caminho de ferro de Bellas, quem se levantasse ante-manhan presencearia uma alluvião de romeiros do Senhor da Serra, na ultima Dominga de Agosto, em carroças, em carros enfeitados, em carroagens, em omnibus, a cavallo, a pé, n'uma promiscuidade, n'uma competencia estonteadora. Coisa parecida viu a Lisboa velha nas tardes da Madre-de-Deus, nas madrugadas dos Domingos de Maio pelas romarias do S. João *da-Barba-doirada* de Bemfica, e em qualquer outra occasião, em que o regosijo popular, unido ao pensamento religioso, despertasse as hordas plebêas do seu estagnamento habitual.

No numero d'esses festejos entravam, para to-

do o Lisbonense digno d'esse nome, os abbadessados de Odivellas.

Tudo concorria, é bem certo, para tornar encantador o campestre praso-dado de tanta gente: a proximidade em que o Mosteiro se achava de Lisboa, a sua fama, a amenidade do logarejo, as famosas vinhas do termo, ainda não philoxeradas, os copados laranjaes do Lumiar e de Carnide, ainda então viçosissimos, o risonho das encostas da Paian e da Ameixoeira, todas ainda então crespas de matto denso a perder de vista, saudaveis, bem cheirosas, lavadas de aguião, inspirando liberdade e esquecimento de canceiras. Eram cavalgadas e burricadas alegres e loquazes, e ranchos, bem apercebidos de apetitosos fardeis; despovoava-se boa parte da Lisboa operaria; e de todos os casaes das cercanias de Alvalade, da Luz, de Caneças, de Loures, sahiam camponezes e moçoilas com o fito em Odivellas. As violas, os cantares, as gaitas e tamborís, as expansões tão necessarias ao elemento operoso da Capital e das hortas, condensavam no *couto* uma festa cheia de physionomia, e pittoresca a mais nãoser.

Aberta a egreja do Mosteiro, toda ella flores, velas, e lampadas, cheirosa a rosmaninho, rosas e alecrim, e chilreada e gaiolas de passaros cantores; o couto alastrado de areia de espadanas, e cheio de taboleiros de comestiveis, bolaxas, marmelada; os sinos a repicar sem descanço; e entre a confusão geral, pairando como um tropheo o nome glorioso da senhora Abbadessa nova!

Era uma delicia tudo aquillo, e não fazia mal a ninguem, senão que levava a muitas almas uma alegria san, que as remoçava e melhorava. Com os nossos costumes antigos meio patriarchaes, tudo se passava como que em familia; e sobre o festejo popular rutilava a alma portugueza.

. . . .

Entre a muita gente que se aproxima do Mosteiro, diviso, já perto do couto, ali á Memoria, um grande grupo a cavallo. Se nos affirmarmos bem, veremos que se compõe o grupo de pessoas muito nossas conhecidas.

Vai Guiomar Bezerra toda secia com a sua touca de seda.

Vai Branca, gentilmente adornada de um brial, e deixando vêr por baixo do guarda-pé os seus chapins de Valença.

Vai Lourenço Esteves, de capa comprida de pano e chapeirão de clerigo, cavalgando atraz d'ellas a sua mulinha acastanhada.

Vai o nosso desempenado poeta Gil Vicente, a fazer de cavalgador da estardiota n'um burrinho muito nedio, e entretendo o rancho com os seus chistes salgados e galantes.

Vai, com o seu sabido capuz de pano pardo, o robusto Ruy Chapuz, tocando os gericos alheios de quando em quando, exforçando-os com metaphoras navaes, e manobrando o seu menos bem do que usava manobrar os caravellões para os Açores ou para Ceuta.

Vai sua filha, a insinuante Breitiz Alvares, meio rebuçada n'um manteo de pano leve e escuro, a baixo do qual se avista apenas um pequenino pé, impaciente e caprichoso, que forceja tocar na barriga do jumento.

Vai Gil Vicente ourives, de gorra de velludo e bota alta, no seu garraninho manso ajaezado a primor.

Vai a bondosa Martha Dias, que em todos pensa menos em si, trajando uma alfarda pouco luzida para quem é.

Vai Gil Fernandes, meio extranho á nobre arte de cavalgar toda a sella asinina, plantando de onde em onde sua figueira para enganar o caminho.

Vão emfim, com uns cabazes á cabeça, os es-

cravos negros, talvez antigos Principes do Manicongo, hoje, por seu mal, serviçaes de christãos velhos na Lisboa dos descobridores do mar Tenebroso.

E tudo aquillo se agita, falla, ri, muda de posições, alterna perguntas e respostas comicas, e desliza a passo miudinho ao longo da estirada legua da jornada.

E como estes, outros e outros grupos, que ora se distanceiam, ora precedem, ora acompanham, e todos seguem na mesma singradura em demanda da florída Odivellas.

¿ E querem que diga tudo? ¿ sabem quem acompanhou desde Lisboa o farrancho d'estes romeiros? o nosso amigo Caroto, contente como um rato, dobando sete vezes a caminhada, e festejando a todos com o seu olhar intelligente e bom.

Quanto ao moço Gil, esse parece que perdeu o medo á gentil Branca; e Branca já não treme de receio ao dirigir-se-lhe. Parecem conhecidos desde muito tempo, e tratam-se com uma familiaridade quasi fraternal, que diz muitissimo n'aquellas edades innocentes.

Tinha chovido na vespera; o ceo azul-claro illuminava a paizagem vasta e alegrissima. A areia das estradas não se levantava em poeirada incommoda; dava pizo macio aos transeuntes; as sébes rescendiam deliciosamente aljofradas de amoras e rosas bravas.

Apeou-se o grupo á porta do Padre Capellão, a um canto do couto. Tudo em roda da praça viamse as cavalgaduras descançando, e esmoendo palha ou ração, conforme as posses dos donos; e todo o ambito d'este vasto *recebimento,* privilegiado, segundo já disse, como cabia a tão alto Cenobio, via-se apinhado de todo o genero de gentio.

— ¡ Viva quem tem feição! — disse, chegando á porta, a ama velha, a boa tia Paschoa — ¡ Vivam todos! ¿ e como vos vai?

— Não vamos melhor, porque não podemos; bem liz o rifão: «a pouco dinheiro, muita saude» — res- ondeu o Ourives abraçando-a.

— ¿Pouco dinheiro vós? — tornou a velha — ¿O)urives de senhora Rainha?! Já cá se sabe, já cá e sabe tudo.

— ¡Ainda bem! E louvado Deus, que vos enxergo ío guapa, tia Paschoa — volveu elle.

— Em Odivellas — ponderou Guiomar — não ha cença d'el-Rei, nem da senhora Abbadessa, para ntrarem doenças; ¿ não é assim, tia Paschoa?

— ¡Ai! não digais isso, que bem achacada ando a com o meu flato; ¡tenho umas caimbras na ca- eça! ¡Credo! só eu sei. Tia Guiomar Bezerra, ¡que nda está a cachopinha, benza-a Deus e meu senhor . Diniz! magrinha, isso sim, mas isso... não é de- :ito. — (Note-se que a tia Paschoa era a magreza n pessoa.) — ¡E cá o nosso Quartanario, que eu ıda conheci tamanino! esse é uma flôr de Quares- ıa. Ai, se não me engano... (¡Credo! ¡ que dôr ue me deu n'este braço! ¡ parece assim a modo tal ual mesmo uma cobra!) se não me enganam estes ue a terra ha-de comer, esta é a menina linheira e Santo Esp'rito; ¿não é? bem a ponto vem dizer- e que «linho apurado dá lenço dobrado» ¡Ditosos lhos meus! Tambem a conheci cachorrinha; ¡ai! que saudades! quando moraveis a Benabuquer e u as portas da Cruz com o sr. Escrivão de Ceuta o arco ¿ não estais certa ? ¡Mas como ella encorpou, moreninha! parece uma Moira da Moirama. Es- era: ¡este é Ruy Chapuz! venha esse abraço, ho- nem de Deus! Deus vos salve, senhora Martha; ¡ e osso filho Gil Fernandes! ¡que sizudo! ¡caspite!

E abraçava e beijava a todos, e saracoteava-se, rremangada, muito limpinha, saia arregaçada, dei- ando ver os sóccos e a perna, e respondia, e dava ota e az aos mais pintados, e só por si encheria um Parlamento, se os Parlamentos á moderna, onde tanto e falla e tão pouco se faz, estivessem já inventados ıa era de quatrocentos.

Poupo ao leitor a narrativa da scena. Como esta

ha-de ter presenceado muitas, e completará com imaginação e a memoria o muito que deixo por escrever.

De repente, quando iam entrando, a santa velhinha estacou, e dando com os olhos no troveiro, exclamava:

— Ora esperem: ¿e quem vem a ser este cachopo? d'este não resa o meu breviario. ¡E é guapo a valer! ¿Quem é então?

— E' nosso sobrinho, de Guimarães, nosso afilhado tambem — explicou Martha Dias.

— ¡Ah! ¿sim? Benza-o Deus, e o livre de quebranto. ¡Viva, meu senhor!

— Agora vamos ao que mais importa — interrompeu o Ourives: — ¿Onde está meu amigo o Padre Apariço Gomes?

— Na egreja — disse Paschoa. — Vão, a bem dizer, começar a Missa, que é de estrondo. Só cantores de Lisboa são sem conto.

— Vamos a ella, que «ouvir Missa não gasta tempo».

— A minha foi a das bemditas Almas. ¿Não quereis tomar algum doce? ¿algum vinho? ¿não? pois sinto.

— Agora não, tia; logo, logo fallaremos — respondeu Chapuz com intenção.

— Pois sim, filhos, sim. Ide-vos com a paz do Senhor. Até logo.

Sahiram. O Ourives voltou uns passos atraz, e disse a Paschoa, como em confidencia:

— Olhae, tia. Veem ahi umas condeças com carnes e outras coisas, e umas garrafitas de Douro velho, para ajudar o jantar.

— ¡ Ora! ¡que incommodo!

E' que o bom Capellão era pobre; tudo que tinha era para dar; e a invasão de um tal exercito de Xerxes deixal-o-hia em branco; a amisade e a franqueza remediavam assim todo o mal da aposentadoria.

Entraram na egreja monachal, e tomaram logar proximos uns dos outros.

A egreja era, como já indiquei, muito vasta, e achava-se repleta de povo. Tinham fama em todo Portugal as festividades religiosas; muito mais nos mosteiros femininos, onde a boa musica era encantc celestial.

Terminada a Missa, tomada a posse solemne pela Abbadessa nova n'aquelle côro immenso, cujo chão corria em plano egual com o da nave, desfilou a beijar-lhe a mão, como a sua Prelada, com mostras do mais filial respeito, e mesuras lentas e compassadas, todo o interminavel cortejo das suas subditas, algumas muito formosas nos trajos rituaes, ao som do orgam, e debaixo de uma chuva de flores e lentejoilas, que de quando em quando cahia das tribunas como ondeiradas. O espectaculo do cortejo, vistosissimo ali, presenceava-o todo o publico, abertas as cortinas da grade; e durou muito tempo.

Findo este ceremonial imponente, sahiu o nosso rancho, de vagarinho, entre o apertão da turbamulta, e volveu, já com o Capellão Apariço Gomes á modesta poisada do recanto do couto.

CAPITULO XX

EM ODIVELLAS TAMBEM SE JANTA. — DESCREVE-SE O JANTAR EM CASA DO CAPELLÃO DAS FREIRAS

uito folgo, muito folgo, amigo meu, de vos ver tão bom — não se cançava o Capellão de dizer, rindo sempre, ao seu amigo o Ourives Gil Vicente, quando cá fóra da porta travessa, na galilé de columnas, pararam a comprimentar-se — ¡Ora! ¡ora¡ ¡ora! — (E abraçavam-se, batendo-se mutuamente pancadinhas nas costas com a palma das mãos) — Sempre temi que me falasseis. E' só o que vos digo; é só o que vos digo.

Fizeram-se as apresentações reciprocas, trocaam-se apertos de mão, que pareciam não ter fim.

— ¡Faltar-vos eu, Padre Apariço!! Homem não ou que rôa a corda a ninguem; e «o promettido é levido».

Era 1 hora da tarde (hora de Nôa, como dizia o itual monastico).

A pobre casa do risonho Capellão Aparicio, ou Apariço Gomes, pequena e muito aceada, abonava o alinho e arranjo da diligente Paschoa. Muito caiadas as paredes, orladas de azulejo velho até um terço da altura, e rodeadas de poucos cadeirões de coiro. Ao meio do aposento da entrada uma meza ordinaria, de madeira escura, com a sua toalha de folhos alva como neve, e umas albarradas de boninas vulgarissimas, entre uns pratos de Talavera, e umas loiças desemparelhadas, fabrica nacional das olarias do Almocavár. Tudo pobre, mas respirando ordem, a attrahindo o bem-querer.

O Padre era um Minhoto velho, de uma aldeia do termo de Guimarães, algures, antigo amigo e companheiro de infancia do Ourives Gil Fernandes. Muito bom homem; a alma rutilava-lhe nos olhos; manso e pachorrento, mas jovial a seu modo. N'aquella bocca só assomavam sorrisos de boas vindas, nascidos mesmo no coração. Nunca se lhe ouviu murmurar do proximo, senão que tinha para todas as culpas perdão, e desculpa ainda por cima. As Monjas adoravam-n'o, e a gente do logar via n'elle um amigo e conselheiro segurissimo. Se habitualmente não era conversador de eloquencias profanas, no confessionario era um verdadeiro apóstolo. Pobres, nunca desamparavam aquella porta; e nenhum deixava de levar a mealha caridosa envôlta em palavras de conforto. Lettras, essas é que eram poucas; mas, ¡por Deus! dispensam-se de boa-mente quando as suppre virtude massiça. De litteratos malignos me livre a Providencia; um coração amante e simples vale um genio, com tres doutos ainda de contrapezo. Não mofemos pois das nenhumas Lettras do Capellão. Os seus livros eram uma Brivia (Biblia) e um Breviario. Cataldo Aquila e Lourenço Valla sabiam mais latim, mas nenhum d'elles atinava me-

lhor com as veredas enredadas por onde se chega á paz da consciencia.

Costumam repetir algumas pessoas, com o riso alvar da ignorancia ironica, e mofando dos crentes:

—Dos pobres de espirito é o reino do Ceo.

Como se dissessem:

—Nós outros, os engenhos altos, desprezamos a Egreja. As suas praticas, as suas doutrinas severas, não são para nós. A resignação religiosa deixa de ser um acto de força; é uma cobardia. Essas maximas humildes não se coadunam com a dignidade humana; são boas para os ineptos, para os espiritos fracos, apoucados, e desallumiados, os *pobres de espirito.*

Não sabem esses motejadores que fallando assim dão prova de ignaros, sobre malignos.

O que o sermão da Montanha enumera entre as Bemaventuranças, não é a pouquidade do engenho nem a mesquinhez da intelligencia. Talentos grandes, e grandes genios, foram muitos Santos Padres da Egreja, Doutores, Confessores, e Martyres. O que a sabida phrase *pauperes spiritu* quer ali significar, são só os animos modestos, desprendidos de ambições, pobres de aspirações mundanas. Qualquer vocabulario latino o explicará melhor do que eu.

Querer attribuir ao DIVINO MESTRE, que era a Sabedoria suprema, a asserção de que só idiotas e mentecaptos entrariam ao reino dos Ceos, é assacar-lhe uma nescedade semsabor, que nem elles, esses taes criticos, saberiam formular de boa-fé.

A palavra *spiritus* em latim tem (além de outros significados obvios) o sentido translato de soberba, arrogancia, atrevimento, presumpção. *Spiritus regius* disse o grande Cicero tomando *spiritus* por orgulho Real; e Tacito, que tambem sabia escrever a sua lingua, e a escrevia melhor do que os taes criticos a sua, disse: *frangere vim ac spiritus*; como quem escrevesse: quebrar o descommedimento e a audacia.

Esses modestos, pois, como Apariço Gomes, esses desprendidos de soberbas vans, esses suaves

despresadores de ambições mundanaes e satanicas, esses, e só esses, quiz o PREGADOR sublime da Montanha que fossem dignos do reino do Ceo. São sempre corações feitos de abnegação e amor, como era o d'elle, e para quem as vaidades figuram como lettra morta. Se teem escassas Lettras, importa pouco. Só perdem n'isso as Academias, onde elles aliás não pretendem entrar.

Perdôem-me a digressão, e continuemos.

O *jentar*, pouco depois de chegarem, correu alegrissimo, e foi mais succulento e variado do que o proprio amphitrião suspeitava. O leitor, e a tia Paschoa Eannes já conhecem o porquê. Bebeu-se o vinho puro do nosso termo, e appareceram as gallinhas estofadas de Martha Dias, em companhia com as perdizes dos mattos da Paian cosinhadas pelas bentas mãos da boa Paschoa. De *postres* não fallemos; eram a rodo os confeitados de todo o genero, os ovos doces, as chilas, as marmeladas, os esquecidos, as fructas encaniladas, presente das donas do Mosteiro ao seu querido mentor e administrador.

Caroto, o jovial Caroto, excitado por um dia todo de folia e liberdade, assistia tambem, recebendo de uns e outros, em volta da meza, uns antegostos da refeição d'elle. E' mau costume, talvez, mas assim mesmo é que foi. Eu aqui sou apenas historiador.

No fim do repasto, verdade seja, todos fallavam ao mesmo tempo.

A memoria d'essa boa e humilde gente me perdôe. Não quero dizer que estivessem fóra de si; só noto que o licor da Arruda e de Torres-vedras é ás vezes de uma eloquencia, que até faz palrar os papagaios, quanto mais creaturas humanas!

—Eu o que digo é isto:—clamava o Capellão, em quanto o Ourives fallava da Rainha, o Maritimo descrevia um temporal de Sudoeste no Cabo de S. Vicente, o Quartanario elogiava certo prato que dera em cara a todos, os mocinhos altercavam, e as mulheres tagarelavam;—sim, o que vos digo... e vós bem sabeis, manos meus, que fallo sempre verdade como um livro de imprensão; o que vos digo é só isto. N'este Real Mosteiro, que vós bem sabeis que é Real; e se o não fosse, não estava alli el-Rei o senhor D. Diniz, que Deus tem em gloria; e se não estívesse ali el-Rei, não vol-o diria eu; ¿não é assim? N'este Real Mosteiro... Ora agora, vós sabeis, e digo-vol-o aqui á puridade; o que vos digo é isto, amigos meus...

—Padre Capellão,—interrompia Ruy Chapuz;—e eu o que vos digo é que vos tomára a bordo do meu caravellão em noite de aguaceiro bravo, para vos desemperrar a lingua; isto de homens terrastãos, que só se querem com agua doce, como as arrans e mail-as saramantigas, e não provam da agua salgada, não os tenho em dois ceitís.

E batia com o punho em cima da meza.

—¡Quê, mestre!—volvia o padre fallando ao mesmo tempo—o que só vos digo, e n'isto não vos vai offensa, é que n'este Real Mosteiro habito eu ha trinta annos, que os fez pelo S. Miguel... ¿não é assim, Paschoa?

—Já vão corridos trinta e um, meu dono, que foi pelo S. Miguel de Setembro, quando viestes de Flor da Rosa, estava eu, por signal, em casa do albardeiro do Poço do Chão.

—Pois sim, Paschoa, mas eu o que digo é só isto.

—Pois é só isso, é; e é pena—disse o joven troveiro a meia voz, com ar muito engraçado, ás suas visinhas de meza.

Riram todos, sem que o Padre percebesse o porquê, e proseguia:

— Ahi está o mocinho Gil, que assim o confirma. O que eu digo é isto.

— Mas, como eu ia dizendo — bradava Chapuz: — Zurrava a ventania nas enxarcias ¡como todolos diabos! Tira-te, Caroto. Eu andava ali no castello de prôa, de chicote na mão, azurragando os marinheiros. Fazia um frio e um escuro de todolos diabos; e a amura...

— Logo contareis isso, Ruy — dizia o grande Ourives; — de mais a mais, já o contastes; deixae-me agora pôr aqui em pratos limpos toda a minha historia. A senhora Rainha, sentada n'uma cadeira grande, a modo de throno, e o senhor Duque ao lado...

— Tudo isso é bom — observava o Quartanario, em quanto o outro continuava a sua circumstanciada narração; — mas melhor, a meu vêr, foi aquelle capão recheado. Por minha fé que nunca em dias da vida... ¿Não provaste, Branca?

Gil Vicente concluira a custo a sua historia, que todos sabiam e poucos escutaram, e impaciente por uma diversão, bradou:

— E vós, Padre, ¿que dizeis?

— Eu o que digo é isto — respondia muito convicto o excellente homem.

— E eu o que digo, — observou Martha — é que estas cachopas querem bailar, talvez, e que estamos assim perdendo o tempo, que é mais d'ellas do que nosso.

Iam todos levantar-se, quando se abriu a porta, e assomou-se a ella a figura comica do escudeiro Ayres Rosado, conhecido de todos os presentes, e que ainda ouvira a falla de Martha; e bradou:

— E fallais como um Avangelho, Martha Dias, senhora minha. Já no terreiro bailam; ¿não ouvís a tamborilada que lá vai?

—A ponto vindes, Ayres Rosado—disse o Ou-
ives em tom de chasco.—Sois bailador de fama, e
.ão deixareis de bailar hoje.

—Sou bailador, cantador, e tudo; e se n'este
bbadessado não pulo hoje com dama da minha
rte, arrenego de tal folgança. Eu nasci para os
mores — concluia requebrando-se e em tom aflau-
ado.

Cumprimentou umas e outras com ademanes
orçados de cortesão ridiculo; Breitiz nem pestane-
ou, nem o encarou sequer; parecia de pedra. Aper-
ou depois a mão aos homens, dando-se uns ares,
ue diziam mal na sua personalidade estitica, e fa-
iam sorrir as duas moças.

Presumia Ayres Rosado de bem fallante, afidal-
ado, e tangedor de viola; sempre sem ceitil na al-
ibeira do pellote, tomava uns superiores modos de
nfastiado, que irritavam o moço Gil Vicente. «Ainda
ue sua moradia era mui fraca, continuamente era
amorado»; pintou-o assim uma rubrica preciosa da
arça *Quem tem farelos*; e o grande troveiro, que
eiu a tomal-o á sua conta, e o immortalisou, escre-
eu d'elle:

> Faz umas trovas tão frias,
> tão sem graça, tão vazias,
> que é coisa para haver dó.
> E presume de embicado,
> que com isto raivo eu.

Contava as suas aventuras, menos que supposi-
cias, e julgava-se em boa-fé o primeiro galante de
.isboa, e o mais valente.

Com Breitiz tentára elle entreter amores; pas-
ava-lhe ás tardes pela casa, Rigueira acima até ao
alvador, Rigueira a baixo até ao chafariz de Den-
ro, atroando a calçada com o estrepito da sua
gua pellada; mas nunca a discreta moça o podera
offrer, e mostrava-lh'o muito ás claras quando o
ncontrava n'alguma festa em quintal de mesteiraes
e Alfama, unica sociedade que elle podia frequen-
ar, que de toda outra o escorraçavam a primor.

—Ayres Rosado—dizia o Capellão com franqueza,— ¿querreis servir-vos do que ha?

—Graças—respondia o moço;—comerei um confeito de fructa e um copo de vinho vosso. Jantei hoje em casa de Lopo de Albuquerque, e de lá vim no meu murzello papando caminho, que não havia mais desejar.

—¿Lopo de Albuquerque?—perguntou rindo malicioso o Ourives.—Está a estas horas na sua quinta do Paraiso.

Todos sorriram.

—Dizei antes que ao paraizo chego, á companhia d'estas damas—respondeu Ayres fazendo boquinhas e sem se atrapalhar.—Enganei-me. ¿Lopo de Albuquerque disse eu? não; jantei sim com D. Martinho de Castello-Branco.

—Esse está no Porto—atalhou entre a gargalhada geral o troveiro.

—Assim será; e com outro seria o jantar, que não faz o nome ao caso—explicou corando o impostor.—A memoria falha; isso é coisa natural, e muito acontecedeira (1).

—Outro seria, ou nenhum—continuou Gil sorrindo para os presentes.

—A verdade é que venho empando do jantar que tive—proseguia Rosado, comendo comtudo um grande naco de carne e uma perdiz recheada, bem regada de torreano, e uma boa porção de pão e doce. —Venho empando e banzando com um discreto que topei no caminho, em Carriche, e a quem espanquei sem dó, para o ensinar.

Novo riso nos circumstantes. Ayres Rosado sem olhar ia comendo imperturbavel, e bebendo á redea larga.

—Assim secco como é,—disse Gil baixinho para Branca do outro lado da meza—beberá a torre da Sé (2).

---

(1) Phrase do *Auto de Rubena.*
(2) *Auto da Feira.*

—Que eu, louvado Deus,—proseguia com a bocca cheia o fingido brigão:—em brigas não sei fugir, nem conheço a côr ao medo; e digo sempre com uma trova castelhana que ouvi:

Ya Dios es importunado
de las almas que le envio (1)

E ainda hontem por noite, no Lagar do mel, estava-me eu cantando a minha dama umas trovas de meu engenho, que diziam assim:

Senhora, pois me lembrais,
não sejais desconhecida,
e dae ao demo esta vida,
que me dais;

ou me irei ali enforcar,
e vereis mau pesar de quem
por vos fazer grande bem
se foi matar.

—Bello! bello!—diziam os homens, menos o bom Capellão; e batiam as palmas, entre risos desbragados.

E Ayres Rosado navegava sempre com todo o denodo:

Então, lá no outro mundo,
veremos que conta dais
da triste de minha vida
que matais (2).

A gargalhada recrescia. Ayres Rosado continuava comendo com um appetite devorador, que não abonava muito a abundancia do *jentar* do supposto Albuquerque, nem do supposto Villa-Nova; e gesticulando de copo na mão:

—Outra minha:

Senhora mana Isabel...

---

(1) *Auto da India.*
(2) *Quem tem farelos.*

—¡Isso é fallar por pincéos! [1] —atalhou Gil mofando.

—Basta, ¡por Deus!—gritou enfadado o Ourives pondo-se em pé; no que o imitaram todos os presentes sem mais ceremonia.—Basta, que, por vida minha, chilreais mais que um Cancioneiro. ¡Vamos! ¡ao campo!

—Chilrear é das aves—observou o sobrinho;—peçamos antes o verbo aos burros.

Riso. Levantaram-se todos, e o bobo teve de seguir o exemplo geral. Sahiu com os outros para o couto do Mosteiro. Ficaram ainda em casa Branca e Breitiz acompanhadas do nosso Gil.

—¡Desenxabido homem!—dizia Breitiz intimamente desesperada com a intrusão do importuno.

—¿E desenxabido o achais vós?—respondia o moço.—Eu tenho-o em muito para botar cuidados fora com o riso que nos dá.

Cahiam as costas da habitação do bom Padre Apariço para um quintalinho com alegretes e uma latada, muito cheio de rosas e amores perfeitos, e sombreado ao meio por um viçoso e folhudo pé de murta. A um lado do poço com almácega, amezendava-se a capoeira das gallinhas e dos patos fabricada de canniço.

Ao quintal sahiram as duas raparigas e o troveiro; e ao passo que ellas enfeixavam um ramo de flores, com licença da hospitaleira Paschoa, disse Gil, depois de meditar, e dirigindo-se a Branca:

Colhei, rosa, d'essas rosas.
Minhas flores, colhei flores.
Quizera eu que esses amores
fôram pedras preciosas,
e de rubis

---

[1] *Auto da feira.*

o caminho per onde hís;
e a horta d'oiro tal,
com lavores mui sutís,
pois que Deus fazer-vos quiz
angelical ([1]).

—¡Que differença!—notava surprehendida e com o seu criterio intelligente a linheira Breitiz, fallando com a sua amiguinha.

—¡Ai que lindeza de trova!—disse Branca singelamente.—¿E tendes feito muitas?

—¿Eu?—respondia o poeta;—algumas faço. Para lavrante do oiro me não chamou Deus, com grande pesar de meu tio.

—¿E estais nas Escolas geraes?

—Assim o desejei, e assim o quiz meu tio. Mas ¿para quê? nem o eu sei, nem elle. ¿Lettrado? não saberei sel-o nunca; não me entendo com garnachas. Mais quero a um dia como este, passado a sabor da phantasia.

—Mas a vida não é phantasia, Gil Vicente, se não dura realidade—ponderava branda e com muito juizo a seriisima linheira, com o ar maternal e prudente que sabia tomar quando dava um conselho.

—¡Oh! que o seí. O que eu quero, ¿sabeis? é escolher vida, e ganhar muitos cruzados, e poder algum dia mandar buscar para Lisboa meu pae, minha mãe, e a minha santa irman Filippinha. Ai ¡que saudades! ¡se ella estivesse aqui! ¡comnosco!

(E achava delicioso dizer *comnosco* olhando para Branca).

—¡E quanto eu queria conhecel-a!—murmurava com affecto a juveníl namorada.

—Filha, tira-te do sol; ¿não vês que escalda? —aconselhava Breitiz afastando-a para a sombra. E Branca obedeceu, como obedecia sempre; e depois de um pequeno silencio disse com amisade:

([1]) *O velho da horta.*

—Esta Breitiz é uma segunda mãe que eu tenho.

—Sou, sim; ¿ e que mal te vai?—E enlaçando-a pela cintura, deu-lhe um beijo na testa. E Branca, mimosa como creança, não a repellia, nem correspondia; deixava-se adorar.

—¡Pate! ¡pate! ¡meninos meus!...—vinha de lá dizendo com requebros festeiros a velha Paschoa, que para tudo chegava, trazendo um alguidar com a ração da tarde ás suas aves. Estas conheceram-lhe a voz, e saudaram-n'a esvoaçando, cacarejando, e pipilando em côro.—¡Pate! ¡pate! ¡ meninas, ¡meninas! tomae lá, que são horas. Tira-te, gulosa! deixa comer a companheira. ¡Poupinha! ¡Pardinha! ¡meninas! ¡Pate! ¡pate! ¡vem, vem, pequenina!

Foi uma festa para os tres o vêr a alegria da creação, quando lhe entrou em casa o alguidar de semeas. Caroto acompanhava a velha, agitando a cauda, e pôz-se a comer, n'um prato que ella foi buscar á cosinha, os ossos do jantar adubados com pão e môlho (os ossos eram a peça de resistencia).

E disse Branca:

—O nosso Caroto parece que está a querer dizer: ¡Quem me dera ser saloio de Odivellas!

E tem rasão se o pensa—respondeu Breitiz.—Eu por mim, ¡se podesse!...

—O' tia Paschoa,—continuava Branca, tal qual como uma pequena de sete annos:—olhae, o gallo preto não come, para deixar comer as suas meninas; é como o nosso grande lá da Adiça.

—E', menina; não ha bicho mais cortesão e de melhor creança—(de melhor creação, diriamos, hoje).

Gil Vicente, que estivera junto ao poço esboçando uma trova, espontanea como tudo quanto lhe sahia da alma, disse apontando para aquelle banquete dos pobres irracionaes:

—N'esta malga as cachorrinhas
com os cães d'este teor,

(e indicava Caroto)

> mais os gatos e as gallinhas,
> se fartam das migalhinhas
> da meza do seu senhor ([1]).

Riram as donzellas; e Paschoa rindo boçalmente disse:

—¿Que vem a ser isto? ¿Tambem vós armais trovas, como Ayres Rosado?

—Credo, tia Paschoa!—reprehendeu Breitiz meio indignada.—Como elle, não.

—Então ¿quê?—perguntava a velha rindo, mas sem attingir.

Appareceu Martha Dias, com Guiomar á porta do quintalejo; e disse Martha:

—Meninas, vinde, vamos correr o couto. Já lá estão todos os mais.

Deram por lá uma volta, mas as duas sizudas moças não quizeram bailar.

Rodopiavam camponezes de *gibões* vistosos, mais as suas camponezas em trajos domingueiros, com seus *manguitos* vermelhos, e *alfardas* bordadas, ao som dos tamborís da Ramada ou do Porto ([2]).

Breitiz enfeitava o capuz do pae com amores perfeitos e rosas; elle ria, e prestava-se pacientemente áquella veleidade; e dizia com o seu ar prasenteiro de canzarrão velho:

—¿Queres então enfeitar de galhardetes o cesto da gávia?

E deu-lhe um beijo.

E ella deu-lhe mil.

Visto tudo que havia para ver, abraçado com

([1]) *Auto da Cananêa.*

([2]) *O Porto* aldeola junto á Paian; a *Ramada* outra junto a Odivellas.

effusão sincera o bondoso amphitrião, encavalgou de novo o grupo alegre, e entre despedidas duzentas vezes repetidas, e saudações e acenos de mão quinhentas vezes recomeçados, sahiram, e sumiram-se a caminho do Lumiar, acompanhados pelo Capellão até ao portal do couto.

Era ao cahir da tarde; e o bom Padre Apariço chegando a casa exclamou sorrindo:

—Bemdito seja Deus, Paschoa; o que eu digo é só isto: ¡sempre te sahiste com um jantarão!... Nunca esperei. Temos ahi para oito dias.

Os mendigos, numerosos no ajuntamento, deram por elle, e perseguiram-n'o até á porta com lamentações. O Padre chegou á varanda, viu um magote de andrajosos implorando caridade em Nome de Jesus, tornou dentro e disse a Paschoa.

—Dinheiro, não tenho; mas olha: tudo se remedeia; dá-lhes tudo quanto sobrou, ¡coitadinhos!

—¿Tudo?...

—Tudo, sim; e dá-lhes os doces tambem, que elles talvez nunca chuchassem coisa assim!...

—Mas, meu dono...—objectou ainda a velha.

—Dá-lhes tudo, já disse; amanhan Deus proverá. Não tenho um seitil, não, mas... Deus proverá.

CAPITULO XXI.

ARRATIVA ONDE SE DEMONSTRA PRATICAMENTE QUE ENTRE BOAS AMIGAS TAMBEM CABEM ARRUFOS. — DECLARA BRANCA A BREITIZ OS SEUS AMORES COM GIL VICENTE. — DO MAIS QUE SUCCEDEU NA CASA DE SANTO ESP'RITO.

epois d'aquelle dia tão intimo, estreitaram-se as affectuosas relações das duas honestissimas donzellas com o seu companheirinho Gil Vicente.

Era para Branca uma delicia sem nome o entregar-se assim, sem malicias, sem refolhos, sem segundo sentido, a uma affeição fraternal que a dominava já, e a enternecia ao pensar em Gil.

Era para Breitiz, que ainda nunca tinha amado enão os cavalleiros ideaes das suas xácaras, os pa-dins phantasticos dos romances de cavallarias, um erigoso e gradual abysmo, em que a pobre moça sentia afundir.

Ella, mais intelligente, mais viva do que a outra, rnara-se-lhe, como o leitor já viu, uma especie de

mãe, ou, pelo menos, de irman mais velha. Agora, depois do sentimento desconhecido que a invadia, o seu affecto para com a menina da Adiça não mudára completamente de forma, nem de indole; mas tambem, analysando o estado da sua alma, ás vezes, depois da oração, no seu quarto, achava lá dentro, muito no fundo da consciencia, uma sombra que a assustava: era ciume.

Primeiro, passou-lhe no coração um singularissimo genero de ciume: o receio de que Gil, tão bem prendado como fôra pela Providencia, viesse roubar-lhe a ella as affeições de Branca. Esse estado ancioso, e por assim dizer morbido, senhoreou-a muito tempo; mas como via Gil pouquissimas vezes, e como não percebeu que esfriasse a amisade de Branca, insensivelmente o ciume tomou outra forma, ao passo que ella se ia, a pouco e pouco, deixando dominar pela admiração ao joven vimaranense.

Observava, e percebia os enthusiasmos de Gil pela doce Branca. Padeceu ainda mais.

Não, não lhe podia passar despercebida a predilecção do moço, todo elle fogo, inexperiencia, sinceridade, e talento; essa predilecção era toda para a filha de Guiomar. Não escondia a si propria a alegria que ambos mostravam quando se viam. Não podia disfarçar que, mais velha que Gil, tinha naturalmente que ceder o passo á sua amiguinha, mais nova que os dois. Não podia escurecer que Branca era mais rica do que ella, possuia aquelle predio, uns rendimentos assentados na Casa de Ceuta, a protecção do tio Quartanario, que a adorava, e em perspectiva a sua herança, dizendo todos, pela bocca pequena, ser homem de teres, agenciador, ladino, economico, e para quem o porvir da sobrinha se tornára o desvelo constante da vida. Ella, a doce Breitiz, nada tinha de seu senão a sua agulha e o seu trabalho, com que ajudava a casa, porque o pobre maritimo, seu estremecido pae, pouquissimo grangeava no moirejado e improbo mister.

Tudo, tudo sabia Breitiz muito bem; e apesar

d'isso, era-lhe impossivel recalcar no peito a admiração, e o amor terno e apaixonado, que lhe inspirára, desde o principio, o engenhoso e sympathico adolescente.

Começou a entristecer. Aborrecia-lhe o trabalho. Deixou de apparecer na Adiça com a frequencia habitual; e até se surprehendeu a si propria tratando com menos amor (ás vezes com aspereza) a sua querida tutelada.

Se lhe ouvia fallar em Gil, mudava de conversação, e córava. E Branca, muito admirada, perguntava com innocencia:

— ¿ Coraste ? ¿ porquê ? ¿ fiz alguma coisa que te desagradasse ?

Se Gil apparecia, fazia-se muito pallida. E Branca perguntava:

— ¿ Porque estás hoje tão alheia a tudo ?

Todos estes carinhos, aliás sincerissimos, a irritavam e punham de pessimos humores.

Não raro lhe assomavam lagrimas, que não eram só de amor, mas de despeito e raiva.

Breitiz adorava o pae; e tinha rasão, que elle tambem, não via outra luz no mundo. Nas temporadas em que elle se demorava em Lisboa, nos intervallos das suas viagens de carreira e trato aos portos da Berberia, então, d'antes, a companhia d'aquelle seu maior amigo, as suas pittorescas exagerações de lingua, o seu sorriso leal e bom, que ás vezes não condizia com o carrancudo do aspecto, mas para ella era sempre meigo e quasi humilde, as suas historias tragico-maritimas, repisadas ali aos serões, aquelles nadas sem nome, que tanto estreitam as relações dos entes que se querem muito, os carinhos que ella tinha para com o valente labutador da agua salgada, que tantas longes terras de moirama e pretaria tinha visto, as suas idas com elle á Missa em Santo Esp'rito ou ás Matinas na Sé, tudo isso tinha sido para ella um paraiso. Agora... seu proprio pae a perturbava, e lhe dava remorsos de assim guardar d'elle aquelle segredo. Parecia-lhe que o estava roubando. Fugia-lhe até.

N'uma palavra: para os seus conhecidos, para sua mãe, e principalmente para si propria, Breitiz não era a mesma; era uma sombra do que fôra algum dia.

—¿Que tens tu, minha Breitiz?—lhe perguntou uma tarde Branca no pomar, sentando-se-lhe no collo, e enlaçando-a com os braços.—¿Que tens tu, comigo, que tanto te extranho? ¿Fiz-te algum mal? ¿Não faço tudo quanto queres? ¿Fiz alguma maldade que te desagradasse? ¿Já não és minha *mãe*? Dize, minha filha; quero saber tudo.

—¡Que lembranças que tens!—volvia Breitiz com um vago sentimento de enfado.—¡Que idéas as tuas! és uma tonta.

E passava-lhe, como por de mais, a mão pelo cabello, sem olhar para ella.

—Não, não, isto não são lembranças sem accordo e desarrasoadas. Extranho-te ha uns mezes. Morro-me de tristeza ao pensar que me perdeste a amisade. Dize...

E redobrava de carinhos.

—¿E que hei de eu dizer?

Ficaram ambas caladas muito tempo. Branca beijava de vez em quando os olhos de Breitiz; e esta, meditativa, sem a encarar, parecendo contar uma por uma as folhas das laranjeiras, brincava-lhe distrahida e muito séria com a loira trança do cabello.

—Breitiz, olha que estou a perceber que choras. ¿Que tens? ¿Sente-se enfermo teu pae adorado? ¿tua mãe tem algum mal? ¿Acaso te falta...

—¿O quê?—perguntou Breitiz depois de pausa, e como acordando em sobresalto.

—Eu não te quero offender, Breitiz, bem o sabes; és a minha unica amiga depois de minha mãe; mas pergunto... (e não m'o leves a mal, filha de minh'alma) pergunto... se acaso não tens tido trabalhos, se padeces alguma mingua... Bem sabes:

tudo quanto tenho é teu; e uma palavra que eu desse a minha mãe, a meu tio...

—Branca,—atalhou Breitiz com modo aspero, sentando-a no banco de ladrilho, e levantando-se —eu nada te pedi.

—Ora ahi está ¿vês? offendi-te. ¿Isso é que eu não queria!...

E desatou Branca a chorar por sua vez, com os seus soluços de creança. Por sua vez Breitiz a retomou nos braços, e disse-lhe:

—Vamos, tu é que és uma tonta. ¿A que veem lagrimas? ¿que é agora isto? Não chores, Branca do meu coração, que assim acrescentas o meu mal.

—¿Mas qual é o teu mal?—perguntava a outra dobrando o choro, e em voz que mal se entendia. —D'antes contavas-me tudo; e agora...

Houve um intervallo grande de silencio.

Estando ambas assim, ouviu-se abrir a porta que da galeria dava para a rua, e viu-se entrar, cantarolando, a espigada figura de Gil Vicente.

—Mantenha Deus a gente d'esta boa casa!—dizia o escolar adiantando-se pelo pomar até ao banco de ladrilho.—¡Meninas minhas, sou todo vosso, e aqui vos saudo como cavalleiro, D. Flérida e D. Oriana!

E inclinava-se gentilmente, com modos brincalhões, em quanto ellas, compondo rapidas o semblante, e enxugando as lagrimas, se sentavam immoveis a par uma da outra, sem se falarem, e sem se olharem sequer.

Gil, com o nenhum uso que tinha do coração feminino, e com a irreflexão da sua edade, perguntou:

—¿Vejo claro? ¿não parece que estaveis chorando?

Nenhuma das duas atinou logo coisa que respondesse; foi Breitiz quem primeiro cobrou animo.

—Sim, Gil,—disse ella—são arrufos. ¿Não sabeis que as raparigas, tão amigas como nós somos, tambem se arrufam?

—Ondeiradas de primavera—tornou Gil.—«Renhir para mais amar;» ¿não é assim? ¡confessae, Branca!

E espreitava-a com travessura.

Ella riu-se em silencio, mostrando muito os lindissimos dentes, franzindo o nariz, e acolhendo-se mimosa no seio da *mãe*. Breitiz, muito seria, e ainda descorada de commoção, disse, para mudar de assumpto, e em tom de voz não menos descolorido do que o seu rosto.

—¿Como vos vão os estudos nas Escolas geraes?

—A's maravilhas—respondeu elle com a sua jactancia natural.—Vou como a caravella de vosso pae: vento á pôppa, e todas vellas ao vento. ¿Lembrais-vos?

> ¡Anjos eram os remeiros,
> que remavam á porfia!
> Estandarte de Esperança
> ¡oh! ¡que bem que parecia!

E soltou uma das suas gargalhadas sem malicia.

Continuou a conversação, innocente e ingenua, sobre assumptos microscopicos do seu viver d'elles; e depois de entrar em casa a saudar Guiomar Bezerra, despediu-se Gil, achando diante de si um problema: ¿o que eram aquellas lagrimas?

....

Uma vez, que a linheira entrava na galeria da casa da Adiça, Branca ao avistal-a correu para ella, cahiu-lhe nos braços, e disse-lhe na meia voz das caricias:

—¡Breitiz! ¡que ventura a minha! Gil Vicente

passava ainda agora... e eu, que estava por dentro das adufas (por acaso) e o vi... disse-lhe assim:

—¡Gil!

E elle, de baixo, sem ninguem o ver, olhou-me com a alma toda, e disse-me assim:

—Branca! ¡filha querida!

Senti passos, era minha mãe, fechei a adufa.

Breitiz nada respondeu senão isto:

—Vamos, entremos; não havemos de ficar aqui.

Uma noite, viu Breitiz no bufete da camara de Branca um martyrio lindissimo a florir dentro n'um copo de agua. Olhou, interrogou com os olhos, e Branca muito confusa respondeu:

—Sim, foi elle; atirou-m'o ainda agora ao passar.

Breitiz ficou muda.

Outra vez, em quanto Breitiz costurava, chegou-se Branca, infantilmente allucinada, e agarrando-a pelas costas, segredou-lhe ao ouvido:

—Breitiz ¿não sabes? passou Gil, agora mesmo, pela Adiça arriba; e ao ver que eu entreabria a adufa (por acaso) disse-me com um sorriso encantador, e a meia voz, aquellas palavras de um rimance castelhano que tu sabes:

> ¡Blanca sois, señora mia,
> mas que no el rayo del sol!

—¿E tu?

—E eu fugi para ti, toda a tremer. E ainda tremo. Dá-me a tua mão; ¿não vês como o coração me pula ainda?

Breitiz ficou séria.

Outra vez entrava Branca em visita com sua mãe na pequenina casa de Santo Esp'rito; e em quanto as duas mães se entretinham no quarto de lavor, conversando, seguiu a menina da Adiça, com a sua franqueza de quasi parenta, para a camara de Breitiz.

Por dentro da janella cerrada com a adufa, trabalhava a triste linheira n'um bordado de encommenda para as filhas do Conde de Tarouca. Apenas viu a amiguinha tornou-se pallida. Beijaram-se, e quando se sentaram disse Branca, toda alegria, toda expansão, mas falando em confidencia:

—¡O' minha Breitiz! tu que és tão minha amiga (apesar de teres um segredo para mim) deixa-me dizer-te:—E agarrava-lhe affectuosa nas mãos ambas.—¿Sabes? ¡quanto eu gosto de Gil Vicente! ¡fez acto grande nas Escolas geraes! Sahiu-se bem graças a Deus Nosso Senhor. E hontem, ao volver-se de lá, fez caminho pela Adiça para nos dizer tudo em primeira mão; a mim... a nós antes de mais ninguem. Foi uma festa para todos. Meu tio abraçou-o muito, e disse-lhe assim:

—Anda, Gil, que o futuro a Deus pertence, e eu te ajudarei como a um filho no que podér.

E minha mãe deu um beijo no Gilinho. E quando eu me despedia d'elle na varanda, onde, por acaso, tinha ido dar de comer ao pintasilgo... (estivemos sós tanto tempo como resar meia Ave-Maria)... apertei-lhe a mão... e elle beijou-m'a. E tremia, como eu tambem tremia. E disse elle assim:

—¿Estais contente comigo, Branca? sabei: o vosso maior amigo, sou eu; quero-vos muito, muito.

E tornou a beijar-me a mão.

—¿E tu?—perguntou com uma expansão fria, e quasi rancorosa, a filha de Ruy.

—¿Eu? Quero-lhe mais que a mim mesma. Em elle apparecendo, fico outra; em sahindo, entristeço.

Penso n'elle sempre e sempre. Nunca t'o disse; pois ¿que queres? não me atrevia; e como sei quanto és minha, lá de dentro, digo-te hoje tudo. Não vejo outro sol. ¿Que vem a ser isto, Breitiz? ¿será o que nos rimances chamam amor?

Breitiz não poude responder; suffocou-se, toda arripiada e a tremer, e cahiu nos braços da amiga. Esta, no auge da afflicção, gritou:

—¡Soccorro! ¡Santa Maria val! ¡soccorro! ¡valei-me! ¡ó ama! ¡minha mãe! ¡ó senhora Mecia! ¡ai!...

Correram todas assustadissimas ao quarto, e presencearam o triste espectaculo. Reboliço indescriptivel.

Collocada sobre o leito, desenlaçada pelas mãos de Branca e da ama, molhada de vinagre nas fontes, tornou Breitiz a abrir os olhos, allucinada e sem consciencia, e as primeiras palavras que disse foram estas, em voz muito sumida:

—¡Gil Vicente!...

Branca estremeceu.

As duas mães, a quem Branca, sempre simples, não sabia explicar o motivo d'aquella inesperada invocação, attribuiram-n-a a delirio da fraqueza.

Ruy Chapuz, casualmente chegado então, achando Breitiz enferma, arrojou o capeirão e o capuz, furioso, acercou-se rapido do leito, e abraçou-a com o seu affecto brusco, perguntando, de olhos esgazeados:

—¿Que é isto, com todolos tubarões do inferno?!

—Não é nada, pae querido; foi uma tontura, já passou.

E agarrada ao pae, que era, ainda assim, o maior amor da sua vida, desatou em longo e copioso pranto, que a desabafou, a restaurou, e apparentemente a serenou por fim.

Guiomar sahiu desconfiada e com a pedra no

sapato; e Branca, innocente e vendida, e a quem Breitiz não deu sequer um beijo de adeus, triste, e tristissima, só dizia, pela Rigueira a cima, pendurada no braço da mãe:

—¡A minha pobre Breitiz! ¡que mudada que ficou! Não tem que vêr, mãe; é o que lá disse a ama d'ella: aquillo, mãe, são maleitas. Não tem que vêr.

Guiomar, meditativa, contava os ladrilhos da calçada, e respondia:

—Serão maleitas, filha; sim, sim, serão maleitas...

Quando apanhou o Quartanario a geito, foi Guiomar Bezerra ter com elle ao quarto, e disse-lhe muito preoccupada:

—Mano, extranho caso me succedeu não ha muito em Santo Esp'rito.

—¡Ora o que será essa «morte de homem»! — respondia Lourenço Esteves sorrindo com finura. —Ahi vindes vós com os vossos encarecimentos e desconfianças.

—E' caso, mano: é caso, e não para rir.

—Ouvirei, mana: sentae-vos, e dizei.

—Breitiz, que anda triste ha tempo a esta parte, e de quem (não sei porquê) ando assim meio desconfiada, teve ainda agora uma freima, que a todas nós pôz muito pavor.

—¿Breitiz? ¡coitadinha! ¿e que foi?—atalhou o excellente moço com interesse, voltando-se todo para a irman.

—O que foi não sei eu; sei que a tivemos sem accordo muito tempo; e quando a cabo de tratamento volveu a si, ¿quereis saber as primeiras palavras que disse?

—Quero, quero: ¿disse alguma blasphemia? ¡ella! ¡tão religiosa!

—Não, mano, não disse.

—Então ¿quê?

—Disse só isto assim, nem mais nem menos, em voz que mal se ouvia, e como sonhando. ou falando com os Anjos; isto assim tal qual vol-o digo: ¡«Gil Vicente!!»

—¿Gil Vicente?—perguntou rindo o Quartanario da Sé;—¿mas que quereis dizer com isso?

—A vós o pergunto eu, mano, que não a mim. ¡Ali anda mysterio!

—¿Que mysterio?—inquiria subitamente meditativo e serio Lourenço Esteves.

—Não atino com elle, mano, eu, que assisti ao caso todo. ¿Dar-se-ha.. Mas não digo; mofareis de mim.

—Disei, mana.

—¿Dar-se-ha que Breitiz se sinta apaixonada pelo sobrinho do Ourives? Se assim é..

O irmão meditava encostado á mão, e com o cotovello na meza. Tinha-se-lhe trocado a expressão, habitualmente desanuveada, em tristeza e preoccupação. Passada uma pausa, disse com modo solemne:

—Escutae-me. Sabeis quanto amo vossa filha, a minha adorada Branca; sabeis que o pensamento fixo da minha vida é ella, é o seu futuro, é o seu casamento.

—De sobra o sei, mano; sois o melhor dos irmãos, dos tios, e dos amigos.

—Ao que lhe deixou seu pae, vosso chorado Martim, hei-de eu, se Deus o permittir, juntar um bom peculio. A maior duvida que tenho...

—¿Qual é?

—E' a escolha de marido para ella. Bem sei que está ainda muito novinha; mas ainda assim... «quem tarde casa, em bem não casa.» Ora sabei vós, mana: tenho a certeza de que este Gil Vicente que Deus nos deparou, ha-de vir a ser homem muito grande. Agrada-me. Tenho-o em alta conta, e (mana, os tios vêem tudo) percebo que já a nossa Branca lhe quer muito. Se acaso Breitiz...

Pausa. Ficaram ambos mudos.

—Só vos posso dizer, mano,—rompeu de re-

pente a desconfiada Guiomar — que me parece uma coisa: Gil e Breitiz amam-se, muito disfarçados, e enganam-nos.

— Mana Guiomar, não arrisqueis juizos temerarios.

— Não são temerarios, não. A tristeza que lhe noto, as suas ausencias de nossa casa, tudo me leva a crer... E de mais: é claro que nunca Breitiz proferiria aquelle nome, se Gil lhe não tivesse dado a entender o seu amor.

— Eu por ora, mana, suspendo o meu juizo. O que urge é certificarmo-nos da verdade.

— E que determinais?

— Não nos vejamos por uns dias com Gil Vicente; negae-vos, e eu verei...

— Sim, e eu irei outra vez a Santo Esp'rito ver se com disfarce posso alcançar a certeza.

— Pois seja assim. Esperemos, e o futuro é de Deus Nosso Senhor. Ainda assim, não julgo Gil Vicente capaz de uma perfidia tal...

— Eu tambem o não julgava, e á minha Breitiz muito menos; mas...

— Pois bem. Examinae. Diligencia, e sobre tudo mysterio, mana.

— Por isso estou eu sempre; não ha dona mais calada do que eu. «Quem seu segredo sabe guardar, muitos males sabe poupar.»

CAPITULO XXII

ONDE SE CONTA UMA GRANDE DESGRAÇA CAHIDA EM CASA DO OURIVES GIL VICENTE

Coincidiram estas scenas ultimas com o desabar de um horrivel infortunio sobre a vida, até ali muito laboriosa, mas apparentemente serena e feliz, do Ourives.

Foi este o caso, contado um pouco de cima:

A maioria dos seus freguezes não tinha a bizarria e a honesta ponctualidade do Senhor de Villa-Nova, e da Rainha. Alguns dos nobres, e dos *mechanicos limpos* (classe média d'então), eram cultores, mais ou menos atrevidos, do que hoje chamamos *calote*. Certos fidalgos, d'aqui e de fóra, blazonadores de haveres que não possuiam, foram certamente os modelos vivos tomados, annos depois,

pelo nosso inspirado poeta, para as engraçadissimas scenas entre um *Fidalgo* fanfarreador e pobretão, e os seus crédores, o *Capellão,* e o *Ourives*, da *Farça dos almocreves.*

Não resisto á veleidade de recordar aqui ao leitor o chistoso dialogo, de mão de mestre, entre o dito *Fidalgo,* e o seu *Ourives.*

Oiçam:

O *Fidalgo* está em scena, depois de já ter illudido o *Capellão,* negando-lhe pagamento de debitos.

Chega um *Pagem,* e fala com seu amo.

O PAGEM *(entrando e dirigindo-se ao Fidalgo)*

Senhor, o Ourives se é ali.

O FIDALGO *(muito natural)*

Entre. Quererá dinheiro.

O Pagem introduz na camara o Ourives. Este tira respeitoso o sombreiro ao entrar a porta. O Fidalgo fala-lhe com ar protector, mas cortez, a ponto de o tratar de «cavalleiro».)

Venhaes embora, cavalleiro.
Cobri a cabeça, cobri.

(O Ourives põe o sombreiro)

Tendes grande amigo em mi,
e mais vosso pregoeiro.
Gabei-vos hontem a el-Rei
quanto se póde gabar.
Sei que vos ha-de occupar,
e eu vos ajudarei
cada vez que me hi achar;
que ás vezes estas *ajudas*
são melhores que *cristeis,* (1)
que só a fama que haveis,
e outras coisas miudas,
o que valem já sabeis.

(1) Trocadilho.

O OURIVES *(submisso)*

Senhor, eu o servirei,
e não quero outro senhor.

O FIDALGO *(continuando a lisonjeal-o para o captar)*

¿ Sabeis que tendes melhor ? (1)
(eu o disse logo a el-Rei,
e faz em vosso favor) :
não vos dá mais que vos paguem,
que vos deixem de pagar. (2)
¡ Nunca vi tal esperar !
¡ nunca vi tal avantagem,
nem tal modo de agradar !

O OURIVES *(ousando)*

Nossa conta é tão pequena,
e ha tanto que é devida,
que morre de promettida ;
e peço-a já com tal pena,
que depenno a minha vida. (3)

O FIDALGO *(querendo enleal-o a poder de blandicias)*

¡ Ora olhae esse falar
como vai bem martellado !
Folgo não vos ter pagado,
por ouvir-vos martellar
martelladas de avisado.

O OURIVES *(com sorriso ironico)*

Senhor, beijo-vol-as as mãos,
mas o meu qu'ria eu na mão.

O FIDALGO *(sem perder o prumo)*

Tambem isso é cortesão :
«Senhor, beijo-vol-as mãos,
«o meu queria eu na mão.»

---

(1) *¿ Sabeis o que tendes de melhor ?* por outra : *¿ Sabeis qual é a vossa melhor qualidade ?:*

(2) *Tanto vos importa que vos paguem, como que vos não paguem. Sois tolerante. Esperais pelos pagamentos.*

peço-a já com tal custo, que mais não póde ser.

(Passando rapido ao elogio das obras do mestre)

¡Que bestiães tão louçãos! (1)
¿Quanto pesava o saleiro?

O Ourives

Dois marcos bem, oiro e fio (2).

O Fidalgo

Essa é a prata; ¿e o feitio?

O Ourives *(fazendo mentalmente o calculo)*

Assás de pouco dinheiro...

O Fidalgo

¿Que val, com feitio e prata?

O Ourives

Justos nove mil reaes (3).
E não posso esperar mais,
que o vosso esperar me mata.

O Fidalgo *(com certa desenvoltura graciosa)*

¡Rijamente me apertais!...
E fazeis-me mentiroso,
que eu gabei-vos d'outro geito (4).
E se eu tornar ao defeito,
não será proveito vosso (5).

---

(1) *Bestiãos*, ou *Bestiães*, define-os Moraes: *lavor relevado ou talhado, esculpido, de animaes e brutescos, em pedra ou prata lavrada, e outros metaes.*

(2) *Oiro e fio*, locução portugueza que significa: exactamente, sem discrepancia. Isto é: *Pésa bem dois marcos sem a minima differença.*

(3) O *real* no tempo d'el-Rei D. Manuel valia 78 réis nossos; o saleiro valia pois 702$000 réis actuaes. Parece-me forte.

(4) *E deixais-me por mentiroso, pois eu encareci a el-Rei a paciencia com que esperaveis qualquer pagamento.*

(5) *E se eu insistir n'esta vossa má qualidade de pedir, perdereis freguezia.*

O Ourives *(já com visivel enfado)*

¿ Assi, meu saleiro peito (1) ?

O Fidalgo *(ja desdenhoso tambem)*

Elle é dos mais maus saleiros
que em minha vida comprei.

O Ourives

Ainda o eu tomarei,
a cabo de tres Janeiros
que ha que vol-o eu fiei (2).

O Fidalgo

Já 'gora não é rasão;
não quero que vós percais (3).

O Ourives (*insolente*)

¿ Pois por que me não pagais ?
que eu mesmo comprei carvão
com que me encarvoiçais.

O Fidalgo (*querendo derivar para outra parte a conversação, e fugir á entaladella, chama o Pagem:* ¡ Moço ! *O Pagem entra, e sai logo*)

Vai-me ver que faz el-Rei;
se parecem damas lá (4);
este dia não se vá
em «pagarás, não pagarei».

---

(1) *Assim, pelo que vejo, pago o meu saleiro?* ou *perco-o?* O verbo *peitar* ou *pectar* é muito dos foraes velhos, e descende da baixa latinidade. Gil Vicente usa-o muito.

(2) *Pois bem; para acabarmos com a contenda, eu levo o saleiro que vos fiei ha tres annos.*

(3) *Já agora, isso não tem geito; deixae ficar o saleiro; não vol-o restituo, para não perderdes o custo do vosso trabalho.*

(4) *Se apparecem lá damas.*

(*Dirigindo-se outra vez ao Ourives com modos sobranceiros:*)

Vós, tornae outro dia cá.
Se não achardes a mi,
falae co'o meu camareiro,
porque elle tem o dinheiro
que cada anno vem aqui
da renda do meu celleiro;
e d'elle recebereis
o mais certo pagamento.

O Ourives (*ironico*)

¿ E pagais-me ahi co'o vento?
¿ ou com as outras mercês [1]?

O Fidalgo

Tomae-lhe vós lá o tento.

(*Sai o Ourives, mas, como se acaba de ver, in albis*).

¿ Seriam estas admiraveis scenas copiadas do natural? ¿ Seriam aquelles homens retratos de gente conhecida? ¿ seria o *Ourives* uma recordação dramatica do Mestre Gil? é mais que provavel que assim fosse.

Quero pois crer uma coisa:

As despezas altas exigidas pela realisação de obras grandes de ourivezaria, trouxeram o *deve* e *ha-de haver* do Mestre em prolongado sobresalto. Houve temporadas, em que a sua arca se abarrotou; outras, em que se via mais minguada que buxo de Frade franciscano em dia de jejum. Esses altibaixos traziam sempre alanceados o talentoso artista, que, verdade, verdade, não sabia regular a sua fazenda.

---

[1] *¿ Pagais-me com tres vezes nada coisa nenhuma? ¿ ou com as mercês que promettestes fazer-me de recommendações á Côrte?*

Aconteceu, logo no primeiro anno do seculo XVI, que os *tratantes* (é o termo technico) fornecedores da materia-prima, o oiro, a prata, as pedras, se acharam em certa occasião apertados, e apertaram portanto o Ourives, que se viu constrangido a negociar um emprestimo na praça de Lisboa. Como as encommendas escaceassem, as letras de cambio viam-se arriscadas a protelação. Os argentarios da rua Nova falaram, e o assumpto deu margem a commentarios. Soube-o, como era natural, o onzeneiro Bastião Gonçalves; viu chegado um ensejo de vingança, e comprou as lettras.

Gil Vicente, o velho, não sabia tremer; não conhecia a côr ao medo; arrostava animoso com os maiores trabalhos, luctava, como um leão, com as contrariedades da vida; vencia sempre as mais ingremes fainas, as mais tormentosas, do seu mistér: era desenhador, era fundidor, era lavrante, era escultor, era gravador, era tudo; nada o amarrotava. Mas d'esta vez sentiu-se aniquilado ao embate de tão inesperada crueldade da sorte; cruel, sim, mas legalissima.

Perdera o comer, e o somno. Passeando sosinho e ocioso na sua officina, devorava comsigo angustias horrorosas. Resolveu para logo despedir os seus officiaes, e vender a casa, a ferramenta, os aparelhos, as obras esboçadas, tudo, para contrastar este repellão do destino.

Mas ¡ que temporal desfeito! Era mistér mudar inteiramente a sua vida: sahir de Lisboa, onde já tinha tantas raizes, e ir talvez para Guimarães comer pão negro. ¡ Via-se emfim para sempre destruido, elle, os seus aprendizes, que eram como filhos a crescer, os seus devaneios de gloria, o descanço da mulher e dos filhos, o porvir auspicioso do sobrinho! ¡ tudo! mas ao menos, sahiria de cabeça erguida; ao menos, não ficaria maculado o brioso nome que herdára do honrado Gil Fernandes.

Angustiado, angustiadissimo, acceitou, sem mais trepidar, a sua triste situação, e disse comsigo, religioso como era:

— Cumpra-se a vontade de Deus. Elle m'o deu; Elle m'o tira; ¡ seja bemdito o seu Nome!

Foi de veras uma scena pungentissima. ¡ Ia cahir por terra aquelle homem, já tão illustre na sua arte, e de cujo talento havia tanto que esperar!

Martha Dias chorava como uma Magdalena; os officiaes esmorecidos não atinavam palavras de consolação; assistiam á morte do seu grande Mestre; os rapazes, como feridos de um raio, pareciam dois defunctos; o pequenino Vicente brincava alegre, correndo da janella para a porta; e o pipilar do innocentinho Belchior, enroupado no seu bercinho, ainda augmentava a afflicção geral.

....

Soube-se o caso na Adiça, e foi lá sinceramente lamentado o triste Ourives, ¡ tão forte, tão talentoso, e tão desventurado!

Lourenço Esteves condoído, correu á rua dos Ourivezes, e offereceu-se para ir pedir (em seu nome) uma espera a Bastião.

— ¡ Nunca! — exclamou erguendo-se com impeto o brioso Gil Vicente — ¡ Nunca! Antes morrer.

— Mas, amigo, attentae...

— Por Deus vol-o peço, meu Lourenço Esteves; deixae-me morrer, mas não me hajais de deshonrar. — E accrescentava, recahindo aniquilado n'um escabello de coiro: — O que de tudo me doe mais, amigo, não sou eu; são estes moços; é Gil Fernandes, que tão sizudamente ia cursando os seus estudos na Sé; e é Gil Vicente, meu sobrinho carnal, meu afilhado, que tinha aberto diante de si um porvir auspicioso, e que tem de volver-se á cabana natal para ser um nada. Aquelle mancebo é oiro fino, crêde-me. Tenho visto o que vale. Precisava dirigido, precisava encaminhado com amor, e eu propunha-me encaminhal-o como pae. E agora...

E enxugava os olhos com as costas da mão.

— O que vale o vosso Gil Vicente — interrompia o Quartanario — não m'o digais vós a mim, que o conheço e lhe quero muitissimo. E visto que estamos em maré de segredos, escutae-me, e quiçá poderá isto consolar-vos. Ninguem nos póde ouvir?

— Ninguem — respondeu o Mestre.

— Pois bem: a minha ideia era... ¿ Sabeis talvez que se querem já um ao outro, o vosso Gil e a minha Branca?

— Não sabia; maravilhais-me.

— Não sabieis, não, mas percebi-o eu; e aprazme vel-os unidos algum dia. Branca não terá muito, mas algo ha de ter; é minha herdeira; e por pouco que lhe caiba, «mais vale motreco de pão com amor, que não gallinha com dor.»

— ¡ Oh! — exclamava o Ourives — grande alma sois, Lourenço Esteves. Mechanicos somos nós outros, e vós não...

— E ¿ que se me dá d'isso? Crêde-me: Gil ha de subir muito alto; tenho para mim, que, ali onde o vêdes, ha-de ser tronco de boa arvore. Assi, que atravez do vosso infortunio póde ainda raiar uma luz. Se Deus quizer que saiais de Lisboa, deixae-me vosso sobrinho. Encarrego-me d'elle. ¿ E não quereis pedir uma espera ao onzeneiro?

— Não, já vol-o-hei dito.

— Respeito o vosso brio, Gil, e diz-me a consciencia que depois d'esta provação vos erguereis maior do que nunca.

— ¡ Deus vos escute! — murmurava o Ourives encostado á mão, e aniquilado de dor.

Guiomar Bezerra, para quem o mecher-se e o tagarelar era condição da existencia, e que d'esta vez, de mais a mais, tinha motivo para ir sondar o animo de Breitiz, correu com a filha a Santo Esp'rito; e, como toda se espanejava (aliás sem más

intenções) em contar casos graves acontecidos no seu bairro, e nos outros, narrou com todos os pormenores a horrorosa desgraça do artista; e accrescentava:

— Bem m'o dizia meu irmão, que fala sempre certo: Bastião Gonçalves é um revél, um saião, um onzeneiro cobarde. ¡E meu senhor Martim de Crasto, que tanto se fiava d'elle!... Possivel era uma composição com os mercadores; com o Gonçalves não ha já pensar em tal.

Falou-se mais que tudo em Gilinho, que ia forçadamente interromper os seus estudos, perder a protecção do Duque e a da Rainha, e volver-se a Guimarães. Foi elle o assumpto principal das lamentações.

Breitiz... (¿porque hei-de escondel-o?) sentiu uma especie de vago praser ao pensar que iam para sempre separar-se os dois ennamorados. Ouviu tudo engulindo as lagrimas, e disfarçando a sua peccaminosa commoção. Essa attitude desconcertou Guiomar, avivou as suas suspeitas, e admirou de veras a sensivel Branca. A menina da Adiça, habituada a mimos, entrou a olhar desconfiada, e como que aterrada, para aquella moça, que se lhe afigurára sua amiga verdadeira, e que assim a desacompanhava n'um lance d'aquelles. Nada ha que mais estreite as sympathias, do que é a commiseração alheia nas grandes dores.

Fosse como fosse, o caso era irremediavel. D'ahi a dois dias, vencia-se a lettra.

Branca voltou para a Adiça n'uma tristeza mortal; e sentada a chorar no banco de ladrilho, soluçava sosinha:

— ¡Perdi o meu Gil, e perdi a minha Breitiz!...

CAPITULO XXIII

TUDO QUANTO A MULHER BOA EXECUTA, DEUS O PLANEOU

om o pretexto de comprar canotilho e perolas falsas nas boticas da rua Nova, sahiu Breitiz, na manhan seguinte, depois de uma noite horrivel de insomnia e ciume, e foi-se, com licença da mãe, e acompanhada da sua ama velha, ambas muito embiocadas, a caminho do Salvador. Quem as seguisse, vel-as-hia tomar ás portas-do-Sol, e descer ao Limoeiro.

Era ahi, como o leitor já sabe (tão bem como la ou como eu) o paço do Senhor de Villa-Nova e Portimão, D. Martinho de Castello-Branco.

A moça, com uma ousadia que ella propria des-onhecia em si, entrou no pateo, e abrindo o biôco isse a um escudeiro, que muito desejava ter a honra e falar a Sua Mercê a senhora D. Camilla de No-onha, filha de D. Martinho, e mulher de João Ro-

drigues de Sá e Meneses, ambos então de visita em Lisboa. Fizeram-n-a esperar muito tempo os servos, com mil perguntas prévias, a que ella só respondia:

—A minha senhora D. Camilla não me conhece; excusado é pois dizer-lhe o meu nome. Queria só falar-lhe, se Sua Mercê não leva a mal.

A final foi introduzida. A ama ficou fóra.

Appareceu no salão dos retratos, ao cabo de alguns minutos, a filha valída de D. Martinho. O seu ar sério intimidava á primeira vista. De pé, e com frieza, perguntou ao ver Breitiz:

—¿Quem sois?

—¿Quem eu sou, senhora minha? sou uma triste mulher desconhecida de Vossa Mercê, e que se atreve a vir pedir-lhe por esmola queirais escutar-me—respondeu com a sua voz musical a pobre linheira.

—Pois aqui estou; ¿que quereis de mim?

—¡Senhora minha!—continuou a moça visivelmente commovida, e sentindo a voz embargar-se-lhe a cada palavra.—Vós sois boa, que assim o pregôa toda a gente; entendeis de certo o que é padecer, padecer muito, padecer em todas as fibras do coração, com quanto Deus Nosso Senhor vos tivesse feito nobre, rica, e feliz. ¡Attendei-me, eu vol-o peço!

E unia as mãos apertadas em supplicante postura.

D. Camilla de Noronha era com effeito uma boa alma, sobre uma intelligencia distinctissima. Viu a mocidade e formosura de Breitiz, o seu ar serio, as suas olheiras, a sua pallidez, o modo humilde como se expressava, e adivinhou n'ella uma desventura, a que era indispensavel valer.

—Sentae-vos, primeiro que tudo—disse, sempre serena, e quasi affavel, D. Camilla, curiosa, ou já talvez christanmente interessada n'aquelle infortunio.

E apontava a Breitiz um tamborete razo, ao passo que ella, com o seu ar lento e digno, tomava logar n'uma cadeira de velludo, ao-pé do fogão.

— Senhora minha... — balbuciou Breitiz, e não poude continuar. Tirou convulsa o veo que lhe encobria o rosto.

— Socegae um pouco, — atalhou a joven dama — e falae de espaço Estamos de todo sós; aqui ninguem nos ouve; podeis desabafar.

E levantou-se ella propria a fechar a porta, para maior segurança, volvendo a sentar-se.

Sós as duas, passados alguns segundos tornou Breitiz, sem saber como entrar no assumpto:

— Senhora, conheceis de certo o Ourives Gil Vicente...

— ¿ Se o conheço? Sim, de nome — respondeu a fidalga com um levissimo sorriso de ironia.

— Mas sabeis...

— Sei que é um engenhoso lavrante, e meu pae tem na sua recamara obras mui primas d'esse mestre. ¿ Porque me perguntais *se o conheço?*

— Porque, se Vossa Mercê o conhece, de nome que seja, sabe que é um dos gloriosos artifices de Portugal.

— Ai de certo — tornou D Camilla.

— Pois esse homem, senhora, está ameaçado de uma desgraça que o vai destruir, e fazer d'elle um mendigo.

— Mas ¿ que foi?

— Vão depois de amanhan constrangel-o a um pagamento, que o obrigará a despojar-se de tudo tudo que é seu, como homem brioso que é; e depois... ¡ só Deus sabe!

— Mas ¿ que posso eu?

— Podeis muito...

— Antes de mais — perguntou a gentil Villa-Nova — ¿ sois filha d'elle?

— Senhora, não; não lhe sou nada, nada — disse Breitiz perdendo um tanto o equilibrio; — nada lhe serei nunca; sou... sua... conhecida...

— ¿ Conhecida? — repetiu D. Camilla, como que assustada de qualquer interpretação menos airosa ás palavras de Breitiz, e não querendo formular

(nem para o seu fôro intimo) o que lhe passou talvez pela ideia.

—Sim, muito amiga da gente d'elle, da mulher, dos filhos... de todos, amiga dedicada.

—Pois bem, mas ¿que quereis?

—Isto tudo, juro a Vossa Mercê, é lembrança minha. Ninguem m'o encommendou. Gil Vicente ignora-o. Tenho ouvido quanto vós attendeis os pobres; e pensei...

—Pensastes...

—Senhora minha, sim, pensei, atrevi-me a pensar, que para salvar da deshonra ou da miseria aquelle homem, Vossa Mercê quereria...

—Filha, eu não vos comprehendo; parais no meio das phrases...—disse D. Camilla com ar indulgente, e um sorriso muito engraçado.

—Quereria interceder junto de Sua Mercê o senhor D. Martinho, para valer á desgraça de um homem que elle muito présa.

E Breitiz desatou a chorar, a chorar, tão sentida, tão commovida, que D. Camilla, pelo contagio da dor alheia, sentiu-se tambem afflicta, e os olhos orvalharam-se-lhe de lagrimas. Ella tão alta, tão fidalga, ella uma Castello-Branco embalada em berço de oiro, e hoje rica-dona no Porto, interessou-se no infortunio de uns pobres mechanicos que não conhecia. E respondeu com o seu timbre sempre egual e um pouco velado:

—Vista a vossa dor, que eu reconheço sincera, o que prometto é falar a meu pae, e elle examinará, elle indagará... (perdoae-me, assim deve ser)... e... fará o que podér. E' o que vos prometto.

—E' já muitissimo uma promessa da vossa bocca. ¡Ainda bem! ¡mercê de Deus que a obtive!

—Sim, prometto. Meu senhor João Rodrigues de Sá não está em Lisboa; viemos do Porto por uns assumptos que a Evora o chamavam; eu fiquei-me aqui com meus paes, e meu senhor foi-se ao Alemtejo, e esperâmol-o aqui amanhan. Se ainda fôr tempo, falar-lhe-hei tambem. Agora a meu pae falarei hoje. Socegae vós.

Breitiz nada mais disse senão isto:

—Senhora, um ultimo favor; ¿concedeis-m'o, sim?

—Se podér... ¿E qual?

—O de beijar-vos as mãos.

—Com muito gosto apertarei a vossa—respondeu a dona córando um pouco, e no tom de cortesia que herdára do pae.—Mas ¿porquê? eu nada fiz; eu nada dei senão promessas...

Extendia-lhe a mão finissima adornada de anneis esplendidos. Breitiz inclinando-se muito beijou-lh'a umas poucas de vezes, regando-lh'a de lagrimas. Ella, commovida, passou ligeiramente a ponta dos dedos da outra mão no hombro da moça; e pondo-se em pé para a despedir, disse:

—Obrigada, filha; adeus; ide-vos na paz de Deus Nosso Senhor, e vou falar á meu pae tão depressa elle recolha. ¿Como vos chamais?

—¿Eu? chamo-me Breitiz; sou conhecida pela «linheira de Santo Esp'rito»—respondia modestamente a filha de Ruy Chapuz.

—¿Breitiz Alvares? ¿Breitiz, a linheira? sei; ¡tem a maior graça! sois mui prima em broslados de seda e oiro, e para o meu enxoval, ha um anno, uma de minhas aias se entendeu comvosco, creio; e tenho varias obras das vossas mãos. Folgo de vos conhecer, Breitiz. Tem a maior graça............ ¡Oh! ¡minhas joias adoradas! ¡entrae!

Esta exclamação dirigia-se a um lindo grupo feminino que vinha entrando. A dona ainda falou com Breitiz:

—Ide, ide, e veremos o que se faz. Prometto; ¿ouvistes?

Breitiz inclinou-se e sahiu.

Com a linheira, que sahia, cruzavam-se umas quatro lindas donzellinhas em trajo de passeio. Era um gralhar elegantissimo, um sorriso de festa, um

saltitar ondulante de arvéloas pelo ladrilho. Contrastava este tom senhoril e urbanamente desenvolto, com o encolhimento e a tristeza da pobre operaria da agulha. D. Camilla tambem fez differença: tomou logo (um tanto artificialmente) um ar contente e palaciano; e adiantando-se a passos rapidos, ainda encontrou o gentil grupo a meio do salão.

—Linda, ¿como te vai?

—¿E tu? ¡que encantadora estás!

—Olhos meus, ¡que gosto é ver-te tão boa!

—¿Tuas irmans?

—Foram á Alcáçova com minha mãe, ver-se com Sua Alteza a Rainha D. Isabel.

—¡Ai! que alegria tenho em poder beijar-te de volta do Porto!

—¡Galantissima esta Joanna! estás cada vez mais linda, ¡rosa d'oiro!

—O' joia, ¿como tens passado lá? ¡dizem que o Porto é muito frio!

—Isso é, mas guapo.

—¡Ai que secca! ¡o frio para mim!...

—Adeus, Maria, tu já te não lembravas de mim; ¡nunca me escreveste!!...

—¡Ai não digas isso, vida da minh'alma! não pensava se não em ver-te; pergunta a Isabel de Mendoça.

—Ainda hontem, em casa do tio Tarouca, tudo era perguntarem por ti; e não foste.

—Estava tudo muito bem.

—Guiomar de Castro appareceu com uma saia de brocado vinda de França.

—¿E que tal?

—Assim... N'ella nem tudo costuma luzir, bem sabes...

—Eu não fui, filha; bem vês: João está em Evora...

—E ¿quando volve? Vi hoje o tio Villa-Nova no Rocio, a cavallo.

—¿Sim? Filhas do meu coração, mas entrae, não quero receber-vos aqui...

E tudo aquillo falava ao mesmo tempo, com a

bocca, o gesto, e os olhos, agarravam-se, beijavam-se, pavoneavam-se, havia ali enthusiasmo de mocidade, havia musica, havia perfume, havía luz.

Tomaram um comprido e espaçoso corredor de ladrilho, parede caiada acima do azulejo, e umas pequenas cruzes de madeira preta de quando em quando, como em via sacra. Ao passar, todas comprimentavam uma por uma cada cruz. Ao fim abriram a porta da camara de D. Camilla de Noronha.

—Entra, minha filha.

—Ai eu não; entra tu.

—Ai eu ¡Deus me livre! depois de ti.

—Vós sois visitas.

—Mas tu és uma dona, e nós donzellas.

—Ai não entro.

—Ai sim entras.

E levaram n'esta teima muito tempo. A final entraram; mas as melhores chronicas antigas que pude consultar, não declaram se precedeu a dona ás donzellas, ou as donzellas á Alcaideza-mór do Porto. O certo (isso averiguou-se) é que nenhuma das cinco se deixou ficar no corredor.

Era um lindo gabinete, não muito grande, forrado de ricos guadamecins de Granada imprensados e doirados, com uns relevos figurando leões heraldicos. Tudo quanto a mobilia de phantasia podia dar, ali se achava: o contador de ébano; o oratorio marchetado; os cadeirões perguiceiros; a alcatifa de Flandres; os altos brandões em tocheiros de metal doirado; os espelhos de toucar, de *mui bom lume* (como se dizia); os crystaes de Veneza para as aguas-rosadas do toucador; e um perfume de *beijoim de boninas;* e uma luz de caramanchão coada d'entre as adufas verdes das varandas bipartidas, que deitavam para o adro de S. Martinho. Junto d'ellas, sobre um quadrado de alcatifa de preço, viam-se os petrechos de trabalho da joven dona; a saber:

...... a almofadinha,
e a seda, e o dedal,
e um coxim, e todo o al,

como se diz na *comedia de Rubena*. Sentaram-se todas.

— ¿ Então, quem estava hontem em casa do tio Mordomo-mór ?

— Ora ¡ que secca ! não havia novidade ; muita gente, mas só d'esta que tu conheces. Ai não me diverti nada.

— E então um calor, que dizia Nuno Pereira abanando-se com a maior graça : « ¡ Ai ! parece que estamos na Mina ! »

Todas riram muito, como se o dito valesse a pena.

— E disse bem Nuno Pereira — observou D. Camilla ; — que só em casa do Mordomo-mór ha a *negrinha*.

Riram ainda mais.

— E acabou tardissimo.

— E' verdade, eram 10 horas da noite.

— Teu pae, o tio Villa-Nova, está agora muito bem.

— Agora, mercê de Deus, tambem o achei optimo quando cheguei do Porto.

— ¿ O primo João Rodrigues de Sá ainda se demora em Evora ?

— Vem amanhan, joia.

— Ai ¡ ainda bem ! deves sentir-te muito só.

— Apesar de tua mãe e tuas irmans.

— Estive com a tia Villa-Nova ha dias em Santo Eloy.

— E' verdade, ella disse ; e que tinhas sido amabilissima com ella.

— ¿ Eu ?...

— Fica-te muito bem essa gorjeira, Maria ; esse tafetá é de apetite.

— ¡ Ora ! isto é muito velho. ¿ Sabes ? serviu ha dois mezes no casamento de Mecia de Tavora ; depois a Franceza da praça da Palha mudou-lhe o pesponto, e parece nova com estes botões de seda. E' que eu sou uma pobre filha segunda, como sabes — accrescentava rindo a donzellinha.

— ¿ Não parece tão bem esta tua renda ? é Alençon.

E todas viram, olharam, examinaram, apalparam commentaram, o tafetá, os botões, e a renda.

—E adeus, Camilla, meu amor, vamo-nos.

Levantaram-se.

—Ai estavamos aqui muito bem, mas faz-se tarde.

—¡Está hoje um dia, que é um encanto!

—¿Onde vos ides tão presto?

—Eu te digo, filha: o tio Lopo de Albuquerque experimenta hoje uns potros na Carreira-dos-cavallos, e vamos ver. Vai muita gente.

—Ai ¿sim?

E depois ainda quero ir á rua Nova dar uma volta nas minhas andas, que são lindas, e é a primeira vez que saio n'ellas.

—¿Não percebes esta ladina Maria Anriques? foi-me de proposito buscar...

—E fui, sim...

—¿Mas sabes porquê? não lh'o perguntes, que t'o não dirá. ¿Vês como corou?

—Ai eu não o escondo: espero vêr lá o primo Diogo de Mello; e ¿que mal ha nisso?

A outra deu-lhe um beijo, premio de consolação.

—Eu acho a rua Nova uma secca.

—Eu tambem; vê-se muita gente, mas quasi ninguem d'esta gente que nós conhecemos. ¿Não é assim?

—Adeus, joia, que são horas.

—Precisamos arrancar-nos d'aqui.

—¡Adeus, amor!

—¡Adeus, fada!

—¡Adeus, encanto!

—¡Adeus, olhos meus!

E assim passou aquelle turbilhão de flôres palacianas. E assim dansou dois minutos, n'aquella restea de sol, aquelle enxame doirado, multicôr, cheio de vida... e do qual hoje (¡Santo Deus!) ¡nem resta o pó sequer!

As aias de acompanhar aguardavam na sala dos escudeiros. As andas, em que iam mostrar-se, com

soberbos murzellos ricamente aderessados, aguardavam no pateo.

E lá se sumiram, alegres e felizes, a caminho da Carreira-dos-cavallos.

O Senhor de Villa-Nova, quando voltou a casa, ouviu da bocca de sua filha toda a triste narração que fizera Breitiz.

D. Camilla de Noronha mostrava-se empenhada, é bem certo, mas, antes de mais, como que surprehendida do extranho e singular da aventura. D. Martinho, alma muito bem formada, prometteu interessar-se, informar-se primeiramente. Para isso chamou o seu escudeiro de confiança, Braz Carrasco, e deu-lhe instrucções: que indagasse bem quem vinha a ser a linheira Breitiz; que soubesse que relações ella tinha com os Vicentes; que apurasse toda a verdade do desastre do Ourives; mas isto com a maior pressa, n'um prompto.

Depois, tornando ao quarto de D. Camilla, disse-lhe afagando-a:

—¡O que não faria eu á minha rica filha, que de mais a mais me vai deixar outra vez, depois d'este mez concedido ás saudades de um pae que lhe quer tanto! Essa Breitiz teve sina para alcançar boa madrinha para o seu protegido. O que acho notavel é que elle, elle proprio, se me não dirigisse, e que assim venha uma mulher qualquer... ¿Quê?

—Pae, perdoae-me; mas não se atreveu talvez a importunar-vos. Depois, elle não mandou cá a moça, jurou-m'o ella, com um tom de verdade, que me convenceu. Ella veio por lembrança sua. E emfim, pae querido, essa Breitiz não é uma *qualquer;* tomei informações pela minha aia Leonor pequena, que diz d'ella mil bens...

—¿Sim? és como a Rainha Santa: todas as flores em que tocas, minha filha, se te convertem em oiro. Seja assim. Vou mandal-o chamar, esse artista

insigne, e falar-lhe-hei. ¿ A lettra vence-se depois de amanhan, ¿ quê ?

— Sim, meu senhor.

—Muito bem, filha; não me esquecerei.

Deu-lhe um beijo na testa, e sahiu.

. . . .

— Mano, agora não entendo nada, mesmo nada — dizia Guiomar ao Quartanario apenas se tornou de Santo Esp'rito. — Breitiz nem pestanejou.

—Pois bem, mana, — volveu o irmão — deixae o caso comigo, e Deus fará tudo pelo melhor.

CAPITULO XXIV

Transformação da ma ventura em prosperos auspicios.

N'um pequenino aposento dos paços de D. Martinho, formado por uma torresinha quadrada rematada em corucheo elevadissimo com uma grimpa, na esquina sobre o pateo e a rua do Arco do Limoeiro, jogavam attentamente o xadrez dois homens.

Um era o proprio D. Martinho; e o outro, seu genro e amigo João Rodrigues de Sá e Meneses.

—Mate ao *Rei*—dizia com ar sereno o dono da casa.

—Assim é, e assim o reconheço, Martinho—respondia rindo o Sá;—e com grande pena minha, podes crer. Se eu não tivesse movido esta *Rainha* ainda agora...

—Pois attenta bem antes de mover uma peça. Faze com isto o que certamente fazes quando tradu-

zes Ovidio Nasão: medes muito bem o verso antes de o lançares ao papel; cacarejas as syllabas mais que uma gallinha o seu ovo.

—Tens rasão... E de mais: deve-se catar todo o respeito a estas sessenta e quatro casas, que isto é *Jogo Real,* como dizia Polydoro Virgilio, se bem me lembra.

—Tu, João, que em tudo és tão *sages e aper cebido,* segundo Fernão Lopes diz de Diogo Lopes Pacheco, és distrahido a valer no jogo do enxadrez.

—¿Sabes tu?—desculpava-se assim o infeliz parceiro.—Eu agora attentava menos no andamento da partida, do que na lindeza da ourivezaria. ¡O bem trabalhado d'estas peças todas! que riquissimos escaques! ¿trouxeste-os de França?

—Não, meu João; isto, mercê de Deus, é feitura portugueza. Fez-m'o o grande ourives Gil Vicente.

—¿De veras? ¿o auctor da tua opulentissima baixella?

—Esse mesmo; e já o não desamparo, como vês.

—¡Por minha fê! não n-os ha mais sabidos na Italia. Vamos ao nosso jogo.

Continuaram jogando; mas João Rodrigues mostrava uma impericia verdadeiramente admiravel. N'outro intervallo pararam; e elle, tomando entre os dedos um *Bispo* e um *Cavallo,* insistiu:

—Folgaria de conhecer o tal mestre; tambem lhe quero encommendar umas alfaias de prata. A proposito, Martinho; ¿já Camilla te falou no extranhissimo caso que lhe aconteceu hontem? eu já lhe encommendei que não recebesse assim a toda a arraia-miuda; mas...

—Meu João, desculpa-me; minhas filhas foram educadas d'est'arte: attendem todos os pobres e humildes; e aquella moça era uma triste com ar muito serio, e por isso os escudeiros lh'a levaram. Tu, com o teu bom coração, tão generoso sempre, entendes bem...

—Perfeitamente; não censuro; louvo até; tu és o melhor dos paes—continuou João Rodrigues de Sá, inclinando-se cortez;—e tuas filhas são dignas de ti, e de sua santa mãe, minha senhora D. Mecia de Noronha. ¡Ai este *Roque!* não, não, prefiro este *Cavallo.* ¡O que eu ia fazendo!

—Toma tento. Ora, mas como Camilla apadrinhou o caso, quero proteger a Gil Vicente, a quem aliás já sou affeiçoado, e mandei-o chamar, que viesse hoje comer comigo. Toma conta, João, olha que inutiliso dois *Peões.*

—¿Comer comtigo, ias tu dizendo?—atalhou o Alcaide-mór.

—De certo; e comtigo tambem—redarguiu o Senhor de Villa-Nova. Ao nosso jantar de hoje virá elle. Olha que lhe gostei da pinta; homem é de bom porte, respeitado em toda a rua dos Ourivezes, e quiça em Lisboa inteira. Esta desgraça que lhe succede, quero atalhal-a. Tenho para mim que é de fidalgo prudente isto de animar a quem trabalha. ¿Quê?

—*Honos alit artes*—volveu distrahido, e meditando sobre a triste sorte de um *Rei* do enxadrez, o erudito João Rodrigues, a quem todo o latim era alimento familiar. Perdi, Martinho, está perdida esta partida.

E deu uma gargalhada.

—Confessa que sabes pouco d'estas estrategias, meu João.

—Confesso, confesso.

E tirando do pellote uma bolsa, pagou as suas perdas, e levantaram-se ambos alegres e descuidosos.

—Pois certo é—continuava o Villa-Nova:—mandei aprazar Gil Vicente. Da gente da nossa egualha, meu João, muita sei eu que não pensaria como eu penso; mas eu por mim entendo que o nosso primeiro dever é soccorrer um engenho que faz honra a Portugal.

—Proprio é isso de um Grande como tu. O

verdadeiro Grande é um pae. Assim pois, ¿vel-o-hemos aqui, o famoso artista?

—Certo é.

N'essa tarde reuniam-se alguns amigos no *comedor* de D. Martinho de Castello-Branco.

Um lustre com brandões de cera allumiava o aposento, colgado de panos novos de armar, onde a tomada de Troya, e os amores de Enêas e Dido se ostentavam a côres mortas com figuras do tamanho natural; influencia da Renascença classica nas artes de adorno domestico. Esses bellos panos significavam pelo seu assumpto um luxo então *moderno*.

Na meza *alta* comia D. Martinho ao meio, com alguns amigos ao seu lado direito, e outros ao seu lado esquerdo, e todos de costas para a parede, porque o serviço executava-se por fóra.

Nas duas outras mezas comiam o camareiro do amphitrião, o seu védor, e os escudeiros. Entre estes sobresahia a nobre figura do Ourives, um tanto surprezo e tolhido da nobre companhia da meza alta.

Quem o conhecesse a fundo notaria no seu aspecto a maior tristeza, um anormal quebramento de forças, que lhe entibiava o olhar, habitualmente brilhantissimo. Não obstante, forcejava compôr-se quanto podia, desannuveando o semblante quanto sabia. Conversava com o escudeiro Braz Carrasco em meio tom sumido, abafando a voz por não perturbar as praticas dos senhores.

—¡Ora sus! venha agua ás mãos. (1)—bradou o dono da casa.

Em quanto desfilam os pratos, marran, presuntos, chouriços, optimo pescado, tudo entremeado de queijos, azeitonas de conserva, e alcaparras, e

(1) Phrase do *Auto da alma*.

seguido de frutas deliciosas e variadas, figos, passas, amendoas, e confeitos, e em quanto a conversação prasenteira e alegre acompanha esse desfilar de iguarias, mui diversas das que hoje usâmos, escu temos o que diziam Braz e Gil. Isto de leitores, e ainda mais isto de escriptores, são de uma indiscreção, que ás vezes desbanca os soalheiros de aldeia. Seja assim.

BRAZ CARRASCO

Sim, Gil amigo, homem é esse de mui depravados figados. Basta enxergar uma vez só a Bastião Gonçalves, para rastrear n'elle um trahidor.

GIL VICENTE

De moçoilo o conheço eu, que em Guimarães, d'onde ambos somos, percebi todo o fel que sempre lhe vai n'alma.

BRAZ

Uma noite o espanquei eu com uma adaga embainhada, ali a Mata-porcos; embainhada, sim, que não são villões d'aquella ralé dignos de provar o nobre sabor do ferro frio. Espanquei-o á conta da sua lingua de vibora, por me chegarem atoardas de que andava a assoalhar que meu senhor, que além está, lhe devia não sei já quantos cruzados, e...

GIL

Pois o meu caso e da mesma estamenha. Entendeu-se, no proposito de me destruir, com uns contractadores da Mina, a quem eu ainda devia um lote crescido de oiro e prata, comprou-lhes as letras e agora perde-me.

Braz

Villão! villanaz!

Gil

Tudo por se cevar no odio antigo que me tem. E' um villanaz, crêde-me. Responderei primeiro ás suas exigencias, e depois ajustaremos contas.

Braz

Deus queira valer-vos, amigo; e pesa-me não ser eu homem de teres...

Gil

¡Tate! não vos acceitaria o auxilio que preciso. Lograrei, querendo Deus, safar-me do atoleiro.

N'isto ouviu-se a voz sonora e sympathica do Senhor de Villa-Nova de Portimão.

—¡E bem, Gil Vicente! ¿como vos vai? ¿serviram-vos a vosso sabor?

—Senhor,—volveu o Ourives erguendo-se—em vossa poisada estou, onde nada falta, e onde o agazalho se extende a todos.

—Sentae-vos, Mestre, por favor—tornava o nobre dono da casa.—Sabeis quanto vos quero, e quanto vos avalio no muito que mereceis. De vossas obras falava eu aqui com meu genro o senhor João Rodrigues de Sá.

—Sim, Mestre,—confirmava o Portuense;—e digo que não ha lá fóra, n'essa polida Europa, quem vos dê pelo giolho.

—Senhor...—murmurava lisonjeado o Artista.

—¿Que te pareceu a pinta d'elle?—perguntava, a menos de meia voz, o sogro ao genro ¿Quê?

—Tem boa mostra—redarguia este.—Morrome de amores por aquelle ar grande, e pela honrada ponctualidade e sobranceria que se lhe lê no olhar e no gesto. Nada tem de mechanico velhaco.

—¡Oh! nada; aquelle é trigo sem joio—assentiram os visinhos da meza, que tambem entravam na conversação.

Levantaram-se todos, e deram graças em alta voz, e de mãos-postas. Tornaram a correr em frente das mezas os pagens com o bacio de prata de *agua-ás-mãos,* e a toalha, e passaram os senhores á sala proxima. O camareiro, o védor, e os escudeiros, fizeram todos uma profunda cortesia, e retiraram-se. Gil Vicente ia humildemente imital-os, retirando-se tambem, quando o chamou D. Martinho com o seu modo affavel e soberano:

—Mestre Gil, quedae-vos, que vos quero falar.

Uma leve pausa.

Viam-se ali reunidos, alem do Villa-Nova, seis homens da polidissima aristocracia lisbonense por sangue ou posição. Sejamos-lhes apresentados, que esta sociedade antiga não enfada.

Temos: o Conde de Tarouca, Mordomo-mór, D. João de Meneses, com quem já topámos na festa nupcial;

outro, tambem já nosso conhecido, o galante e atilado Ruy Gonçalves de Castello-Branco;

Francisco de Mello, sujeito applicado, muito entregue a mathematicas, e de quem o nosso poeta veio a dizer no seu *Auto da feira,* em tom comicamente mordaz:

> ...Francisco de Mello,
> que sabe sciencia a vondo,
> e diz que o ceu é redondo;

Duarte Galvão, o chronista que teve a honra de

succeder a Fernão Lopes; era já muito velho, Secretario e do Conselho d'el-Rei D. Manuel; [1].

João Rodrigues de Sá e Meneses, erudito e poeta;

e emfim Garcia de Resende, ainda novo, talento *multifario* (traducção: homem dos sete officios): poeta, cortesão, architecto, debuxador, viajante, compillador, e até compositor de musica, segundo affirmam algumas rubricas do seu *Cancioneiro,* Garcia de Resende, precioso em sociedade, porque sabia sempre todas as chronicas do «mundo elegante», e antes de nos conservar bom numero d'ellas no seu livro, era o noticiario vivo e chistoso da Côrte velha.

Estes eram os convivas da meza alta; o ouvil-os em conversação devia ser uma delicia, e D. Martinho de Castello-Branco, rasgado apreciador de meritos alheios, saboreava-se no trato de homens de fina intelligencia.

Deixando-os por um momento, conduziu elle o Ourives para a camarinha onde, pouco ha, vimos os dois jogando o xadrez.

— Gil Vicente, — disse elle abruptamente — soube que um infortunio muito grande vos ameaça.

— Senhor!... — murmurou o Ourives pasmado da entrada de um tal senhor n'uma sua confidencia de familia.

— Sei tudo, sei tudo, que a drede o mandei indagar pelo meu escudeiro Braz Carrasco. Sei agora tudo; e (se vos não melindrais) peço-vos um favor. Acceitae de contado, por emprestimo, por adiantamento (como lhe quizerdes chamar), esses malfadados cruzados de oiro; e depois... depois m'os pa-

[1] *Hist. Gen.* — T. XII, P. I, pag. 423

gareis (quando poderdes, quando quizerdes) em obra. ¿Quê?

Gil Vicente ficou-se como que assombrado; curvou o joelho levemente, e disse:

—Grande vos chamam todos, e por tal mereceis ser tido; porém maior ainda me pareceis do que nunca n'este momento, ¡senhor!

—Deixemos isso; nem mais uma palavra; aqui tendes esse vil dinheiro.

E, com os modos mais naturaes do mundo, abriu um contador de ébano marchetado de prata, e sacou de um escaninho uma serie de embrulhos de boas peças de oiro, já de antemão preparados, entregando-os ao Artista, que, sem atinar palavra, os arrecadava nas fundas algibeiras da opa.

—Senhor, permitti-me que escreva um papel, reconhecendo a minha divida...

—¿Escrever o que? a vossa palavra vale mais que tudo.

—Senhor...

—E d'isto, silencio, ¿ouvistes? nem meia palavra. Pagae o vosso debito, e depois falaremos. E ¡vive Deus! raivem muito nas más horas os vossos inimigos. Um engenho como vós não se deixa morrer como um podengo sem prestimo.

—Mas ¿como soubestes?...

—Não importa como o soube. Aguardae ainda um pouco.

Chegou á porta da outra sala, onde alguns d'aquelles seis homens, nossos conhecidos, começavam a preparar-se para jogos de cartas e xadrez, e chamou:

—João Rodrigues ¿tens a bondade de vir aqui? Perdoae-me, Duarte Galvão.

João Rodrigues de Sá conversava entretidissimo com Duarte Galvão; levantou-se logo, e disse para o velho chronista com cortesia:

— Excusae-me, ¿sim? — e para o sogro: — Eu vou, meu Martinho.

Fecharam de novo a porta da camara, e disse o bom Castello-Branco:

— Meu João, se não me engano, tinhas-me falado n'umas encommendas de prata. ¿Quê?

— Verdade é que as desejo...

— Pois aqui tens Gil Vicente, o grande Mestre portuguez. Entende-te com elle. Mestre, até mais ver; vou-me entreter os meus hospedes.

E sahiu para a sua partida de enxadrez.

CAPITULO XXV

E' Bastião Gonçalves embolsado dos seus creditos — Breitiz e o Ourives. — Sahida de Ruy Chapuz para a Mina. — Branca adora Breitiz

a manhan seguinte, muito cedo, ergueu-se o Ourives e foi-se á rua Nova.

Abriam-se as portas das lojas. Passavam, com os seus sabidos pregões, tão antigos e ainda tão nossos, os mercadores de azeite, mel, figos, passas, vassoiras; as negras marisqueiras; os vendeiros de pão, que eram innumeraveis; os leiteiros; os hortaliceiros; os acaçaes. Acordava do seu somno a operosa rua; e na loja de Bastião Gonçalves varriam os moços a testada, e colgavam os panos de amostra mais de attrahir o povoleo.

Bastião, com o seu sorriso perverso feito de maus desejos, achava-se já revolvendo papeis no seu *escriptorio* (ou secretária) de pau santo, ancioso pelo

momento de ir enterrar a mais traiçoeira das estocadas no honrado lavrante seu patricio.

Entrou-lhe Gil na loja com modo ousado, e bradou:

— Onzeneiro villão, aqui tendes o vosso dinheiro de contado.

O outro, surprezo e intimidado, cahiu de muito alto, e não achou palavras senão estas:

—¿ O meu dinheiro?!...

— Sim, vil saião cobarde, o vosso dinheiro. Tomae-o, e dae-me presto as lettras, se não quereis que vol-as arranque das mãos com toda a pelle que vos cobre o arcaboiço.

O Gonçalves já por experiencia conhecia o seu interlocutor. Houve por melhor calar-se. Tomou os papeis, que pareciam escaldar-lhe os dedos, tanto o pulso lhe tremia; e extendendo-os a Gil, recebeu d'elle uns poucos de rolos de oiro atirados com desdem soberbo para cima do escriptorio.

O Ourives sumiu no pellote as lettras, rasgadas primeiro, e disse:

— Contae.

O outro contou.

— ¿ Está tudo?

— Está — silvou Bastião.

Gil Vicente, fitando sempre os olhos no mercador, cuspiu esta só palavra:

— ¡ Miseravel!

E sahiu, de vagar, a passos lentos, tornando a revirar-se para traz á porta, e repetindo, como quem vibra um tagante:

— Miseravel.

O mercador ficou-se immovel. Aquelle monte de oiro era para elle muito, mas trazia-lhe uma decepção profunda. Mais queria elle á vingança, do que ao oiro.

Ainda assim, encolhendo os hombros, foi-se com ar resignado contar outra vez todos aquelles rolos de cruzados, e recolhel-os n'uma burra chapeada, que tinha ao lado da baiuca. Depois, muito pallido, e devorando a humilhação de assim ter sido vili-

pendiado diante dos seus serviçaes, com quem era sempre altivo e rispido, sentou-se ao bufete, como que abysmado em meditação rancorosa, com a cabeça entre as mãos e os cotovellos apoiados na meza. Tinha o que quer que fosse de um aranhão grande encolhido, immovel no fundo da sua teia negra.

Serenado o temporal em casa de Gil Vicente, raiou para toda aquella familia um bello sol de muitas alegrias. Martha, abraçada ao marido, chorava de gosto. Gil Fernandes revia-se no jubilo dos paes. Gil Vicente, o novo, que (sem o suspeitar, quasi) tivera os pés sobre um abysmo, expandia-se em exclamações.

Ora o passo tão ousado e generoso dado pela boa Breitiz, a sua intercessão espontanea junto de D. Camilla de Noronha, tudo se descobriu emfim. D. Camilla falou no caso á sua aia Leonor pequena; disse-lhe ter Breitiz movido o animo d'ella com palavras e lagrimas de muita dedicação; accrescentou ter-lhe agradado immenso a commedida e affectuosa *linheira*.

Leonor foi a Santo Esp'rito, e todo o acontecido contou-o logo á mãe, pasmada da bondade e energia da filha; levou valiosas encommendas, e um bonito anel a Breitiz da parte de D. Camilla.

E mas esse dia era de tristezas em Santo Esp'rito; estava prestes a abalar para longe, n'uma das suas carreiras maritimas, o valente Ruy. Tudo lá se soube, no proprio momento em que, depois de um dia de faina a bordo, o maritimo acabava de saltar em terra para se despedir da filha e da mulher, porque n'essa tardinha havia de embarcar no caravellão, que na madrugada seguinte tinha de abrir para

o Costa da Mina d'Oiro as suas tres azas brancas. Foi uma confusão, que, pela commoção de todos, ainda augmentou as angustias da despedida.

Teve Ruy um dos seus impetos affectuosos, e abraçou-se na filha devorando-a com beijos.

— ¡ Me comam as baleias, se tu não és um Anjo! ¡Salvaste aquella gente, filha das minhas entranhas!

....

Os ultimos momentos em casa foram dolorosissimos. Poucas falas á ceia, e pressentimentos muito negros na alma dos tres. Ruy Chapuz, muito estimado do grande Bartholomeu Dias, ia á Mina por chamado d'elle ajudal-o nas suas fainas. ¿ Mas por quanto tempo? ninguem o sabia.

Depois de cear, ergueu-se Ruy muito serio e pallido. Pôz o seu legendario capuz, e ia tentar sahir com disfarce, quando se viu agarrado das duas, mãe e filha, e da ama, que o não queriam deixar sahir; lavadas em lagrimas, entre algumas boas visinhas que tambem acudiram condoídas, penduravam-se-lhe do collo, e arrastavam-se-lhe aos pés.

O lobo-do-mar nunca se sentira tão acobardado na sahida, como d'esta vez. Queria falar, e não podia. Elle, que nunca sabia chorar, chorava tambem.

....

— ¡Eh lá! ¡mestre Ruy! — bradava á porta da rua a voz rouquenha de um barqueiro. — ¡ Eh! aviar, ¡por S. Pedro! que o batelão já vos aguarda no caes dos Moiros, e a maré já quer fugir...

— Vamos; eu vou — disse com um supremo esforço de valentia o triste maritimo. — Aguarda-me, Cação, não me delongo.

E sahiu.

E parecia que se lhe arrancava o coração.

....

A casa e a viella recahiram no seu silencio do costume. Quem, a horas mortas, ali passasse n'aquella triste noite, encostado á parede da banda da Rigueira, e prestasse ouvidos, escutaria talvez soluçar na sombra a linheira Breitiz.

Tambem veio logo a saber-se nos lares do Ourives a bizarria de D. Martinho de Castello-Branco; mas não pelo Ourives, que, obedecendo ao mando, calava por então o nome do seu salvador; soube-se pela mesma procedencia por onde constou em Santo Esp'rito.

Conhecida foi tambem a generosidade d'aquelle nobre nos soalheiros negociosos da rua-Nova; e, mais por um lado, mais por outro, havia de chegar á Adiça; mas Gil Vicente, o moço, correndo até lá (onde lhe não negaram a porta) apressou-se em contar a lindissima acção de Breitiz, encantado, transportado de praser, como se achava, por poder continuar em Lisboa a sua tão bem encetada carreira.

Calcula-se a impressão intima que produziu em Branca esta noticia de sobresalto. Ficou sabendo que a tinham illudido as suas prematuras aprehensões. Ficou sabendo que as apparencias enganam ¡quanta vez! Ficou sabendo que é sempre mau formular juizos temerarios. Ficou sabendo que ainda ha amigas verdadeiras. Ficou sabendo que Deus é sempre Deus. A' dedicação illimitada da excellente rapariga deveu Branca toda a felicidade da sua alma, agora restituida ao socego e ás doces esperanças. Sentia Branca um prazer celeste; mas (perguntemol-o á sua memoria) ¿não tinha lá dentro a roel-a, a pungil-a, um remorso vago de ter interpretado em mal aquelle coração, concentrado sim, mas purissimo?

Com effeito, ¿que significava o rasgo espontaneo de Breitiz? significava uma dedicação sem limites. Ella, que se finava de ciumes da sua maior amiga, contribuira, com toda a sua diligencia, com todos os seus exforços, para lhe conservar em Lisboa, para lhe aproximar, o querido da sua alma, para o encaminhar, para lhe aplanar o encetado caminho. A sua fraca mão deitara por terra, n'um relance, a

barreira que ia interpôr-se entre Branca, desenganada no seu primeiro amor, e Gil, arrojado barbaramente para os brejos da obscuridade. Breitiz bem via que a si propria se infelicitára para sempre, mas acceitava resignada e sublime o sacrificio. E depois, sosinha comsigo mesma, admirava-se do sacrificio, e agradecia a Deus a força que tivera para se atrever, ella pobre e obscura, a ir rojar-se aos pés de uma dona que nem sequer a conhecia, e a realisar destemida o seu plano, sem se aconselhar, sem meditar, mas sem trepidar.

Apenas o Ourives veio a conhecer que lhe devia tanto, que lhe ficavam devendo tudo elle e os seus, correu a Santo Esp'rito, e beijando-a paternalmente disse-lhe:

—**Breitiz,** que eu desde pequenina conheço e estimo, fica sabendo uma coisa: além de teu pae, que lá anda sobre aguas do mar, tens outro pae ¿ ouviste ? sou eu. E's filha minha.

Branca, envergonhada de si propria, ajoelhou no auge da commoção diante da amiga, beijou-lhe carinhosamente as mãos, com affecto que trasbordava em lagrimas, e apertando-a com os braços pelos joelhos só dizia entre soluços:

— ¡Perdôa-me, Breitiz! atrevi-me a julgar mal da tua alma. Tu és o que todos sabem: um Anjo do Ceo.

— ¿Porquê, Branca? ¡levanta-te! ¡vem ao meu seio! ¡deixa-me apertar te! Não sou Anjo, não; sou ainda, e sempre, a tua *mãe;* ¿pois não sou?

Com estes successos inauditos, estreitaram-se ainda mais as relações entre os Vicentes e a casa da Adiça; era bem de prever.

Gil Vicente, o joven poeta, concluiu os seus estudos a contento de todos, e começava a sua aura de futuro poeta de grande estatura a espalhar-se por Lisboa: primeiro nas classes médias, em que

elle vivia, e depois, a pouco e pouco, em regiões mais altas.

Tinha chegado, são e salvo, e coberto de gloria, o immortal Vasco da Gama da sua arrojada expedição. Portugal atonito d'esse feito extraordinario, acordava como de um lethargo. As primeiras páreas do Oriente, o primeiro oiro de lá chegado, quiz el-Rei D. Manuel sanctifical-o dedicando-o ao Ceo.

Coube ao imaginoso ourives Gil Vicente o encargo nobilissimo de consagrar aquelle oiro, em nome do Amor patrio, em nome da Arte, em nome de Deus. Por ordem expressa d'el-Rei, lavrou o grande Artista a celebre Custodia, a que o proprio Soberano veio a referir-se em testamento.

Assim pois: o descobrimento da India obteve tres commemorações immorredoiras:

D. Manuel edificou em pedra o Mosteiro de Rastello;

Gil Vicente esculpiu em oiro a Custodia dos Jeronymos;

Camões fundiu em bronze o Poema dos Lusiadas.

CAPITULO XXVI

MERENDA D'EL-REI D. MANUEL NO JARDIM DO SEU PAÇO DE SANTOS.

este tempo em que vão passando os successos que narrei, começavam a dar-se em Lisboa transformações consideraveis. Mudava o aspecto moral e economico, e mudava o aspecto physico, da grande Cidade.

Desde a chegada de Vasco da Gama, que nos trouxe no seu guante de ferro a certeza de ficar patente ao commercio naval a estrada do suspirado Oriente, houve em todo o Reino, e principalmente em Lisboa, um frémito de enthusiasmo nunca visto.

El-Rei D. Manuel, que era um imaginoso, e soube acompanhar e fomentar com muita diligencia e efficacia os trabalhos herculeos do descobrimento e da conquista, planeou dotar a sua Capital com um paço marinho digno d'ella, e digno do Rei Navegador. Aterrou a praia junto a Villa-Nova de Gibral-

tar, e fez ahi um terreiro magnifico, edificando-lhe no extremo norte-occidental uma residencia, sumptuosa para então, a que se ficou chamando, ora o paço da Casa-da Mina, por lhe ficarem subjacentes os opulentos armasens d'esse emporio aduaneiro, ora o paço da Ribeira, por senhorear em primeira mão a vasta, a nobre, a operosissima, ribeira do Tejo.

Além d'este palacio, que em 1505 eraha bitavel, e ficava sendo succursal da antiga Alcáçova, possuia o Monarcha, desde os ultimos annos do seculo XV, outra lindissima vivenda, meio campestre meio maritima, no arrabalde do Poente. Era uma vasta habitação fundada pelo elegante argentario Fernão Lourenço, «um dos magnificos homens» de Lisboa, como lhe chama um coevo, sobre os paredões do desamparado mosteiro primitivo das Donas de Santiago da Espada, habitação cedida pelo fundador ao insaciavel Monarcha.

Este denominado *paço de Santos-o-velho* era ninho roqueiro delicioso, á beira da agua, ao cabo de hortas e arvoredos que lhe serviam de transição para a Cidade. Já n'outra parte o descrevi, tão completamente como soube; não repetirei portanto aqui essas pinturas. Limito-me a mostral-o ao meu leitor, emergindo, com os seus telhados de cupola, as suas torres leves e azulejadas, e as suas galerias ainda meio claustraes, d'entre um massiço de arvoredo, novo e sombrio, que lhe forma os jardins.

Ahi, n'esse apetecivel paraiso, habitou o Soberano varias temporadas. Quando ainda residia na Alcáçova, para o seu querido paço de Santos ia muitavez, pelas tardes, espairecer-se, merendando familiarmente com os seus intimos, entre as sombras frescas do pomar.

No bergantim doirado, tremulado de galhardetes, e levando á pôppa o Estandarte Real, divagava el-Rei D. Manuel tardes inteiras pelo rio, indo acabar

o passeio fluvial em Santos, com os seus ministros e amigos, em doce conversação familiar, que o refocillava dos durissimos trabalhos do mistér de Rei.

Uma tarde pois, n'este anno de 1501, embarcou ali, na praia do seu terreiro novo, levando a bordo os musicos da camara, e um *Official,* Antonio Carneiro, com quem ia despachando negocios urgentes; e seguiu, nas azas da aragem de Outomno, Tejo a baixo, a sabor da viração e da maré.

«El Rei D. Emmanuel — escreveu Damião de Goes, — «sempre foi em todos seus negocios vigi-«lante, e tinha por officio perder pouco do tempo.»

Vão todos contentes: os cortesãos conversam com o Rei; os mocos-fidalgos de serviço cochicham travêssos e alegres entre si. Na fronte habitualmente serena e affavel do Soberano, lê-se o praser de assim vêr coroados a pouco e pouco os seus exforços administrativos; e todos commentam com elle, em familiaridade affectuosa, os casos da semana. Vão tambem contemplando absortos o espectaculo, sabido mas sempre novo, da margem: o magnifico aspecto da Cidade velha que lhes vai fugindo, os montes povoados de casaria, e a pedraria branca do paço da Ribeira, cujas paredes e torreões vão erguendo a cima dos cascalhos e areaes da margem o seu vulto senhoril, abrindo-se em janellas de laçarias, e expandindo-se em camaras doiradas, cujos tectos moiriscados se vão já adivinhando.

Entre os convidados notam-se: o Duque de Bragança D. Jayme, o Secretario Antonio Carneiro, versejador nas horas vagas, o Senhor de Villa-Nova de Portimão, e o Conde de Tarouca, Mordomo-mór que tambem arranhavam lyra.

A meia-nau vão os moços-fidalgos, levando entre si (um pouco vendido) um mancebo de vinte e poucos annos, apresentado n'esse dia a el-Rei, ao embarcarem, por D. Martinho de Castello-Branco,

como bom tangedor e troveiro de muitas prendas. El-Rei, gazalhador por indole, permittira esta apresentação um tanto á ligeira, pois ia com ella distrahir-se, e dar talvez á digressão uma côr litteraria, que nunca lhe desaprouve.

Mais á proa iam os ministreis tocando nos seus violões, nas suas pippas e violas d'arco, alguns trechos agradaveis, cujo som se extendia ao longe, e fazia prestarem ouvidos as companhas de naus e galés surtas ao longo do Tejo.

¡E eil-o ahi vai, o Senhor da Navegação e da Conquista! ¡eil-o ahi vai, desannuveado de cuidados, gosar uma tarde remançosa entre amigos!

....

—Senhor,—respondia Antonio Carneiro a uma pergunta do Monarcha—tem-n-os Vossa Alteza aqui na minha pasta; são os requerimentos dos Capitães da Mina.

—Sei—volveu el-Rei;—e despacho bem; isso é de toda justiça. Quero providos em muita abastança todolos logares d'além, assim de mantimentos, como de gente de pé, de cavallo, artilheria e outras munições, acrescentando os ordenados, soldos, e mantimentos aos Capitães, Adaís, e outros officiaes, e assim aos armadores e outra gente de guerra [1].

—¿Como os antecedentes, meu senhor?

—Sim, como os antecedentes.

Antonio Carneiro tomava de tudo apontamento no seu livro.

—¿Ordena Vossa Alteza que Pedro Corrêa...

—Ordeno. Quero que se parta para Roma, a negociar com o Cardeal D. Jorge os negocios que

---

[1] Palavras textuaes de Damião de Goes—*Chron. d'el-Rei D. Manuel* P. I, cap. XI.

ainda pendem junto do Padre Santo, acerca dos cavalleiros das Ordens de Christo e Aviz.

—¿Sobre os foraes velhos de suas cidades e villas está Vossa Alteza ainda pelo que me disse?

—Estou; e dou especial cargo a Fernão de Pina, Cavalleiro da minha Casa, homem bem entendido, que se vá pelo Reino com poderes meus, e provisões para todalas cidades, e villas, e concelhos, lhe entregarem os foraes velhos per que se regiam [1].

—Os Estados do Reino, senhor, pediram que as tenças obrigatorias, que se punham pelos casamentos aos fidalgos e donzellas, se não dêem mais, e o queira Vossa Alteza, se assim fôr servido, correger e emendar.

—E' de justiça. Faze como fôr mais conveniente, e mostra-me as respostas.

—Meu senhor, sim. As monjas de Vairão...

—Estou de boa avença; sei o que é. Como pedem.

—Os officiaes e pedreiros do paço novo da casa da-Mina requerem accrescentamento no jornal, a exemplo de Thomar...

—Tambem o eu desejo; e que me concluam a obra quanto antes; dá-lhes o que pedem.

....

E assim ia o Rei despachando, com a sua bonhomia habitual, e o Secretario registando ponctualmente as decisões.

Depois de muito tempo, exclamou el-Rei:

—Basta, Antonio Carneiro; temos trabalhado que farte. Agora é descansar. Repara tu: ¡como vão atrazadas as minhas taracenas da porta da Oira! ¿pois não vês?

E apontava para as obras, contemplando-as com olhos severos de bordo do bergantim. Ninguem boquejou; elle continuava:

—Toma nota, e ordena que se acabem de vez

(1) Id. ibid. cap. xxv

essas tarefas de pedraria, que ameaçam delongar-se até ao reinado de meus netos.

Antonio Carneiro tomou ainda outro apontamento.

—E bem, Martinho de Castello-Branco ¿o teu protegido, o troveiro? ¿não veio?

—Meu senhor, sim, veio; eil-o ali ás ordens de Vossa Alteza.

E a um aceno de D. Martinho, ergueu-se de pé entre o grupo dos moços-fidalgos, o nosso Gil Vicente, que outro não era senão elle (segundo o leitor já adivinhou) o mancebo adventicio, um tanto intruzo talvez n'aquella luzida companhia de Côrte.

—¿E' áquelle?—proseguiu D. Manuel.—¿Como te chamas?

—¿Eu, senhor? Gil Vicente—respondeu o mancebo com timidez.

—¿E d'onde és? ¿de Lisboa?

— Senhor, não; sou de Guimarães.

—¿Filho do grande Ourives?—perguntou el-Rei ao Senhor de Villa Nova, como se o nome lhe tivesse acordado no espirito alguma reminiscencia.

—Sobrinho, meu senhor, e afilhado.

—¡Ah! já sei. Falou-me em ti minha Irman a Rainha D. Leonor; e, se não me engano, vós tambem, Duque.

—Eu tambem, meu senhor.—volveu o Duque.

—Sim, agora me lembra: ¿foste uma vez ao chamado de Sua Alteza?

—Senhor, sim, fui-me uma vez aos paços de Santo Eloy levar uma obra de meu tio, e Sua Alteza quiz fazer-me a grande mercê de me ver.

—De muito mais tempo o conheço eu—atalhou rindo o Duque D. Jayme;—foi uma tarde aos meus paços de Guimarães levado pelas cuvilheiras de minha senhora mãe. ¿Lembras-te?

—Lembro-me, senhor; era eu tamanino.

—E eu ainda mais tamanino—explicou o Duque rindo, e todos riram.

— E ¿que fazes? — perguntou o bom Rei com affabilidade.

— Conclui estudos nas Escolas geraes de Vossa Alteza, e aguardo que Vossa Alteza me ordene o que devo em seu Real serviço.

— Hemos de ver o que melhor convenha. Por ora folguemos, que assim é tarde de folgança.

Em quanto se travava a bordo este dialogo, ia o bergantim chegando á praia de Santos, já toda çheia de gente, barqueiros, calafates, pescadores, todos descobertos, para presencearem o desembarque. Na ponte de madeira, que da parte do jardim entestava com o mar, viram-se varias figuras esperando, e entre ellas reconhecia-se Duarte Foreiro, Almoxarife do paço de Santos-o-velho.

O arraes mandou caçar muito de pressa a vella branca, em que rutilava, pintada a vermelhão, a Cruz de Christo; e o ligeiro barquinho, deslizando com a velocidade adquirida, abicou suavemente ao focinho da ponte.

Poseram-se todos de pé; e o Conde de Tarouca, saltando agilmente, deu a mão ao seu Rei, que sahiu de bordo seguido de todos os presentes.

Com rapido tropear de passos, e compassado tinido de espadas e punhares, subiu o rancho os degraus de pedra de uma curta escadaria, que da porta do mar conduzia ao folhudo jardim, muito cheiroso e alinhado, outr'ora cerca das Commendadeiras, e agora tratado a primor, e cheio de plantas especiaes e flores. Este jardim, adornado de arvorinhas recortadas, redoiças de buxo razo, laranjeiras, cedros, e limoeiros, occupava o espaço do jardim do actual palacio dos snrs. Marquezes de Abrantes, e da calçada quasi até ao nosso largo da Esperança. Viam-se, aqui, ali, viveiros de aves cantoras, fontinhas de brutesco, e apetitosos caraman-

cheis de jasmins, tudo alinhado e symetrico á maneira antiga.

No extremo de uma longa rua de buxo, muito alto, e cuidadosamente aparado, parallela ao rio, levantava-se uma grande cascata de conchas do mar, e cascalho de varias côres, d'onde a agua ressaltava com o seu murmurinho fresco para dentro de um tanque grande semi-circular, cujas lymphas crystallinas abrigavam plantas aquaticas ornamentaes.

Ahi, n'esse recinto majestoso e sombrio, extendeu-se, ao mando do Almoxarife, uma alcatifa, e collocaram-se cadeiras, e uma meza volante.

El-Rei, alegre e bem disposto, sentou-se, fez sentar o Duque e os Grandes, em quanto os moços-fidalgos preparavam com presteza a merenda Real, de doces, fructas, e vinhos preciosos. N'um caramanchão, a curta distancia, entoaram os ministreis uma agradavel melodia, em estylo muito simples, que, mixta com o chilrear dos passaros do pomar e dos viveiros, ainda augmentava a delicia d'aquella hora.

Começou a merenda.

Cada Moço-fidalgo, ajoelhando por sua vez perante el-Rei, apresentava-lhe as varias peças componentes do saboroso repasto: um, o *bacio* de agua-ás-mãos, prata rutilante; outro a toalha finissima de Flandres; outro, o confeiteiro dos mais apetitosos doces; outro, o açafate de filigrana avergado de rescendentes pecegos e maçans; outro, a salva dos figos recem-colhidos na horta; outro, a taça de oiro para o vinho; outro, o pucaro a trasbordar de agua fresquissima da fonte da cascata; e elle, falando com alguns dos mocinhos, afagava-lhes a bochecha com familiaridade de pae, ao passo que entrava, com bom e saudavel apetite, por aquelle repasto patriarchal. Depois de um intervallo, mandou aos Grandes comessem tambem com elle.

Com os acepipes da refeição regada de nectares escolhidos, aqueceu a conversação, e dentro em pouco todos se viam, por assim dizer, irmanados na mais urbana familiaridade.

—Quero ouvir o teu troveiro—disse de repente el-Rei para o Senhor de Villa-Nova de Portimão.

—Se Vossa Alteza ordena, eu o chamo.

—Chama, sim.

Gil, em grande distancia, quasi no extremo da rua de buxo, com o Almoxarife e os officiaes menores, esperava a sua vez.

Mandado chamar, aproximou-se, e indeciso, olhando de soslaio para o Soberano, nem quasi se atrevia a respirar. O coração pulava-lhe até á bocca.

—¿Fazes trovas?—perguntou el-Rei.

—Senhor, algumas tenho feito.

—Muito bem; temos então aqui varios cancionistas—volveu o antigo Duque de Beja para o Conde de Tarouca;—tens aqui um dos teus; trovador és tu como os melhores.

—¿Eu, meu senhor?! quer Vossa Alteza rir; eu apenas meço syllabas, e mal, muito mal, confesso—respondeu o Conde com graciosa modestia.

—E tu tambem, Antonio Carneiro.

—¿Eu, meu senhor?! foi tempo.

—E tu, Martinho, tambem vais, que o sei eu, na esteira de teu genro João Rodrigues.

—Ai não, meu senhor, perdôe-me Vossa Alteza; algumas trovas fiz, mas leixo-lhe a elle toda a avantagem; aquelle é gerifalte de grande vôo; eu por mim... nem azas nem bico. De meu genro, sim, escreveu Henrique da Motta, como Vossa Alteza sabe:

> Senhor, a quem Phebo deu
> linguagem virgiliana,
> de que corre, de que mana
> quanta fama oiço eu.

—¡Ah! ¡sim!—tornou o Rei—João Rodrigues de Sá tem de deixar bom nome.

—Certamente, meu senhor; esse é primoroso lettrado; traduz Ovidio...

—E fez aquellas ricas quintilhas aos escudos

das Armas. Quando as leio, parece-me estar vendo a minha sala nova dos paços de Cintra.

— Senhor, ¡quanto me é agradavel ouvir a Vossa Alteza o que diz de meu genro!

— Esse sim, — tornou el-Rei — é gran cultor das Musas; mas a tua Musa, Martinho, é outra: chama-se *Caridade*.

— Senhor... — balbuciou D. Martinho baixando os olhos e inclinando-se.

— ¿Cuidas que não sei tudo? ¿cuidas que o teu Rei não indaga o que passa?

Houve uma ligeira pausa de silencio.

— Lopo, — bradou o Soberano a um Moço-fidalgo loiro e rochunchudo — vae dar signal aos ministreis para que descancem agora da sua faina, e deixem descançar as violas d'arco. Que merendem em santa paz, e nos deixem ouvir as trovas d'este gentil mancebo. Olha, Lopo, que merendem todos; e os barqueiros tambem. Vamos, chegou a tua vez, Gil Vicente.

Todos se calaram, em quanto a creança ia cumprir a ordem de seu amo, e os olhares dos circumstantes se fitavam no poeta.

Gil Vicente, muito pallido e commovido, aproximou-se alguns passos, e no meio da roda dos cortesãos preparou-se para recitar.

— Visto Vossa Alteza m'o ordenar, — balbuciou elle respeitoso e com timidez — vou declamar o principio de uma tragicomedia de minha invenção, a que puz nome *Amadís de Gaula*. Não a acabei ainda, nem sei quando a acabarei. Isto é o principio.

— ¿*Amadís de Gaula?* folgo com a escolha — disse o Rei; — o Donzel do Mar é figura muito do meu peito. Escutemos.

E Gil, ao principio timido, mas aquecendo gradualmente, exclamou:

— Senhor, a scena, como se me figura na mente... (mas eu não sei se isto pode ser, e se não é contra as regras) a scena parece-me figurar uma sala nos paços de Amadís. Determinado em ir buscar suas aventuras, como se lê no Memorial de Vasco de Lobeira, e desejando alcançar gloriosa fama, diz para seus irmãos, D. Galaor e D. Florestão, isto que vou dizer; mas junto d'elles tambem está o irmão derradeiro, D. Gandalim, ainda um mancebinho. E porque a obra em si vai mui declarada, não serve mais argumento. E diz

AMADÍS

Sabei vós, Dom Galaor
Dom Florestão, meus irmãos,
que o verdadeiro louvor
filho é do nosso valor;
conquistam-n-o as nossas mãos.
Aguardar no leito a morte
é mui geral cobardia;
mas buscal-a noite e dia,
valentia.
A fama é a vida do forte.
¡ Ora sus, ó bons guerreiros!
¡ seja a honra o amor da alma!
Tem a fama taes luzeiros,
que a exforçados cavalleiros
só ella lhes traz a palma.

GALAOR

Amadís, é d'essa côr
este pano que me veste,
que o mais mesquinho louvor
de fama, e seu resplendor,
é melhor
que todo o oiro terrestre.
E assi, foi determinado
o rabote aos carpinteiros,
aos lavradores o arado,
aos pastores o cajado,
e o montante aos cavalleiros;
ao forte, ser venturoso;
honra em barda ao exforçado;
ao guerreiro valoroso
ser ditoso;
e ao cobarde, desgraçado.

FLORESTÃO

Fala bem; claro, e profundo.
Amadís, de mim vos digo
que me abalo a correr mundo,
por ver ¡ que heroes tem comsigo!
¡ que extremados cavalleiros!
E não me delongo mais,
que os homens de exforço e mando,
(como nos bem ajuizais)
esses taes
não descançam descançando.
Dever nos corre, e apertado,
pois somos, sem confusão,
filhos do grande Perião
de Gaula, padre exforçado,
e de antiga geração.
Do sangue somos mandados
a commetter claros feitos,
e casos desesperados,
que só dos Reaes estados
se aguardam heroes perfeitos.

GANDALIM

Comvosco tambem me irei
ás entreprezas aonde ís ;
no escuro não quedarei;
quero ver-te, ó Amadís,
e rastrear o que farei.
Sim, que hei-de ir comvosco á guerra,
pois, a-segundo affirmais,
o nosso corpo se encerra
sob a terra,
e a fama é dos immortaes.

AMADÍS

Não vou só por gloria insana;
não me vou só por tal preço;
senão que sirvo a Oriana,
a lindeza soberana
a cujo nome estremeço.
Dou meu corpo á sorte crua;
minh'alma a Oriana formosa.
¡ Oriana, minh'alma é tua,
mais da Lua,
que assim te creou donosa!
Entre as frágoas da peleja,
nas terras que vou correr,
bradarei : « ¡ Segura seja

«a vida que só deseja
«para Oriana viver!»
Vou-me presto á Gran-Bretanha
ter co' o soberbo Dardão,
que aos paladins de Allemanha,
e de França, e até de Hespanha,
amedronta-os a sua mão.
¡Tem-me o louco ameaçado!
¡Fanfarreador! ¡mal se engana!
¡Triste d'elle assi enganado!
que ao recordar-me de Oriana
tenho as justas já ganhado.
¡Partir! ¡não mais! ¡sus! ¡em via!
Cada qual tome o seu norte.

GALAOR

Eu, ponho rosto á Turquia.

FLORESTÃO

¿Eu? nem sei. Só Deus me guia.
Entreguei-lhe a minha sorte.

E aqui me detenho, senhor, mui receoso de cançar mais a Vossa Alteza. Esta é a primeira scena, á maneira das scenas de figuras que escreve Juan del Enzina em Castella, ou quiçá ao sabor das tragedias dos Romãos. Eu não atino bem com o que faço, senhor; escrevo segundo m'o vai conselhando cá dentro um não-sei-quê. Pouco mais escrevi d'esta Tragicomedia, ou Auto; espero em Deus levar a cabo este tentame, seguindo a passos deseguaes as pisadas do nosso Lobeira. O assumpto sim, que é bello; ¡oh! ¡se o é!

E a fronte intelligente e inspirada do extraordinario Poeta, já de todo recobrado, e como que já habituado á sociedade que o contemplava com tamanho interesse, voltava-se para el-Rei, illuminada do clarão avermelhado do sol poente.

—¡Bello o assumpto, e bellos os versos!—ponderou o Soberano com o seu ar magnifico de Péricles do seculo XVI.—Muito ha já que não oiço coisa tanto a meu sabor como esta. Só tenho que louvar-te, meu guapo troveiro; e quero que te vás á Alcáçova

um serão, por que as senhoras Rainhas te oiçam e admirem como te eu admiro. ¡Vive Deus, que tenho um poeta no meu reinado!

Ergueu-se el-Rei com mostras claras de muito gosto. O Senhor de Villa-Nova fez um leve signal a Gil Vicente, que se inclinou profundamente, e recuando se retirou para longe, para o-pé dos moços, entre quem estivera primeiro.

—¿Aprouve a Vossa Alteza o mancebo?—perguntou o Duque.

—Muito, Duque, muito. E' grande engenho, segundo se me figura. Hemos mistér animal-o. Isto dos versos (ou engano-me eu) não se fez só para rir, senão para mover a alma. Tarouca, e tu, Villa-Nova, não deixeis de m'o levar á Alcáçova. Confesso uma coisa (e relevem-me os sabios se me excedo): as trovas que por hi engenham alguns, e que tanta vez hemos ouvido nos serões d'el-Rei D. João meu senhor, e nos meus, fazem rir ás vezes, mas não nos movem a alma; ¡estas sim, que são de força! lembram-me os poetas antigos, que eu com tanto gosto estudava em menino, quando era meu aio o bom Diogo da Sylva de Meneses, e quando eu lia latim, em Beja, com meu saudoso mestre Francisco Fernandes, que foi Bispo de Fez. ¡E este cavalleiro Amadís de Gaula!—continuava o Soberano quasi em soliloquio—¡Grão paladim! Se este moço concluir o seu Auto, ou Tragicomedia, a-segundo começou, fio que traçará obra de cunho. Fico assombrado, e por hoje nada mais me apraz. Tem isto dos versos bons um condão singular de nos levantar a alma muito acima d'este mundo...

Ninguem se atrevia a responder.

Passeou o Rei algum tempo nas ruas areadas e cheirosas, e por ultimo desceu com toda a sua comitiva até ao bergantim, volvendo ao terreiro do

Paço novo, d'onde encavalgou e recolheu á Alcáçova.

Aquella tarde, aquelle fragmento de poema, foram para o juvenil trovador um verdadeiro triumpho. Sagrava-o para a Arte o instincto affectuoso do fundador dos Jeronymos.

Decorridos alguns dias, achava-se el-Rei na sua guarda-roupa, de manhan, á hora do *vestir*, occasião habitual de certas recepções familiares concedidas aos Grandes. Era o *petit-lever* da antiga Côrte franceza. Foi sempre a hora das saudações, dos desabafos, e dos requerimentos. Haja vista um epigramma do *Cancioneiro*, que diz assim textualmente:

> O muy gram Comendador
> pedio oje neste dia
> hoo vestir
> a elrrey nosso senhor
> um quartell de moradia. (1)

O senhor D. Manuel, que era muito apurado e requintado no trajo, levava muito tempo n'aquella ceremonia de se deixar embonecar pelos seus servidores.

De pé diante de um bello *cristallino de Veneza*, falava a um, sorria dos ditos do outro, perguntava as novidades, e espalhava em sua volta o doce calor da bonhomia senhoril, em quanto os moços da camara e guarda-roupa lhe vestiam cerolhas de Hollanda e camisa moirisca, lhe calçavam os sapatos guarnidos de oiro, lhe envolviam a cabeça em coifa de rede de oiro, lhe punham o pellote de Da-

(1) Ed. de Stutt,-T. II, pag. 186.

masco, lhe afivelavam a cinta bordada de oiro e prata, d'onde pendia uma rica espada cinzelada, em bainha de velludo, o cobriam com um barrete de velludo negro, e por ultimo o aconchegavam na sua chamarra ampla e comprida de setim alionado.

Apenas viu entrar o Senhor de Villa-Nova de Portimão, disse-lhe:

—Martinho, ¿que feito foi do poeta? as Rainhas querem ouvil-o. Leva-m'o quanto antes.

—Meu senhor, não faltarei—respondeu o futuro Conde inclinando-se, e beijando a mão de seu amo.

CAPITULO XXVII

Serão Real no paço da Alcáçova

Ha hoje serão no nobre paço da Alcáçova.

A el-Rei D. Manuel, Principe elegante, agrada a convivencia com os escolhidos da sua Côrte; e a Côrte apparece toda n'estas reuniões fastosas, que na Lisboa devota e semimorta dos seculos XV e XVI são para todos a mais deleitosa diversão.

Ha serão no paço de Alcáçova; o mesmo é dizer: ha festa grande nas phalanges aristocraticas.

Distribuidos os convites, vai extranho alvoroço em muitos lares de Alfama, do Castello, e da Cidade nova, alastrada desde o Oratorio de Santo Antonio da Sé até ao Canal de Frandes, e de Villanova de Gibraltar ao Rocio. Falou-se muito, fizeram-se muitos preparos, e as jovens damas do Paço, e os seus galantes, só almejam por uma coisa: o cerrar da noite.

Ha serão no paço da Alcáçova. Esvahiu-se o dia formosissimo do nosso verão de S. Martinho, e as sombras envolvem Lisboa inteira.

Se eu podesse dar o braço aos meus leitores, e divagar com elles por alguns sitios da Cidade, mostrar-lhes-hia, paradas ao portão de algumas casas, as liteiras de dois machos, esperando por senhoras da Côrte convidadas á festa, e os murzellos acobertados de ricos panos, aguardando seus donos, a quem, ou os seus officios cortesãos, ou a sua posição elevada, permittem apparecer nas festas d'el-Rei. Mostrar-lhes-hia, subindo esta ou aquella calçada, alguns ranchos precedidos de archotes, e todos caminhando em direcção ao Castello.

Vai nos diversos bairros extranho alvoroço; e até os populares, como bons vassallos, se deleitam no jubilo dos Reis, e repetem entre si: Ha serão no paço da Alcáçova.

Sim, paira no ar o que quer que seja de alegria communicativa, que, embora provenha de festa essencialmente alta, se propaga ás camadas infimas, n'uma povoação resumida como esta, sempre ligada com a Realeza.

Quem entrasse no recinto do Castello, que só por si formava (como ainda hoje) uma especie de villasinha amuralhada, quem se aproximasse do *recebimento* do paço, ouviria de longe um rumor festival, e distinguiria o estrondear da orchestra dos musicos da camara.

Lampiões grandes, fixados ao longo das paredes do recinto meio claustral do dito recebimento, ou pateo, allumiam a quem chega. Esse pateo vê-se cheio de cavallos e andas, que entram e sahem, deixando oa sopé da escadaria os convidados.

As salas, sumptuosamente aderessadas, receberam já um novo cunho com a invasão das opulencias da conquista indiana. El-Rei D. Affonso v, el-Rei D. João ii, apesar de recentes, não as reconhe-

ceriam. Rutilam moveis das mais custosas madeiras do Oriente, jarrões esmaltados, panos de seda adornados de naires, passaros, e vegetações de além-mar. Ardem aos cantos, em caçoilas de prata, perfumes preciosos.

Depois de apinhadas as salas, rompe-se uma porta no salão maior, rodeado de retratos velhos dos antigos Soberanos, mandados pintar (segundo é fama) por el-Rei D. Diniz, e transferidos ulteriormente para Castella durante a dominação filippina. Nota-se em toda a gente uma certa expectativa, e de outra porta fronteira sai el-Rei dando a mão á Rainha D. Maria, sua segunda mulher, precedidos ambos de duas alas de porteiros da maça, reis d'armas, arautos, passavantes, moços-fidalgos, e officiaes-móres. A turba-multa abre praça, e os Reis vão tomar logar n'um throno ao topo do salão grande.

Passa-se ás dansas; a mocidade pavoneia-se ao som da *moirisca* e dos *tordiões*, em quanto os que não dansam entreteem o tempo nas camaras contiguas, jogando o zadrez, e jogando tambem, com cartas, o celebre jogo de versos, inventado por Garcia de Resende, do *louvor* e *deslouvor*, e de que nos ficou menção no *Cancioneiro*.

As Lisboetas, tão interessantes e meigas por via de regra, acham-se n'este serão muito bem representadas; ali se contam as primeiras bellezas de Lisboa, os primeiros nomes velhos de Portugal; ali se miram e remiram as donzellas mais em evidencia na sociedade alta, muito commentadas nos soalheiros mundanos do dia seguinte, elogiadas umas, criticadas outras, todas porém contribuindo, pelo seu garbo e pela sua elegancia, para o esplendor da festa.

Lá se vê D. Brites Pereira, que, por ter uma linda voz e muita graça, falava *todo o dia por todos*,

conforme notam causticamente os *Porquês* de Setubal;

D. Branca Coutinha, formosa, sim, mas (segundo o mesmo autor anonymo) presumida de o ser ainda mais;

a travêssa e ladina D. Margarida Henriques, de quem se perguntava:

> ¿ Porque é tão mau rapaz
> Dona Margarida Henriques?

D. Isabel Cardosa, sempre em dia com as modas forasteiras, flamengas e francezas, e sempre na faina de inventos e arrebiques novos no vestuario;

a grave e intelligente D. Camilla de Noronha, muito nossa conhecida, a mais encantadora das morenas;

D. Francisca de Sousa, um tanto orgulhosa do seu nome, e a quem os *Porquês* chamam

> tão cheia de auctoridade,

a mesma senhora, talvez, a quem se referia um coevo quando escreveu:

> Faz mesuras de cabeça,
> nem acha quem lhe mereça
> mesura de outra feição,
> senão primo com irmão,
> ou coisa que o pareça;

as outras gentís filhas do Senhor de Villa-Nova D. Francisca, D. Maria, D. Leonor, D. Guiomar, D. Joanna, e D. Helena;

D. Maria Henriques, namorada então de Gonçalo da Silva (1), o qual parece que tambem amava D. Francisca da Guerra (2);

---

(1) Mencionada no *Auto das Fadas.*
(2) Ibid.

D. Leonor de Castro, namorada de D. Luiz de Meneses [1];
D. Genebra, de Christovam Freire; [2]
D. Joanna de Mendoça

.........tão formosa,
preciosa e mui lustrosa,
mui querida e mui ufana,

como a descreve algures o proprio Gil Vicente; [3]
D. Maria de Ataide

.........fresca rosa
nascida em hora ditosa,
quando Jupiter se ria,

segundo a feliz e lindissima expressão do Poeta; [4]
D. Violante de Lima,

.........de grande estima,
mui subida, mui acima
de estimar qualquer galante; [5]

D. Beatriz da Sylva,

mais estrella que donzella,

conforme a qualifica um seu contemporaneo e conhecido; [6]
e viram-se duzias de outras, com algumas das quaes já o meu leitor se tem encontrado no decurso d'estes capitulos, e a quem seria, não digo fastidioso, mas certamente longo, enumerar.
Todas primorosas nos trajos, que n'aquelle seculo começavam a ser de rara opulencia, todas ricamente alfaiadas, com os seus altissimos toucados

---

(1) Mencionada no *Auto das Fadas*.
(2) Ibid.
(3) *O velho da horta*.
(4) Ibid.
(5) Ibid.
(6) Ibid.

em bico, de cuja extremidade pendiam veos de *gaze* de varias cores; umas, barradas de arminho na fimbria do vestido de cinturinha muito curta; outras, deixando ver a alvura da pelle sob as rendas que vestiam o degote quadrado; outras ostentando gorjeiras de rede de oiro bordada a perolas, e cintos de pedraria, collares, braceletes, e aneis de alto preço. A Côrte portugueza timbrava no maior luxo.

Dos homens, é impossivel dizer quem estava: estava tudo quanto Lisboa contava de grande, desde os Principes de sangue e os Embaixadores, até ás beccas de velludo e lobas de *coutray* frisado dos Desembargadores da Casa da Supplicação, os que

> sabem fazer, per latim,
> do sim não, e do não sim,

como diz não sei quem na collecção resendiana.

Findo o passatempo das dansas, *altas* e *baixas*, passou-se a outro genero de diversão.

Foi chamado Gil Vicente, que, pela sua nenhuma cathegoria na Côrte, não gosava entrada official n'aquelles salões, mas que, avisado com antecedencia, se tinha por ordem de D. Martinho de Castello-Branco apresentado na Alcáçova ao cahir da noite, e aguardava na sala de entrada com os porteiros da cana. A despeito de toda a brandura, e já antiquissima tolerancia dos nossos costumes, havia por força barreiras impossiveis de transpôr. Acceitavam-se de boa-mente essas differenças, necessarias e indispensaveis nas sociedades humanas, e que hoje poderão talvez parecer a alguns quasi odiosas. Eram lei, e eram costume. A pragmatica é inexoravel.

Foram buscal-o, e um Moço-fidalgo introduziu-o no salão.

Appareceu Gil, entrajado a primor por um *alugador de vestidos*, officio extincto ha muito, mas en-

tão vulgar n'uma cidade como esta, que ainda no meio do seculo XVI contava doze homens e mulheres que o exerciam.

Para o salão grande tinha concorrido a maior parte da gente das salas proximas; muitos olhavam das portas, e a attenção curiosa tornara-se geral.

Gil Vicente em pé diante do throno, e dotado como era de francas disposições dramaticas, declamou em tom vibrante, e com toda a emphase dos seus annos verdes.

Repetiu a scena do *Amadís,* e disse algumas outras bagatellas lyricas de muito effeito. O resultado era de prever: murmurios e gestos de applauso corriam por sobre aquelle mar, encrespando-o.

Quando o troveiro acabou, e cortejou profundamente a el-Rei, disse este:

— A's maravilhas, Gil Vicente. Nunca tal ouvi ¡tanto a meu sabor!

—Podeis retirar-vos — disse o Mestre-sala ao Poeta, vendo, depois de pausa, que el-Rei já lhe não falava.

Gil Vicente, tornando a inclinar-se, ia sahir humildemente para o seu esconderijo da ultima sala.

Mau grado de todas as lhanezas, um troveiro não passava ainda então de um assalariado menestrel de castello, uma especie de truão, um histrião inventado por Deus para diversão de senhores.

Mas quando o histrião se chama Gil Vicente, impõe-se, e imprime o cunho do genio ao seu seculo.

— Não, não, — disse el-Rei ao Mestre-sala com um gesto da mão; — quedae-vos, Gil Vicente; o vosso logar é comnosco.

CAPITULO XXVIII

REVERSO DA MEDALHA GLORIOSA. — DETRACTORES DO JOVEN POETA. — VERDADES LITTERARIAS.

olveu Gil á rua dos Ourivezes n'um estado de excitação nervosa impossivel de descrever-se.

Tendo todos de casa esperado o mais que poderam, recolheram-se por fim. Aguardava pelo afilhado o bom do Ourives, sósinho a passear, de canto a canto, na officina, quasi toda em sombra, e apenas allumiada de um lampião.

De braços cruzados sobre o peito, devaneava o excellente homem um porvir de glorias para o sobrinho, quando se abriu a porta, e entrou Gil.

— ¡Bem vindo sejas, filho meu! ¡Que ancioso eu te aguardava!

— Senhor tio, ¡abraçae-me! — volvia o mancebo tremulo de commoção, e atirando para cima de um movel a sua capa.

—¿E então? ¿Como foi o serão da Alcáçova? ¿Ouviram-te? ¿Ouviu-te el-Rei?

—Tio, tudo quanto eu possa dizer-vos, é nada. El-Rei nosso senhor é uma grande alma, e acolheu o pobre de mim como eu lh'o não merecia. ¡Oh! ¡Deus é muito bom!...

—Conta, conta tudo.

Gil fez ao padrinho a narração circumstanciada do sarau, e do triumpho que obtivera. O Ourives, pasmado, e com as lagrimas a correrem-lhe em fio, beijou o moço com effusão, e disse:

—¡Bemdita seja a Virgem Nossa Senhora da Oliveira, que assim me inspirou a lembrança de te chamar a Lisboa! Estás homem, e em bom e largo caminho. A' sombra d'el-Rei has-de medrar para gloria dos teus, e da nossa terra. Eu fiz o que podia, mas pouco fiz na minha arte, e pouco posso já. Dei á ourívezaria a minha alma, o meu trabalho, a minha vida. Estou velho; posso morrer, que ahi nos ficas tu para trabalhos de maior monta.

Contrastava esta scena intima com outra de bem diverso genero passada pouco antes na Alcáçova. Foi esta:

Nas salas contiguas ao salão grande, commentavam alguns cortesãos, apenas o poeta findou, aquella declamação tanto a contento do Soberano.

A extranheza do caso, o aprumo com que um homem obscuro se erguera, de subito, tanto acima de todos os insulsos poetastros da Côrte ouvidos até ali, provocou em alguns animos uma reacção invejosa, que ameaçava submergil-o.

E n'um grupo, dizia um cortesão a meia voz, dirigindo-se com cautelas hypocritas ao seu visinho da direita como em confidencia, mas desejando que o ouvissem os seus visinhos da esquerda:

—Confessae, Conde, que tem el-Rei nosso se-

nhor ás vezes veleidades... que o compromettem.

—Certo é;—respondia o outro—esta é nunca vista.

—Nunca vista, e perigosa. Pois acolher assim um homem sem fôro!...

—Rasão tendes, e de sobra, Diogo; fazel-o pizar este chão que nós pizâmos!...

—Verdade é. ¿Onde irá isto parar, se el-Rei consente que entre d'ora avante no Paço toda a arraia miuda?!

—¡Incrivel! ¡incrivel!—atalhava outro, pondo as mãos na cabeça.—Nunca tal esperei. ¡Um filho de mechanico!!...

—Para mim tenho, que se el-Rei D. Affonso v tornasse ao mundo...

E fazia um gesto de supremo aborrecimento, e da mais peremptoria reprovação.

—Ainda se este... Gil... (¿não é Gil que se chama?) tivesse foro...—insistia o outro—mas não tem, não tem.

—¡Bofé! parece-me aggravo a todos nós tamanha tolerancia. Dou-me por aggravado.—notava com ar sentencioso um balofo com avós no *Nobiliario* do Conde D. Pedro.

—Aggravo? Não a tenho por tal—interrompia o garboso D. Martinho de Castello-Branco ao approximar-se, por acaso, e ouvindo as observações.—Não tenho por aggravo a mim esta protecção generosa a engenho de tal pôlpa.

—Meu Martinho,—retorquia o antecedente—tu não podes falar, que sempre és homem com quem os ourivezes vão comer, como se fossem da tua igualha.

—Meu Vasco,—atalhou D. Martinho—enganas-te; eu não tenho a vangloria de me suppôr da egualha d'esses homens tão grandes, que assim dão lustre á nossa terra. Os grandes são elles (aqui t'o digo á puridade).

—¿Queres rir, não é assim?

—Não quero, não; falo serio.

—¡Homens sem fôro! ¡admittidos no paço!! ¡á

nossa ilharga!!! ¡Que diria meu senhor el-Rei D. João II!!!!

—Fôro dá-o el-Rei ao villão, se lhe apraz, e logo faz d'elle um Cavalleiro; o engenho, dá-o Deus.

—Falas como um livro; mas engenho d'esta laia não o quero eu. Aquillo do Amadís de Gaula é furtado ao Lobeira.

—Furtado, sim; aquillo não é novo—confirmava outro sabido.

—A mim—dizia outro—mais me deleitam umas voltas de villancete, do que toda esta farragem, que não entendo, nem quero entender.

O Senhor de Villa-Nova riu-se com ar desprezativo, e seguiu o seu caminho encolhendo os hombros.

—Furtado ao Lobeira—dizia outro—e mais a Juan del Enzina.

—Aggrava-nos el-Rei—teimava um praxista.—¡Vêde-me isto! ¡um mechanico sem fôro! !entrar assim no Paço! ¿onde irá isto parar?...

—Sim, ¿onde irá isto parar?—bradavam todos sempre a meia voz.—Portugal perdeu-se. E por culpa d'el-Rei.

Assim protestavam na sombra aquelles nullos offuscados pelo plebeu.

Observação indispensavel:

Por mais pujante e original que seja um autor, por mais estro que tenha, ha-de por força filiar-se em alguem. Só Deus, só Elle, creou do nada o mundo. Ao genio do homem apenas é dado receber, assimilar, e (quando muito) accrescentar.

Gil Vicente é filho litterario de Enzina. Ler Gil Vicente é recordar Enzina, nas expressões, no tom, na forma, nos entrechos. Ler Enzina é ver Gil Vicente nas expressões, no colorido, na partição dos versos.

¿E' pois Gil Vicente um simples plagiario?

¡Oh! que não. Ha n'elle uma côr original portugueza, que é a sua vida e a sua individualidade inconfundivel.

O chamado *plagiato* é nos espiritos grandes uma forma concreta da tradição psychica da Humanidade. Abolir esse plagiato nobre é abolir a solidariedade humana.

Assim pois Gil Vicente, o originalissimo Gil Vicente, nada fez senão continuar o que outros tinham feito, melhorando-o, cunhando-o de novo, accrescentando-o.

¿Que faz um conquistador? ¿um Alexandre? ¿umi Cesar? um ¿Napoleão? apropria-se dos dominios alheios, em nome da civilisação geral, funde n'uma só as nacionalidades, e impõe-lhes o seu nome.

E' o que faz um poeta de genio: um Homero, enfeixando as tradições e os cantares dos aedos que o precederam; um Virgilio, forrageando em Homero, em Theocrito, e em Ennio, e dando-lhes vida nova e feição toda d'elle; um Gil Vicente, assimilando em si todo o estro dos seus predecessores castelhanos, e inventando com esses elementos um Theatro e uma Poesia toda sua.

Dos versejadores seus contemporaneos, e seus conterraneos, nem falemos sequer. A esses nada pediu; nada lhes acceitou; limitou-se a encoval-os, e pulverisal-os.

Quando o nosso Poeta principiou a abrir as azas do seu estro indomavel, já, certo é, tinha Enzina, e tinham outros, poetado muitos autos e muitas eglogas, que eram cá bem conhecidos, segundo demonstra a restricção de Resende, talvez (até certo ponto) seu tanto repassada de ironia reaccionaria, apesar do elogio (vá dito de passagem, a modo de duvida, e sem a minima intenção de offensa):

> E vimos singularmente
> fazer representações
> de estilo mui eloquente,
> de mui novas invenções,
> e feitas por Gil Vicente.

Elle foi o que inventou
isto cá, e o usou
com mais graça e mais doutrina,
posto que João del Enzina
o pastoril começou.

N'esses dez versos presta Garcia de Resende indiscutivel preito, mas não incondicionado, ao seu illustre concidadão: chama *singulares* e *eloquentes* as comedias do grande bardo, e considera-as *mui novas;* confessa que a *invenção* d'esse genero se deve cá a Gil Vicente, e que d'entre todos os seus confrades foi elle que usou o genero com mais *doutrina* (isto é com maior sentimento esthetico da missão moral do Theatro), e com mais *graça* (isto é com mais chiste, com mais agrado, com mais riqueza); depois d'esses elogios, escapa-lhe do plectro esta restricção: «Mas em todo o caso, a primasia no genero pastoril pertence a Enzina».

¿Que importa? a precedencia chronologica, sim; mas a primasia artistica, certamente não.

Com tres Rainhas castelhanas, ou quatro, ou cinco, com as nossas relações de sangue com Castella, com a acceitação de modas e usos de lá entre nós, e vice-versa, é evidente que haviam de conhecer-se na nossa Côrte, ou impressas ou manuscriptas, as producções litterarias do visinho Reino, mais talvez do que hoje as conhecemos. Juan de Mena, (baste esse) era cá familiar, e desde muito; que o attestem os louvores que em verso lhe tributa o Infante D. Pedro da Alfarrobeira n'um trecho conservado no *Cancioneiro.*

¿Mas de que servia isso? ¿Quem se erguia em Portugal á altura d'aquelles bardos? Ninguem.

Até ao apparecimento do Poeta do *D. Duardos,* ¡santo Deus! ¿que se tinha ouvido no Paço dos nossos Reis? o madrigal semsaborão dos namorados de Côrte, o arrufo em maus versos, os *arrenegos* dessalgadissimos, o conceito picaresco, e muita vez injurioso, dos dizedores, a lamentação monótona do anhelo religioso, tudo na metrificação desengonçada dos trovadores aristocratas que trajavam setim. Ver-

dade seja que na Côrte, em geral, se respirava uma atmosphera litteraria e artistica. El-Rei sabia o seu latim, lia, gostava de ver desenhar, encommendava obras de cunho, o mosteiro de Rastello, os famosos livros das Armas, o paço de Cintra, a torre de Belem, Thomar, e a Custodia dos Jeronymos; era (sejamos justos) uma especie de Lourenço de Medicis cá n'este extremo mauritano da Europa. Presava-se, sim, a lettra redonda, e a cultura das lettras principiava nas classes mais altas. Mas que lettras!

Para entreter os ocios d'el-Rei, á meza, á sésta, ou no serão, cantavam e tangiam os moços-fidalgos uns villancetes sem tom nem som, sem atilho nem vincilho, filiados na metrica semi-infantil dos Cancioneiros velhos manuscriptos. Poeta grande, poeta a valer, nunca ali se tinha escutado.

Não posso deixar de apresentar aqui ao leitor, como curiosidade, e talvez como pedra primeira para ulteriores investigações, uma suspeita que me lavra no espirito:

¿ Teria o talento poetico de Gil Vicente sido influenciado por algum exemplo domestico ? por outra: ¿ haveria na familia do Ourives de Guimarães algumas predisposições poeticas, que desenvolvessem, pela irresistivel pressão do attavismo, as nativas faculdades litterarias do mancebo? Eis ahi um problema de interessantissima resolução.

A minha pergunta, a minha inclinação para a affirmativa, provém de nos apparecer no *Cancioneiro* de Resende, a par do conhecido poeta Gil Vicente, o dos *Autos,* um «Mestre Gil», autor de certas endechas. Hoje, provada a dualidade, destrinçados os dois homonymos, graças ás laboriosas e sagazes pesquizas do snr. Visconde de Sanches de Baêna, é licito (até certo ponto) perguntar se esse *Mestre Gil* não será o tio. Se algum dia se podér provar que o foi, eis ahi ficará demonstrado que o moço obe-

decia a uma velocidade adquirida, a uma influencia biologica irrecusavel.

¡Curioso, curiosissimo problema!

Do sentimento vago de reprovação á escola (chamemos-lhe assim, á mingua de outro termo) então seguida pelos versejadores, do anceio que se notava talvez já, na alma do publico para alguma coisa mais alta e de maior significação e alcance, restam ainda vestigios.

Os *Porquês* de Setubal, voz anonyma da maledicencia popular, increpam a um certo *D. João* (¿ seria o Conde de Tarouca?) o ser mau cantor, isto é mau poeta.

> ¿Porque tão mal Dom João
> sabe cantar, a meu ver?

e n'outra parte verberam os versículos insulsos de Fernão da Silveira (o Coudel-mór do Reino):

> ¿Porque o Coudel-mór fez
> tanta má trova escrever?

Sim; esse estado irrequieto dos animos prova que se desejava, se pedia, se esperava mais e melhor.

A alma nacional expandia-se nos devaneios da conquista. O caminho da India era uma realidade. Procurava-se, inconscientemente o caminho para outra India intellectual, cuja sombra se adivinhava já entre os nevoeiros do horizonte. A alta poesia entrava, sem o saber, a rasgar a sua vereda difficil entre as espumas de um grande mar, tambem tenebroso e aparcelado. ¿Quem lh'a abriu? Foi o precursor de genio chamado *Gil Vicente.*

Se os versos faceis, nervosos, e soberbos, do inconfundivel troveiro eram novidade, para muitos ím-

portuna, e que a todos assombrava e eclypsava, podemos ver hoje, a quatro seculos de distancia, que o seu galeão altaneiro ia rasgando atravez das ondas uma esteira de luz, com o fito inconsciente n'uma cordilheira enorme, que veio a chamar-se *Os Lusiadas.*

CAPITULO XXIX

SEGUNDA MANIFESTAÇÃO POETICO-DRAMATICA DE GIL VICENTE. — O SEU «AUTO-PASTORIL CASTELHANO». — DESAPPARECIMENTO DE RUY CHAPUZ NAS ONDAS DO MAR TENEBROSO. — CONSIDERAÇÕES SOBRE A MODERNA SUPPRESSÃO DOS CONVENTOS EM PORTUGAL

or todo este providencial conjuncto de circumstancias felizes, e por ter cahido em graça ao caprichoso Monarcha o obscuro troveiro vimaranense, tornou-se este apaniguado da Côrte, e parte obrigada das reuniões da Alcáçova. El-Rei já o não dispensava. A pouco e pouco, tomando largas, cobrando animo, desatou-se em mais versos, sempre coloridos, sempre cheios de força, e que já, aos seus proprios detractores, prenunciavam um immortal.

Eis ahi pois facilmente explicado, como prometti no meu capitulo IV, o motivo por que, na Côrte de um D. Manuel, nos apparece, hombreando quasi com os mais privilegiados, na familiaridade e na bemquerença, o Poeta assumpto d'este livro.

Não assistira a essas primeiras manifestações poeticas a boa Rainha D. Leonor, quasi sempre recolhida na obscuridade dos seus paços de Santo Eloy. Ouviu falar do caso, que era de veras extranhissima novidade na sociedade antiga; e, com o seu instincto affectuoso e as suas innocentes curiosidades femininas, desejou presencear a declamação do moço, lembrando-se talvez das diligencias que já uma vez fizera, e a que o meu leitor assistiu, para lhe ouvir sequer a voz.

Achando-se casualmente, ou quem sabe se por insidioso aviso d'el-Rei, na camara da Rainha sua cunhada, por occasião da celebre *visitação* do vaqueiro, louvou-o muito, e pediu-lhe que nas Matinas do proximo Natal, de 1502, repetisse na Real Capella aquelle entremez pastoril diante de muito maior numero de assistentes. Por isso mesmo que era pastoril (isto pensaria talvez a Rainha Viuva) não desdiria na festa onde tanto avultam os pegureiros da Judêa; e se a um Principe Herdeiro vinham elles trazer os dons ingenuos da sua lavra, muito melhor cabiam essas dadivas de amor ao Divinal Menino de Bethleem.

Assim raciocinava a Real Senhora, habituada a assistir a loas semsaborissimas, além de muito profanas, declamadas nos intervallos das ceremonias rituaes; uso inadmissivel hoje, mas ainda então em pleno vigor.

E' que a edade média, e os seculos proximos, souberam alliar involuntariamente muito sincera e profunda devoção a notaveis e censuraveis desmandos na forma do culto.

¿ Censuraveis ? não disse bem. Tudo vai da intenção; e quando os seculares dansavam nas egrejas, e quando, em frente das aras santas, se cantavam villancetes amorosos, não havia da parte dos assistentes, nem da parte dos dansarinos e cantores, a minima ideia de desrespeito.

Haja vista o que nos conta Frei Luiz de Sousa, descrevendo a instituição de certa Confraria:

«Foi tamanho o contentamento de todos,—diz elle—«que não cabendo nos peitos tresbordou por «fora, a uns brotando pelos olhos em lagrimas, a «outros movendo pés e mãos pera darem saltos no «meio da egreja, e voltas no ar, sem mais som que «o de seu praser, dizendo e repetindo, com a lin«guagem d'aquelle tempo, que o faziam á honra e «pera gloria do bom Jesu, por serviço e renembrança «do bom Jesu.» [1]

Pergunto: ¿vemos n'isso irreverencia? não; vemos apenas uma tradição, conservada inconscientemente atravez dos seculos, desde eras immemoriaes; vemos as expansões naturaes das civilisações primevas.

Em frente pois dos altares, tão ricamente adornados, como eram, de imagens e quadros, flores e luzes, em frente dos presepios, tão formosos em certas egrejas monasticas, e capellas senhorís (segundo se infere dos proprios Autos de Gil Vicente), representavam-se nas occasiões solemnes umas grosseiras scenas sacro-dramaticas, muito no gosto publico, e proprias para tornar concretas certas ideas mysticas, e descansar das longas ceremonias da liturgia a attenção dos assistentes.

Foi o desejo da Rainha D. Leonor comprehendido e adoptado pelo juvenil Poeta, mas com uma modificação: em vez de repetir a scena do saloio, tão bem declamada, tanto á propria, e com tanta graça, na camara Real, compôz elle para as Matinas um chamado *Auto pastoril,* todo na lingua da Rainha nova, lingua que era, na sociedade alta, uma especie do que é hoje em Lisboa o francez.

---

[1] *Hist. de S. Dom.* P. I, Liv. III, cap. XXIV

Depois d'isto tudo, cresceu desmedidamente a estatura de Gil, e parecia assente em bases firmes.

Voltemos a falar dos seus; muito ha já que nada sabemos d'elles; ¿ não é assim ?

Guiomar Bezerra queria a Gil Vicente como a um filho. O sagaz Quartanario da Sé admirava-o como a um ente á parte, fadado para todas as grandezas sociaes. Branca, essa adorava-o, e entregava-se toda áquelle amor purissimo, que a absorvia.

Pelo que toca ao Ourives e a Martha Dias, não falemos d'elles: exultavam de praser, e viam quasi realisados os seus sonhos.

Gil não passava dia sem ir á Adiça, onde era sempre recebido com agrado; e á despedida, sempre Branca achava meio de o acompanhar ao varandim, com o pretexto de ir recolher o pintasilgo, ou buscar uma roupa que lá estava a enxugar. Mãe e tio faziam a vista grossa; e os dois namorados apertavam-se soffregos as mãos.

Quanto a Breitiz, a infeliz e honestissima «linheira», desde a sahida do pae para a Costa da Mina de Oiro, nunca mais pozera pé na rua, a não ser para a sua Missa d'alva em Santo Esp'rito com a mãe, sempre doente e fraquissima. Passava os dias a trabalhar, e, muito nervosa, a chorar; e uma vez ou outra, em que, para enganar as tristezas da mãe, cantava, a pedido d'ella, alguma xácara, era um cantar que parecia chôro.

Nem ella propria sabia explicar o que padecia. Sentia-se definhar, ¡pobre linheira Breitiz! como que ralada occultamente de um amargor indizivel; e accrescentava-lhe esse amargor um vago pressentimento de desgraça muito grande. Para certas al-

mas são os pressentimentos verdadeiras vozes d'além da campa. Esse pressentir doentio d'aquella alma, sempre saudosa e dolorida, era o destino de seu pae, que foi sempre a sua maior affeição no mundo.

Desde a noite em que elle se arrancou a muito custo aos abraços da mulher e da filha, nunca mais se viu sorrir a linheira; e ella nunca mais recebeu ninguem, a não ser Branca, sem que trocassem mais uma só palavra ácerca de Gil Vicente. Passava horas encostada por dentro da adufa... ¡a pensar no pae!...

Ella nunca tinha embarcado, mas adivinhava tudo pelas narrações que tanta vez lhe escutara. Via-o no seu galeão em tarde de temporal rijissimo, apitando em meio da celeuma, de pé no castello de prôa, ou agarrado a uma enxarcia por causa do muito balanço, ou correndo aos cabos, ou exforçando terrivel a marinhagem com a sua voz rouca e poderosa. O olhar d'elle, tão bom e tão franco, a sua barba grizalha e curta, o seu capuz muito puchado por causa do aguaceiro, a sua estatura grossa tão querida, o seu pisar firme tão conhecido em casa, representavam-se na alma da filha como no fundo de um espelho; mas a figura que ella entrevia, Santa Vírgem! não lhe parecia viva, senão que a illuminavam clarões sinistros, que ella não atinava a explicar. Cerrava-se a noite, negra noite de invernia; rolavam as vagas como doidas, grandes, muito grandes, envôltas em espuma phosphorescente; o galeão jogava; o horizonte, forrado de nevoeiro escuro, era medonho, cortado de um fuzilar descommunal; e Breitiz, como que sossobrando de angustia, entrevia o vulto negro do galeão baloiçado á tôa nas vagas negras como tinta; e, por entre o estampido desenfreado do vento, da chuva, e do mar, ella só ouvia, e como que dominando a tormenta, ¡a voz angustiosa de seu pae, muito ao longe, como do fundo de um abysmo!...... E escondia o rosto nas mãos, e sentia-se toda arripiar.

¡E isto sempre! ¡sempre!...

¿Eram pesadellos de acordada? ¿eram pressentimentos? nem ella, nem ella o sabia. Era um penar de todas as horas.

O Cação, que vinha a ser um pobre barqueiro da praia de Santos, a quem Ruy Chapuz protegera sempre, desde pequeno, e que até embarcára com elle n'uma viagem de longo curso, costumava colher, das outras vezes, as noticias que podia na Casa da Mina, e ia ponctualissimo leval-as a Santo Esp'rito; mas agora... desde muitos e muitos mezes que nada se podia saber do galeão.

O bom do barqueiro, sempre serviçal e grato, conseguiu uma vez indagar por um escrivão da Casa da Mina, seu conhecido, que o Mestre se tinha feito ao mar, de conserva com o grande Bertholameu Dias e seu irmão Diogo Dias, por ordem d'el-Rei, a caminho de Sofala, para lá tratar o Capitão de assentar o resgate do oiro [1]. Que tinham partido, era certo; mas nenhum voltára mais. Redobraram as agonias, e as indagações; ¡tudo em balde!

Correram mezes, um anno, dois annos, ¡e nada! Vieram noticias pelo Capitão-mór da Mina, terriveis e lugubres, e, de mais a mais, sempre vagas, o que ainda parecia de peor agoiro.

Depois... nem das naus de Bertholameu Dias, nem do galeão de Ruy Chapuz, se soube mais nada. Fechára-se sobre elles como a pedra de um carneiro. O mar Oceano guardava o seu segredo.

Quando, ao cabo de muito tempo, e muitos desenganos, se deu em toda Lisboa por certissima a perda d'aquelles barcos engulidos algures pelas ondas, Breitiz e sua triste mãe já não podiam chorar. Cahiram de todas as suas forças, vestiram-se de lucto, e a casa de Santo Esp'rito ficou um tumulo. Breitiz... nem as suas xácaras mais tristonhas poude cantar nunca mais para acalentar a mãe.

Ao cabo de estirada agonia, a mãe morreu.

---

[1] João de Barros-*Asia*-Dec. I-Liv. V, cap. IX.

Branca, sempre affectuosa, e que não desamparára um só dia o amargurado lar de Santo Esp'rito, fez toda a diligencia possivel para levar Breitiz para a Adiça.

—¡Vem, minha filha! ¡vem! és como minha irman; ¡vem viver comnosco! a tua familia hoje somos nós.

—¡Minha doce Branca! —respondia a orphan —não insistas; o mundo acabou para mim. Agora... só Deus. Vou recolher-me ao Salvador. Bem sabes, ali me criei; ali todas me querem; quero ir lá morrer.

Dois dias depois de perder sua mãe, depois de a ter amortalhado, e depois de a ter acompanhado até á porta, quando, pela noite, á luz das tochas (segundo era costume) uma Irmandade qualquer a foi sepultar no adro de Santo Estevão de Alfama, dava a linheira entrada, como famula, no Mosteiro do Salvador, onde todas as monjas a adoravam desde pequenina, e d'onde nunca mais sahiu.

Sobre ella tambem se fechava, e para todo sempre, a campa de um mausoleo..................
....

¿O que deu a famigerada *Liberdade*, que ahi nos invadiu em 1834, e em cujo regimen vivemos ainda hoje, segundo se diz, o que deu aos desamparados e aos tristes, em troca d'aquelles asylos sagrados, que a Religião instituira em nome da dor humana, e que a politica lhes roubou, e profanou, e aniquilou?

¿Como, e com quê, substituiu a chamada *Liberdade* os conventos masculinos e femininos, aquelles sacrarios da Fé, aquelles refugios supremos dos accossados da vida?

¿¡Como!? a pergunta é facil; a resposta é clara: deu-lhes o nada.

¡Quê! não ha mais que derrocar com um rasgo

de penna impia os mosteiros femininos, calcar aos pés as ultimas vontades dos fundadores, doadores, e testadores, dispersar aquelles ninhos, inviolaveis ao proprio pensamento, e onde tantas mulheres se acoitavam em santa paz, roubal-os, trancal-os ou deshonral-os, vilipendiar n'elles o venerando e sacratissimo principio da liberdade da associação religiosa, e bradar em todos os tons *Viva a Liberdade!!*

Mas então, á vista d'essas nefandas tirannias do principio *liberal,* ¿o que é a *Liberdade?* ¿é um pretexto apenas?

Segundo pregoam esses mesmos legisladores do odio, a liberdade individual é sagrada; logo, a aggremiação claustral, em nome da crença espiritualista, tinha direito a ser respeitada, e devia atravessar immune, incólume, por entre as ruinas a que esses reformadores reduziram tudo.

Não o entenderam assim; e insaciaveis, e golphando malquerenças, atiraram-se como abutres ao cadaver do Monachismo, assassinado á falsa-fé, e só hão-de descançar quando tiverem recolhido para si, para os seus cofres, para os seus museus, a ultima alfaia, quando tiverem adulterado e sophismado hypocritamente o ultimo legado pio, quando tiverem visto enterrar, longe das campas de suas irmans, a ultima freira, e quando do ultimo claustro tiverem feito um quartel, um prostibulo, ou uma ruina.

Miseraveis estadistas os que só vêem o mundo á luz do materialismo, e não percebem, e não querem perceber, que a verdadeira *Liberdade* é magnanima, tolerante, e conservadora.

CAPITULO XXX

DERRADEIRAS NARRATIVAS

emol-o pois a caminho da gloria, o pujante espirito que se chamou Gil Vicente, o assombroso Poeta, o autor extraordinario d'aquelle *pandemonium* de figuras tão vivazes, tão diversas, tão naturaes, que formam o seu *Theatro*.

Vamos deixal-o. Mais umas palavras apenas.

Tinham-se enraizado, pela convivencia e pela estima, os amores de Gil com Branca, ambos em todo o viço da mocidade.

Uma vez Lourenço Esteves, que vigiava attento o progresso d'aquella affeição mutua, Lourenço Esteves, para quem a sobrinha era uma especie de

filha, chamou Gil ao seu quarto, e falou-lhe na realisação dos seus sonhos.

Ao escutar-lhe essa proposta, abraçou-se o moço no bom Quartanario, e o formoso rosto, já varonil, inundou-se-lhe de lagrimas.

O Ourives e Lourenço Esteves auxiliaram o casal, vindo este ultimo, no volver dos annos, e já muito edoso, a instituir Capella de seus bens para os netos do grande Troveiro nacional.

Depois do *Auto pastoril* do Natal de 1502, compõe Gil Vicente, logo para a festa da Epiphania de 1503, a pedido da Rainha D. Leonor, o *Auto dos Reis Magos*.

D'ahi avante é um não acabar de composições novas; é uma catadupa de talento. Gil Vicente, feliz, e em todo o esplendor do seu estro, acompanhava a Côrte aonde quer que ella se transportasse: a Lisboa, a Almeirim, a Evora; via-se apreciado de toda a gente, e conseguira supplantar, confundir, e calar os seus emulos. Os Autos sacros, as Tragicomedias, as Comedias, as Farças, que elle engenhava, grangearam-lhe perante a posteridade nome já agora immorredoiro, e elevaram-n-o em vida a Mestre de Rhetorica do Principe, que depois veio a ser el-Rei D. João III.

E basta por agora. Não me propuz biographar o eminente poeta, mas apenas reproduzir, conjectural e romanticamente, a mocidade d'elle, os seus tentames gloriosos, e os seus amores.

Preenchido o meu intuito, só me resta concluir, e escrever n'este livro a palavra

FIM

Ameixoeira—(Lumiar), 15 de Fevereiro de 1896.

POST-SCRIPTUM

AO LEVANTAR MÃO DA TAREFA

O que ahi fica é *Romance*, ou é *Historia?* — pergunta certamente o leitor.

Respondo:

A Historia é quasi sempre Romance; o Romance é muita vez Historia.

N'esses dois aphorismos banaes acha-se explicada, e commentada, a indole do livro. Não era necessario mais. Entretanto, descerei a minucias.

Muitas das pessoas que ahi figuram, viveram; pensaram, como nós pensamos; falaram, como nós falamos; amaram, como nós amamos; deixaram mais ou menos rasto documental.

Eis ahi a Historia.

Muitos dos factos bosquejados deram-se irrecusavelmente, ou poderam dar-se. Se nos pormeno-

res se apartam da verdade, são verdadeirissimos á luz da conjectura.

Eis ahi o Romance.

A conjectura romantico-poetica assume bastas vezes foros de verdade inconcussa, quando se baseia nos costumes, e tem por barreira a verosemelhança.

A triste verdade é que do eminente creador do nosso Theatro, do Troveiro nacional por excellencia, todas as memorias se tinham obliterado no volver de quatro seculos.

Os genealogistas expungiam-n-o das suas costaneiras. Os bibliographos contentavam-se com dois traços de penna, e esses mesmos mal authenticados. O baixo povo, que o lêra muito em quanto a linguagem lhe não encaneceu, esqueceu-o de todo. O nosso publico, em geral, ignorava-o. Sabia-se, quando muito, que esse genio privilegiado se chamara Gil Vicente; que nascera ou em Guimarães, ou em Lisboa; que fôra apaniguado de uma Côrte polída e opulenta, a quem divertia como truão sublime. N'isto, e em pouco mais, se cifrava o conhecimento d'esse immortal.

As recentes pesquizas do snr. Visconde de Sanches de Baêna conseguiram desvendar o mysterio.

A poder de estudo, chegou aquelle incançavel genealogista a esclarecer pontos escurissimos. Provou que Gil Vicente, o Poeta, e Gil Vicente, o Lavrante, eram dois entes diversos, inconfundiveis; que eram sobrinho, e tio; afilhado, e padrinho; que ambos provinham de Guimarães; ambos oriundos da humilde estirpe de artifices vimaranenses; ambos protegidos da Rainha D. Leonor. O snr. Visconde de Baêna, affeito desde muito a estudos serios, authenticou a ascendencia e a descendencia do Poeta, e deu a conhecer a nobre Casa vincular, que o representa ainda hoje na pessoa de seu 9.º neto

por varonia, o sr. Henrique Feijó Barreto. Foi este neto, a quem coube a gloria de manter a tradição genealogica, o mesmo que teve a bizarria de pôr á disposição do pesquisador o seu cartorio, por onde se poude reconstruir, não sem asperrimo trabalho, a longa serie de uma familia.

D'essa sequencia de costados, exactos mas succintos, tirei os topicos principaes, sobre os quaes architectei o meu quadro, ou antes: a minha galeria de quadros.

Se são absolutamente verdadeiros, não sei, e ninguem sabe. Era a Historia.

Que são verosimeis, e conformes com as possibilidades historicas, posso affirmal-o. E' o Romance.

Alguns factos, pequeninos e fugitivos, foram como o embrião de algumas das minhas pinturas.

Assim pois, a circumstancia de existir ainda, «não ha muitos annos», como diz o snr. Visconde de Baêna, na posse dos snrs. Marquezes de Abrantes, parte de uma baixella feita pelo Ourives Gil Vicente para um antepassado d'essa Casa, o 1.º Conde de Villa-Nova de Portimão, D. Martinho de Castello-Branco, deu-me a certeza de que este Conde mantivera relações com os Vicentes. E' a Historia.

Isso suggeriu-me o conjecturar romanticamente a encommenda d'esses magnificos artefactos. D'ahi nasceu o papel gazalhador e magnanimo que attribuo ao Conde D. Martinho. E' o Romance.

Sabe-se ter este mestre sido lavrante da Rainha Viuva. E' a Historia.

Era preciso motivar essa nomeação pela sympathia, e pintar o caracter bondosissimo da Rainha. E' o Romance.

Sabe-se ter o Duque D. Jayme sido tambem Duque de Guimarães, d'onde eram os Vicentes. E' a Historia.

Nada portanto mais verosimil do que a sua efficaz protecção a um tal vassallo. E' o Romance.

Sabe-se ter o Poeta declamado com muito exito na camara da Rainha D. Maria o monólogo, para sempre célebre, do *vaqueiro*. E' a Historia.

Ora como essa scena nunca poderia dar-se sem ordem, ou annuencia, d'el-Rei, figurou-se a consulta prévia do Poeta. E' o Romance.

Amou Gil Vicente, e desposou, Branca Bezerra, filha de Martim de Crasto. E' a Historia.

Conjecturar a narrativa d'esses amores é o Romance.

Consta haver Lourenço Esteves, tio de Branca, vinculado certos bens na descendencia do grande cantor. E' Historia.

Nada mais admissivel, e provavel, do que a estreita sympathia a seu sobrinho por affinidade. Romance.

Figuras como o fanfarrão de *Ayres Rosado,* o recoveiro *Pero Luz*, o cantador *Moreno,* o escudeiro *Braz Carrasco,* o *Fidalgo* mau pagador, e outros, sahiram espontaneas dos autos do proprio Gil Vicente, e irromperam para o meio da acção com a indole e os ademanes com que já o Troveiro as tinha immortalisado. Historia litteraria.

Personagens cujo nome o snr. Visconde de Bacêna não conseguira averiguar, mas que existiram, como a sogra do Poeta, e como sua tia, por affinidade, apresentei-as dando-lhes nomes consentaneos com a indole e os costumes do tempo. ¿Que importa se chamassem Brites ou *Guiomar,* Lucrecia ou *Martha?* O romancista não se preoccupa com taes bagatellas; quer o andamento do seu entrecho; nada mais.

Quadros nacionaes de costumeiras velhas, os saraus da Alcáçova, a noite de S. João, as merendas d'el-Rei D. Manuel no paço de Santos, as cavalgadas na Carreira-dos-cavallos, os abbadessados em Odivellas, o bulicio da rua-Nova, tudo isso, que se encontra vivo ainda, muito vivo, nas tradições litterarias, os serões burguezes, o teor da vida senho-

ril, tudo me deu quadros *de genero* para amenisar a narrativa. Era Historia, e da melhor.

Figuras novas, como *Breitiz* (a linheira), *Ruy Chapuz* (o maritimo), *Bastião Gonçalves* (o mercador), *Apariço Gomes* (o capellão), *Paschoa Eannes* (a ama), entraram per si mesmas no enredo, e deram-lhe vida e animação, trazendo ao espirito do leitor attento novos traços caracteristicos do viver antigo. Prerogativas do Romance.

Tudo scenas nossas, e muito nossas.

¿Em algumas d'essas scenas esteve Gil Vicente? esteve de certo; esteve em todas. O não constarem dos documentos não prova que ellas se não dessem, nem que elle não as visse. O Romance illumina e revela a Historia.

A liberdade do romancista é essa: jogar com o verosimil, e dar-lhe fóros de verdade.

De verdade, sim.

E a este respeito occorre-me uma coisa:

Muitos espiritos, habituados a estudos positivos, costumam desdenhar do genero denominado Romance. Tomam-n-o como uma especie de ociosidade litteraria. Grave sem-rasão, me parece; ou gravissima injuria.

O Romance historico é a alma e a luz da Historia das Chancellarias.

A resenha das evoluções sociaes descarnada e só engendrada de documentos seccos, nada diz ao coração; fala apenas ao entendimento; mas a alma nacionàl quer mais e melhor; as leituras populares devem ser feitas de affectos. Ora o Romance chamado *historico* preenche a lacuna: pinta a familia, assim como a Historia narrativa e a philosophica pintaram a Nação. O Romance historico illumina com a luz do sol os altos monumentos, frios e enormes, erguidos pela mão poderosa do sabio; dá-lhes vida

real; aquece-os; torna-os habitaveis; extrae d'elles ensinamento.

Muito mais Historia aprendeu a França popular nas ficções romanticas de Hugo e Dumas, do que nos livros de Thierry ou Guisot; e se não a aprendeu, tomou-lhe o gosto, que vale o mesmo. Muito mais a Inglaterra nas composições de Walter Scott e Carlisle, do que nas pesquizas de Ticknor ou Macaulay. Muito melhor comprehendemos nós outros a epocha de D. Pedro o Cru, e D. João I, nos romances de Herculano e Garrett, do que nas chronicas de Acenheiro ou Duarte Nunes; o reinado de D. João V nos estudos de Rebello da Silva e Andrade Corvo, do que nos in-folios da Academia Real da Historia; a dos principios d'este seculo nos quadros de Arnaldo Gàma, Camillo, e Mendes Leal, do que na fadigosa analyse de gazetas e boletins.

E' que o Romance historico é uma synthese colorida e pittoresca.

O simples Romance de costumes é historia preciosa para as gerações vindoiras.

O alto Romance analytico á Balzac, é o complemento dramatico de Theophrasto e La Bruyère; e é, mais do que tudo, Historia, porque é o retrato fiel do que (antes de qualquer outra coisa) nos interessa: o nosso proprio coração. O Romance psychologico é, em acção, o retrato do coração humano.

Logo, o desdem, que alguns trabalhadores ostentam para com a fórma litteraria denominada Romance, é flagrante injustiça.

N'este meu livro (cheguemos ao ponto) o meu intuito foi mesclar a ficção verosimil com a realidade; dar a conhecer, tal como o entrevejo, um periodo interessante da nossa existencia social; mostrar o desabrochar de um engenho claro e luminoso

como foi Gil Vicente, em meio da litteratura sáfara dos *Cancioneiros* anecdoticos; gizar uns retalhos da vida burgueza e aristocratica; pintar, emfim, uns fugitivos quadros da Lisboa desapparecida.

Escrevendo Romance, escrevi Historia.

Quanto á linguagem:

Se a alguns interlocutores dei o expressarem-se ás vezes em termos mais modernos do que elles, se lhes permitti esses anachronismos fugitivos, foi para accentuar melhor aos nossos contemporaneos, e com as tintas que nos eram familiares, certos estados da alma, certos desabafos do coração.

Branca e Breitiz falam, uma vez ou outra, como hoje falariam. A sua lingua genuina ser-nos-hia quasi incomprehensivel.

As fidalguinhas do capitulo XIII expressam-se quasi sempre com phrases actuaes; ¿que importa? nem nós já sabemos como ellas falariam entre si, porque nos faltam documentos litterarios d'essa sociedade doirada e frivola, nem esse modernismo prejudica o geral da composição. Aquellas donzellinhas elegantes e buliçosas são de todos os tempos; e como eram aqui accessorios, deixei-as tagarelar de modo, que as suas collegas de hoje as percebessem como boas entendedoras: por meia palavra.

Nada mais accrescentarei. Só affirmo que, sem os estudos previos do sr. Visconde de Sanches de Baêna, meu excellente amigo, e meu parente, por affinidade, e ainda mais pelo coração, nada teria conseguido.

Pintei, como sabia, um retrato do grande Poeta,

e dei-lhe para realce esses esbocetos da vida do Portugal velho. Se alcancei o meu intento, não me compete julgar. Basta á minha consciencia o ter prestado o maior preito que podia ao singularissimo cantor, que tanto amei desde a minha meninice, ao genio assombroso, que meu Pae tanto e tão a fundo me ensinava a apreciar, ao original, pujante, e grandioso Gil Vicente.

J. de C.

NOTAS

NOTA I

—

Ponctuação

Entendi ser util ponctuar com um signal preventivo (como usam, com muito criterio, os nossos vizinhos Castelhanos) os periodos que desfecham n'um ponto de interrogação ou n'um ponto de admiração. Espero que esta novidade será bem acceita do publico, em attenção ás facilidades que traz á leitura.

NOTA II

—

Ourívezes

Transcreverei aqui alguns *items* das antigas Côr-

tes relativos aos que se empregam na arte da Ourivezaria:

I

Outro ssy senhor sabedes em como as obras dos ourivezes deste rregno ssom as mais reaaes que em nem huuns lugares que nos saibamos, as quaaes ssom muy necessarias aos moradores dos vossos rregnos, e ora, senhor, per rrazom das uossas grandes defezas os ditos ourivezes nom lavram nem podem lavrar nem huuma cousa, e forom se já delles e querem ir a mayor parte fora destes rregnos, porq vos pedimos por mercee que mandedes alsar as ditas defezas, e com guarda do vosso servico mandedes que lavrem polla guiza que ssoyam, e aquelles que venderem a prata ou a comprarem sobre a vossa defeza ajam a pena que por vos he mandada, e nós e elles nom sejamos privados das nossas obras.

Ellrrey entende que este capitollo he feito pella defeza que ell pôs que nenhuum nom lavrasse prata a menos de o fazer saber na ssua moeda, e ora manda que cada huum possa lavrar e mandar lavrar ssua prata, nom embargando a dita defeza para que nenhuum nom compre nem venda prata sô as penas contheudas na ssua hordenaçom sobresto feita. — Côrtes de D. João I., em Coimbra, era 1432 (anno 1394).

Bibliotheca Nacional de Lisboa — Codice J—5—36, fl. 176.

II

Outrossij nos disserom que erom muyto agravados em mandarmos que ourivezes nom comprem nem vendessem, nem lavrassem prata, e que per esto nom podiam aehar as coisas que lhis compriam pera sseus guarnymentos.

A esto mandamos que passado o tempo do arrendamento das moedas por que avemos condiçom com os rendeiros, que cada huum possa lavrar, e comprar, e vender a prata que quizer.

Côrtes de D. João I, em Coimbra, era 1438 (anno 1400).

Codice da *B. N. de L.*—Côrtes do Reino—J—5—36—fl 190.

III

Senhor, os Reys em alguuns endemciaaes poseram que louvado deve sser o principe que muda ssuas Ordinhaçons e mandados ssegundo a desvaireza dos tempos o requere; e por quanto Senhor por vezes defenderam a compra do ouro e prata, e outras vezes e muitas o ssoltaram, como V. S. o ssimprezmente ssoltou hora ha sseis annos nas primeiras côrtes que em Lixbooa fizestes e depois a defendestes,

per cujo aazo os ourivezes nom lavram, e nom ssentimos proveito que a V. S.ª por taal defeza venha antes por ello vem grande perda a voos e ao rregno, por quanto a levam toda os mercadores estrangeiros pera fora do rregno no que lhe sobeja do que carreguam das mercadorias que trouveram: porem Senhor seja vossa mercee ssoltar della ssimprezmente assy como o vossa mercee nas dittas côrtes primeiras outorgou, e daae licença aos ourivezes que a llavrem e trautem ssegundo ssoyam de fazer. — O Rei respondeu que o oiro sim e a prata não.

Côrtes de Lisboa, de D. Affonso V, anno 1446—Codice da *B. N. de L.* J—5—37—fl. 24.

IV

Manuel Fernandes Thomaz no seu *Repertorio* cita o Alvará de 20 de Outubro de 1621, em que se prohibe possam ser ourivezes os mulatos, os negros, ou os indios, posto que forros sejam.

V

Recommendo aos leitores um artigo interessantissimo do meu erudito amigo o snr. Dom José da Sylva Pessanha, no jornal *A Arte portugueza* ácerca de Ourivezaria. Ahi se trata o assumpto com conhecimento de causa, finura, e elegancia.

NOTA III

D. Gonçalo de Castello-Branco

(Pag. 76)

Pae de D. Martinho. A este Gonçalo concedeu el-Rei D. João II em 1485 o titulo de *Dom* para elle e seus descendentes. Foi personagem alto na Côrte, e desempenhou elevados cargos. Fala d'elle o Li-

vro 3.º de *Misticos* na Torre do Tombo, fl. 241 v. e as *Chancellarias*.

O mesmo Soberamo fez doação a D. Gonçalo de umas casas, que ignoro ainda quaes fossem, em S. Francisco de Xabregas, sitio então muito aristocratico. *Chancellaria* d'el-Rei D. João II, Livro 11.º fl. 97, e Livro 3.º da Estremadura, fl. 18.

Tambem era versejador, como muita outra gente da Côrte. A fl. 152 v. do Cancioneiro ha versos d'elle.

Foi, pois, com uma certa razão de quasi confraternidade litteraria, que dei a estes Castellos-Brancos por devotados protectores do grande poeta Gil Vicente.

NOTA IV

D. Martinho de Castello-Branco
1.º Conde de Villa-Nova

(Pag. 76)

Quando se passam as scenas descriptas no meu livro, ainda D. Martinho de Castello-Branco era apenas Senhor de Villa-Nova-de-Portimão. Só em Janeiro de 1504 obteve d'el-Rei D. Manuel o titulo de Conde da dita villa, mas com uma circumstancia notavel: não poder usar o seu titulo senão d'ahi a quatro annos. Parece que essa licença lhe não foi concedida em 1508; e no 1.º de Janeiro de 1513, oito annos andados sobre a nomeação, ainda el-Rei não julgou dever conceder lhe a auctorisação necessaria. N'um Alvará limita-se a lembrar-lhe que não use do seu titulo, por motivos do Real serviço, mas declara expressamente ao agraciado que n'isto não vai proposito de o empecer ou prejudicar; confirma-lhe a nomeação de 1504, e assegura-lhe a futura precedencia sobre todos os outros Condes nomeados depois d'essa data.

Torre do Tombo — *Chancellaria d'el-Rei D. João III* — Livro 47 — fl. 108.

Este Conde D. Martinho era poeta, ou antes versejador. Ha producções suas no *Cancioneiro* de Rezende a fl. 71 v. até 72, 147 v., 157, 159 v., 172 v.

Foram seus filhos: D. Gonçalo, D. João, D. Antonio, D. Affonso, D. Brites, D. Camilla, D. Leonor, D. Guiomar, D. Joanna, D. Francisca, D. Helena. Não sei a ordem do nascimento.

NOTA V

Casa de D. Martinho de Castello-Branco defronte do templo parochial de S. Martinho em Lisboa.

(Pag. 76)

Que esta familia ahi teve casa seculos, é certissimo. Quando principiasse essa posse, não me consta; que já em 1495 ahi posuiam um fundo territorial qualquer, é tambem averiguado.

Em Carta de 8 de Novembro do dito anno 1495, datada de Montemór, el-Rei D. Manuel quita a D. Martinho de Castello-Branco *uma parte do fôro de um quintal e chão junto á Relação e Cadeia, a S. Martinho,* em Lisboa. Vem a fl. 111 v. do Livro 47 da Chancellaria d'el-Rei D. João III.

Agradou-me portanto suppôr que já no final do seculo XV os Castellos Brancos ali tivessem a residencia que descrevo conjecturalmente. Tinha um pateo sobre a rua; isso é que sei; o mais é invenção.

NOTA VI

O Duque de Bragança D. Jayme

(Pag. 126)

Depois do cruel assassinio da Duqueza, devido á precipitação de caracter do Duque D. Jayme, então em todo o vigor dos annos, ficou elle pouco acceito á maioria dos espiritos. Note-se, porém, que ao tempo em que o Duque figura n'este meu livro, é um mancebo com toda a suavidade de caracter, e toda a ingenuidade de um moço. O Duque não era mau; era homem concentrado; e com o volver dos annos e os infortunios, tornou-se mysanthropo e amargo; mas a sua indole era boa.

Haja vista o que diz Sousa:

— «Foi o Duque D. Jayme, unico do nome entre os Du-«ques da Serenissima Casa de Bragança, verdadeiramente «grande em tudo e............ era animado de Reaes espi-«ritos, e pensamentos de Principe......... Era tão benigno, «que naturalmente se fazia amado, e tinha a condição branda «por natureza. Aos seus vassallos tratava sem elevação...... «Entre tantas virtudes, que lhe fizeram digno logar no Tem-«plo da Fama, não foi menor n'elle a da generosidade...... «Teve grande compaixão dos pobres, virtude que n'elle luziu «com singularidade, e assim eram immensas as suas esmo-«las....... Em tudo foi grande...»

D. Antonio Caetano de Sousa. — *Hist. Gen.* — T. V. pag. 556 e seguintes.

Não é portanto inverosimil o caracter magnanimo e affavel que lhe prestei.

NOTA VII

Tratamento de Excellencia ao Duque de Bragança

(Pag. 128 e 129)

N'este ponto do meu escripto ouvimos o Ourives Gil Vicente dar ao Duque de Bragança o tratamento

de *Excellencia.* ¿Será anomalia imperdoavel? Não creio. Eu me explico.

Verdade é que tão alto predicamento, concedido sim a alguns d'estes Duques como mèrcê pessoal, só foi outorgado officialmente e de hèrdade ao Duque D. Theodosio, e a todos seus successores na Casa e Estado de Bragança, por Carta de 12 de Junho de 1584; mas não repugna crer que um seculo antes o dessem ao Duque D. Jayme, por cortezia consuetudinaria.

Aos nossos primeiros Reis dizia-se simplesmente *Vós*. El-Rei D. João I já ouviu *Vossa Mercê.* El-Rei D. Duarte *Mercê,* e tambem *Senhoria.* El-Rei D. Affonso V, *Senhoria.* El-Rei D. João II, *Senhoria* e já *Alteza* alguma vez. El-Rei D. Manuel, *Senhoria*, e só alguns annos depois de reinar recebeu *Alteza.* El-Rei D. Sebastião já ouviu *Majestade,* titulo que se consolidou sob os Filippes, passou á nova dynastia, e se accrescentou com *Majestade Fidelissima* em dias d'el-Rei D. João V, e (por excepção filha das circumstancias) em *Majestade Imperial e Real* no tempo d'el-Rei D. João VI.

E' vago e difficillimo, até ao meio do seculo XVI, demarcar as raias da passagem de uma para outra d'essas formulas. Nos primeiros annos do dito seculo já a confusão lavrava. Reparemos em que no *Auto das Fadas,* de Gil Vicente, representado em 1503, e tornado a representar em 1520, diz a el-Rei D. Manuel a Feiticeira:

> Saiba Vossa Majestade
> quem é Genebra Pereira;

e alguns versos a diante dá *Alteza* ao mesmo Monarcha:

> Se vossa Alteza quizera
> ver os feitiços que eu faço.

Na *Comedia sobre a Divisa da Cidade de Coimbra*, o Peregrino do Argumento diz em 1527 a el-Rei D. João III, e á Rainha:

...... E a honra maior
é que o altissimo Imperador,
Vossas Majestades, a Sacra Imperatriz,
a alta Duqueza Dona Beatriz,
se são sacros frutos, d'aqui foi a flor.

E no *Amadís de Gaula* (1533) D. Dorin trata a el-Rei Lisuarte por Majestade:

Señor, ya bien poderán
cenar Vuestras Magestades.

Demonstração clara de que no uso geral, não guiado por uma pragmatica certa, andava já uma irrecusavel indecisão e oscillação nos tratamentos dos nossos Reis.

¿Que muito é, pois, que na maneira de invocar personagens tão altos como os Duques de Bragança, verdadeiros principes, e em tão *conjuncto devido* com a Casa Real, reinasse analoga incerteza? ¿Que tratamento se havia de dar ao Duque D. Jayme (que chegou a ser jurado herdeiro da Corôa)? *¿Majestade?* não lhe cabia. *¿Alteza?* ¿ou *Senhoria?* não lhe podia pertencer. *¿Mercê,* como a um Fidalgo simples? era descortez. *¿Vós,* o tratamento chamado *meia cortezia?* impossivel. Era necessario admittir-se um tratamento medio e especial para elle, que era superior a todos os Nobres, e só inferior aos Infantes; essa formula estava indicada por si mesma; impunha-se no protocollo nascente da sociedade: era a *Excellencia,* que depois coube de direito aos Duques de Bragança e aos herdeiros dos seus titulos, e só em 1606 coube aos Duques de Aveiro, a *Excellencia,* que tanto dessocegou o senhor D. Antonio Prior do Crato, a *Excellencia,* que a pragmatica de 1739 tornou extensiva e obrigatoria a todos os Grandes, ecclesiasticos e seculares, e facultativa a diversos cargos do Estado, etc., começando a democratisal-a, e a habitual-a á degradação ridicula em que hoje a vemos.

Ha seculos que o tratamento de *muito illustre* e *muito excellente* tende a introduzir-se nas Côrtes.

Quando em 1282 casou em Barcelona a Infanta D. Isabel de Aragão (depois Rainha Santa) com o seu noivo por procuração el-Rei D. Diniz, pronunciou estas palavras officiaes:

«Eu Isabel, filha do *Excellente Senhor* D. Pedro «por graça de Deus Rei de Aragão...... etc.» (¹)

Falando de certas publicas-formas de documentos, observa nas suas *Memorias das Rainhas* o citado Visconde de Figanière:

«Nellas o tratamento dado á Rainha (Santa Isabel) nem «sempre é o mesmo, o que aliás concorda com a pouca regu-«laridade d'aquelles tempos; n'uma lê-se: *Serenissima ac il-«lustrissima domna domna Helisabeth;* n'outra: *sere nissima ac « excellentissima domna,* etc.; e em duas: *illustrissima «domna.* (¹).

No seculo XV concedia-se (segundo parece) a *Excellencia* a altissimos personagens, ainda maiores que o Duque D. Jayme; haja vista a chamada *Excellente Senhora;* haja vista o modo como Garcia de Rezende, bom praxista certamente, singularisa, logo no capitulo I da sua *Chronica d'el-Rei D. João II,* a Real Filha do Infante D. Pedro da Alfarrobeira, e ao proprio Infante; diz elle: a *serenissima e muy Excellente Princeza:* e logo a diante: *filha do muy Excellente Infante dom Pedro.* Esse adjectivo não é qualificativo da bondade de nenhum dos dois; é já um incipiente tratamento de Côrte, segundo indicam as maiusculas, inconvertiveis aristocratas do alphabeto.

O mesmo Garcia na sua descripção da *Ida da Infanta D. Beatriz para Saboya,* logo no começo, chama ao Principe, *muito alto e muito excellente;* aos Infantes *muito excellentes;* ao Duque Carlos de Sa-

— (¹) Estas palavras, em latim, encontram-se n'uma nota a pag. 145 das *Memorias das Rainhas* pelo fallecido escriptor e insigne pesquisador Visconde de Figanière, meu sempre lembrado amigo.

(¹) *Mem. das Rainhas* — pag. 190 — nota 3.

boia, *illustrissimo e muito excellente,* que é o embrião do nosso *Ill.*^{mo} *e Ex.*^{mo} *Snr.*

No contrato do casamento do Duque D. Jayme com D. Leonor de Mendoça é elle tratado officialmente *(passim)* por *muy Illustre e excellente.*

¿Eram ou não eram, os Duques de Bragança personagens tão elevados, que precediam a todos os Grandes, e só cediam o passo aos Infantes? Certamente. Ora aos filhos legitimos dos Infantes dava a Lei das Cortezias de 16 de Setembro de 1597 o tratamento de Excellencia. E determina mais na dita Lèi el-Rei D. Filippe:

«Que a nenhuma outra pessoa, por grande estado, officio «ou dignidade que tenha, se fale por Excellencia, de palavra «nem por escripto, senão aquellas pessoas a quem os Senho«res Reis meus antecessores, e Eu, tivermos feito mercê que «se chamem e falem por Excellencia, como Elles e Eu temos «feito ao Duque de Bragança.» (1)

Note-se: *como Elles e Eu temos feito ao Duque de Bragança;* o que demonstra uma posse consuetudinaria já antiga. «Não é nova esta mercê — observa o sabio D. Antonio Caetano de Sousa (2) — « pois que se refere á antiga dos Reis... «Fazemos esta advertencia, porque alguns enten«dem o contrario, cuidando ser nova esta mercê.»

Não era *nova*. Sabe-se que em 1562, quando a senhora D. Catherina casou com o Duque de Bragança D. João I, elle recebeu o tratamento de Excellencia, que tambem era o d'ella como filha legitima de Infante.

Ora estas concessões das pragmaticas o que fazem (como é sabido) é legalisar os usos. Logo, não é inverosimil crer que todos dessem Excellencia ao Duque D. Jayme, distante apenas poucas dezenas de annos do Duque D. João seu neto.

Por tudo isto, que seria facil carregar de mais

(1) *Hist. Gen.* — T. VI, pag. 69'.
(2) — Loc. cit.

exemplos, quero crer que o Duque recebesse, muito antes da confirmação legal, o tratamento peculiar de *Excellencia*.

O Padre-Mestre Frei Francisco de Santa Maria increpou ao Chronista dos Bernardos, Frei João dos Santos, por ter dado *Senhoria* aos Dons Abbades de Alcobaça. Defendeu-se cabalmente da grave accusação o douto escriptor n'um dos capitulos da sua *Alcobaça vindicada*. Por mim, só digo que não tenciono sahir a campo, nem pelo Ourives Gil Vicente nem por mim, quando algum praxista acoimasse de errado o tratamento que demos ao Duque.

Se errou o Ourives, perdôo-lh'o eu de boa mente. Se errei eu, que m'o perdôe o publico.

NOTA VIII

Antonio Carneiro

(Pag. 227)

Este politico tambem dedilhava lyra. Consulte-se o *Cancioneiro* de Rezende, fl. 171 v.

NOTA IX

Amadís de Gaula

(Pag. 235 e seg.)

Como todos sabem, a celebre tragicomedia *Amadís de Gaula,* talvez a obra prima de Gil Vicente, foi escripta em castelhano, lingua em que

seu auctor primava, e em que hoje é reputado classico. O auctor d'este livro entendeu que para muitos leitores portuguezes seria estorvo aquelle idioma, e atreveu-se a traduzir, como soube, essa admiravel Scena I.

FIM DAS NOTAS E DO VOLUME

INDICE